

OBRAS SOCIAIS DA ORDEM ESPIRITUALISTA CRISTÃ
VALE DO AMANHECER

PEQUENAS HISTÓRIAS

SOB OS OLHOS DA CLARIVIDENTE



MÁRIO SASSI

Nestor Sabatovica
1º Mestre Jaguar
Trino Arakem
Executivo

Michael Hanna
1º Mestre Sol
Trino Sumaná

Gilberto Chaves Zelaya
Instrutor
Tamo Ajará
Coordenador dos Templos

TEMPLO-MÃE – BRASÍLIA - DF

1ª Aula de Desenvolvimento

A HISTÓRIA DE MANOEL TRUNCADO

Há uns dez anos atrás, vivia em uma cidade de Goiás, bem próxima da Capital do Estado um cidadão chamado Manoel Truncado.

Ele era casado com uma mulher pacata e jovem chamada Maria.

O casal tinha três filhos: José o caçula, Marília e Josefa, duas mocinhas.

Manoel Truncado estava com mais de 40 anos e havia lutado muito para sobreviver com sua família. Seu pai fora um fazendeiro no interior de Goiás e Manoel crescera na dura vida de peão. Apesar das terras serem boas, o pai de Manoel Truncado nunca soubera tirar melhor proveito delas e com isso a vida para eles sempre fora de luta e sofrimentos.

Um dia o pai de Manoel acabou por perder a fazenda e eles tiveram que se mudar para aquela cidade. Os velhos logo morreram e Manoel teve que se ajustar a uma vida para a qual não fora preparado. Trabalhou aqui e ali mas não conseguiu se firmar em lugar algum.

Um dia ele conheceu Maria, uma jovem bonita e simples que trabalhava ara ajudar os pais. Os dois se amaram e logo se casaram sem muitos planos para o futuro. As pessoas acostumadas com a pobreza não olham muito à frente e resolvem seus problemas com certa facilidade. Assim fizeram Manoel e Maria e o casal logo ganhou uma filhinha.

No primeiro ano de casado Manoel procurou se firmar no trabalho árduo de carroceiro. O casal morava numa casinha construída no fundo do terreno, deixando a frente toda livre. Manoel mantinha uma cocheira onde guardava a carroça e seus dois animais. Nas tardes quentes e de vento parado, o cheiro do estrume invadia a pequena residência, mas eles já estavam tão acostumados que nem o sentiam. Manoel Truncado gostava de acariciar o corpinho tenro de Josefa, deitada numa bacia forrada de panos.

Depois vieram Marília e por último José. A vida ficou tão apertada como a casinha em que moravam. Manoel começou a freqüentar com mais assiduidade o botequim da beira da estrada e a descuidar de seus negócios.

Logo começou a se manifestar nele um gênio arrogante e agressivo, que atemorizava os vizinhos e deixava as crianças com os olhos arregalados de medo.

Enquanto isso, Maria sempre quieta e acostumada ao trabalho duro, se resignava lavando roupa para ganhar algum dinheiro.

Manoel começou a se ausentar de casa e chegava a passar noites fora. Nos dias que se seguiam essas ausências, ele costumava chegar na carroça com os cavalos meio estropiados e os largava no pátio. Resmungava qualquer coisa e se deitava em pleno dia de roupa e tudo.

Maria desatrelava os cavalos com auxílio de José e das meninas e, a casa ficava quieta ouvindo-se apenas os rancos surdos de Manoel. Quem mais sofria com isso era o pequeno José. Ele já estava no primeiro ano do grupo escolar e sua inteligência viva, procurava explicações das coisas que a escola não lhe ensinava. No princípio Manoel procurava ajuda-lo em suas lições e Zezinho adorava fazer perguntas. Mas, depois que Manoel começou a beber e se ausentar, ele ficava horas e horas manuseando seus cadernos, na espera que Manoel o ajudasse.

E assim a situação foi piorando a ponto de se tornar insustentável. Começou a faltar a comida e as discussões violentas se processavam, sem mais nem menos. Maria que habitualmente mal tinha tempo de chegar até a cerca da casa para falar com a vizinha, começou a sair em busca de auxílio. As crianças ficavam em casa e deixaram a escola.

Maria acostumada a viver sempre na vida dura de casa, começou a se embarçar na vida fora de casa. Fez as primeiras dívidas e das dívidas passou aos favores ilícitos. Em pouco tempo se separou de Manoel Truncado e se prostituiu por completo. Um dia Manoel Truncado descobriu que estava só com seus cavalos estropiados. Maria o abandonara sem deixar endereço, levando consigo as crianças.

No princípio Manoel pouco se importou e, juntando o pouco que restava de sua vida material se lançou nas aventuras baixas da periferia da cidade, até que uma ocasião saudosos da família, decidiu sair a sua procura.

Sua busca foi infrutífera, até que ele encontrou a morte num desses tristes episódios que acontecem na calada da noite. Nos seus últimos tempos na Terra, ele começara a atribuir toda sua desdita à esposa que o abandonara.

Seus sete dias na Pedra Branca foram de intensa agonia. Ele não conseguiu dominar seus desejos de vingança, fomentados pela sua mente desvairada.

Ao se ver livre encaminhou-se como relâmpago em direção à família.

Os Mentores Espirituais ficaram temerosos do que podia acontecer à já tão sofrida família e o desviaram de rumo. Cheio de rancor e agressividade, Manoel Truncado acabou por ser atraído pelos Bandidos do Espaço (1) e foi vendido a uma Falange de um Terreiro (2).

Essa Falange pertencia ao reino do Exú Tranca Rua, e Manoel Truncado passou a sofrer nas garras dos Exús tarimbados do Terreiro. Ele agora era um prisioneiro da Lei Negra.

A Lei Negra é uma espécie de máfia do Mundo Invisível e como sua similar na Terra física, ela escraviza seus membros, quase sem possibilidades de libertação.

Suas Falanges são alimentadas e crescem a custa dos Espíritos nômades e sem protetores. E isso acontece por opção do próprio Espírito com seu livre arbítrio.

Sempre que um Espírito termina seu estágio na Pedra Branca, onde ele tem a oportunidade de conhecer a verdade sobre si mesmo, seus Mentores dão-lhe toda a assistência e lhe mostram o caminho. Mas a decisão é sua e a chance permanece até o último instante. Se ele toma a decisão errada acaba por se tornar vítima da Lei Negra.

Existem uns Espíritos no submundo invisível que se chamam Exús Caçadores (3). Eles ficam a espreita e aguardam as decisões dos Espíritos recém desencarnados. Assim que os Mentores desistem eles entram em ação.

Aproximam-se dos Espíritos, seduzem e os levam às suas Cavernas (4). Lá eles são submetidos a todas as sevícias e são treinados nos costumes, até se tornarem Exús.

Manoel Truncado conheceu então o que era realmente sofrer.

Os anos na Terra foram se passando e ele foi adquirindo tarimba. Seu gênio agressivo o ajudou de tal maneira que ele logo começou a se destacar em meio às tenebrosas tarefas. Em pouco tempo ele adquiriu o direito de se chamar Exú Tranca Rua, nome do titular da Falange e passou a ser temido pelos mais ferozes Espíritos.

Aos poucos ele foi formando um grupo de adeptos e estabeleceu seu reino. Com sua esperteza ele fez um convênio com o Exú Tenório. Esse Espírito é um especialista em hipnose magnética, e isso lhe dá uma força terrível no submundo etérico. A hipnose se presta muito nas macumbas e o novo Exú Tranca Rua, ex-Manoel Truncado, se aproveitou disso.

Estávamos então em 1959 e um fato inteiramente oposto aconteceu nas imediações da Caverna de Tranca Rua. Nessa data mudaram para o local chamado Serra do Ouro, o grupo de Tia Neiva e formara-se assim a primeira Comunidade da Corrente Indiana do Espaço (UESB). E o tempo continuava a correr na ampulheta da vida.

Certo dia Truncado, agora chamado Tranca Rua, estava sentado no seu

trono quando ouviu alguém praguejando com violência. Sabia por experiência que se tratava de algum novato recém trazido pelos Exús Caçadores. Muniu-se do seu chicote magnético e se encaminhou para o local do barulho. Lembrava-se de como fora tratado quando chegara, e seu maior prazer era aplicar pessoalmente a correção nos novatos. Ele tinha um jeito especial de chicoteá-los até convence-los.

O Espírito estava seguro pelos Caçadores e Truncado desfechou a primeira chibatada. A vítima urrou de dor e ódio e seus olhos lançavam chispas de ira impotente. Truncado ia dar a segunda chibatada, quando seu braço estancou no ar como se tivesse batido num rochedo invisível. O Espírito que estava chicoteando era do seu filho José!

A cena terrível ficou paralisada num momento de agonia. Os dois Espíritos, pai e filho, se fitavam com horror e espanto. Subitamente Truncado achou a voz e gritou em desespero: “Zezinho meu filho! Você aqui?! Não, não! Não o quero aqui! Levem-no daqui!”.

Passado o primeiro momento de surpresa os Caçadores largaram Zezinho e começaram a zombar da fraqueza de Truncado, espezinhando-o pela atitude tão diferente dos seus hábitos.

Zezinho porém aproveitou o descuido de todos e num gesto brutal e enérgico, arrebatou o chicote da mão de Truncado e passou a chicoteá-lo com ódio arrebatador!

Truncado não se defendia e Zezinho o chicoteou até ele cair sem forças. Enquanto ele batia com o terrível chicote magnético, vociferava com ódio: “Tome miserável, pelo mal que nos causou! Minha mãe se prostituiu por sua causa seu canalha! Ela foi obrigada a isso para dar de comer a mim e as minhas irmãs, suas filhas! Elas agora vão para o mesmo caminho que minha mãe, a prostituição! Tudo por sua culpa seu miserável! Mas eu disse que um dia eu o encontraria, e agora o encontrei!”

O tempo continuou a correr na ampulheta da vida.

Zezinho agora era um terrível Tranca Rua, mais feroz que seu pai.

Truncado desmoralizado no próprio reino, mas não querendo se afastar de Zezinho, tornou-se um nômade do submundo dos Exús. Cheio de ira e confuso com a cilada que a vida lhe preparara, redobrou as atividades maléficas sem cautela nem medidas. Suas estripulias puseram em sobressalto toda a região entre Anápolis e Alexânia, durante longo tempo.

Nessa época aconteceram desastres incríveis. Carros perdiam a direção sem causa aparente, e a estrada começou a ter cruzeiros fincados de pessoas que desencarnavam nesses desastres. Crimes aconteciam nos sítios vizinhos da rodovia e, o consumo da cachaça aumentou nos botequins de beira de estrada.

A atmosfera da região começou a modificar-se visivelmente. Os macumbeiros aumentaram de número e as doenças téticas varavam as noites nas várzeas e encruzilhadas.

Na Comunidade da UESB, Tia Neiva recebia as lições dos Mundos Encantados dos Himalaias, e os Médiuns se desdobravam no Serviço do Cristo Jesus.

Um dia Neiva recebeu a notícia de que estava para chegar um circo que se instalaria nas imediações da UESB. Mas não se tratava de um circo comum, desses que a gente está habituado a ver, tratava-se de um circo etérico!

De fato o Mundo Invisível da região estava alvoroçado. O circo chegou com estardalhaço, com seus palhaços, seus acrobatas e seus carros coloridos. O palhaço principal chamava-se “Remendão”.

Os Espíritos desencarnados afluíram para o circo, em massa. Depois disso desapareciam da região...

Tranca Rua-Manoel Truncado também não resistiu e foi ver o circo. Quando deu por si estava capturado pela Falange dos Centuriões! Ele urrou e ameaçou mas de nada lhe adiantou. Levado para a UESB foi sendo doutrinado e acabou por conversar longamente com Tia Neiva. Ela na sua proverbial paciência foi mostrando seu quadro espiritual e ele ali ficou. A fagulha de ódio de seus olhos foi sendo substituída pela luz baça do arrependimento. Às vezes o seu gênio rancoroso o dominava e ele dava trabalho aos Médiuns da UESB.

Por fim os Mentores, com o auxílio de Neiva, conseguiram encaminhá-lo para o Canal Vermelho (5). Lá ele foi atraído para um lugar chamado Umatã, mudou sua roupagem de Exú e sua maior preocupação continuou sendo seu filho Zezinho. Na Terra, na Caverna do antigo Tranca Rua-Truncado, um outro rei impera no seu reinado de ódio, o Tranca Rua Ex-Zezinho. Sua ferocidade é maior do que era a de seu pai. O chicote magnético que fora usado pelo seu pai continuava a sibilar nas costas de outras vítimas, outros Espíritos nômades apanhados pelos Exús Caçadores.

Naquele tempo Tia Neiva sentia certa frustração no Canal Vermelho.

Na verdade, para um Espírito que conserva a consciência, a mesma consciência nos vários Planos em que penetra, a paisagem do Canal Vermelho assusta um pouco no começo.

Apesar de bonito, com seus enormes jardins, suas pontes, seus belos edifícios, sua vida complexa, sua luz cambiante de tons lilás e sua simetria, seu conjunto dificulta a sintonia. É como uma cidade criada artificialmente e cheia de truques mágicos.

Essa construção do Plano Etérico se destina a adaptação de Espíritos

arraigados a formas obsessivas de idéias. Ele estabelece um clima de transição entre a concepção que alimentaram na Terra e a realidade do Mundo Invisível, da outra etapa da estrada da vida.

Tia Neiva vai com freqüência ao Canal Vermelho em sua Missão. Nesse dia enquanto aguardava a presença de seus amigos espirituais, ela observava com curiosidade as atividades em torno dela. De onde se achava via o enorme letreiro de Umatã que parecia mudar constantemente. Às vezes ela lia a palavra “Umbanda” e outras parecia que ali estava escrito “Candomblé”. Ficou a pensar no assunto até que decifrou o enigma. Tratava-se de uma forma adequada para fazer certos Espíritos que chegavam se “sentirem em casa”.

Não muito distante havia uma espécie de Templo, com letreiro onde se lia “Igreja Presbiteriana” e, pouco além havia outro Templo com aspectos nitidamente católicos.

Dessa forma os Espíritos desencarnados encontram um ambiente similar do que tiveram na Terra. Só que a realidade é bem diferente. Seja em termos Candomblé, de Umbanda, de Catolicismo, de Protestantismo ou de qualquer outra Doutrina, a direção é dos Espíritos Missionários que mostram lentamente a esses Espíritos, sua sobrevivência depois da morte terrena.

Nessa madrugada ela se encontrou com Manoel Truncado. Ele se lembrou imediatamente dela e sua primeira manifestação foi em torno de seu filho Zezinho e sua família. Neiva notou que ele ainda pensa muito em termos do Exú que foi na Terra. Embora tenha modificado sua roupagem, ele vai ao Templo Umatã como ia aos terreiros da Terra. Ela tem uma pena imensa desse Espírito e o ajuda sempre que pode.

Eram quase cinco horas da manhã quando ela voltou para a Terra. Preocupada com a promessa feita a Manoel Truncado ela procurou ver Zezinho. Mas não conseguia vê-lo com sua roupagem de Exú; a única coisa que conseguiu captar em sua Visão Espiritual, foi a figura de um menino de sete anos, esperando o pai para lhe ensinar a lição da escola...

Com carinho,
A Mãe em Cristo.

Tia Neiva

Notas do Texto

Caro leitor:

Para a Doutrina do Amanhecer o Exú é conhecido como um Sofredor, um Espírito desencarnado, que continua ativo no Plano Invisível da Terra.

Ensina-nos nossa Clarividente Neiva que se torna Exú, habitualmente, o homem de personalidade ativa, orgulho intelectual e que seja demasiado apegado às coisas da sua alma, da vida transitória. Seguindo a Doutrina do Mestre Jesus ele merece todo nosso amor e tolerância.

Isso não significa, necessariamente, que precisemos de seus serviços ou nos subordinemos a eles. Os Exús têm seus reinados nas sombras etéricas e agem como todas as forças destrutivas; não criam mas apenas transformam as energias. Não sendo criadores de forças e não tendo acesso às fontes de energias puras, eles necessitam de uma fonte: essa fonte é o ectoplasma humano, seja de Espíritos encarnados ou desencarnados.

Essa é a razão básica dos engodos que eles estabelecem, como base do relacionamento com os encarnados. Sempre que o homem abandona a iluminação Crística, a luz do Amor, da Tolerância e da Humildade, ele fica sujeito às influências desses tipos de Espíritos. Esse é o envolvimento daqueles que praticam as magias com intenções somente humanas e se colocam como juizes do bem e do mal. Resumindo: o relacionamento com os Exús somente se faz, em termos de troca de serviços, quando as intenções são da alma e não do Espírito: quando a orientação não é a do Cristo Jesus.

Salve Deus!

- (1) Bandidos do Espaço – São Espíritos desencarnados que se tornaram delinquentes. Embora eles andem em bandos, não formam “Falanges”, isto é, não seguem uma norma, uma bandeira ou finalidade específica como a maioria dos Espíritos. Eles se comprazem em fazer mal sem uma finalidade em si. Por essa razão eles são duplamente perigosos, pois nunca se sabe o que vai em suas mentes maldosas.
- (2) “Vendido ao Terreiro” – Como na organização física, o mundo invisível vive da força, da energia individual. Os Terreiros são organizações de relacionamento entre o Plano Invisível e o Físico. Quanto mais Espíritos são escravizados pelos Exús, maior é sua força de trabalho.
- (3) Exús Caçadores – São Espíritos pertencentes a alguma Falange de Exús, que se especializam em seduzir e se apossar dos Espíritos

desprotegidos, que se recusam a aceitar seus destinos cármicos; verdadeiros nômades do Mundo Invisível.

- (4) Cavernas – São as habitações etéricas dos Espíritos que operam em contato íntimo com a superfície física. Sendo Etéricas, elas não ocupam espaço físico mas permanecem sempre no mesmo “lugar”, e se tornam perceptíveis pelo ambiente que formam em torno de si.
- (5) Canal Vermelho – Posto de Socorro do Plano Etérico. Cidade Intermediária onde os Espíritos permanecem em aprendizado até o máximo de 7 anos.

2ª Aula de Desenvolvimento

NARA, A SUICIDA

O dia era de intenso trabalho como de costume no Vale do Amanhecer.

A Clarividente Neiva fazia uma pausa aparente nas suas atividades. Conversava com suas filhas em torno dos problemas de costura da oficina do Vale. Enquanto falava de panos e cortes sua mente ativa resolvia outros problemas. A cada momento algum Mensageiro de outro Plano chegava e se entendia com ela. A gente só notava o fato pela maneira que ela movia as sobrancelhas ou interrompia o que estava falando.

Daí a poucos segundos ela se virava e invariavelmente perguntava: “O que eu estava mesmo dizendo?”.

Com o tempo a gente se acostuma com isso e reserva o assunto para outra oportunidade. Às vezes acontece dela se transportar por momentos e a gente tem a impressão que ela dormiu com os olhos abertos.

Outras ela faz gestos com as mãos ou fala alguma coisa em voz alta. Quando isso acontece a gente procura disfarçar e fingir que não viu. Mas na maioria das vezes ela se desculpa e torna a perguntar sobre o que estava falando...

Outra coisa que também nós estamos acostumados é com o segredo. É muito rara a ocasião que ela diz alguma coisa do que está vendo ou falando. Talvez não seja tanto pela secretividade da coisa, mas sim por desinteresse. Neiva lida com a vida de milhares de pessoas e a gente acaba por se desinteressar pelos enredos complicados, mas comuns. Só o Amor Incondicional desperta e mantém um interesse permanente. E esse Amor só ela possui, só ela mantém com uma constância que chega a nos deixar acanhados de nós mesmos.

Ela levantou uma peça de pano para melhor exame e seus Olhos de Clarividente depararam com a figura de uma jovem mulher que se aproximou com desenvoltura. “Salve Deus!” disse Neiva, “de onde você vem?”.

“Sim, Tia Neiva. Eu estou aproveitando mais uma oportunidade que me foi proporcionada por Mãe Tildes (2) e cheguei até a senhora para me esclarecer mais. Talvez a melhor forma de fazer isso seja contar-lhe a minha história. Conheci Mãe Tildes em meio às minhas andanças alouçadas que fiz depois que desencarnei”. E foi contando sua história triste:

“Eu andava feito louca e cheia de dor. Na verdade minha dor era tão grande que Deus na sua bondade permitiu-me caminhar na solidão sem ser atingida pelos Bandidos do Espaço (3), apesar da minha revolta e descrença. A

única coisa que me sustentava era o respeito que me devotavam devido ao Amor do meu marido. (4)”.

Neiva sorriu compadecida e pediu-lhe que contasse sua história desde o princípio. Enquanto isso, ela diligentemente discutia com sua filha Carmen Lúcia detalhes das capas dos Mestres que estavam sendo confeccionadas na oficina. E a moça começou:

Meu nome é Nara. Eu estava com 18 anos quando conheci Tomáz, um rapaz de 20 anos. Estávamos numa festinha em casa de uma família das vizinhanças de minha casa. A dona da casa chamava-se Alice e eu gostava muito dela. Não sei se foi o ambiente agradável, ou influência da noite chuvosa lá fora, contrastando com o conforto do interior da casa, mas o fato é que eu e Tomáz nos apaixonamos à primeira vista. Ficamos sentados olhando um para o outro e tocando de leve com as mãos. Enquanto isso todo mundo dançava e se divertia. Foi uma noite maravilhosa e a partir daí o nosso namoro não mais foi interrompido até o casamento. Nosso noivado durou dois anos e foram da mais perfeita felicidade.

Três meses depois de casados fiquei grávida e isso foi recebido por nós com muita alegria. A primeira preocupação de Tomáz foi dar a notícia para sua mãe que morava no Sul. Ele era o único filho e ela sonhava em ter um neto. Em poucas semanas ela e Tomáz fizeram todos os arranjos para ela vir morar conosco. Nos primeiros dias tudo foi novidade e alegria. Tomáz estava eufórico com a perspectiva do nosso filho e ao mesmo tempo sentia-se alegre com a presença da mãe.

Mas, essa situação agradável durou pouco. Eu não sabia naquele tempo, mas tanto a criança que estava no meu ventre como a minha sogra eram meus Cobradores Espirituais. No princípio eram pequenos ciúmes, palavras ásperas e pequenas birras. Eu logo revidei e as coisas pegaram fogo. Nossa vida virou de uma hora para outra da tranqüilidade para o inferno. Eu passei a atacar minha sogra com violência e, ninguém entendia mais nada.

No terceiro mês de minha gravidez eu abortei. Senti-me mal, fui levada para o Pronto Socorro e quando voltei me sentia um trapo. Deitei-me em nossa cama de casal e minha sogra desandou a falar caluniosamente. Com as feições alteradas pelo ódio e a voz gritante ela disse entre outras coisas:

“Foi você que provocou esse aborto! Você sua desavergonhada, você que tem sido a desgraça do meu filho!”.

Nesse preciso momento, Tomáz assomou na soleira da porta e eu num instante percebi a tragédia inevitável. Meio tonta com a zoeira que minha sogra fazia eu tentei levantar-me e implorei com os olhos o auxílio de Tomáz. Mas, qual não foi a minha surpresa! Suas feições se transtornaram e seus olhos pareciam sair fora das órbitas. “Ouvi o que minha mãe disse” gritou ele, “então você

abortou, matou nosso filho! Jamais a perdoarei! E avançou possesso em direção à cama. Eu gritei assustada e vi quando ele apanhou um punhal ornamental que estava sobre a cômoda e avançou sobre mim!”.

Minha sogra assustada segurou-lhe o braço e eu sentei-me na cama enfrentando seu olhar de fera. Não, não é possível pensei. Uma pessoa não se transforma assim de repente. Não podia acreditar que o homem a quem dedicava toda minha existência pudesse agir daquela maneira. Dei um grito de dor e desespero e procurei enfrenta-lo. Ele refreou um pouco o seu gesto e a cena acabou tão depressa como começara. Foi como se um furacão tivesse passado naquele quarto e na minha vida. Algo fora destruído. A partir daí entramos naquela terrível situação de solidão a dois.

Esperei durante dois anos que aparecesse outro filho, mas isso não aconteceu. Quando Tomáz estava ausente eu sentia saudades dele, quando ele chegava eu sentia-me distante dele. A minha solidão começou a se tornar insuportável (5). Tomáz então começou a beber e quando voltava para casa parecia uma fera. Eu tinha certeza que ele procurava outras mulheres e meu ciúme se tornou como um espinho no meu coração.

Certa noite Tomáz não voltou para casa e o desespero tomou conta de mim. Imaginava as coisas que ele estaria fazendo e, minha angústia aumentava a cada hora que se passava. De repente não resisti mais e procurando na cozinha encontrei uma lata de veneno para ratos e ingeri!

Foi horrível! Comecei a me contorcer com dores terríveis, com a garganta queimando como se fosse de fogo. A impressão que tinha era que meu corpo fosse sair pela boca. E assim fiquei me retorcendo em agonia, gemendo e chorando por um longo tempo. Estava só em casa e ninguém me ouvia, ninguém me socorria. Ao mesmo tempo eu sentia que entrava em uma espécie de transe para adormecer.

Comecei a despertar lentamente e me sentia envolvida numa espécie de massa tênue e lilás. Ouvia gritos e gemidos e não sabia se eram meus ou de outras pessoas. Continuava sentindo dores, porém elas eram um pouco destacadas de mim, como se eu estivesse longe de meu corpo. A primeira sensação que tive foi de vergonha do que havia feito.

Perdi a noção de tempo e não sei quanto tempo permaneci nesse estado. Só sei que as razões de meu gesto começaram a se apresentar e por mais que tentasse justificar sentia que a culpa era só minha. Lembrava-me de minha sogra e de Tomáz. Comecei a sentir que eu é que havia provocado aquela situação com a pobre mulher. Se eu tivesse tido mais paciência, talvez não tivesse perdido meu filho. Tinha sido egoísta o tempo todo e só agora me dava conta disso!

Às vezes ficava em dúvida e me perguntava se o ciúme tinha sido meu ou dela. Isso me perturbava mais ainda e minha agonia era muito grande. Já percebia que havia morrido, mas assim mesmo pensava em voltar. Mas a

lembrança da dor que passara tirava-me esse pensamento da cabeça. Não, não teria coragem de voltar para aquela terrível experiência.

Subitamente fui despertada por uma voz que ressoava no ambiente que dizia: “Espíritos suicidas, preparem-se para voltar à Terra!”.

Fiquei mais animada e esperançosa. Sim, voltar para a Terra, encontrar Tomáz, pedir-lhe perdão por tudo que fizera, pedir perdão à minha sogra, começar tudo de novo! – Meus pensamentos ainda estavam muito embaraçados e eu me esquecia que era um simples Espírito sem corpo, desencarnado!

A voz do Guia Universal continuou o sermão, e a névoa lilás começou a clarear a ponto de poder enxergar em torno. Vi então que estava num bem cuidado gramado pontilhado de margaridas e lírios brancos.

Comecei a me movimentar e meu pensamento era um só: ir para perto de Tomáz, pedir-lhe perdão dos meus atos. Por fim cheguei a uma grande plataforma que dava idéia de uma rodoviária ou de um aeroporto. O local estava cheio de gente e de vozes. Acima do rumor das pessoas ouvia-se a voz do Guia Universal, como se saísse de grandes alto-falantes. Nisso veio ao meu encontro um Índio bonito, com alvas penas de adorno e, não sei como sabia que ele se chamava Pena Branca (6).

Ele foi me conduzindo pela mão e me vi diante de duas bocas de túneis uma próxima da outra. Eu vacilava em qual das duas entrar. Pena Branca havia sumido e eu sabia que tinha que tomar uma decisão. Tudo continuava envolto naquela névoa lilás e minha indecisão aumentava a cada momento. Às vezes ficava lúcida e no momento seguinte não sabia o que estava fazendo. Se num momento eu estava vendo e ouvindo, no momento seguinte eu nada via, como num pesadelo. De repente senti uma mão que segurava na minha e dei um grito! Tomáz, o meu querido Tomáz! Mas eu não o via, apenas o ouvia.

“Estou aqui meu amor, venha, venha comigo; não me deixe, não me solte! O que está acontecendo?”.

Uma luz se fez na minha mente: Ele me ama!

Mas de repente tudo escureceu. Meu Deus, que fizera eu. – Tudo continuou a escurecer e senti minha mão se soltando da mão de Tomáz. Quis segurar mais forte, mas não conseguia. O outro túnel começou a me atrair e fui levada para ele. Ouvia vozes de todo o tipo e até mesmo idiomas de outras línguas que eu parecia entender. Meu desespero por ter largado Tomáz e o conhecimento da verdade, do que eu fizera, cortavam-me o coração. Por que Tomáz me largou se ele ainda me amava?

Despertei na Terra, respirei e senti que estava consciente.

Minha dor era muito grande, mas meu arrependimento de tudo que

havia feito era maior. Tinha consciência de haver perdido minha Alma Gêmea, naquela escuridão na boca dos túneis (7) e, lamentava-me da sorte triste.

Não pude permanecer muito tempo naquela cogitação, porque os Bandidos do Espaço logo começaram a me perseguir. Corri de um lado para outro procurando proteção. Cheguei até a casa de minha sogra, porém a vi maldizendo tanto a mim, que me deu medo e tive que me afastar. Ela me atribuía toda a desgraça que havia acontecido!

Perambulei pelo Rio de Janeiro indecisa. Apenas uma idéia me surgia na cabeça de vez em quando: Brasília. Não sei se era influência do meu Mentor ou se era uma lembrança do tempo de Tomáz que falava muito em Brasília. Estava ainda nessa indecisão, quando vi uma jovem que havia conhecido e que morava em Brasília. Lembrei-me direitinho do seu nome: Jeny!

Afeiçoei-me a ela e passei a acompanhá-la onde quer que fosse. Não sei se passou um dia ou mais, mas subitamente eu me vi numa bonita casa na beira de uma grande lagoa de águas limpas. Nessa casa havia algumas pessoas que falavam muito em Espiritismo. Continuei acompanhando Jeny e ela acabou por ir a um grande Templo.

Meio receosa eu a segui e ela se dirigiu para o fundo do Templo, parando diante de uma linda estátua de um Índio. Ele tinha um penacho dourado e tão grande que tomava metade do tamanho da parede de fundo!

Estava assim pertinho de Jeny e trêmula de medo, quando senti que alguém me passava a mão na cabeça. No mesmo instante senti alívio de uma dor que sempre tivera desde o meu suicídio. Com o alívio da dor, passei a ter mais coerência na minha percepção. Comecei a prestar atenção aos movimentos no Templo. Foi quando ouvi uma voz dizendo: “Mário, a Tia Neiva está chegando” e a pessoa chamada Mário respondeu: “Edgard, pergunte a ela se vai haver Indução”. Vi então quando a Tia chegou perto de Mário e me viu. A senhora então estendeu a mão e me disse: “Venha filha”.

Depois a senhora chamou Edgard e lhe disse: “Edgard, chama a Rosa e o Josias para fazer uma passagem”. Fui então levada para perto deles e recebi a Doutrina. Comecei a me sentir mais leve e percebi quando Pai João de Aruanda, o Preto Velho de Rosa, me encaminhou a uma Cassandra (8) que me levou para o Canal Vermelho.

“Agora Tia Neiva, eu voltei para saber notícias de Tomáz. Tenho que pedir perdão a ele, pois minha consciência não me dá sossego, principalmente depois que soube que ele também havia morrido naquela noite”.

“Nara, minha filha”, respondeu Neiva. “Um dia você terá que voltar, mas não é tão fácil o reencontro com a Alma Gêmea. Você cometeu muitos desatinos e terá que se reajustar por isso. Muitas vezes nós pensamos que estamos sendo

feridos e somos nós que estamos ferindo com nosso amor próprio. Isso se dá devido à nossa incompreensão, nosso egoísmo, que é a pior arma que voltamos contra nós mesmos. Temos a obrigação de analisar as coisas, pois em tudo existe uma razão, um propósito. Não devemos nos queixar tanto do nosso próximo, do nosso vizinho. Com a falta de tolerância nós fazemos os nossos inimigos”.

Nara ouviu em silêncio e se aprontou para partir. “Salve Deus, Tia Neiva”, disse ela, “agradeça por mim ao Mestre Mario Kioshi, ao Mestre Edgard, Josias, Rosa e os outros que me ajudaram. Também quero agradecer ao Pai João que me levou para o Canal Vermelho”.

“Pois é minha filha, em breve eu saberei onde está Tomáz e a mãe dele e, vou mandar notícias a você no Canal Vermelho”.

“Não Tia Neiva, só preciso encontrar Tomáz. A mãe dele está viva e mora no Rio de Janeiro”.

“Não minha filha, sua sogra já morreu e está junta ao filho. Não se esqueça que você passou sete anos aqui na Terra... Olhe Nara, naquele dia em que você encontrou sua benfeitora Jeny, eles estavam perto ajudando a você”.

“Como? eles estavam lá? E como não os vi?”.

“Você não os viu porque eles estavam em outro Plano, embora estivessem bem junto a você! Vai minha filha, vai para o Canal Vermelho e de lá você será encaminhada para outros Planos. Neste mundo você nada tem mais a pagar. Você já pagou muito com seu amor e agora com seu arrependimento. Vai e que Deus a acompanhe”.

Com carinho,
A Mãe em Cristo.

Tia Neiva

Notas do Texto

- (1) O **Canal Vermelho** é uma cidade etérica nas proximidades de nossa dimensão. Para lá são encaminhados certos Espíritos que ainda tenham dívidas a serem removidas. Essa “cidade” tem todas as condições semelhantes as da Terra.
Ali se encontram casas, ruas, igrejas, religiões, etc... É uma ilusão deliberada na qual o Espírito tem a oportunidade de se encontrar em condições semelhantes (mas não iguais) as da Terra e discernir melhor a sua própria realidade
A principal vantagem do Canal Vermelho é a facilidade de relacionamento ectoplasmático com a Terra. Um Espírito passa por um trabalho e é entregue no Canal Vermelho; logo mais à noite, quando os Médiuns que o trataram estão dormindo, seus Espíritos se deslocam para o Canal, levam consigo o seu ectoplasma e lá continuam o trabalho com o Espírito que passou de dia. Só que as condições são bem mais favoráveis. Na Terra o Médium não vê o Espírito, mas no Canal ele está no mesmo Plano do Espírito e pode fazer sua Doutrina com muito mais eficiência.
- (2) **Mãe Tildes** é Missionária de nossa Cúpula Espiritual, faz parte do Comando da Falange de Seta Branca. Ela foi uma escrava no Brasil no tempo do Império e sua principal ação se passou quando houve a libertação dos escravos no Brasil. Ela montou um “Congá” no sul da Bahia e lá congregou toda uma série de Missionários desta Corrente em seus reajustes. Ela é o nosso “Espírito Familiar”, isto é, o Espírito que entende as nossas complicações sentimentais e nos aconselha nos momentos difíceis. Seu interesse por Nara resulta talvez da natureza de seu problema.
- (3) **Bandidos do Espaço** é o nome que se dá a certo tipo de Espíritos desencarnados e inclinados à ação negativa. Eles não se ligam a Falange alguma como fazem a maioria dos Espíritos. Perseguem os inseguros que vagam pelo Plano Etérico, os prendem, abusam deles e os vendem para certas Falanges que mantêm o sistema de escravização. Assim na Terra como no Céu.
- (4) **Feliz quem tem um amor sincero**, alguém ligado ao seu coração e seu Espírito. Até mesmo os Espíritos negativos respeitam os Eflúvios de Amor que cercam uma pessoa, seja esse amor de uma Mãe, um Irmão ou um Marido.
- (5) **Isso é uma coisa que acontece com frequência em nosso mundo.** As pessoas são vazias, faltam-lhe ideais, elas repousam apenas nas coisas que possuem (no caso de Nara, um marido). Se acontece de perderem se entregam ao desespero ou se tornam apáticas. São classificadas na Espiritualidade de “Espíritos estacionados” ou

“Espíritos preguiçosos”.

- (6) **Pena Branca** era o Mentor de Nara.
- (7) **Nara havia desencarnado pelo suicídio**, antecipara sua morte. Tomáz havia tido uma morte normal. Isso fazia que embora próximo, cada um estivesse num Plano. Conhecer essa diferença de Planos é muito importante, se a gente quiser entender melhor o relacionamento entre Espíritos.
- (8) **“Cassandras”** são Naves Espaciais Etéricas que todos os dias, ao pôr do sol, conduzem os Espíritos que se libertaram da Terra...

3ª Aula de Desenvolvimento

Preâmbulo

Os fatos desta pequena história são reais e aconteceram em parte aqui no Vale do Amanhecer.

Tia Neiva, orientada por Mãe Yara e outros Mentores da Doutrina do Amanhecer a relatou aos Médiuns em sua aula dominical. Muitos detalhes foram eliminados deste relato, pois só seriam compreendidos por Médiuns desenvolvidos.

Na sua essência a história desse homem que passou uns dias em tratamento no Vale se prende aos fatores básicos do desencarne ou morte física e o que acontece logo em seguida.

Essa é a maior preocupação do homem em todos os tempos: saber o que lhe acontece depois da morte.

Essa preocupação se traduz no medo da morte e é parte integrante da alma humana. Se não for bem interpretada ela leva o homem a erros funestos, como tem acontecido em todos os tempos. Na verdade o homem se mata um pouco todos os dias de tanto se preocupar com a morte.

Essa pequena história de um homem desencarnado, que pouco antes passara pelo Vale do Amanhecer, é uma lição viva que muito poderá nos ajudar.

Podemos aprender com ela que:

- A preocupação com a morte só é válida se ela nos ajudar a viver bem a vida;
- Morre melhor e tira melhor proveito da vida, quem tiver assistência espiritual – considerando que “assistência espiritual” não é somente aquela obtida no Espiritismo;
- O Espírito se arrepende, na outra vida, mais das coisas boas que deixou de fazer do que do mal que fez;
- As oportunidades não acabam com a morte física: o “eu” continua a existir, as manifestações anímicas são reais e o mundo é o mesmo em outro Plano.

O mundo físico, a Terra, torna-se perceptível em suas outras dimensões, outra natureza, outro Campo Vibracional.

Conclui-se então que é válido um velho axioma da psicologia: “O Mundo não é como é, mas sim como nós o vemos...”.

MENSAGEM DE UM AMIGO RECÉM-DESENCARNADO

Domingo, 3 horas da tarde.

O Templo do Amanhecer está lotado de Médiuns que vieram para o Trabalho Oficial. Lá fora o público espera impaciente o início dos trabalhos. Tia Neiva senta-se diante do microfone e o silêncio é absoluto. Ela começa.

Salve Deus!

Um dia destes eu estava distraída cuidando de meus afazeres, quando percebi a chegada de um amigo, de uma pessoa que passou aqui pelo Vale e que teve apenas dois ou três contatos comigo.

Oh, Tia! que bom lhe ver depois de tanto tempo! Tia, só agora consigo lhe ouvir. Passei muitos dias sentindo a sua presença, o seu amor, porém sem conseguir lhe ver! Porque, Tia?

Porque você está em um plano e eu estou em outro.

Mas o seu plano não é Universal, Tia? A senhora não é clarividente? Os clarividentes não penetram até a terceira dimensão?

Sim meu filho, a minha transvisão ultrapassa realmente as barreiras, mesmo as habitualmente consideradas intransponíveis.

Tia querida, você está me ouvindo, e isto é tudo. Como é bom lhe ver e lhe ouvir.

A senhora sabe, não sabe? Tudo que aconteceu comigo?

Não meu filho, não sei de tudo. Muitas vezes participo de uma situação, vou em socorro dos enfermos e, quando volto ao corpo não desperto, a não ser em casos que exigem seguidamente minha presença. O que aconteceu com você é um caso muito comum. Graças a Deus, em seu caso não houve necessidade de me despertar, despertar a minha mente quando voltei ao corpo.

Agora preciso desabafar querida Tia!

Sim, é necessário mesmo que você desabafe.

Tia preciso lhe contar toda a minha trajetória.

Eu sei meu filho, vai lhe fazer muito bem. Tudo está na mente dos Médiuns Doutrinadores e dos Aparás (1). Salve Deus, meu filho! Pode começar. Tire os últimos resíduos da Terra, e que neste instante seja levado até os Encantados e possa entregar aos Iniciados o Mantra da sua vida!

Salve Deus Tia, Foi tudo tão maravilhoso...

Eu estava com aquele problema cardíaco, que a senhora sabia quando fui lhe consultar. Mal conseguia ficar em pé, mantinha-me sempre apoiado no ombro de Dulce, procurando me equilibrar das tonteiras e pontadas dolorosas na coluna.

A senhora para me aliviar me disse que eu não tinha nada de grave, que era apenas um problema espiritual, muita mediunidade incubada e por último mandou-me falar com Pai Jacó.

Ele me disse palavras de conforto, belas palavras, e terminou por dizer que meu caso era de internamento no hospital.

Fiquei três dias na pensão do Edivaldo, de quarta à noite até sábado.

No sábado fui procurar novamente Pai Jacó e ele disse que meu problema era espiritual. Também me disse que nos três dias que havia passado no Vale, a minha freqüência ao Templo eu havia me libertado de três Elítrios (2).

Realmente, eu já caminhava sozinho, vinha buscar minha água fluídica e subia de volta a pensão.

Recebi muito carinho do Alencar e tive muitas palestras com o Sr. Eurides. Ele me contou como veio parar aqui no Vale e também falou-me da dedicação que tinha à senhora.

A única coisa que me preocupava e que eu estranhei muito, foi Pai Jacó me mandar de volta ao hospital, uma vez que eu me sentia muito bem, como nunca estivera.

Dulce, minha mulher e companheira de uma vida, não estava satisfeita, pois sentia-se desconfiada daquele meu estado.

Nos dias que permaneci aqui no Vale, havia se aberto uma nova perspectiva em minha vida. Comecei a me preocupar com as coisas que não havia feito, com as oportunidades que tivera nas mãos, de fazer o bem e que deixara de aproveitar. Graças a Deus, nunca fiz mal a ninguém, pelo menos conscientemente, nunca fiz mal a ninguém.

Sentia que era outro homem, com novas energias e com as forças do bem brotando em meu coração. Cheguei até a pensar na morte como um alívio!

Comecei a pensar no fato de que eu e Dulce, nunca tivéramos um filho e não tivéramos coragem de adotar uma criança, que, aliás, era o grande desejo de Dulce!

Lembrei-me então de uma mulatinha, uma mulher que havia se prostituído e que fizera tudo para me entregar uma filhinha e eu não havia aceitado. Lembro-me que Dulce chorou muito devido à minha intransigência.

Mesmo assim, desde que adoeci, ela dedicou-se inteiramente a mim.

Eu, porém, sentia que ela abrigava certa mágoa, pois era apegada à sua família e sempre quis voltar para o Rio. Isso teria sido possível, pois eu era um Sargento reformado e poderia ir para onde quisesse.

Mas, nessa altura eu senti que minha missão com a família de Dulce já havia terminado. Depois da permanência no Vale, eu me acostumara a pensar que com a minha morte, Dulce voltaria para o seio da família e tudo ficaria bem.

Nesses dias, também comecei a perceber o meu egoísmo e, com isso tornei-me melhor para ela. Eu ouvira as palavras do Pai Jacó sem atinar muito com a razão de ele me mandar para o hospital, uma vez que eu me sentia tão bem.

Saí do Vale no domingo e fui para o meu apartamento no Plano Piloto.

Foi horrível, senti-me mal e só conseguia alívio quando tomava água fluidificada de Pai Seta Branca, ou quando sentia a presença de Pai Jacó.

De segunda para terça-feira, eu já estava de novo no Hospital das Forças Armadas.

Ah, Tia! que beleza! Foi tudo tão fácil...

Senti uma forte dor na nuca, que ia se acentuando e se estendendo para o peito. Depois eu fui ficando leve, leve, leve e comecei a me preocupar em ficar deitado fazendo muito esforço para conseguir.

Pensei comigo: estou no Vale do Amanhecer. Comecei a mentalizar aquela confusão. Quanto mais mentalizava mais leve me sentia. De repente fui despertado pela voz de Dulce chamando a enfermeira, estava aflita e parecia dizer: ele está morrendo, ele está morrendo!

Não me lembro por quanto tempo ouvi essas palavras de desespero, mas comecei a ter medo e cai em transe.

A partir daí entrei, ou melhor, a minha mente entro em nível do Plano Etérico, onde fui para ajustar contas com meu corpo.

Eu, que até então estava leve, muito leve, comecei a sentir novamente peso e calor dos fluídos maléficos do meu corpo. Comecei então a me lembrar de Pai Jacó e de suas palavras. O que estaria acontecendo comigo?

Vi-me andando do Templo para a pensão do Edivaldo, com uma garrafa de água fluidificada na mão, enquanto lembrava das palavras de Pai Jacó: você já perdeu muito tempo. Vá para o hospital e depois venha para fazer a caridade.

Meu pensamento voltou-se para o jovem Gomes, aparelho de Pai Jacó e que vivia fazendo a maior caridade. Entretanto eu, com 58 anos, nada fizera.

Tudo continuava suave, como se nada de mais houvesse acontecido. Aos poucos as visões foram se apagando e por mais que me esforçasse não via nem sentia nada, nem mesmo dores, que me dessem algum sinal do que estava acontecendo. Era como se eu estivesse num avião parado no espaço.

Não tenho noção de quanto tempo durou esta situação. Logo me vi em outro ambiente, numa rica e hospitaleira mansão, porém, sozinho, inteiramente só.

Despertou minha atenção, uma neblina espessa e a pouca distância de mim, que refletia a coloração lilás do ambiente. Era uma luz lilás que variava de intensidade, conforme a minha mente. Perdi a noção de tempo.

De repente alguém me chamou por um nome que não era o meu, porém, eu sabia que era eu quem estava sendo chamado. Um nome muito diferente do meu.

Começou então a acontecer uma série de fenômenos. Um homem falava (pelo tom da voz era masculina) e ao som dessa voz a névoa ia se dissipando, clareando e passando de lilás escuro para mais claro.

O som de belos sermões Mântricos foi segurando a minha mente no encanto daquelas palavras. Senti estremecer o meu corpo e sabia que isso resultava de coisas que havia feito.

Às vezes pensava apenas estar sonhando, um sonho bom. Vez ou outra voltava à realidade. Ora sentia saudades, ora sentia a presença de vícios antigos. A paisagem mudava de acordo com os meus pensamentos.

Aos poucos fui me conscientizando dos fatos. O sermão continuava com palavras cujos significados eu nunca esqueceria. Dizia a voz (que nessa altura parecia dirigir-se a mais pessoas além de mim): “Homens endurecidos, volvam-se para dentro dos seus corações, examinem os seus íntimos e vejam o que podem

fazer cada um consigo mesmo. Permanecerão sete dias dentro das suas próprias consciências e não terão desejos. Depois desse prazo voltarão com suas mentes para a Terra e de lá partirão para onde lhes aprouver”.

Fiz um esforço muito grande para perguntar onde eu estava e saber qual era a minha condição, mas minha voz não saía.

A resposta, porém veio: “Você terá que permanecer aqui por noventa e seis horas ainda. Olhe para si mesmo que entenderá melhor. O homem vive na Terra na volúpia dos seus dias, e sua principal preocupação, sendo a segurança material, se esquece da sua verdadeira missão, do que foi realmente fazer na Terra. Na verdade ele vem para restituir o que destruiu. O homem não tem força para atingir os mundos superiores, enquanto sua mente estiver sob o peso da destruição que causou”.

De fato Tia tentei me levantar da Pedra Branca onde estava (agora eu sei), mas tenho certeza que nem o Super Homem conseguiria.

Foi então que me passou pela mente, a minha incapacidade de concentração daqueles dias. Senti imensa frustração pelo que havia feito. É interessante Tia, que lembrei mais do que havia deixado de fazer do que havia feito. Quantas pessoas que havia deixado de ajudar e que havia desprezado...

Passei sete dias em Pedra Branca dentro de mim mesmo. Durante todo o tempo me lembrava de Pai Jacó e de seu jovem Médiun, e tinha a impressão de que o bom Preto Velho iria chegar ali. Mas nada, durante esses sete dias não vi nem senti presença alguma. Somente recebia respostas ao que pensava.

Lembrei-me muito da minha pobre Dulce. Mas tudo eram lembranças longínquas. A minha preocupação maior era com as coisas que não fizera, as oportunidades que perdera. Lembrei-me então de José, um antigo subordinado meu que precisava muito de mim e eu recusara ajudar.

Por fim chegou a hora de sair dali. Como por encanto tudo se modificou. De repente, me achei no saguão de uma estação rodoviária, iluminada pelo mesmo clarão lilás. Pessoas saíam para os destinos mais diversos, porém desconhecidos.

Subitamente ouvi uma voz de comando que disse imperativa: “Atenção! Destino para a Terra! Equilibrem-se para a viagem!”.

Meu pensamento voou para o Vale do Amanhecer! A voz de comando continuava o aviso.

Cheguei, era manhã e parecia que havia chovido, não tenho muita certeza Tia. Enxergava com dificuldade e as coisas mudavam conforme meu pensamento. Mudavam, porém nunca saíam daquele lilás embaçado, mais claro

ou mais escuro. Sentia uma sensação de saudades e pelejava para saber quem eu era realmente. Tenho a impressão de que se alguém perguntasse o meu nome, eu passaria um vexame, pois não sabia.

Nisso eu ouvi tocar a sirene do Templo do Amanhecer e me lembrei do Edivaldo. Fui até a pensão dele, porém não conseguia enxergar direito. Ele passou perto de mim e eu segurei o braço dele. Balbuciei alguma coisa, mas ele não me deu atenção. Ouvi novamente a sirene do Templo e fui para lá. Entrei e parei, justamente perto da Mesa de Doutrina. Vi então muitas luzes que logo desapareceram, ficando tudo novamente lilás. Procurei dentre os Médiuns, mas não vi Pai Jacó.

Antes que pudesse pensar melhor, senti um forte empurrão e fui atirado para um aparelho, um Médiun masculino. Comecei então a chorar com todas as minhas forças e dizia: Meu Deus! Onde estou? Para onde irei? Tais perguntas saíam da minha mente angustiada e ao mesmo tempo eu me irritava. Dei um grito e ouvi a voz de um Doutrinador me dizendo: Que tem você, meu irmão? Calma, esse corpo em que você está incorporado não é seu. Comporte-se, tenha calma!

Senti uma vergonha muito grande e voltei a chorar. O Doutrinador continuou: Quando você pertencia a este mundo talvez tenha perdido muitas oportunidades. Agora você está num corpo emprestado e procure aproveitar o melhor desta Doutrina!

Pensei comigo: Pai Jacó me proteja pelo amor de Deus!

Então aconteceu um fenômeno: ouvia a voz de Pai Jacó que dizia: Filho, você está com Deus. Se você aceitar a Doutrina desses Médiuns, essa grande oportunidade, você partirá para outros mundos.

Suas palavras caíram sobre mim como o orvalho cai sobre a flor. Pensei: Pai Jacó, meu Paizinho, não me desampare!

Enquanto me preparava para a partida o Médiun se contraía devido aos fluídos pesados de meu desencarne recente, fato que hoje eu entendo tão bem!

De repente me desprendi de meus benfeitores e passei por um processo de verdadeira desintegração. Fui jogado para uma Estufa (3) que estava em ligação com o Templo do Amanhecer e, perdi a noção de tempo e espaço.

Só então me convenci que havia morrido!

Comecei a ter saudades de Dulce e a me preocupar. Não sei quanto tempo durou essa situação. Fui internado num hospital e entrei em conflito. Ficava maravilhado com tudo que via, porém sentia uma angústia terrível. Sentia insatisfação, a falta de algo, havia alguma coisa que deixara de fazer.

Julguei que isso era devido à falta de Dulce e pedi ao meu Mentor (4) que me levasse até ela.

Ele me atendeu, porém isso de nada adiantou, pois continuei a me sentir inútil.

Comecei a me lembrar do Cabo José e da criança que deixara de adotar. Pedi então ao meu Mentor que me desse uma nova Missão, porque aquela eu havia perdido. Queria voltar imediatamente!

De repente, achei-me frente a frente com o Cabo José. Ele virou o rosto indiferente e se pôs a caminhar. Corri atrás dele chamando-o pelo nome, porém ele continuou a virar o rosto e evitar-me. Por fim consegui detê-lo e olhando-o de frente eu disse: Cabo José, não sabia que havia morrido também!

Ele virou-se com um olhar severo e respondeu exaltado: Como não sabia Sargento? Se foi o senhor que causou a minha morte negando-me aquela dispensa? Como não sabia? Eu lhe havia dito que estava com pneumonia e precisava de internamento. E que fez o senhor? Virou as costas! E pior ainda, mandou que eu continuasse em serviço! Não agüentei e tive uma hemoptise que me derrubou ali mesmo na caserna!

Meu Deus! Exclamei horrorizado diante do meu próprio procedimento, e atirei-me de joelhos diante do Cabo José pedindo perdão.

Oh Tia Neiva, foi horrível! Fiquei desesperado. Então o Cabo José virou-me as costas e sem mais palavras desapareceu numa fila enorme.

Meu Deus, Tia Neiva! Eu não fora malvado, porém fora muito pior, fora desumano! Não existia amor no meu coração.

É por isso que estou sofrendo angústias e frustrações da missão perdida.

Já fui ao Ministro pedir uma oportunidade para voltar à Terra, reencarnar, mas isso foi mais um vexame que tive que passar. Os Mentores disseram apenas que estava para ser resolvido o que me competiria fazer.

E assim Tia, aqui estou no Canal Vermelho (5), aguardando novo destino! Salve Deus Tia! Venha sempre me ver!

Com carinho,
A Mãe em Cristo.

Tia Neiva

Notas do Texto

- (9) **APARÁ** – Nome de origem afro-brasileira empregado para designar o MEDIUM de Incorporação da Doutrina do Amanhecer.
- (10) **ELÍTRIO** – Espírito cujo corpo etérico tem a forma de uma cabeça de macaco achatada, com 10 centímetros mais ou menos. André Luiz os chama de Ovóides.
- (11) **ESTUFA** – Disco voador etérico – “Ônibus” de transporte de Espíritos.
- (12) **MENTOR** – Espírito responsável pela orientação de um ou mais Espíritos na Terra e arredores.
- (13) **CANAL VERMELHO** – Cidade Etérica para adaptação dos Espíritos.

4ª Aula de Desenvolvimento

Preâmbulo

Caro leitor:

Nesta história estamos apresentando uma aula de Tia Neiva aos Médiuns do Templo do Amanhecer, que trouxe a maior soma de elucidações em torno de nossas relações com o mundo invisível.

A história de Maria Lúcia, a mocinha que morreu devido a uma dose excessiva de drogas, quando ainda envergava seu vestido de noiva é uma história como muitas outras que acontecem todos os dias.

Ela se torna esclarecedora devido à riqueza de detalhes que ela nos consegue transmitir. Esses detalhes irão nos permitir analisar melhor as nossas relações com esse mundo que nos cerca.

É bom que a gente se lembre a priori, que o mundo invisível, o mundo etérico, o Plano, ou melhor, os Planos em que se acham os Espíritos que deixaram o corpo físico, são apenas mundos invisíveis, imperceptíveis aos nossos sentidos e aos nossos instrumentos científicos.

São mundos ou Planos invisíveis, mas são físicos, moleculares e atômicos. São mundos de formas, de sensações, de relacionamento e muito mais povoados do que o nosso mundo físico.

É bom também que a gente saiba que nossas relações com esses mundos não são feitas à nossa revelia, mas, dentro do âmbito de nosso livre arbítrio, presente ou passado.

E é importante também que saiba que o contato com esses Planos se faz através de uma energia física que se chama ectoplasma ou fluído. Essa energia por sua vez é produzida em nosso organismo físico, em nosso corpo. O mecanismo dessa produção e contato se chama Mediunidade e por fim, que todos os seres humanos são Médiuns, pois todos os seres humanos produzem ectoplasma.

A NOIVINHA DESENCARNADA

Um domingo quente de dezembro. No Templo do Amanhecer os Médiuns aguardam pacientes a chegada de Tia Neiva. Os Mestres exortam-nos a se Mediunizarem e se tornarem receptivos à palestra que irá se realizar daí a poucos minutos. A Clarividente chega, toma seu lugar junto ao microfone e o silêncio é completo. Ela os olha sorridente e começa:

Meus filhos, Salve Deus!

Eu nem bem acabara de contar a vocês a história do Sargento recém desencarnado, quando ouvi uma voz chorosa que me chamava no Plano Invisível. Olhei e deparei com uma jovem vestida de noiva que segurava seu buquesinho de flores com ar humilde e constrangido.

Senti que meu coração apertava e solícita, indaguei o que ela queria de mim. Ela me olhou com o ar mais doce deste mundo e me disse:

“Tia Neiva, meu nome é Maria Lúcia e sou um Espírito que teve a felicidade de passar aqui pelo Templo do Amanhecer depois de ter sofrido muito. Apresento-me com meu vestido de noiva porque foi assim que desencarnei. Ouvi a senhora contando a história do Sargento para seus Médiuns e gostaria muito de contar também a minha vida para a senhora e os Médiuns do Vale”.

Olhei para Mãe Yara e ela fez sinal de que consentia. Vi então o quadro de Maria Lúcia e percebi que de fato a história dela iria servir muito para vocês. Então a convidei para vir hoje e ela está aqui do mesmo jeitinho que a vi pela primeira vez: o vestido branco, o véu, o buquesinho e o corpinho esguio. Seu ar reflete um pouco de angústia, mas, seu olhar hoje está firme. Ela está ansiosa para que vocês saibam a história de sua vida. Como vocês não podem vê-la, nem ouvi-la, eu vou contando o que ela me diz. Enquanto isso Mãe Yara vai me ajudando a ilustrar os episódios com sua Doutrina.

Meu nome é Maria Lúcia – diz ela – e eu morava no Rio de Janeiro junto com meu irmão e meus pais. Éramos uma família modesta, mas eu gostava de andar em companhia de jovens de melhor situação. Com isso eu fazia meus pais sofrerem muito, pois vivia exigindo coisas que eles não tinham condições de me proporcionar. Se não conseguia o que queria, saía de casa zangada e pousava fora, em casa de pessoas que às vezes mal conhecia.

Sempre que eles se cansavam desse jogo e deixavam de fazer os meus gostos, meu lar virava um campo de batalha. Eles me proibiam de sair por algum tempo e barravam os meus amigos de entrar em casa. Apesar de se tratar apenas de alguns desajustados como eu, eles eram chamados por meus pais e os vizinhos de “hippies”. Quando isso acontecia eu sofria muito, pois as minhas saídas tinham razões secretas que só eu podia entender. De uma forma ou de outra os

meus desatinos os foram levando à miséria. Com isso tivemos que mudar para uma casa pobre, de bairro mais pobre ainda. Pouco antes da mudança eu fui abordada por dois “colegas” já habituados ao meu comportamento e saí com eles. Permaneci fora de casa três dias.

Voltei quando o “fumo” acabou. Entrei sorrindo em desafio.

Na sala deparei com meu mano mais velho, conversando com um amigo seu chamado Marques. Fiquei um pouco indecisa e percebi que meu irmão vacilava em me apresentar; sentia vergonha de mim! Mas, mesmo sem apresentação Marques e eu ficamos nos olhando como se nos conhecêssemos há muito.

Saímos daquele transe com a voz áspera de minha mãe dizendo exaltada: “Oh, sua cínica desavergonhada, o que vem fazer aqui, vem para o enterro de seu pai? Por sua causa ele teve um ataque cardíaco e está entre a vida e a morte!”.

Senti muita vergonha, e pelo olhar constrangido de Marques vi que estava perdendo uma oportunidade de ser feliz.

Meu pai? Foi tudo que pude exclamar e corri para o quarto dele.

Graças a Deus tão pronto ele me viu começou a reagir contra a doença. Com isso me compenetrei que o remédio era eu. Pobre papai, pobre mamãe!

Marques continuou freqüentando minha casa e logo estávamos namorando. Meus pais esperançosos que eu me casasse incentivavam nosso namoro. Mas não foi preciso muito esforço por parte deles. Marques e eu éramos Almas Gêmeas e nos amávamos muito, e assim tudo foi se encaminhando para um enredo feliz.

Estávamos assim na maior felicidade quando os velhos amigos “hippies” começaram a me procurar de novo. Eu, porém me sentia muito feliz com Marques e passei a hostilizar os velhos companheiros de infortúnio. Pensava comigo: eles não passam de uns desajustados com seus pais, eu, porém tenho pais compreensivos e não preciso deles!

Com tudo isso eu me sentia inquieta, não tinha paz. No íntimo eu sabia que meu passado ainda iria me destruir, apesar da atitude que estava tomando.

Como que adivinhando minhas preocupações, Marques sempre me dizia: “O dia que você firmar o “papo” com esses “caras” eu sumo da sua vida!” Com isso minha paz diminuía dia a dia.

Poucos dias antes da data do meu casamento eles intensificaram o assédio. Um dia eles apareceram e estávamos conversando na sala. Eu dizia com

veemência que não queria “papo”, que eles fossem embora, que eu ia me casar. Eles apenas sorriam com certo cinismo. Lucas, um jovem de aspecto agressivo, vestindo uma calça de pelúcia e um blusão de couro, passou o braço no meu pescoço e disse: “Que é isso menina? Você está numa de casamento? Tá “doidona”?”

Nesse exato momento Marques assomou na soleira da porta! Eu apavorada desvencilhei-me de Lucas e fui ao seu encontro. Ele, porém não me deu tempo para explicações e furioso começou a gritar: “Larguem dela! Vocês já fizeram muito mal a essa pobre menina! Ela agora é minha noiva! Eu sou diferente de vocês, ouviram? Não gosto do “papo” nem de “caras” como vocês!”.

Eles saíram e eu meio desorientada acompanhei-os até a porta.

Voltei para a sala sentindo-me frustrada, com certo desespero, pensando comigo: Lucas e toda essa “patota” são gente boa. Eu não devia ter ficado parada, devia tê-los defendido da ira de Marques. Afinal o que falta a eles é uma oportunidade como a minha!

E assim o conflito começou no meu íntimo. Eu não parava de pensar neles e no que poderia ter acontecido. Cada vez os achava mais “bacanas” e assim em meio à maior confusão, aproximou-se a data do nosso casamento (1).

Um dia eu estava na rua procurando encontrar o meu enxoval quando topei com a “patota”. Procurei mostrar-me cordial, expliquei o que estava fazendo e que iria me casar em poucos dias. Eles, porém me deram uma grande vaia e disseram que não faltariam ao meu casamento. Fiquei apavorada com a algazarra deles, embora soubesse que estavam apenas brincando e não o faziam por mal.

Mais tarde, ao encontrar-me com Marques lembrei-me do incidente e chorei copiosamente no seu ombro. Tinha enorme arrependimento do que fizera e roíam-me os maus presságios. Pensava comigo: Meu Deus será que tenho que pagar pelo que tenho feito aos meus pais?

Nessa noite tive um terrível pesadelo. Me vi diante de uma grande mansão e na companhia dos “hippies”. Lá fora rugia uma tempestade e tinha muito medo. De repente ouvimos fortes batidas na porta. Eu sabia que era Marques, que viera para me buscar, mas não abri a porta.

Acordei gritando apavorada pela minha mãe e ela me acariciando, explicando que eu havia sonhado. Disse-me também que ela e papai já haviam perdoado os meus desatinos.

Desde essa noite minha angústia aumentou.

Minha relação com os “hippies” não era tão simples como parecia.

Em nosso meio prevaleciam os traficantes de drogas, bandidos perigosos que envolviam a gente. Eles se aproveitavam de nossas fraquezas e nosso desligamento com a família servia para incentivar nossos vícios.

O domínio dessa gente é terrível!

Suas vítimas em geral são meninos de bem, pessoas boas, que apenas são desajustados no meio em que vivem, e com isso se tornam presas fáceis para esses malandros (2).

Não contei ao Marques o encontro que tivera com a turma. Sentia medo, mas me mantinha calada.

Um dia estávamos sentados na calçada em frente de casa, quando chegou a turma.

Marques olhou-os friamente como se não os visse.

Eles brincando jocosamente, disseram que tinham vindo me avisar que iriam comparecer ao nosso casamento!

Antes que eu ou Marques pudéssemos dizer alguma coisa, eles já tinham ido.

Marques, visivelmente irritado virou-se para mim e disse: “Se eles aparecerem em nosso casamento, eu vou embora e nunca mais você vai saber notícias minhas!”.

Diante daquela ira eu também me irritei e quase explodi, mas temia chegar ao ponto em que Marques pensasse que estava arrependida de nosso noivado. Mas, aquela cena faltando apenas três dias para o casamento, foi horrível (3).

Afinal chegou o dia almejado!

A cerimônia foi linda, com a igreja toda decorada. Esse Templo ficava num outeiro e o acesso era feito por uma comprida escadaria.

Sáimos sorridentes e nem bem emergimos quando deparamos com o grupo em frente à escadaria. Assim que nos viram eles estouraram numa vaia deprimente!

Não pude deixar de registrar quando eles fizeram referência ao meu vestido de noiva, trazendo a dúvida quanto à minha pureza.

Na confusão que se seguiu, sem que nem eu mesma notasse, Marques desapareceu!

Desolada e cheia de vergonha fui levada para a casa de meus pais. Minha mãe tentava me consolar, mas eu estava certa que Marques não tardaria a aparecer. Ela perguntou se eu queria ficar com eles. Eu, porém tentando aparentar uma calma que não tinha, disse-lhe que iria esperar Marques em casa, na nossa casinha! Ele talvez estivesse lá me esperando.

Cheguei ao lar tão sonhado, mas Marques não estava.

Senti então que nada mais me restava neste mundo, além de morrer, porém uma leve esperança ainda alimentava meu coração.

Senti tonteiras e recostando-me num sofá comecei a ter alucinações. Via e ouvia a turma com suas risadas, os rapazes com suas barbas longas a roçarem em meu rosto e suas mãos quentes me acariciando. Invadiu-me estranha volúpia, tão intensa que senti-me impelida a correr para onde eles se achassem naquele momento!

Em meio a essa verdadeira obsessão, permaneci assim meio acordada, meio dormindo, até o dia amanhecer.

Despertei confusa e a primeira coisa que me veio à mente foram as palavras de Marques: “Sumirei de sua vida, nunca mais você me verá!”.

Tomei então uma decisão. Achei em minha bolsa algumas drogas, manipulei uma dosagem e ingeri. Tudo que eu queria era fugir de mim mesma, daquele pesadelo e depois voltar para a casa de meus pais. Sabia que eles me aceitariam, como sempre me aceitaram. Confiava a tal ponto na paciência deles que chegava a pensar ser melhor voltar para eles do que o retorno de Marques. Ele com certeza iria me maltratar, enquanto que meus pais nunca fariam tal coisa.

Engoli as drogas pensando nisso, sem nenhuma intenção de morrer.

Oh! Foi horrível! Comecei logo a “viajar”, porém percebi logo que essa era completamente diferente das minhas costumeiras “viagens”.

Cheguei a uma cidade escura e deserta. Apavorada procurei por alguém que pudesse me orientar, quando subitamente centenas de sinos começaram a tocar. Eram sinos de todos os tamanhos, de diferentes sons que tangiam adoidados! Minha cabeça já estava a ponto de estourar, quando vi um homem vestido de romano antigo que se aproximava de mim.

Seu olhar era bondoso, ele disse chamar-se Januário e que estava ali para me ajudar. Pegou em minha mão e me conduziu para uma espécie de praça,

cercada por todos os lados. Os sinos haviam parado como por encanto. Sem que se percebesse, Januário desapareceu e eu me senti só, completamente só.

O que eu pensara ser uma praça, era na verdade um bosque de relva verde escura e árvores simétricas.

Naquela terrível solidão comecei a sentir uma sensação de arrependimento, de coisas que fizera e outras que deixara de fazer. Não pensava na morte, nem na vida eterna. Para mim tudo não passava de um sonho, um pesadelo, uma péssima viagem!

Só uma coisa era constante em meu íntimo: a terrível ânsia de voltar para a casa de meus pais. Mesmo Marques parecia diluído como uma doce recordação (4).

Eu não tinha religião nem sentimento religioso. Só pensava em voltar e enfrentar as minhas dificuldades e ficar à mercê de meu destino.

Saí de meu transe, com o som de uma voz que parecia sair do ar e me cercava de todos os lados. A voz era firme e máscula, mas tinha também um tom melódico.

Dizia ela: “Preparem-se para voltar para a Terra! – Cuidem de controlar suas vibrações, pois não foi normal o que lhes aconteceu. Neste momento vocês se acham na Mansão dos Toxicômanos! Essa passagem que vocês fizeram, deveria ser feita somente daqui a alguns anos, talvez uns vinte ou trinta anos. É por isso que vocês não são Espíritos normais, porque desencarnaram antes do tempo. Mesmo assim vocês não são considerados suicidas. São apenas Espíritos que desencarnaram antes do tempo previsto. É por isso também que sentem essa atração irresistível pela Terra, para seus ambientes costumeiros. E para a Terra vocês terão que ir. Preparem-se para viajar para a Terra!”.

Senti certo alívio quando percebi que ele se dirigia a outros além de mim, e também notei quando ele nos chamava de “Espíritos”. Sem dúvida havia outros iguais a mim!

A partir daí perdi a noção de tempo e de espaço. Meus estados se alternavam entre angústia, saudades, esperanças e desesperos. Mas não conseguia ver ninguém, embora a voz continuasse a falar. As palavras eram sempre diferentes, mas o sentido era o mesmo.

Subitamente percebi que havia mudado de ambiente. Sem que eu soubesse, eu me movera!

O lugar onde me achava agora era uma grande plataforma, uma espécie de rodoviária cheia de luzes opacas, de um lilás que variava em tonalidade. Às vezes as luzes chegavam a parecer roxas, outras quase brancas.

Encontrei novamente Januário e me senti mais segura.

Como fizera da primeira vez que me vira, ele tomou a minha mão e me encaminhou para um edifício enorme. Lá havia muitas pessoas em atitude de espera de condução. Suas roupas eram mais ou menos parecidas e para meu espanto vi que estava vestida de noiva, com buquê e grinalda, do jeitinho que casara!

Nisso ouvi soluços bem perto de mim. Olhei em torno, mas não vi ninguém com aparência de estar chorando. Olhei interrogativamente para Januário e ele deu a entender que também estava ouvindo.

“É a sua mãe que chora” disse ele.

“Minha mãe? E onde é que ela está que não a vejo?”.

“Você não a vê nem entende, como não entendeu os belos sermões que têm sido feitos até agora”.

“Sermões? Não, não estou ouvindo coisa alguma!”.

“Você não ouve porque suas células nervosas foram danificadas pelas drogas que ingeriu. Também as pílulas anticoncepcionais produziram danos no seu sistema nervoso (5)”.

“Meu Deus! disse eu, e agora, o que faço?”.

“Não se preocupe minha filha, logo você terá a oportunidade de acertar seus desajustes. Para isso você será muito ajudada pelo amor que tem pela sua Alma Gêmea”.

Amor, Alma Gêmea; aquela rodoviária, o romano Januário, tudo era tão diferente do que eu sabia e conhecia...

No instante seguinte tudo aquilo havia desaparecido e me vi numa praia que me era familiar. Vi que Januário continuava ao meu lado e sua presença me dava uma sensação de irrealidade. Mas a praia era bem real e eu comecei a olhar em torno, como nos velhos tempos que a freqüentara.

Minha atenção foi despertada por um casal que brigava em altas vozes. Olhei para Januário e ele me disse: “Vá e procure apartar essa briga, tente ajudar esse casal e é possível que isso vá ajuda-la”.

Eu me aproximei do casal briguento no justo momento em que o homem dava violenta bofetada na mulher. Ela caiu para trás e eu tentei segura-la. Entretanto atravessou meu corpo como se eu não existisse e fiquei ali

abobalhada, olhando a mulher caída sem saber o que fazer.

Comecei a sentir grande sensação de culpa, como se eu fosse uma criminosa, uma agressora. O homem que agredira estava com a respiração ofegante e tinha os olhos injetados. Uma pequena multidão se formou em torno e eu fiquei apavorada. Queria apelar para Januário, mas ele havia desaparecido!

O incidente entretanto tornou-me sóbria e com isso comecei a me compenetrar da verdadeira situação. Minha cabeça, porém ainda não se firmava e os pensamentos rodopiavam. Lembrei-me de Lucas com quem estivera muitas vezes naquela praia e saí perambulando, conforme caprichos de minha mente atribulada. Logo percebi que estava fazendo o que sempre fizera: na hora da angústia eu corria para junto de meus pais!

Senti então certa lucidez, uma certeza no coração. Sim, voltava para a casa que sempre me acolheu, apesar de meus desatinos. Só meus pais tinham paciência comigo. Apressei o passo e em pouco tempo estava em casa.

A primeira coisa que ouvi foram as palavras de minha mãe que dizia: “Foi melhor assim, minha filha não podia ser feliz. Ela nunca deixou de tomar aquelas drogas terríveis”.

Gritei então com todas as minhas forças: “Estou aqui, não vou sair mais, não tomo mais drogas!” – mas foi em vão, ela não me ouvia!

Permaneci ali durante três longos anos. Acompanhava meus pais a todos os lugares onde iam, sentava na mesa com eles, entrava nas conduções e ficava magoada quando não sobrava lugar para mim.

Às vezes meus pais baixavam até o meu Plano, em seus Transportes enquanto dormiam. Embora com certa dificuldade eu conversava com eles. Foi assim que soube que Marques havia se casado e que estava muito feliz. Mesmo assim sofri muito com isso (6).

Eu vivia numa atmosfera lilás e muito diferente deles. Não percebia e não entendia muito do que se passava. Mas estava em casa e isso era tudo o que eu queria (7).

Um dia eles decidiram tirar umas férias e viajar até Brasília. Como de costume eu os acompanhei e graças ao trabalho de Januário e outros Mentores, eles receberam um convite e vieram ao Vale do Amanhecer.

Embora vendo e sentindo tudo nebulosamente, conseguia perceber o que se passava no Templo. Via aquela multidão e não distinguia muito quem era desencarnado ou não.

Meus pais esperaram muito tempo, mas por fim chegaram diante da

senhora, Tia Neiva. A senhora explicou a eles o que se passava comigo e enquanto conversava com eles falava também comigo. Nunca pude esquecer a doçura de seus olhos e o grande desejo de me redimir, que invadiu meu coração.

A entrevista chegou ao fim e ouvi quando a senhora tocou uma campainha e um jovem chamado Batista atendeu. A senhora pediu a ele que fizesse um trabalho especial para meus pais e ele os levou ao trabalho de desobsessão, nos “Tronos” dos Pretos Velhos. A senhora fez um sinal para mim e eu os acompanhei. Enquanto meu pai esperava, minha mãe sentou-se num daqueles “Tronos”. Não sei se ouvi alguém do meu Plano dizer, mas o fato é que fiquei sabendo que o nome dos Médiuns eram Waldeck, o Doutrinador e Flauzília, a Apará.

Senti-me atraída pela Doutrina que estava sendo feita e uma sensação diferente invadiu-me toda. Senti que flutuava e vi que estava sendo carregada numa espécie de lençol alvo, que mais parecia um colchão de nuvens. As últimas palavras que ouvi foram do Waldeck fazendo minha entrega aos Mentores.

Senti que me desintegrava num Plano e me reintegrava noutro. Passara pelo “Portal de Desintegração” e já estava em outro Plano! Despertei num mundo diferente, iluminado por luzes opacas e de cores variáveis.

Fui então levada para o “Sono Cultural”, uma espécie de sonoterapia de desassimilação. Despertei sem saber quanto tempo havia passado. Ao meu lado estava Januário com sua roupa romana antiga. Ele sorriu e a primeira coisa que fez foi convidar-me a visitar os meus pais no Plano da Terra.

Encontrei-os vivendo felizes e embora um pouco tristes, a memória da filha desencarnada já não era tão penosa. Eles agora sabiam da verdade e que eu estava em boas mãos. A visita ao Vale do Amanhecer modificara sua sintonia e sua maneira de ver a vida. Agora Tia Neiva, eu voltei aqui porque dentro de pouco tempo vou estar em condições de ajudar os jovens que sofrem os desatinos que eu sofri. Quero ajudar os meus companheiros de desdita. Farei tudo para que eles também possam encontrar suas Almas Gêmeas e aprendam a amar (8).

Peço Tia, que transmita aos seus Médiuns, que devem aprender a perdoar seus filhos e serem pacientes com eles, como fizeram os meus pais comigo. Se não fosse o amor e a tolerância deles eu não estaria aqui agora. É preciso que seus filhos não sintam medo nunca! Se eu não tivesse tido certeza do perdão dos meus pais, nunca teria voltado para casa. Teria sido vítima dos Bandidos do Espaço ou talvez tivesse me tornado obsessora dos meus antigos companheiros.

Salve Deus Tia, e recomende aos seus Médiuns para que contem a minha história para todos que puderem. Agradeça aos dois Médiuns que me atenderam com tanta generosidade.

Salve Deus!

Com carinho,
A Mãe em Cristo.

Tia Neiva

Notas do Texto

- (1) **O conflito de Maria Lúcia** tornou-se mais intenso a partir da grosseria feita por Marques ao Lucas. Ela tentou egoisticamente viver outra vida, libertar-se da vida irregular pela adesão ao padrão equilibrado de Marques e o desprezo pelos outros. Entretanto essa lógica é apenas aparente. As coisas de que ela queria se livrar existiam “dentro” dela e os antigos companheiros eram apenas os circunstantes.

Não existe libertação enquanto a pessoa não esclarece os “porquês”, não enfrente com coragem os próprios defeitos e principalmente não os esconda de si mesma. Ao fazer isso, é perfeitamente natural que haja quedas e recomeços, mas é preciso demolir os alicerces, pois como diz Pai Seta Branca numa de suas Mensagens: “O homem não constrói sobre os seus próprios escombros”.

Por outro lado, embora fosse conveniente para ela abandonar a vida que levava ao lado dos antigos companheiros, nem por isso precisava abandoná-los e alimentar a intransigência do noivo em relação a eles.

Diz o Mestre Jesus: “Se alguém lhe pedir que caminhe com ele uma légua, caminhe duas... Se alguém lhe pedir a blusa, dá-lhe também a camisa. Se alguém chorar, chore com ele... Se alguém rir, ria com ele...”.

- (2) **Os traficantes de drogas** são elementos perigosos que jogam com as fraquezas humanas. A geração de nossos dias, os meninos de hoje em sua grande maioria, são Espíritos que foram encarnados durante o último conflito mundial, a guerra de 39 a 45. A consequência disso é que eles não passaram tempo suficiente no “Sono Cultural”, não desassimilaram a vivência terrível dessa queda civilizatória da Humanidade.

O resultado disso é que nasceram já aversos aos valores de nossa civilização, principalmente em nosso país. No Brasil existe uma mescla civilizatória em que a maioria dos valores são importados e, no seu íntimo esses Espíritos “sabem” disso e não aceitam.

Graças a Deus nosso país já está formando seu próprio conceito

civilizatório, seu próprio conjunto de valores. Mas enquanto isso não acontece em sua totalidade é preciso ter muita paciência e tolerância com as novas gerações. Seu anseio de autodestruição é apenas superficial. Se nós lhes dermos algo sólido para se agarrar eles o fazem de bom grado. Para mudar esses meninos é preciso antes mudarmos a nós mesmos.

(3) **Marques tinha o orgulho** do “certinho”. O simples fato de não estar envolvido nas mazelas em que os outros estavam, resultou na personalização de um conceito de superioridade. Entretanto, havia mais perdão no coração daqueles meninos desavisados do que no seu...

(4) **Essa é uma faceta** interessante do problema do uso das drogas alucinógenas. Misturado o problema com a mística e buscando-se informações duvidosas no passado iniciático da Humanidade, criou-se o problema das “viagens”, resultante talvez da vontade de libertação dos Espíritos da penosa situação de encarnados.

Na verdade o Espírito encarnado sempre viajou por processos naturais que nunca contrariaram as Leis Universais. Um desses processos é o sono natural, biológico.

Outra forma de “viajar” é através dos Processos Mediúnicos, nos quais a gente pode distinguir com os devidos cuidados o “Transporte” e o “Desdobramento”. Tais práticas, porém são difíceis e exigem condições Mediúnicas especiais. Naturalmente exigem variações nesses métodos, porém nunca estão afastados da idéia de excepcionalidade – não são coisas feitas comumente por qualquer pessoa.

Nada disso existe nas “viagens” feitas com auxílio de drogas. Nelas há apenas a alucinação da mente concreta, do sistema cerebral e, na qual a memória desempenha o maior papel. O Espírito não vai a lugar algum, mas a mente mergulha nos seus escaninhos complexos, desgovernada pelo desequilíbrio que a droga provoca no sistema enzimático.

Por um raciocínio lógico, sempre que a mente entra em desequilíbrio, o Espírito, ao contrário do que possa parecer, não se afasta do conjunto corpo-alma, para que não se percam. É como um motorista cujo carro se descontrola na estrada. Seu motorista faz tudo que estiver ao seu alcance para retomar o controle. Agora, se o carro vai mesmo bater e o motorista puder saltar, ele o faz mesmo. Muitos desencarnes prematuros se devem ao uso de drogas. Antes que o Espírito corra o risco de se perder, ele abandona o corpo. Assim procedendo o prejuízo tem possibilidades de ser menor...

O problema, porém, não termina com a morte física. O sistema nervoso desencarna, isto é, desliga-se do corpo físico, deixando junto com esse corpo as fibras e outras composições celulares do “sistema”. Com a morte do corpo desaparece a distribuição nervosa

alimentadora dos sentidos. Mas a parte do sistema que segue com o Espírito, vão alimentar os processos sensoriais no Plano para onde o Espírito segue.

Um Espírito desencarnado, enquanto não chega à realização plena junto a Deus, continua possuindo uma alma, uma “Psique” em torno da qual se forma um corpo etérico. Conforme as circunstâncias esse corpo pode ser uma réplica do corpo deixado. O mesmo acontece com as roupas, os acessórios, etc.

Essa é a razão pela qual nossa Noivinha teve que passar por aqueles trâmites terapêuticos, uma espécie de psicoterapia sideral. Os sinos que ela ouvia eram formas de sacudir a sua mente e trazê-la ao equilíbrio. O mesmo aconteceu quando Januário sugeriu que ela interviesse na briga do casal. O choque de sua participação contribuiu para a volta à certa sobriedade da sua razão.

(5) **A célula nervosa** não se recupera como as outras células de nosso corpo. O maior perigo das drogas alucinógenas, principalmente o álcool e a heroína, é justamente esse da destruição celular. Pela citação do Mentor Januário, a gente deduz que as drogas anticoncepcionais também devem causar danos semelhantes, pois atuam no mais sofisticado mecanismo humano que é o da reprodução...

(6) **A situação de um Espírito** depois do desencarne, varia conforme a vida que viveu. Num desencarne chamado com as devidas reservas, de “normal”, o Espírito passa pelas exigências de seu estado e depois “toma uma decisão”, conforme o grau de livre arbítrio que conserva nesse período traumático. Dentre os vários caminhos “escolhidos” ele pode ficar na Terra, numa espécie de parasitismo dos encarnados.

No caso da Noivinha, dado seu desencarne prematuro, ela teve que permanecer três anos junto aos pais. Essa situação foi muito dolorosa para Maria Lúcia. Embora ela estivesse na Terra, na casa dos pais, ela pertencia a outro Plano, inferior ao dos genitores.

Em seu Plano ela ouvia, mas não via. O Espírito desencarnado não tem o sistema sensorial do encarnado. Ele não vê a luz do sol e na verdade nem a luz de fogo ou elétrica. Seu mundo é embaçado, opaco.

Os mentores permitiram a presença de Maria Lúcia junto aos pais, porque o amor que eles tinham e a paciência possibilitava a evolução dela. Mas depois de três anos ela já estava começando a ser nociva para eles e o que era pior, ela já não estava resistindo às investidas dos Bandidos do Espaço. Esses são Espíritos também chamados de “caçadores”, que servem os Exús. Saem à busca de Espíritos errantes e os escravizam, obrigando-os a participar das suas vidas negativas.

A permanência de um Espírito sofredor numa casa, quando essa

casa tem alguma vida espiritual, é sempre vigiada pelos Mentores. Às vezes eles afastam o Sofredor quando se torna preciso e depois deixando retornar. É uma vida humilhante.

Maria Lúcia acabou sendo amparada por Januário. Esse Espírito laborioso, nesse tempo vivia sua roupagem de romano, daí os seus trajes. Ele fora um Doutrinador Iniciado no Templo do Amanhecer e por isso promoveu a ida dos pais de Maria Lúcia para lá. Ele tinha afinidade espiritual com ela.

- (7) **Sempre que um Espírito** desses, que cometem desatinos devido às condições difíceis da encarnação e depois conseguem se redimir, compreendem o que lhes aconteceu e se dispõem a se evoluir, os Mentores lhes dão oportunidade de trabalhar junto às pessoas que passam pelos mesmos problemas. Com isso eles conseguem os Bônus Horas necessários.
- (8) **Como explicamos** acima, o Plano de Maria Lúcia era inferior ao dos pais. “Plano” nesse caso significa o grau evolutivo. Às vezes os pais, tocados pela saudade, procuravam por ela enquanto dormiam e, para isso tinham que descer até o Plano dela.

Salve Deus!

5ª Aula de Desenvolvimento

O VELHO CORONEL

Pequenas viagens!... O sol já devia estar brilhando na Terra, pois no Plano onde me encontrava, lindos filetes dourados, sem brilho, como que aveludados se espalhavam por sobre aquele pântano distante, lá embaixo no Vale Negro.

Eu, sentada com Pai Joaquim das Almas de Enoque, sentia o esplendor de tudo que víamos. Divisamos ao longe um homem de branco, que caminhava de um lado para outro, sem sossego.

– Quem poderia ser? – perguntei.

– Aquele homem é Eugênio, um velho Coronel dos bons tempos – respondeu Pai Joaquim das Almas.

O homem se aproximou, vindo ao nosso encontro.

– Salve Deus! – Eu disse.

– Eu me chamo Frazão – falou o homem.

– Frazão? Uê, Pai Joaquim, o senhor disse que ele era Eugênio...

– Eugênio Frazão. É porque minha vidência não está boa, fia...

Rimos muito, descontraídos.

– É viva? – Perguntou Eugênio Frazão.

– Somos todos vivos – disse Pai Joaquim nos descontraindo – Neiva tem grandes Mediunidades e está aqui sonhando conosco.

Frazão se juntou a nós e começou logo a contar sua vida:

– Sou um pobre homem louco... Sou recém chegado. Tenho apenas nove anos...

Vivia naquele pântano, sem destino, pedindo a Deus que me deixasse sucumbir naquele lamaçal. – E foi dizendo sem que ninguém perguntasse: – Fui bem casado, tive dois filhos: um homem e uma mulher. Ergui uma pequena Vila com amor e harmonia que se transformou em uma linda cidadezinha. Mal sabia que Deus havia me proporcionado tudo para que eu ajudasse aquela gente, naquele tempo difícil.

Todos me respeitavam, por meu amor e dedicação ao povo e àquele lugar. Tudo teria continuado na maior felicidade se eu não tivesse dado ouvidos a um tal Secretário, espécie de ordenança, homem muito ligado ao Padre daquela Paróquia. Ele foi me avisar da chegada de um Curandeiro que começara a fazer trabalhos nas redondezas. Sem pensar, eu que era homem ponderado, mandei o Secretário ir até ele e ordenar que cessasse imediatamente aquelas atividades. E não cuidei mais do assunto, pois estava com viagem marcada para a Capital, onde ia fazer prestação de contas, devendo me demorar por uns sessenta dias.

Foi mesmo... Ainda me lembro bem dessa viagem... Sem ter muita consciência, mas sentindo que o destino, o meu pobre destino, havia me reencontrado, cheguei àquela cidade grande. Comecei minhas tarefas nos diversos órgãos públicos, e um dia saindo de uma das salas daquelas repartições, esbarrei numa moça que vinha pelo corredor e derrubei sua pasta. Abaixei-me rápido murmurando desculpas e apanhei a pasta. E quando nos olhamos, nos reconhecemos: era Geruza, uma antiga namorada com quem eu não havia podido casar, porque seus pais não confiavam em mim. Gente importante, para romper o romance haviam partido para a França, levando a filha obediente da qual nunca mais eu soubera qualquer notícia. A única coisa que sabia, era que Geruza nunca havia se casado.

Na força que age sobre duas pessoas que se amam, nos abraçamos. E quando acordamos da surpresa estávamos abraçados. Ficamos sem graça sentindo o peso de nossas responsabilidades, tão importantes nas nossas idades. Não me recordo bem do que falamos, mas sei que com algum embaraço mais uma vez sentimos a crueldade da separação. Não combinamos um novo encontro, não nos demos endereços, enfim, sabíamos que não tínhamos condições para nos reencontrarmos.

Retornei à minha Vila, mas meu pensamento estava distante. A estação movimentada, baldeações em charretes para outra estação, o trenzinho de madeira enfumaçado, soltando faíscas que ameaçavam nossas roupas, nada disso conseguia minha atenção, voltada totalmente para Geruza. Agia como um autômato e minha mente não se ligava na viagem e, nem na minha família que ia rever.

Meu Deus! O que fora fazer naquela repartição? Porque o destino armara aquele encontro. E o pensamento em Geruza me envolvia, tomava conta de mim. Lembrava-me daqueles dias felizes, dos passeios, das cachoeiras. Aquela criaturinha meiga e amorosa que me completava e enchia minha vida de um colorido alegre e, também lembrei daqueles olhos cheios de lágrimas, o desespero estampado no lindo rosto, quando me disse que os pais iriam partir e ela teria que acompanhá-los. Não tinha coragem para desobedecer... E partiu um dia deixando aquela triste carta de adeus. E sobreveio uma revolta em meu íntimo, por que me martirizar? Ora, se ela não quis e pronto! Cada um seguiu sua vida... Mas eram apenas palavras para me consolar. Quando dei conta de mim as lágrimas corriam

pelo meu rosto e o trenzinho estava chegando ao meu Vilarejo. Resolvi que era meu lugar e que tudo o mais teria de ficar para trás.

Oh, Tia Neiva! Destino cruel! Em nenhum momento senti enfraquecer o amor que dedicava à minha velha esposa. Comecei a pensar nas diversas famílias, numerosas pessoas que eram felizes naquele lugar, graças ao meu trabalho para desenvolvê-lo. Muitas culturas, criações de grande futuro, todo aquele gado, as grandes fazendas, tudo fruto da minha direção. Agora sabia de onde tirara a força para tudo aquilo: procurava preencher o vazio que meu coração sentia ao ter que me separar de Geruza. O grande amor que sentia por ela, havia na sua falta sido distribuído por todo aquele lugar, dedicando-me àquela missão de corpo e alma.

– Sim, Coronel – disse eu – tenho certeza disso. O amor tira realmente muita terra do coração do homem. Digo isso por mim: o grande amor que sinto por meus filhos – um amor tão grande que ultrapassou as barreiras do som e me faz amar todo esse Universo. Só o amor edifica! Somente o amor absoluto, como por exemplo: o amor das Almas Gêmeas que se encontram na Terra, faz uma transformação tão grande que permite o nascimento no homem do Amor Incondicional, essa força bendita que ilumina os três reinos de nossa natureza, aumentando o poder de nosso Sol Interior, esse sol que exige nosso bom comportamento, que nos faz sentir em cada ser o novo resplandecer dentro de nós.

– Ai! – Disse Pai Joaquim – aprendeste muita coisa na Terra. Muita coisa mesmo. Neiva como estás falando bonito! Aliás, o que é mais bonito na Terra é ouvir o homem em seu sacerdócio. Sim, mesmo o homem de poucas letras, explanando o sacerdócio.

– O senhor quer dizer com esse homem de poucas letras que se trata de um semi-analfabeto? – Perguntei – pois saiba querido Pai Joaquim que tenho ricos professores, homens togados, que saem aqui deste esplendor para irem me ensinar lá em baixo... Sou mesmo uma protegida, não sou?

– É fia, mas você não pode mentir. Seus olhos estão empenhados a Jesus. O que te faz falar bonito é o que acabou de dizer: o grande Amor Incondicional. Aqui é fácil falar, porém, na Terra é muito difícil. O homem carrega sérios defeitos através dos milênios e fica muito difícil amá-lo.

– Não quero saber dessas cargas – tornei a dizer. Eu levo o meu quinhão e enquanto tenho forças levo também o dele. Quando vejo ele já está sem defeitos... Mas, vamos continuar com a sua história Coronel.

– Quando cheguei à estação, fiquei surpreso. Não havia qualquer um dos meus familiares a me esperar. Apenas estava me aguardando aquele homem em quem eu confiava demais, o meu ordenança.

É Tia, dizem que ninguém engana ninguém, mas fui enganado por

aquele homem a quem tanto me dedicara. Logo após as saudações ele começou a me relatar coisas amargas, dizendo que o tal Curandeiro não me respeitava e continuava fazendo seus feitiços. Como eu o proibira de fazer suas sessões na casa dele, agora ele ia de casa em casa realizando trabalhos e levando o povo ao fanatismo.

Era um mau momento o meu. Com a emoção me dominando, cansado e magoado, aquela notícia foi a gota d'água que transbordou meu cálice. Tomado pela fúria ordenei que prendessem o Curandeiro e que lhe fosse aplicada uma surra na praça pública.

O perverso ordenança era o próprio mensageiro do mal. Disse que meus filhos não puderam ir porque meu netinho estava doente, muito mal. Essa notícia acabou de me derrubar. Meu neto era há muito a devoção de minha vida. Alucinado, partimos para casa e durante o trajeto o ordenança ficou falando sobre as manobras do Curandeiro para burlar minhas ordens. E, mal chegamos a minha casa o Ordenança correu à casa do Curandeiro para prendê-lo.

Oh, meu Deus! Eu mal sabia que aqueles homens eram meus algozes e que Deus me colocara ali como Missionário, para evoluir aquele povo e suavizar o terrível encontro, encontro esse em que o obsessivo era meu próprio pai. Pelo meu amor, pela minha compreensão, pela ternura que lidava com cada um, eu estava encaminhando aquela gente. Não podia saber que Deus havia mandado aquele pobre homem – o Curandeiro – para me ajudar.

Não... envenenado, preferi dar ouvidos ao Ordenança, que com sua mente deturpada punha em jogo toda aquela gente que eu tanto amava. Oh, meu Deus! Como me livrar do terrível acusado?... Sim, hoje eu digo Tia Neiva, que o Missionário nem por um instante pode ouvir outra voz, que não seja a do seu próprio coração.

– Sim – disse eu, Jamais cairei nesta infração. Não aceito comentários de ninguém: só ouço a voz do meu coração e só confio na minha Clarividência.

Rimos com amargura, e ele continuou:

– Chegamos à minha casa, já ouvia os gritos tristes do povo. Certamente estavam lamentando a prisão do Curandeiro, pensei. Meu filho e minha nora chorando, vieram ao meu encontro e me imploraram que os deixasse chamar o Curandeiro, pois ele já havia curado muitos casos daquela triste febre que estava matando meu netinho.

Sim, como pudera ser tão vil? Como pude? Depois de tanta experiência, fazer o que fiz? Tanta realização, mas na verdade eu estava desajustado.

Aproximei-me de meu netinho, que ardia em febre. Lá fora a algazarra havia aumentado. Podia ouvir o povo e ninguém vinha me dizer o que estava

acontecendo. O Ordenança havia sumido. Oh, meu Deus! Por que meu Deus, eu merecia passar toda aquela dor? Ver morrer em meus braços o meu netinho... Apenas por uma palavra, um gesto eu colocaria a perder o que me era mais caro.

Mais uma vez me sentia como que morto por dentro. Aquela algazarra... se alguém viesse pelo menos dizer que não era nada com o Curandeiro e sim alguém que chegava e estavam festejando... Qualquer coisa menos o castigo do Curandeiro, pensava eu.

No quarto ninguém falava. Apenas se ouvia a respiração ofegante da criança moribunda e os soluços dos pais e de minha velha esposa. Nesse momento, Tia Neiva, garanto que meu único pensamento era salvar meu netinho. Minha nora parecia adivinhar meus pensamentos e levantando-se num repente, com firme determinação, me disse que ia buscar o velho Curandeiro. Não falei nada. Eu pensava que era muito corajoso, mas não passava de um grande covarde.

Súbito uma força incrível, um impulso violento arrancou-me dali, e saí correndo sem destino. Corria, corria e de repente senti-me leve, leve como se não tivesse mais o corpo e me transportei, chegando aos lugares onde meu pensamento me levava. Cheguei até aqui e então soube que morrera na mata.

Essa é a minha história, Tia. Tudo teria dado certo se não tivesse ouvido as mentiras do meu Ordenança. Triste e infeliz daquele que ouve os fuxiqueiros, os malvados que se armam em julgadores... Aquele Curandeiro era meu pai, que fora instrumento para testar a minha humildade. E eu que me sentia humilde, que me dizia humilde, porque todos viviam a meus pés, à primeira prova caí como um louco. Oh, meu Deus! Não me encontrei com o Curandeiro para lhe pedir perdão pelo capricho do meu destino, de minha prova. Ele foi ter com Deus e eu fiquei aqui Tia Neiva.

Pai Joaquim segurou a mão do velho Coronel, e seus olhos brilhavam quando falou:

– Não, meu filho. Você se enganou! A algazarra que você ouviu era o povo se distraíndo com as graças que uma velha fazia na praça. O seu Ordenança não chegou até a casa do Curandeiro, com medo daquele povo que estava ali. Sua nora conseguiu que o Curandeiro fosse curar seu neto, e todos teriam ficado muito felizes não fosse terem encontrado seu corpo na mata. Você foi um homem muito honesto e, pense sempre nessa lição, para que não tenha mais que sofrer, para não mais julgar ou corrigir sem amar.

– Agora sim... Agora tenho a cabeça para trabalhar, para cumprir uma Missão...

Salve Deus! – Dissemos juntos.

Vai, fia – Disse Pai Joaquim olhando para mim, que os filetes do sol já começam a surgir.

E logo, eu estava em casa.

Com carinho,
A Mãe em Cristo.

Tia Neiva.

6ª Aula de Desenvolvimento

Caro Médiun:

Neste número apresentamos a você uma história diferente: a do Pequeno Pajé. Ele foi feito para as crianças do Vale do Amanhecer, principalmente os filhos dos Médiuns.

Essa história poderia chamar-se também “O Pirata da Aldeia Encantada” ou “Em busca da Aldeia Encantada”. Preferimos esse nome porque as crianças do Vale já se acostumaram com o Pequeno Pajé.

O Pequeno Pajé do Vale do Amanhecer é uma pequena organização, que funciona paralela com as atividades do Templo do Amanhecer. Destina-se ele a ambientar as crianças, até os 14 anos, com a atividade Mediúnica.

Até essa idade as crianças se familiarizam com a Mediunidade, sem praticar o Mediunismo. O Pequeno Pajé se incumbem de satisfazer as necessidades psicológicas, ao mesmo tempo que afasta suas mentes do Espiritismo, do fenômeno Mediúnico, principalmente em seus aspectos angustiados.

As crianças cantam, brincam, recebem Passes, são tratadas pelos Mentores Espirituais, tudo sem falar em Mediunidade, Espiritismo ou Religião.

Essa atitude se fundamenta no conhecimento da fisiologia da Mediunidade. A Energia Mediúnica é produzida na intimidade dos ossos, na medula, no “tutano”. Desde a formação do feto humano, até mais ou menos 7 anos de idade, essa energia se dilui no organismo, de tal maneira que toda criança é um “Médiun natural”.

Esse fenômeno varia de criança para criança, dependendo de fatores complexos que circundam cada uma, mas de um modo geral, todas “vêm”, “escutam”, “tocam” o Mundo Invisível. As crianças “se comunicam” tão naturalmente com o Mundo Invisível como com o Mundo Físico, na proporção inversa das idades. Os sentidos vão se desenvolvendo e se firmando e, nessa proporção vão diminuindo as percepções do Mundo Invisível até desaparecerem quase por completo na faixa dos 7 anos.

Por isso, quando a gente vê um grupinho de crianças brincando de “casinha” ou coisa parecida, a gente deve levar tão a sério como elas levam. No meio da brincadeira existem personagens que nós não vemos, mas que as crianças vêem... Também quando nosso filhinho estiver brincando sozinho e estiver falando “com alguém”, respeite seus amigos e finja que está vendo...

Esse fenômeno é muito mais intenso quando os Médiuns da casa, a mãe, o pai ou outros adultos que morem na mesma casa, não são Médiuns

desenvolvidos e a carga recai mais sobre as crianças.

A pior coisa que se pode fazer numa circunstância dessas é achar engraçado e incentivar atitudes Espíritas nas crianças. Diante de um fenômeno tão simples quanto esse os pais costumam achar que seus filhos são “geniosinhos” e os fazem exhibir-se para os amigos...

Dos 7 anos aos 14 o fenômeno toma uma direção diferente. A partir dos 7 anos a criança começa a esticar, a crescer, principalmente o esqueleto, os ossos. O gasto de energia é tanto (a mesma energia que falamos acima), que o fenômeno se inverte: o adolescente perde a noção da realidade, perde a segurança do Mundo Invisível e começa a depender de sua imaginação. Ele começa a depender tanto dos sentidos físicos que os exagera. A voz luta por se firmar, os olhos começam a depender mais dos contornos físicos e da iluminação ambiente e ele não sabe o que fazer com as mãos.

Os adultos não devem confundir essa luta pela afirmação psicofísica com o fenômeno Mediúnicos do Espiritismo. Se isso acontece e o adolescente for levado ao Trabalho Mediúnico, há muitas possibilidades da deformação de sua personalidade e até mesmo de seu corpo.

O que dissemos até agora é o suficiente para explicar as razões do Pequeno Pajé do Vale do Amanhecer, as razões que poderiam ser chamadas de “negativas”.

Mas, perguntarão as pessoas que nos lêem, e a Religião? Uma criança deve ser criada sem Religião?

Sim, responderemos nós, é lógico que as crianças devem ter uma Religião. Mas essa Religião deve ser natural, tão lógica que ela não tenha que abandona-la tão pronto se sinta adulta...

É disso que nossa Pequena História de hoje procura nos dar um exemplo.

Todo adulto sonha com uma “Aldeia Encantada”.

Todos buscamos algo em que possamos confiar e agir.

Essa é a “nossa” Religião, um aspecto particular e único da nossa formação multidimensional, a necessidade de relacionamento com outros Planos de nosso universo particular, a busca do “nosso” Deus...

É mais honesto que os Missionários facilitem esse mecanismo do que fornecerem às crianças uma religião particular, sob medida de nossos interesses, mas inadequada àquela criança, àquele Ser único e inigualável. Procedendo assim, tanto os pais como os Sacerdotes apenas vão garantir àquele Ser a

angústia de ter que se libertar, quando se tornarem adultos e perceberem o logro...

JESUS E AS CRIANÇAS

13. Depois, trouxeram-lhe (algumas) crianças para que impusesse as mãos sobre elas e orasse; os discípulos, porém, as repreendiam.

14. Mas Jesus disse: “Deixai as crianças e não proibais que venham a mim, porque destas é o reino dos céus”.

*15. E depois que lhes impôs as mãos, partiu dali.
Mateus, 19:13-15.*

O PEQUENO PAJÉ

Era uma vez um jovem casal de cientistas.

Eles viviam numa grande cidade e trabalhavam nos laboratórios da Universidade. Haviam se tornado cientistas porque gostavam de estudar. Seu maior sonho era viajar em busca da ALDEIA ENCANTADA, uma linda história que conheciam desde crianças.

Trabalharam, trabalharam, até que puderam construir um barco capaz de enfrentar o alto mar. O barco era lindo, com velas coloridas e todo conforto. Havia até mesmo um motor auxiliar, para que eles pudessem enfrentar as tempestades ou navegar quando não houvesse vento para suas velas.

Finalmente, chegou o dia em que eles decidiram sair em busca da ALDEIA ENCANTADA. Até então, eles haviam acumulado conhecimentos e equipamentos para todo tipo de pesquisas. Despediram-se dos seus amigos e muita gente chorou de emoção. O jovem casal era muito querido na comunidade.

Como indicação levavam, apenas, o sonho de criança e a confiança nas Estrelas do Céu. Assim, viajaram por muitos oceanos, viram muitas terras e gentes. Conheceram os perigos dos mares bravios, viram toda sorte de fenômenos, animais estranhos e gigantescos. Certa vez foram acompanhados, quase uma semana, por um bando de golfinhos que pulavam em torno do seu minúsculo veleiro e brincavam com o jovem casal. Paravam pouco tempo em cada lugar. Não perguntavam pela ALDEIA ENCANTADA, porque não queriam arriscar o sonho de seu coração com pessoas que não queriam compreendê-los.

Assim, já haviam percorrido muitos lugares e sua alegria já estava se acabando. Passavam o dia cuidando dos afazeres da viagem, mas já não conversavam muito. Havia em seu semblante um pressentimento de que estavam chegando ao término da jornada e isso os deixava com um misto de tristeza e

sobriedade.

Um dia avistaram uma terra na qual se destacava uma montanha muito alta. Em torno do pico da montanha as nuvens faziam anéis e do seu cume saía uma fumaça branca.

Sentiram o coração bater mais apressado e rumaram para a terra, com a segurança de quem sabia o que estava fazendo. Além da praia de areias alvíssimas, via-se uma luxuriante vegetação e, bem no fundo, na encosta da montanha, mais alto que o nível do mar, uma cidade!

Pelas estradas que atravessavam a vegetação, vinham caminhando os habitantes da Aldeia que há muito haviam visto o barco chegando.

A recepção foi alegre e o jovem casal sentia-se à vontade, como se estivessem sendo esperados. A língua que aquele povo falava era muito estranha, não se comparava com nenhuma das línguas conhecidas. Mas o interessante é que não havia dificuldade para eles se entenderem! O jovem casal se instalou numa modesta casinha e desembarcou todo seu material de pesquisa. Sabiam agora que aquela era a ALDEIA ENCANTADA! Haviam chegado ao seu destino.

Como eram cientistas eles faziam muitas perguntas aos moradores, mas eles pareciam saber muito pouco a respeito de si mesmos. Tudo que eles procuravam saber recebiam como resposta, que quem poderia informar era o Velho Sábio que morava numa colina acima da ALDEIA.

Chegou o dia em que eles decidiram procurar o Velho Sábio. Não foi fácil chegar até ele. Os moradores pareciam ter ciúme ou medo dele, e só a custo conseguiram o guia que os levaria até lá. O guia também estava com medo, e vacilou muito levando-os por muitas horas, por caminhos diversos do que pretendiam.

Eles começaram a se cansar, e já estavam para desistir quando depararam com uma linda casinha e ouviram a voz do Velho Sábio!

Estacaram medrosos e surpresos. Na porta estava um velho portentoso, de ombros largos e feições bondosas. Usava uma barba branca que combinava com seus alvos cabelos, formando uma moldura suave para seu rosto bom.

“– OH, MEUS JOVENS CIENTISTAS! Exclamou ele com voz forte. Sejam bem vindos à ALDEIA ENCANTADA! Vamos, entrem”.

Diante da figura imponente do Velho Sábio, o jovem casal sentiu-se pequeno e amedrontado, a ponto de gaguejar. Agarradinhos um ao outro, foram entrando na modesta sala, ao mesmo tempo que balbuciavam:

– Viemos de longe em busca desta ALDEIA e gostaríamos de saber sobre

ela. Disseram-nos que o senhor nos diria tudo o que sabe. Ao mesmo tempo gostaríamos de fazer o que pudéssemos. Sentimos que, também, temos alguma coisa a fazer aqui.

É verdade, disse o Velho Sábio, estou pronto a dizer tudo que somos aqui. E passou a contar a eles a triste história da ALDEIA ENCANTADA.

Eu fui um grande pirata, muito temido, e aqui cheguei há muitos anos. Somados esses anos, com os que eu tinha, eu hoje já tenho duzentos anos de idade. Aqui cheguei no auge de minhas forças e, com meus homens eu causei uma grande destruição. Aqui vivia um povo humilde e amoroso. As ruas tinham lindas árvores e caramanchões de flores. Todas as casas tinham jardins que eram cultivados com carinho pelos Aldeões. Do alto daquele morro descia uma torrente de água, formando uma linda cascata. Nas noites de luar, os habitantes vinham assistir à Dança dos Encantados que se realizava na praça central. Essa dança era um contato com a Força da Lua e, através dessa energia, os Encantados vinham saudar o povo da ALDEIA.

Às vezes – continuou o Velho Sábio – eu ficava muito triste pensando nas coisas mal feitas que fizera antes de conhecer esta Aldeia...

– Como? Interrompeu o jovem cientista.

– Então o senhor já fez muitas maldades?

– Sim! – Respondeu o antigo pirata – Já fiz muita destruição, principalmente aqui, quando cheguei com intenções de esconder o meu tesouro.

– Tesouro? Então o senhor tinha um tesouro, era um homem rico?

Sim e não, foi a enigmática resposta. Como o meu jovem deve saber, piratas matavam para roubar e acumulavam o fruto de seus roubos em peças de ouro, jóias e pequenos objetos. Armazenavam tudo em pequenas arcas e procuravam um lugar ermo onde as enterravam. Assim, eu vim parar nessa ALDEIA ENCANTADA. Ancorei o meu navio na enseada e o povo veio me receber todo feliz. Eu, porém, reagi com truculência e meus homens, encharcados de rum, atacaram a todos com ferocidade. O povo, então, aterrorizado, fugiu para as montanhas e procurou proteção no Velho Pajé...

Velho Pajé? Quem era ele?

Logo vocês ficarão sabendo. Respondeu pensativo o antigo pirata. Quando eu soube que o povo estava se refugiando junto ao Velho Pajé, eu estava com meus homens aproveitando a ausência dos habitantes e saqueando a ALDEIA. Destruí muita coisa e, com isso, as flores murcharam, os jardins ficaram espezinhadados e a cascata parou de correr.

– Então, o que o senhor fez?

– Fui atrás do Velho Pajé.

– Mas o que foi que o motivou a se arriscar? Afinal, o senhor tinha a ALDEIA nas mãos e não sabia o que iria encontrar lá em cima.

– Ninguém me motivou coisa alguma. Fui por conta própria. Meus homens eram supersticiosos e não se sentiam encorajados a subir. Fui e tive a maior das minhas surpresas.

– Naturalmente o senhor conseguiu vence-lo, não foi?

– Não, meu jovem! Ao contrário do que pensava, o meu encontro com o Pajé foi a maior experiência da minha vida. De fato eu cheguei junto a ele com toda a minha ferocidade de pirata.

Porém, ao defrontar-me com o seu olhar profundo, expressão que nunca tinha visto em toda a minha vida, nos sete mares da Terra, eu me derreti como se fosse gelatina.

De longe gritei para meus homens que trouxessem a arca do tesouro e a coloquei aos pés dele dizendo:

Tome, esse tesouro é seu.

Ele, porém, continuou a me olhar como se nada tivesse ouvido. Senti que estava passando por uma espécie de hipnose que me transformava por dentro. De repente, olhei para o tesouro que havia sido depositado nos pés do Pajé e percebi que ele perdera todo valor para mim. Minha ganância habitual desapareceu como desapareceram muitas coisas da minha mente, muita coisa ruim. Era como se tirassem dela todo o mal que existia.

– Você disse da sua mente. E do seu coração? Não desapareceu o mal?

– Não! Respondeu o Velho Pirata. Não existe mal no coração. A sua estrutura, a formação do coração, do sentimento, vem de Deus e é puro. É a nossa mente que nos desperta para o mal ou para o bem. Todos trazemos no coração o bem que é a Essência Divina. Somos semelhantes a Deus, somos bons. A mente é que polui, deturpa.

Foi horrível – Continuou ele – Meus homens haviam aberto a arca e as jóias que compunham meu tesouro brilhavam e faiscavam a luz do sol. Entretanto, ninguém parecia ligar a menor importância, nem os Aldeões, nem meus homens, e nem mesmo eu. Permanecíamos como que absorvidos na força do olhar do Pajé. Então, eu comecei a me sentir mesquinho, pequeno e ridículo. Eu havia apanhado um punhado de pedras preciosas com a idéia de atrair o olhar

do Pajé. Porém, na medida em que o silêncio se prolongava, as pedras iam caindo por entre os meus dedos, e eu me sentia abobalhado, sem saber bem o que estava acontecendo. Ninguém proferia uma palavra e somente a personalidade do Pajé dominava o cenário.

Por fim, o próprio Pajé quebrou o encanto.

– Salve Deus, meu filho – Disse ele.

Entre e sente-se. E eu obedeci automaticamente, sentando-me num banquinho no interior da cabana. Entrei numa espécie de transe e, quando dei por mim, eu senti que estava me transportando. Vi, então, que o Pajé abria uma porta que dava para uma espécie de planície que ia até o horizonte.

– Olhe. – Disse ele – Olhe para o seu passado!

Vi, então, inúmeras cenas de meus assaltos, de meus roubos, e vi também as pessoas que havia despojado de seus bens. Muitos ainda se lamentavam pela falta das coisas preciosas que eu havia roubado. Senti, então, uma enorme tristeza ao ver a prova viva dos meus crimes.

Quando voltei a mim, o Pajé continuava de pé me olhando. Perguntei: – E agora, meu bom Pajé? Que devo fazer de minha vida?

– A primeira coisa é esperar que toda essa gente que você prejudicou pare de vibrar em você.

– Mas, porque tenho que esperar?

– Porque você só irá recuperar a paz de seu coração quando essas pessoas se desligarem, quando se recuperarem dos males que lhes fez.

– Meu Deus! Exclamei. E eu, que destruí também grande parte da ALDEIA!

– É verdade – Continuou o Pajé – Se você quer, realmente, a sua verdadeira paz, terá que permanecer aqui como um prisioneiro, até que tudo se equilibre. Ficando aqui e procedendo direitinho, sua sorte mudará e, então, tudo ficará bem outra vez. Se você tiver sorte, virão cientistas de outro Plano e repararão alguns males que você fez. Veja, por exemplo, aquela cascata que já não corre mais. Só os cientistas do além saberão recuperar o seu mecanismo.

Diante daquela perspectiva, minha alma se rebelou e eu disse:

– E, se porventura, eu me recusar a permanecer aqui como prisioneiro?

– Ora, disse o Pajé, você é livre e pode ficar ou ir. Use o seu livre arbítrio.

Eu, então, respondi que queria apenas a minha paz.

Ele, então, me disse: – Esta ALDEIA é encantada e, mesmo que você tentasse, não conseguiria sair daqui. Os Gênios Encantados não deixariam. As pessoas só saem daqui, quando estão felizes e equilibradas. No fundo, é a sua própria consciência que não o deixaria sair.

– Oh, meu Deus! Gritei com a alma dolorida.

– Quer dizer que o senhor apelou a Deus? Interpelou um dos jovens cientistas.

– Não, eu não apelei a Deus. Eu dei esse grito ao pensar no sofrimento daquelas pessoas a quem eu fizera mal.

– Mas, isso é grande! Gritou o jovem casal de cientistas.

Queremos conhecer esse Pajé tão bom!

Pois não, respondeu o Velho Pirata. Vamos até lá. Mas, teremos que ir imediatamente. Tenho um pressentimento que sua Missão nessa ALDEIA está se acabando!

Puseram-se a caminho da montanha do Pequeno Pajé e ficaram maravilhados. Ele era cheio de rosas e flores variadas. De quando em vez, deparavam com pequenos índios que lhes apontavam suas flechas. Ao reconhecerem o Velho Pirata, eles abaixavam seus arcos e os deixavam passar. Os cientistas não puderam sopitar a sua curiosidade, e perguntaram ao Velho Pirata de onde haviam vindo aqueles Indiozinhos.

Eles são a guarda do Pequeno Pajé. Eles são encantados.

Os cientistas, então, tiveram uma inspiração e disseram:

– Salve Deus! Sejam bem vindos à Tenda do Pequeno Pajé!

Os cientistas notaram a consideração que eles dispensavam ao Velho Pirata, e guardaram as suas perguntas para serem feitas oportunamente.

O encontro dos dois Sábios e o jovem casal foi maravilhoso. O Pequeno Pajé saudou os cientistas dizendo palavras amáveis.

Em seguida, revelou muitos segredos científicos de sua tribo, inclusive alguns que ainda eram mistérios, até mesmo para os mais antigos do Clã. Dentre eles, os cientistas ficaram sabendo porque a cascata parara e, como ele, o Pequeno Pajé tivera que ficar até que aparecesse alguém que a fizesse jorrar de

novo.

Agora é a sua vez! Disse ele aos cientistas.

E eles responderam: – Se tudo que você nos ensinou é verdadeiro, nós faremos isso agora mesmo.

– Sim – disse o Pajé – Tudo é verdade e lhes afirmo neste instante:

– Se suas mentes forem limpas, sem qualquer fanatismo, pelo bem ou pelo mal. Se souberem amar cientificamente e distinguir a pequena Estrela. Disseram a uma só voz, os três. E comentaram entre si: quando as chamas crescem, queimam a mais.

– Sim, disse o Pequeno Pajé. Aquela fogueira representa o homem e a Estrela é seu coração.

Quando o homem odeia, ele queima o amor e as chamas se acentuam, ferindo sua própria estrela, seu próprio coração.

Nesta Aldeia vocês encontrarão alívio para todos os males. Neste Velho Pirata vocês encontrarão a Sabedoria acumulada nos seus 200 anos de vida.

A Aldeia Encantada estava silenciosa, quando, de repente se ouviu o barulho da água caindo de novo na cascata. O povo pulou de alegria, mas, logo voltou a ficar quieto quando o Pequeno Pajé veio para se despedir de todos. Sua missão ali estava cumprida. À chegada do Velho Sábio sentiu que toda aquela gente o amava, que a cascata corria de novo e que, apenas ele se distanciara de todos, pois passara para outro Plano!

O Pequeno Pajé, então, tomou um ar solene e, na presença de todo o povo da Aldeia Encantada passou os seus poderes ao antigo Pirata, hoje o Velho Sábio, para que governasse em seu lugar, pois, a partir daquele momento, ele partiria para outras missões em outros mundos.

Pai Nosso das Criancinhas

Pai nosso que estais nos céus
Na glória da criação;
Ouve esta humilde oração
Dos pequenos lábios meus.

Santificado Senhor,
Seja o teu nome divino
Em minha alma de menino
Que confia em teu amor.

Venha a nós o teu reinado,
De paz e misericórdia
Espalha a luz e a concórdia
Sobre o mundo atormentado.

Que a tua bondade assim,
Que não hesita e não erra,
Seja feita em toda a Terra,
Em todo o céu sem fim.

Irmãos de toda a Terra,
Amai-vos uns aos outros.

Irmãos de toda a Terra,
Amai-vos uns aos outros.

Irmãos de toda a Terra,
Amai-vos uns aos outros.

Hino do Pequeno Pajé A Aldeia Encantada

Somos aves em busca de luz
De Jesus queremos saber
Dos nossos titios Jaguares
O Evangelho vamos aprender.

E quando soubermos tudo direitinho
A vida sorri, tudo é facinho.

O Mestre Tumuchy nos prometeu
Da Aldeia Encantada
O Mapa fazer
E quando soubermos tudo direitinho
A vida sorri, tudo é facinho.

Marcharemos em busca do tesouro
Da Aldeia Encantada do Velho Pajé
Da ira, da dor, do Sábio Pirata
Duzentos anos de castigo ficou.

E quando soubermos tudo direitinho

A vida sorri, tudo é facinho.

Tia Noemi e Tio Carlinhos
Os nossos queridos titios com amor
Salve Deus Tio Assis, Salve Deus!
O Pequeno Pajé se formou.

E quando soubermos tudo direitinho
A vida sorri, tudo é facinho.

Pelo Espírito do General. Médiun – Tia Neiva.
Vale do Amanhecer, 17 de novembro de 1975.

7ª Aula de Desenvolvimento

Preâmbulo

Caro leitor:

Pai João de Enoque, um grande Mestre Planetário que humildemente se apresenta na roupagem de um Preto Velho, costuma dizer no Templo do Amanhecer: “Meus filhos, não adianta somente dar peixes às pessoas, é preciso ensina-las a pescar...”.

Com isso ele quer dizer que não basta curar e tirar as pessoas de suas angústias, mas, que é preciso dar-lhes algo mais, alguma coisa que lhes sirva de guia nas suas resoluções, é preciso dar-lhes uma Doutrina para lhes servir de amparo nas horas amargas, quando têm que tomar alguma decisão.

Essa é a finalidade destes folhetos periódicos, de dar às pessoas uma idéia da vida fora do Plano Físico, do que acontece com a gente depois que desencarnamos, e com isso tomarmos mais cuidado com nossa conduta.

Nossa vida depois da morte depende da maneira como nós vivemos antes da morte...

Nesta história de Marcondes isso fica bem demonstrado. Na Aula proferida pela Clarividente Neiva aos Médiuns do Templo do Amanhecer, houve a oportunidade de se acompanhar a vida desse homem e sua família, desde uma encarnação no século XIX, até que morreu de novo no século XX. De permeio graças à Clarividência de Tia Neiva, pode-se ter uma visão da vida no Plano Etérico, nos estágios evolutivos da caminhada para Deus.

O que mais fica evidente nesta história, é a diferença de pontos de vista da mesma pessoa no Corpo Físico e no Corpo Etérico. Esse drama pode ser percebido por cada um de nós em nossas próprias vidas a cada momento.

Não há dúvida caro leitor, todos nós temos vidas simultâneas e o desafio do momento, de cada um, é de como conciliar dois pontos de vista opostos que se contrariam – lutando no mesmo campo consciencial em nosso íntimo, no lugar onde nosso Eu escolhe os elementos para suas decisões.

O Editor.

UM HOMEM DE DOIS MUNDOS

A Casa Grande repousava após mais um dia de agitada atividade.

Em torno dela, no lusco-fusco da madrugada ouvia-se apenas os apitos monótonos dos guardas noturnos, os passos de algum retardatário e o ruidoso roncar dos carros que passavam no asfalto a dois quarteirões de distância. O quase silêncio, a disposição das ruas e casas, faziam pensar que se tratava de uma pequena cidade do interior. Na verdade a Casa Grande era localizada no coração da cidade mais moderna do Mundo, na cidade de Taguatinga, em Brasília.

Esse contraste, entre um sistema de habitação relativamente pobre, a maioria das casas feitas de madeira, as ruas laterais sem asfalto ou esgoto, era também peculiar da Casa Grande.

Oficialmente ela era apenas a residência de Tia Neiva e o orfanato chamado de “Lar das Crianças de Matildes”. Ali viviam cerca de cem pessoas, entre crianças e adultos na maior simplicidade, mas, ao mesmo tempo, era a sede, o coração da Doutrina Crística praticada com a maior autenticidade.

O Templo do Amanhecer ficava a três quadras de distância, mas seu papel de abrigo aos angustiados, era exercido realmente quando Tia Neiva estava presente. Naqueles dois pontos de Taguatinga a pequena multidão diária ia e vinha e a pergunta era sempre a mesma: – TIA NEIVA ESTÁ NO TEMPLO? Ou então: – TIA NEIVA ESTÁ EM CASA?

Deitada e com os olhos fechados Tia Neiva parecia dormir. Na verdade sua mente ágil trabalhava incessantemente. Um a um ela ia repassando os assuntos mais próximos do dia que findara. Pensava na dispensa que teria que ser reabastecida ainda para o almoço; naquele menino sem documentos que precisava trabalhar; no internamento daquela mulher cheia de filhos que precisava de hospital (É, – pensava ela – O JEITO É FICAR COM OS MENINOS – MAS ONDE COLOCA-LOS?); no Senador que estava aflito com seu filho viciado; na moça que a procurara logo cedo dizendo que estava grávida e que seu pai a mataria se soubesse; no homem cujo barraco pegar fogo e não tinha onde se abrigar com a família; na televisão dos meninos que precisava de conserto...

E assim, desde a hora que deitara seu pensamento não parara um minuto. Vez ou outra um Espírito desencarnado entrava no circuito e ela o doutrinava pacientemente.

Assim era a vida da Clarividente Neiva. Sempre consciente nos dois Planos, na Vida Física e no Mundo Etérico Invisível, ela cuidava de tudo e de

todos sem interrupção.

Na medida em que a noite avançava e os íons solares diminuía sua bombardeio da superfície da Terra, o Mundo Invisível ia se tornando mais movimentado. O Mundo das Sombras tomava conta da vida nesta parte do Planeta. Os Espíritos, libertos do magnetismo físico através do sono, percorriam sonambúlicos os arredores. Alguns subiam claros e leves enquanto outros se arrastavam com dificuldade, próximos aos leitos onde seus corpos repousavam. Uns brigavam e outros se abraçavam alegremente. Esse é o curioso mecanismo da vida na Terra que nos relaciona uns com os outros, à revelia de nossas posições sociais, idades e situações econômicas.

Próximo às quatro horas da madrugada, Neiva sentiu a presença de Mãe Tildes e saiu do corpo, penetrando instantaneamente na outra dimensão.

De imediato sua mente saiu da tensão física e ela se despreocupou. Assim acontecia todas as noites, todas as madrugadas. Enquanto repassava os problemas através do mecanismo psicológico sua ansiedade era grande. Logo que saía do corpo ela se despreocupava e entregava sua Missão nas mãos dos Mentores Espirituais. A partir desse momento, ela assumia com docilidade o papel de Clarividente a serviço do Pai, e sabia que iriam começar a surgir as soluções. O Mundo para ela, visto de dentro ou de fora do corpo, embora o mesmo, se apresentava muito diferente.

E assim, após sorridente troca de cumprimentos, Mãe Tildes e Neiva saíram em direção ao “Trabalho”, o mundo cabalístico onde seriam solucionados os problemas dos que buscavam a Corrente em busca de auxílio. Tantas vezes esse fato se repete que para Neiva tudo é natural. Ela caminha sem preocupações ou noção de tempo, embora saiba por onde está andando. Ela sabe como funcionam as coisas e quais os assuntos programados para aquela jornada.

Mas o Comando está nas mãos dos seus Mentores e ela aproveita para o relaxamento mental indispensável. Enquanto isso seu corpo entra em repouso completo. As etapas do caminho são demarcadas pela variação na luz e na iluminação, mas a jornada segue controlada pelas vibrações de Capela.

Logo em seguida elas se encontraram com Amanto, o Capelino responsável pelas jornadas de Neiva nos Mundos Etéricos. Depois dos cumprimentos de costume, o trio prosseguiu na Missão daquela noite.

Chegaram à Torre de Marselha, um conjunto arquitetônico situado no limiar do Canal Vermelho (1), já nosso conhecido pelas aulas anteriores de Tia Neiva. Nessa Torre existem uns dispositivos habitacionais que podem ser comparados com as residências da Terra. Na aparência essas “casas” são divididas como na Terra. Mas na verdade elas são separadas umas das outras por campos de força. Um habitante de campo vibratório diferente não penetra, a não ser que o morador o permita.

Passaram diante de uma dessas casas e nesse momento Neiva se deu conta de que esse era um dos objetivos dessa viagem. A casa pertencia ao Dr. Marcondes com sua família. Tão pronto pararam, Neiva o avistou caminhando para eles com um largo sorriso nos lábios, demonstrando tê-la reconhecido. Neiva permaneceu no limiar um pouco indecisa. Ela conhecia a lei que rege essa parte do Mundo Etérico, e sabia que sua entrada dependeria dos donos da casa. Isso não acontece por cortesia ou educação, mas sim por uma questão de Individualidade Cármica. Cada Espírito, ou grupos de Espíritos “habita” sua dimensão e tem seus privilégios.

Por isso ela ficou um pouco surpresa quando a esposa de Marcondes, uma senhora de uns quarenta anos mandou que eles entrassem. Entraram os três, mas para a família de Marcondes, haviam entrado apenas Mãe Tildes e Neiva... Mãe Tildes era visível para eles por estar na Aura de Neiva, o que, por razões técnicas, não estava acontecendo com Amanto, que era visto apenas por Neiva e Mãe Tildes.

Passados os momentos de surpresa inicial, nos quais as exclamações de Marcondes eram ponteadas de “óhs...”, “Oh, Tia Neiva!, Oh, Mãe Tildes!, que bom vê-las aqui, quanto me pedi a Deus por isso!”. Marcondes visivelmente emocionado começou a falar, mas logo foi interrompido pela esposa. Sua voz traduzia alguma ansiedade e era palpável sua preocupação em dizer tudo de uma vez.

– Já estou cansada de manda-lo embora Tia Neiva (disse ela), mas parece que ele está vacilando muito!

– Eu sei disso minha senhora (interrompeu Neiva), sou Clarividente e sei o que está se passando com vocês pois ainda vivo na Terra.

Mãe Tildes voltou-se para Neiva e perguntou: – Ela sabe, fia?

Neiva acenou com a cabeça afirmativamente e enquanto a senhora fazia menção de continuar falando, Marcondes exclamou em voz alta:

– Oh, minha doce Mãe Tildes! A senhora que já é uma Serva de Deus, tenha misericórdia de mim, alivie o meu sofrimento na Terra, ajude a acabar com isso de vez, aproveite que minha matéria já está cancerosa!

– Pobre Marcondes (respondeu Mãe Tildes) isso não depende de mim, mas sim do seu carma. Volte para seu suplício porque você ainda não terminou a sua pena!

Voltou-se então para a esposa de Marcondes e continuou:

– Ora por ele minha filha, apenas mais algum tempo e ele estará com você, tenha paciência.

Marcondes então despediu-se da mulher e das visitantes e partiu para a Terra, sob os olhares consternados das três mulheres.

Logo em seguida a simpática senhora convidou-as a se instalarem melhor, ela mesma se revestindo de um ar de tranqüilidade.

– Pois é Tia Neiva (começou ela), nós viemos do Engenho Velho lá da Bahia. Mãe Tildes nos conhece bem, pois fomos vizinhas naquela feliz encarnação.

Mãe Tildes acenou para Neiva como a confirmar o que a senhora acabara de dizer e ela continuou:

– Nesse tempo Marcondes era dono de um Engenho e recebemos em nosso lar dezesseis filhos, todos espirituais!

– Ah, como foi maravilhoso! Imagine Tia Neiva, que todos eles haviam sido em encarnações anteriores tremendos vikings!.

– Oh meu Deus, como eles eram caprichosos e sanguinários.

– Mas a feliz oportunidade, dessa encarnação junto a Marcondes em nosso lar cheio de amor, tornou possível transformar aqueles terríveis vikings nos atuais Cavaleiros de Oxosse.

– A propósito (perguntou Neiva), onde estão eles agora?

– Como Cavaleiros de Oxosse eles agora estão integrados na nova organização de São Sebastião. Dos meus dezesseis filhos, cinco eram mulheres e elas agora estão integradas em outras Falanges, junto às suas Almas Gêmeas. Esta Mansão porém continua sendo o lar delas, o nosso lar.

– Mas porquê (perguntou Neiva), o Sr. Marcondes continua na Terra e tão desnorteado?

Não (disse ela), ele não está desnorteado, ele está na Terra porque pediu a Deus por isso.

Ele mesmo pediu a Deus para reencarnar?

– Sim Tia, ele mesmo pediu. Depois da encarnação do Engenho Velho, quando já estávamos reunidos aqui nesta Mansão, embora feliz por estar com sua própria família, ele não estava em paz.

– Mas, o que é que o afligia?

– Certos erros cometidos durante a encarnação do Engenho Velho.

A senhora sabe, não é Tia? Na Terra as nossas preocupações com a gente mesmo fazem com que esqueçamos dos outros, dos nossos cobradores que também vieram para se reajustar e precisam de nós, de nossa riqueza. Foi o que aconteceu com a gente.

Quando partimos para a encarnação do Engenho Velho todos haviam nos avisado que tínhamos pedido muito. Nossas dívidas eram muitas e as cobranças seriam grandes, pedíramos demais.

De fato, assim foi, mas graças ao nosso amor conseguimos tudo que vocês estão vendo.

– Mas (perguntou Neiva), se tudo saiu tão bem, porque o Sr. Marcondes teve que voltar à Terra, teve que reencarnar?

– Porque quando ele se encontrou aqui, com o Espírito livre das amarras da Terra, ele viu tudo que havia feito, mas também viu tudo que não havia feito!

– Ele então pediu para voltar, e Deus através dos seus Ministros concedeu-lhe essa prova, ou melhor, essa missão que está cumprindo.

– Sim (disse Neiva), mas afinal o que foi que ele deixou de fazer?

– Marcondes no Engenho Velho era inclemente com os menos afortunados da sociedade. Ele pisava naqueles que julgava estarem errados, ele sempre se arvorava em juiz do povoado!

Oh meu Deus, ainda está vivo em minha memória o caso daquela viúva cheia de filhos! A maioria deles havia descambado para o vício e o roubo. Um dia uma de suas filhas foi espancada pelo marido, devido a um roubo que ela havia cometido e o caso se tornou público. Marcondes ficou furioso e puniu a pobre mulher com violência excessiva. E a partir daí passou a perseguir aqueles Espíritos desatinados com uma ira implacável. Como sofreu aquela viúva!

Depois de nosso desencarne quando nos instalamos em nossa Mansão, Marcondes soube que eles também haviam desencarnado, mas que já tinham reencarnado para reajustar-se dos desatinos que haviam feito no Engenho Velho.

Inquieto pelo que havia feito a eles nessa encarnação, ele pediu para reencarnar também. De acordo com seu Plano de Trabalho, ele acabou por se tornar o marido da antiga viúva, que por sinal era novamente viúva quando

Marcondes a encontrou. Por outra incrível “coincidência” ela já era mãe de alguns filhos, e ao casar-se novamente com Marcondes, teve outros filhos com ele e completou dezesseis filhos, o mesmo número que tinha no Engenho Velho!

Para o Quadro ficar mais completo, dentre os filhos gerados por Marcondes estava aquele Espírito que no Engenho Velho fora a ladra espancada por ele. Quando eles conheceram a senhora Tia Neiva, essa moça era casada com o mesmo Espírito que no Engenho Velho fora seu marido...

Enquanto a simpática matrona falava, Neiva de repente desandou a rir para ela mesma. Mãe Tildes olhou para ela com ar de censura pela atitude insólita e ela, dominando o riso explicou: – Pois é Mãe Tildes, desde o dia que conheci essa família ela nunca mais me deu sossego. Imagine Mãe Tildes, que a primeira vez que fui procurada por Marcondes, foi justamente porque seu genro havia dado uma surra na mulher, na sua filha, e o motivo foi de um roubo cometido, aparentemente por ela! Desta vez porém, Marcondes agiu de forma bem diferente daquela do Engenho Velho. Com toda paciência conseguiu reconciliar o casal e tudo acabou em boa paz. Por sinal que atualmente esse casal é MEDIUM no Templo do Amanhecer. A mesma atitude ele teve com os outros filhos e todos estão bem encaminhados. Já faz cinco anos que acompanho essa família! Apesar disso, dessa atitude correta de Marcondes, dona Judith nunca lhe deu sossego. Ela era um desses Espíritos que nós, na nossa linguagem simples do Vale do Amanhecer, costumamos chamar de “Espírito sem procedência”.

Nisso Neiva percebeu que a visita estava chegando ao fim, que a missão deles naquela Mansão estava terminada para essa jornada. A mulher com olhos que imploravam disse: – Tia Neiva, enquanto Marcondes viver, essa mulher irá cobra-lo sem piedade. Ajude-o Tia, sei que no Plano Físico a senhora tem muito poder e pode fazer muita coisa!...

– Oh meu Deus! (exclamou Neiva), me dê muita força, me sinto tão doente...

– Não minha irmã, não desanime, Jesus e Pai Seta Branca precisam muito da senhora (disse ela com ar compungido).

– Salve Deus (disseram Mãe Tildes e Neiva) e partiram junto com o invisível Amanto.

Os três passaram pela Torre de Marselha e viram que estavam chegando inúmeros Espíritos recém desencarnados. Um grupo de Mensageiros se preparava para socorrer os flagelados de uma grande enchente que estava havendo num dos Estados do Brasil. Isso fez com que Neiva se lembrasse de suas obrigações Missionárias, e ela se apressou no caminho de sua Cabala (3). Nesse Santuário ela iria manipular as Forças Desobsessivas, e ajudar no recartilhamento dos complicados carmas terrenos.

Neiva despertou com a voz de Gertrudes que a chamava. – Madrinha, madrinha (dizia ela) acorde! Tem uma moça esperando pela senhora aí na sala, uma filha do Sr. Marcondes que veio busca-la, ele está passando muito mal!

Neiva entrou no Plano Físico, conservando na memória o quadro vivo que presenciara naquela Mansão dos Marcondes. A Casa Grande estava no seu habitual burburinho. Crianças brincavam ruidosamente no pátio, pessoas insistiam em falar com Neiva, Gertrudes reclamava de Neiva a TV dos meninos, o Farol do Dia (4) avisava que havia poucos Médiuns para o Retiro e, a filha de Marcondes passeava impaciente de um lado para outro à espera de Neiva.

Assim mesmo, sem se desligar do Quadro vivido na madrugada, ela foi até o Hospital São Vicente onde Marcondes estava internado. O táxi deixou-a na porta do hospital, e a filha de Marcondes levou-a para o quarto do doente.

Neiva olhou para aquele homem, que poucas horas antes falara com ela com tanta firmeza, quando ainda no Plano Etérico, e buscou em seus olhos alguma centelha que lembrasse o fato. Nada! Ele não se lembrava de coisa alguma. A cobrança cármica se processava com perfeição!

Deitado na cama alta do hospital, seu rosto revelava os sulcos profundos da dor implacável do câncer. Os olhos febris procuravam os de Neiva num pedido mudo de piedade.

– Tia Neiva, Tia Neiva (murmurou ele com voz dolorida) não me deixe morrer, por favor Tia, ajude-me, ajude-me!

Neiva sentiu seu coração apertar. O elegante Marcondes de algumas horas antes na Torre de Marcelha, que com tanta firmeza pedira a Mãe Tildes para desencarnar logo, para acabar com seu sofrimento na Terra, pedia-lhe agora para não deixa-lo morrer!

Nisso entrou pela porta a dentro dona Judith, a esposa térrea e cobradora do antigo Engenho Velho. Tão pronto ela deparou com Neiva, foi logo dizendo: – A senhora tá vendo Tia Neiva? Ele está aqui de teimoso e de pirraça! O pior é que vai acabar morrendo e me deixando sem dinheiro, cheia de filhos e sem nada no que me agarrar.

Marcondes levantou a cabeça sem poder sopitar um gemido de dor, e com ar resignado disse: – Oh benzinho! Não é assim como você está falando, isso que eu tenho não é um simples resfriado, há muito tempo que eu tenho estes caroços no pescoço e não sei como isso foi acontecer comigo!

Dona Judith voltou-se para ele com ar irado e retorquiu: Como não sabe? E as pescarias e as cachaças em que você se meteu? Foi nelas que você pegou essa porcaria toda! Só depois que nós conhecemos essa santa mulher, que você tomou um pouco de vergonha. Agora veja a miséria em que você nos meteu!

Nesse momento entrou um médico de serviço. Usava barbas compridas que lhe davam um ar maduro e no pescoço trazia o estetoscópio. Ele olhou para a cena desagradável com ar de quem já está habituado a isso, e seus olhos fitaram Neiva por cima dos óculos, com um misto de respeito e curiosidade.

Neiva aproveitou a oportunidade e acenou para ele do canto onde se achava. Ele atendeu gentilmente e Neiva discretamente, sem que os outros ouvissem, perguntou sobre Marcondes. Câncer! Foi a lacônica resposta que ela recebeu. Diante do olhar sério de Neiva, ele suavizou um pouco a expressão e perguntou: A senhora é parente dele?

– Não! (disse ela) Sou apenas uma amiga do casal, meu nome é Neiva.

– Ah sim, a senhora é Tia Neiva. A senhora tem um orfanato aqui perto, não é?

Neiva confirmou com a cabeça e agradeceu a ele. Dona Judith continuava a vociferar e o ambiente do quarto do doente era o pior possível. Marcondes voltara a encostar a cabeça no travesseiro e cerrara os olhos com ar de submissão. Neiva não podendo mais suportar aquela cena, despediu-se discretamente e voltou para a Casa Grande.

Gertrudes guardara um prato de comida para ela, mas Neiva quase não comeu. Logo começou a atender a ruma de consulentes que naquele dia era maior que de costume, mas não conseguia se tranqüilizar. Ela sabia que Marcondes estava prestes a morrer, mas o quadro continuava o mesmo: Dona Judith não parava de praguejar e as dores do paciente aumentavam horripelantemente.

E assim a situação continuou ainda alguns dias, até que fossem libertados todos os obsessores que compunham aquele Quadro triste. Neiva não voltou ao hospital, mas não parou de fazer trabalhos para ajudar aqueles Espíritos em reajuste. Marcondes não voltou à Mansão Etérica, enquanto não se libertou com a morte.

Passaram-se alguns meses depois da morte de Marcondes, um dia Neiva recebeu surpresa, a visita de Dona Judith!

Ela parecia mais moça e tinha um ar sorridente. Apresentou à Neiva um senhor de uns 60 anos com quem havia se casado alguns dias atrás. Neiva então se lembrou que a idade dela já beirava pelos 65 anos e sorriu polidamente. Tomaram um cafezinho que Gertrudes serviu, e Neiva não pode deixar de notar que Dona Judith havia se transformado na mulher mais feliz e bondosa do mundo...

Os anos foram passando e Neiva continuou sua Missão Crística.

Em 1969 a Ordem se mudou para o Vale do Amanhecer e com Neiva seguiu a ruma de crianças, moças e velhos que compunham a Casa Grande.

O Vale cresceu, a Doutrina do Amanhecer evoluiu, o mundo deu mais umas voltas no sidério e a vida continuou.

Nesse domingo, depois de uma Aula na qual Neiva aproveitara a história de Marcondes para ilustrar o problema dos reajustes, ela sentou no Castelo das Devas para o “Emplacamento” de Médiuns. Esse trabalho que Neiva faz quase todos os domingos, representa o esteio da autenticidade do Vale do Amanhecer. Os Médiuns vão sendo desenvolvidos pelos Instrutores e quando já estão em condições de atender o público, são “classificados” ou “emplacados” por Neiva.

O Médiun senta-se ao lado dela e atrás dela fica um Doutrinador. É feita a chamada do Mentor e Neiva pela sua Clarividência, se entende com o Mentor do Médiun. Escreve então o seu nome num Cartão que o Médiun usa a partir desse dia. Esse Cartão é autenticado com a conhecida assinatura de “Tia Neiva”.

A jovem Médiun sentou-se, o Doutrinador fez a chamada e Neiva, surpresa, deparou com a figura de Marcondes! Ela o reconheceu imediatamente e perguntou o que ele estava fazendo ali, tão longe de sua Mansão Etérica.

Ele sorriu e apontou para uma Preta Velha que estava ao seu lado, que também sorriu. Neiva então reconheceu aquela Preta Velha, a linda senhora da Mansão, a esposa espiritual de Marcondes!

Sem parar de falar no Plano Físico com as pessoas que a cercavam, Neiva estabeleceu um diálogo com o casal. Eles então explicaram que tinham vindo para falar com ela, pois haviam pedido a Deus a oportunidade de trabalhar na Terra, no Vale do Amanhecer, desenvolvendo Médiuns.

– É verdade Tia (disse Marcondes), que nós não temos muito para dar, pois ainda não temos graças para isso, mas nos sentimos felizes em poder pelo menos ajudar a abrir as incorporações dos Aparás. Graças a Deus nossos filhos também estão aqui. Salve Deus, Tia Neiva!

Neiva ficou comovida, mas atenta na sua Clarividência, viu que a jovem Médiun que ela iria classificar naquele momento, era um Espírito que na Encarnação do Engenho Velho fora filha da viúva que Marcondes tanto perseguira. Só que essa Médiun era uma das filhas de Dona Judith, do seu primeiro casamento, concebida antes que Marcondes aparecesse em sua vida!

Com carinho,
A Mãe em Cristo.

Tia Neiva

Notas do Texto

- (1) **O Canal Vermelho é uma Casa Transitória** para readaptação de Espíritos portadores de idéias e superstições em torno da reencarnação. Ele é caracterizado pelo fato específico de que os Médiuns, durante seu sono na Terra, podem trabalhar no Canal Vermelho, levando consigo o Fluído Magnético Animal de sua Mediunidade.
- (2) **Vikings** eram antigos guerreiros navegadores, que fizeram expedições de conquistas entre os anos 800 e 1100 no norte da atual Inglaterra e toda a região circunvizinha. Eles eram considerados ferozes guerreiros, usavam cabelos compridos e barbas longas, geralmente eram ruivos avermelhados. Seus barcos tinham esculpidas nas proas cabeças de dragões, e suas legendárias figuras são sempre vinculadas a heroísmos e guerras.
- (3) **Cabala** – Palavra Hebraica que designa aspectos secretos de uma Doutrina. Para a Doutrina do Amanhecer a Cabala é o ponto no Plano Etérico onde são manipuladas as energias da regência da Clarividente Neiva. Por isso ela se refere sempre a “minha Cabala”.
- (4) **Farol do Dia** é o Doutrinador responsável pelo Retiro daquele dia no Templo do Amanhecer.

Salve Deus!

1ª Aula de Iniciação
**MEUS PRIMEIROS PASSOS
NO CANAL VERMELHO**

1 – A Adúltera

Salve Deus!

O dia começava a clarear na Terra e a Clarividente apressava sua volta ao corpo, após longo tempo de permanência nos Planos Invisíveis. Fizera mil coisas, estivera em muitos lugares e recebera valiosas lições. Em seu coração e sua mente pulsavam as inúmeras preocupações relacionadas com sua missão na Terra. No momento pensava no retorno ao corpo que dormia a tempo de retomar as tarefas do dia a dia.

Habituada às caminhadas fora do corpo, mal percebia as fantásticas nuances de tempo e espaço; às vezes andava, outras levitava e se transportava em frações de segundo. Tempo e espaço, Entidades de Luz, Espíritos Sofredores, tantos enredos; às vezes sentindo-se tão grande e às vezes tão pequena...

Pensou que estava na Terra, mas estranhou o ambiente. As árvores eram simétricas, as ruas e casas pareciam feitas de plástico e o ambiente variado. Pessoas se movimentavam, mas tudo parecia irreal, nas cores, na iluminação e nos movimentos. Percebeu então que não era notada e sentiu certo alívio. Sua mente ágil se reajustava à nova situação, concentrou-se por um breve instante e logo sentiu a emanção de Amanto, cuja presença a colocou de imediato em estado receptivo. Amanto era o velho amigo de Capela, o Guia de tantas viagens, um dos Mestres mais constantes a mantê-la atualizada em sua luta doutrinária. Despertou sua atenção uma longa fila de pessoas que se movia lentamente e cuja frente se perdia na distância. Ia interrogar Amanto a respeito quando ouviu gritos de uma mulher que clamava algo em voz alta. Pelas palavras proferidas, Tia Neiva entendeu que ela se referia ao marido e que este estava para chegar. Chegar aonde?

- Ao Canal Vermelho, Neiva.

- Canal Vermelho?

- Sim Neiva, o Canal Vermelho! Onde você e eu nos achamos neste momento.

- Mas onde estou? Na Terra?

- Sim, na Terra, na sua camada etérea, no invisível do Planeta; no Mundo dos Espíritos desencarnados que ainda não têm condições de chegarem às Estrelas ou ao Planeta Mãe.

- E essa fila, para onde vai?

- Vai para o embarque. São Espíritos que não precisam mais permanecer aqui, que já se conscientizaram de sua condição de Espíritos Desencarnados; completaram seus reajustes, e vão agora para as Casas de Recuperação, de Refazimento.

- Mas esses Espíritos não têm Evolução?

- Não muita. Na verdade eles vêm aqui apenas para completar o seu tempo e receber alguma disciplina.

- É lindo este lugar (exclamou Tia), olhe que casas bonitas! E aquelas árvores? Aquilo que estou vendo pendurado nelas; o que é aquilo?

- São Placas Doutrinárias, uma espécie de sinalização. Poderíamos talvez compara-las com aquelas advertências de trânsito das estradas da Terra, embora não sejam realmente isso.

A Clarividente teve sua atenção novamente despertada pelos gritos da mulher que recrudesciam. Pelo que pode deduzir das palavras, ela maldizia a Deus por permitir que o marido viesse para o Canal Vermelho, em vez de ser enviado ao “Inferno”.

- Mas Amanto, que coisa esquisita! Como é possível isso?

- Sim Neiva, isso é perfeitamente possível aqui, pois é o melhor lugar para esses acontecimentos, aliás, ele foi criado para isso. Não esqueça que o Espírito só se acalma quando se vinga. Essa mulher foi assassinada pelo marido que a pegou em flagrante com outro homem. Como você bem sabe, isso na Terra é um ultraje, uma ofensa grave. Naturalmente ela se sentia justificada no que fazia. E a morte brusca a deixou sedenta de vingança. Daí a sua presença aqui no Canal Vermelho, onde as paixões ainda vibram, mas tendem a se extinguir.

- Mas porque aqui e não em uma Casa Transitória, num Hospital do Espaço? Não é para isso que foram feitas as Casas Transitórias?

- Aqui também é uma Casa Transitória Neiva, só que em condições técnicas especiais. Este Canal tem comunicação direta com o Plano Físico, o que permite a transferência do Ectoplasma Humano, diretamente por seus portadores. Com esse Fluido os reajustes podem se completar em condições muito semelhantes aos da Terra Física.

- Você disse “diretamente”, como explica isso?

- Simples Neiva, os Médiuns ativos quando vão dormir, se transportam para cá e trazem com eles a preciosa Energia Mediúnica. Na verdade eles vêm para o Canal quando na Terra é noite, e continuam aqui as tarefas que iniciaram durante o dia.

- Bem Amanto, você sabe que eu posso entender perfeitamente, mas isso tem que ser explicado para nossos Médiuns e eu gostaria de mais detalhes, você sabe, não? Afinal você é o professor e eu sou o “burrão”.

- Não Neiva, você não é o burrão como você diz, acho que você é mais um “burrinho” de Francisco de Assis... Mas deixemos isso de lado e vamos exemplificar (continuou Amanto).

- O tempo do presente Ciclo da Terra está quase terminando e com isso todas as atividades estão sendo aceleradas. Milhões de Espíritos ainda têm que completar seus reajustes e a tarefa dos Mentores Espirituais é imensa. Não existem na Terra trabalhos de passagem o suficiente para dar conta de tanto Espírito; a doutrinação é incompleta, o Ectoplasma não dá e o tempo dos trabalhos é curto demais. Por isso os Engenheiros Siderais construíram Canais como esse, particularmente, este Canal se comunica diretamente com o Templo do Amanhecer. Quando o Doutrinador faz uma Entrega e o Espírito ainda não está pronto para Mayanty, ele vem diretamente para um dos Departamentos do Canal. Na primeira oportunidade, que pode ser na mesma noite ou algum tempo depois, o Doutrinador vem completar sua Doutrina. Ele como Encarnado, tem a capacidade de trazer consigo seu ectoplasma. Devido à semelhança de ambiente, o Espírito ainda se sente na Terra e é mais susceptível de receber a Doutrina. É por isso que o Templo do Amanhecer trabalha 24 horas por dia, como vocês dizem.

- Quer dizer que o Canal é uma extensão da Terra?

- Num certo sentido sim, embora tudo aqui seja matéria etérica de outra natureza, outra dimensão. Mas da forma que na Terra Física, as Energias que suprem o Canal são oriundas do Sol e da Lua.

Amanto calou e Tia percebeu nisso um sinal de que era hora de voltar para seu corpo. Olhou mais uma vez o cenário e sentiu-se tocada pela beleza do lugar. Mais uma vez ouviu a mulher que continuava a gritar e pensou consigo:

- Meu Deus, não é justo que um assassino seja colocado num lugar tão bonito, num ambiente tão espiritual...

Naturalmente a mulher tinha consciência do lugar em que se encontrava, e também achava injusto que seu próprio algoz fosse levado para lá.

Imediatamente lembrou-se da “Lei do Não Julgamento”, reequilibrou o pensamento procurando olhar o assunto por outro ângulo.

A mulher também havia provocado aquela situação, esquecendo-se de seus compromissos conjugais, provocando o marido a esse extremo.

- É (pensou), no fundo os dois são culpados.

- Será que Tia acordou?

A frase cotidiana de suas manhãs lembrou-a que já estava em casa...

2 – Mestre Jacó

Salve Deus!

Na Terra era ainda madrugada, mas no Canal Vermelho as luzes se sucediam produzindo climas tristes e alegres conforme as nuances. A Clarividente sempre se extasiava com esse jogo de luzes que presenciava, também em outros lugares do Etérico. O fenômeno produzido pela luz solar tinha alguma semelhança com as luzes que se projetavam nos palcos dos teatros...

Amanto chegou e depois de cumprimentar Tia afetuosamente, foi logo dizendo:

- Venha, vou lhe mostrar as coisas que precisa saber a respeito do Canal Vermelho. Vi como você ficou impressionada com aquele caso do homem.

- Realmente fiquei um tanto confusa (respondeu Neiva).

- Aqui vivem Espíritos em trânsito, pessoas que não completaram seus programas na Terra.

Enquanto ele falava, a Clarividente aperfeiçoava a noção de que as coisas ali pareciam com as da Terra. As árvores, porém são todas simétricas e a relva fazia pensar naquela grama de nylon que se usa em certos estádios. No meio da relva apareciam algumas flores amarelas semelhantes às margaridas. Em meio ao verde azulado apareciam as casas, verdadeiras mansões cujo colorido era estranho...

- Não se enleve muito Neiva, seja natural e objetiva.

A observação de Amanto quase a encabulou, porém acostumada como estava com esse tipo de disciplina, agradeceu e seguiram.

Aproximaram-se de um prédio maior em cuja fachada havia um grande letreiro. Suas luzes apagavam e acendiam como nos luminosos da Terra e nele se lia: “Credo Universal”. Como Amanto não a convidou para entrar, Tia com facilidade projetou sua visão no interior e logo percebeu o que ali se passava. Acostumada, porém, com a didática de Amanto, ficou na expectativa. Não demorou muito e notou que se formava uma fila na entrada, mas, que as pessoas permaneciam como que indecisas. Para seu espanto o letreiro mudara como por encanto e se lia claramente a palavra “Umbanda”.

- São Umbandistas? E porque não entram?

- Sim! São Médiuns recém chegados da Terra, Médiuns Umbandistas que cometeram faltas contra as Leis da Umbanda.

- Faltas? Que espécie de faltas?

- Comerciarão, negociaram sua Mediunidade e com isso deturparam essa Doutrina tão bela que é a Umbanda.

- Agora, o que vai lhes acontecer?

- Agora vão sofrer um pouco; vão se conscientizar até que cheguem seus cobradores para os reajustes.

- Reajustes? Como?

- Com as pessoas que lhes deram dinheiro e com os Exús com quem trabalharam. Como você sabe Neiva, os Exús são um pouco produto da ganância dos seres humanos. As invocações e chamadas só fazem aumentar suas forças. O Médiun que os invoca lhes dá oportunidade de se afirmarem nas suas metas e isso nada tem a ver com a Umbanda...

Enquanto Amanto falava, a Clarividente prestava atenção na intensa atividade de Espíritos que iam e vinham, nos seus afazeres e missões. Subitamente tudo mudou, as cores ambientais, a atitude das pessoas, a paisagem; formou-se um ar de mistério e hostilidade palpável. Tia teve medo e perguntou:

- Amanto, qual é a minha finalidade aqui?

- Em todo lugar que você estiver Neiva, é sempre para emitir, para proporcionar.

Ela não entendeu e ficou na mesma, enquanto Amanto prosseguia:

- Acabam de se libertar de Pedra Branca três Espíritos e esse é o motivo pelo qual eu a trouxe aqui hoje. Veja, lá vêm eles!

Das três figuras que se aproximavam da Mansão, dois homens e uma mulher, destacava-se a figura de um homem amorenado, aparentando 50 anos e de semblante triste. Ele caminhava com ar inseguro, olhando de um lado para o outro como se estivesse coagido.

- Esse homem (disse Amanto), foi um grande dirigente umbandista, e toda essa mudança de ambiente que você percebeu se deve a sua presença aqui.

Fazendo eco às palavras de Amanto, ouvia-se o clamor de muitas vozes que aclamavam o recém chegado com entusiasmo, contrastando com o ambiente sombrio.

- E esses que estão com ele, o homem e a mulher, morreram junto com ele?

- Não! O casal já desencarnou há algum tempo, ao passo que “Mestre” Jacó fez sua passagem há apenas oito dias.

De repente a mulher percebeu a situação e saiu correndo, e Tia Neiva assustada gritou:

- Amanto! Olhe, acho que não há condições aqui para ela!

- De fato Neiva, a situação dela é bastante difícil. Ela enganou Mestre Jacó, explorou demais a sua boa vontade, fazia-se de vítima e traçava o retrato do marido à sua maneira. Mestre Jacó deixou-se enganar e, apesar de suas boas intenções, acabou procedendo desonestamente. Essa atitude de uma falsa justiça provoca débitos cármicos e a vingança se torna imperativa.

Tia então perguntou como seria resolvido aquele drama e Amanto lhe respondeu que cada um teria o que merece.

- A Justiça de Deus é feita (prosseguiu Amanto), mas, é cobrada por Missão, esclarecendo e evoluindo ao mesmo tempo.

- Como se passou esse drama na Terra?

- A mulher, Tânia Maria, procurou Mestre Jacó e pediu que punisse seu marido José. O romance que ela contou fez com que Jacó se compadecesse dela. Na verdade, Tânia e José estavam em plena fase de reajustes cármicos. As Entidades Cobradoras ali estavam, também em plena atividade cármica. Jacó invocou os Exús e os Cobradores fizeram o resto. Se ele não abrisse o campo de trabalho, se não servisse de instrumento, o reajuste se faria dentro da normalidade cármica. Agora sou eu que lhe pergunto Neiva, o que você faria num caso desses?

- Faria como sempre faço. Esses casos são muitos e eu como

Clarividente tenho muita cautela, procurando entender o problema de um e de outro; eu analiso o fato com Mãe Calaça e fecho os ouvidos aos lamentos ou queixas. Depois de receber as ordens de Calaça eu procuro ajudar a parte mais obsediada, melhorando suas vibrações. Pai Seta Branca sempre diz que o homem quando é feliz ele é bom. Eu então procuro proporcionar algo bom ao injustiçado, ou melhor, ao que se diz injustiçado. Evito sempre uma posição emocional, pois o meu juramento a Jesus não permite isso. Trabalho buscando o equilíbrio da mente com o coração e nesses casos prevalece a mente.

- A intenção de Mestre Jacó (continuou a Clarividente) foi de ajudar, e foi muito boa. Mas ele sentia as pessoas pelo coração, deixando-se impressionar pelo que ouvia e isso é perigoso. Até mesmo o maior assassino, zombador das leis, se considera um injustiçado, e além disso é perigoso julgar, quando se está no meio de tão terríveis complexidades. Antes de tudo a gente deve ver a nossa imensa responsabilidade.

- É verdade Neiva, sua evolução está sendo cada vez maior.

- Sabe de uma coisa Amanto? Às vezes tenho vontade de passar um fecho na minha boca...

- Aí você pagaria por preguiça e egoísmo; continue como está que vai muito bem.

Salve Deus!

3 – O Suicida

Salve Deus!

Pai Seta Branca, o Mentor da Doutrina do Amanhecer, sempre adverte os Médiuns que não devem julgar e, muito menos tentar analisar os nossos irmãos quando cometem erros...

A Clarividente Neiva teve a oportunidade de comprovar a mesquinhez do julgamento humano, nesta passagem real da vida, de um homem que se suicidara, chamado Lúcio.

O caso começou num dia de consultas no Templo.

Depois de longa espera e vencidas as dificuldades habituais para chegar até a Clarividente, apresentou-se um grupo familiar composto de uma senhora de uns 65 anos, sua nora e um casal de netos de 18 e 16 anos aproximadamente. A anciã apresentava um aspecto sofrido, às vezes soluçando descontrolada. A mãe e os filhos olhavam em torno pouco à vontade, no ambiente humilde e movimentado.

A senhora menos idosa tomou a iniciativa de explicar os motivos da consulta.

- Tia Neiva, viemos até aqui para a senhora nos ajudar, desde que meu marido se matou que temos sofrido muito, principalmente minha sogra que não

se conforma.

- É Tia (interrompeu a velha senhora), não me conformo com o suicídio de Lúcio. Me sinto culpada e me dói saber que ele não tem salvação.

- Também não me conformo (atalhou a viúva), eu e Lúcio vivíamos tão bem, criávamos nossos filhos e nosso lar era respeitado. Dediquei toda a minha vida a ele e aos nossos filhos. Eu não merecia isso que aconteceu! O Lúcio deveria ter tido mais consideração conosco, principalmente comigo!

Diante daquela revolta e desabafo, Tia Neiva penalizou-se dela e olhou para Calaça pedindo instruções. Pela expressão da Profetiza Tia percebeu que a história não era bem aquela; havia qualquer coisa errada, ela não era tão inocente assim.

- Eu também tenho sofrido muito (disse o rapaz), meu pai sempre teve muito amor por nós, mas afinal acabou demonstrando que não gostava tanto da gente. Minha avó pensa que ele agora irá penar muito no inferno, eu não acredito nisso e sei que Deus não irá deixar. Ele era bacana mesmo e me compreendia melhor que os outros. Eu vivia brigando com a minha mãe e ele sempre me repreendia por isso, dizia que o filho que não respeita a mãe nunca se realiza. Ele era bacana mesmo, não sei como foi tão fraco.

O rapaz calou-se e a velha senhora continuava soluçando. Tia procurou consola-la e explicando que eram restos de carmas e que logo eles estariam bem.

- Como Tia Neiva? (sua voz tinha um tom de reprimenda), a senhora não entende que ele se suicidou? Que deu um tiro na cabeça? Só Deus saberá onde anda meu filho, meu pobre Lúcio! Um homem tão culto! Ele quis ser médico e acabou tendo a mesma profissão do pai, que Deus o tenha em bom lugar. Era um homem bom, morreu do coração; foi um golpe, porém não tão grande quanto este. Depois eu me casei com outro, que por sinal não sabemos onde está por causa do infeliz Lúcio. Meu filho também esteve separado de mim e só voltou para casa quando meu segundo marido me deixou.

- Foi por causa de seu filho que o seu segundo marido a deixou? (perguntou Tia).

- Não sei, sei que ele queria se apoderar da herança deixada pelo meu marido. Lúcio, meu filho, sempre falava no assunto e acabou ficando decepcionado comigo. Vivia repetindo que o filho não deve pensar nos defeitos da mãe; me beijava e ria, mas creio que tudo era só da boca pra fora.

Tia Neiva ouviu paciente até o fim aquele mundo de queixas e rancores. Depois chamou Tiago, o Mestre que era responsável pelo Trabalho de Tronos Vermelhos, recomendou que fizesse um Trabalho Especial para aquela família desarvorada. Enquanto isso ficou atenta para ver se Lúcio aparecia, porém ele não veio.

Nessa mesma noite Tia encontrou-se com ele no Canal Vermelho. Eunóbio, o Coordenador das atividades dos Médiuns do Vale no Canal, veio ao seu encontro e em pouco tempo foi apresentada a Lúcio.

- Estive com sua família, sua mãe, sua esposa e seus filhos.

- Sim? Meus filhos! Tenho um casal, Márcia e Lucinho. Que pensa de mim Lucinho? A senhora sabe a meu respeito?

- Sei Lúcio, como sei também o que o levou ao suicídio...

- E a senhora (atalhou Lúcio) falou com Lucinho? A pergunta refletia seu desespero, sua angústia.

- Não Lúcio, não falei com ele na Terra. Eu tenho um Juramento que me obriga a respeitar os sentimentos dos outros, e eu seria incapaz de denunciar alguém.

- Pois é Tia, fui suicida e no entanto aqui ninguém me condenou. E foi aqui Tia, que eu aprendi a respeitar os outros. E minha mãe?

- Sua mãe Lúcio, sofre a maior dor!

- Meu Deus! (gemeu Lúcio).

- Lúcio, sua mãe optou pelo homem que amava; foi quando você a deixou pela primeira vez, embora devesse ter optado pelo filho...

- Sim Tia, foi horrível o que aconteceu aquele dia. Meu padrasto me esbofeteou na frente dela e disse que um de nós dois tinha que sair daquela casa. E minha mãe virou-se para mim e disse: Meu filho, vou leva-lo para a casa de sua avó, a mãe do seu falecido pai. A decepção foi tão grande Tia, que nunca mais me recuperei, apesar de todo o carinho que minha avó me dedicou. Minha mãe não me quis, preferiu estar ao lado do homem que gostava.

- Eu sei como é isso meu filho, mas no fundo aí é que estão os enredos cármicos de vidas anteriores. Só o reajuste e o amor podem reequilibrar o homem que passa por traumas como esse.

- E minha mulher, como está ela?

- Ela está bem.

- Sabe Tia, desde aquele dia em que entrei na casa de Marcelo, que era meu melhor amigo, ouvi a voz de Edna no interior da casa... Ali que meu drama começou. Marcelo muito nervoso veio ao meu encontro e eu perguntei de quem

era aquela voz. Ele gaguejou, mas disfarçou dizendo que eu não ouvira voz alguma. Que não havia ninguém. Desci do apartamento cheio de suspeitas e fiquei escondido em frente. Vi então quando ela desceu e saiu apressada. A partir daí tudo o que acontece com um homem traído pela esposa, aconteceu comigo. Fiz uma viagem tentando por a cabeça no lugar, mas de nada adiantou. Tentei me enganar colocando em dúvida o que havia visto, mas isso também não resolveu. Edna e Marcelo continuaram tranquilamente a me trair. Chegou um ponto em que eu não agüentava mais a situação. Decidi mata-los, mas só de pensar no que poderia acontecer com Lucinho e Márcia. Senti medo, decepcionar o menino com a própria mãe? Lembrei-me de meu próprio sofrimento em relação a minha mãe. A partir daí achei melhor matar-me, assim pelo menos não ficariam sabendo da traição da mãe. E então suicidei-me.

- Se tudo está bem com meus filhos (retomou Lúcio a palavra após breve instante em silêncio), eu espero aqui o que Deus quiser. Só não quis que particularmente meu filho não passasse pelo que eu passei. Deus há de compreender minha dificuldade, e tenho certeza que um dia ele me perdoará.

- É verdade (pensou Tia Neiva consigo), Lucinho e Márcia estavam bem, vivendo suas vidas sem complexos e amando a mãe mais ainda.

Nisso soou uma campainha e Lúcio avisou que tinha que partir.

- Está vendo para onde irei?

- Você vai para o outro lado desse Canal.

Lúcio partiu e a Clarividente soube que ele iria se preparar para uma nova reencarnação. Pela Lei, ele teria que redimir na carne o erro de sua autodestruição. Soube ainda, que viria portador de uma forte disritmia e sua mãe seria a mesma, porque o primeiro trauma foi proporcionado ao rejeita-lo...

O desequilíbrio de uma mãe desajusta uma família.

Salve Deus!

Com carinho,

A Mãe em Cristo.

Tia Neiva.

2ª Aula de Iniciação

O PRESIDÁRIO CONSELHEIRO

Certa vez ouvi uma voz que chamava por meu nome. Ao me voltar deparei-me com um senhor de mais ou menos 45 anos de idade, com uma aparência de Espírito Evoluído que me disse:

Tia Neiva, eu quero lhe contar a minha história para que sirva de exemplo, aos Espíritos que têm como lema a violência, acreditando que somente a vingança lava seus corações.

Acercando-se de mim continuou:

Era um daqueles muitos domingos que passamos na Terra, eu e minha esposa. Eu era muito amigo dos meus sogros e convivíamos juntos muito bem. Um de nossos vizinhos era muito chegado a nós, embora não tivesse uma reputação muito boa naquela cidade. E naquele domingo fatídico, quando alegremente almoçávamos todos reunidos, dois homens invadiram violentamente minha casa e seguraram-me pelos braços como se todo o ódio do mundo os dominasse. E sem saber do que se tratava, me senti ultrajado e reagi com toda a brutalidade, tentando me defender daqueles desconhecidos. Cego pela raiva, quando dei conta de mim um dos agressores tinha fugido e o outro estava caído morto por mim. Também jazia morto o meu vizinho José, abatido por aquele invasor que fugira.

Meu sogro mandou que eu corresse para fugir ao flagrante, enquanto ele chamava a polícia.

Eu era muito ingênuo para defender-me e decidi ficar esperando pela polícia, na certeza de que tudo seria esclarecido. Não conhecia nenhum dos agressores e não entendia aquilo. As únicas testemunhas da minha inocência, de que eu agira para me defender e proteger a minha família eram meus sogros e minha esposa.

Como eu tinha o hábito de beber, ninguém teve coragem de testemunhar em meu favor. Também como eu, ninguém sabia o que levaria aqueles homens a invadirem o meu lar com tanta violência e me atacarem com tanto ódio.

Nas ruas o comentário era de que eu matara o pai de uma moça que eu havia desonrado. Por isso aquele ódio todo. Só que na realidade, estavam me imputando a culpa de um crime que eu não cometera, e sim... o meu vizinho. Um terrível engano...

Oh, Tia Neiva! Deves imaginar o que sofri. Preso, sem amparo e a família da vítima pensando somente em vingança, passando a me perseguir. Um dia, um irmão daquele homem que morrera por minhas mãos – que eu reconheci como um dos que haviam me atacado e fora o assassino de José – foi ser carcereiro no Presídio em que eu estava e passou a fazer comigo os maiores absurdos.

Cansado de tanta barbaridade, certo dia fui chamado para depor junto àquele Delegado que me prendera e me decidi por pedir a ele que me livrasse daquele horror que vinha passando. Para minha surpresa ele se mostrou muito receptivo e me disse com convicção:

– Se tu me ajudares, eu te ajudarei. Desonrastes a filha de Acácio e quando ele te foi cobrar tu o mataste. Porém, ainda não ficou esclarecido quem matou José, o teu vizinho. Foste tu? Dizei-me... Bem poderias me dizer toda a verdade.

– Vou contar – comecei eu, mas, vi naquele instante o meu carcereiro que entrava e me olhava com ódio. Sim, aquele era o assassino de José. Então lembrei-me dos pais da moça que eu nem conhecia; lembrei-me da minha pequena Nice que eu deixara com apenas 3 anos de idade... Minha cabeça parecia girar, mergulhada em pensamentos estranhos.

Tia Neiva, olhando no rosto daquele guarda, que tanto mal me fazia maltratando-me e me espancando, fixei meus olhos nos seus olhos, que pareciam fulgir de tanto ódio e falei firme para o Delegado:

– Sim Doutor, fui eu quem matou aqueles dois homens. Porém, acredite, não conheço a moça e tampouco sabia a razão daquele ataque. E continuei relatando tudo o que se passara.

Enquanto eu fazia o relato, assumindo toda a culpa pelas duas mortes, pude ver que o ódio de meu carcereiro se abrandava. E o Delegado acreditou em tudo que falei. Eu tremia de medo, pois agora aquele homem sabia que eu o havia reconhecido. Pensei que já que assumira toda a culpa, ele poderia piorar o tratamento que me dispensava, vingando-se da morte do irmão e da desgraça da sobrinha.

O Delegado que tinha estado a nos observar perguntou:

– Tens alguma coisa contra ele?

– Não senhor Delegado, nem o conheço.

– Ele é irmão de tua vítima – afirmou o Delegado.

– Meu Deus! (gritei) Agora entendo tudo melhor...

Sai dali pensando no que havia feito. Não dissera ao Delegado que fora o guarda o autor do crime. Não entendia bem porque me acovardara, mas achei que tinha sido melhor assim.

Certo dia fui novamente chamado à presença do Delegado. Notei a presença em seu gabinete de uma jovem loura, que pensei fosse sua filha. Ele me disse que eu já tinha direito a uma folga e poderia sair, e ficou conversando mais algumas coisas comigo. Por fim perguntou à mocinha se ela me conhecia. Ela respondeu sorrindo com naturalidade que nunca me vira. E eu também disse que não a conhecia. O Delegado ficou pensativo e me mandou sair.

Sair... para onde? O desastre daquela situação havia sido completo: eu preso; minha esposa que não acreditara em meus protestos de inocência, fora embora junto com toda a família para outro Estado, e nem sequer sabia seu endereço. Mesmo que soubesse, como iria encara-los se não acreditavam em mim?

O desespero tomou conta de mim e sentei-me, chorando convulsivamente. Depois de algum tempo consegui me acalmar, mas sentia que a revolta estava tomando conta de todo o meu ser.

Já se haviam passado dois longos anos. Quanta coisa tinha acontecido... Neste período somente meu sogro apareceu, poucas vezes, mas permanecia calado, sem forças para me falar. A sua visita até me fazia mal, pois eu sabia que ele escondia de mim seus sentimentos. Ele também não acreditava em mim. Condenava-me e sentia revolta pelas faltas que acreditava ter eu cometido. E isso tudo produzia uma grande revolta em mim. Quando ele ia embora deixava-me mergulhado no desespero. Oh, meu Deus! Um momento, um simples momento de ira causara a destruição de duas famílias...

Numa noite, após um dia que recebera a visita de meu sogro, só consegui dormir depois de muitas horas lutando contra a revolta que teimava em me dominar. Dormi profundamente e sonhei... Sonhei que era um grande Senhor de Engenho e José (o meu vizinho), era um irmão muito querido, que assumia a responsabilidade por todas as loucuras que eu cometia. Mais do que irmão, era um amigo que eu tinha. Nicácio, a minha vítima e seu irmão, meu carcereiro – eram nossos vizinhos, mas nós os maltratamos muito. Eles eram honestos e muito mais trabalhadores do que nós. Como resultado disso, suas propriedades eram bem maiores e melhores que as nossas. Mas, eles eram perversos com os escravos que viviam tristes em razão dos maus tratos que recebiam.

Ainda sonhando, caminhava pelos campos quando encontrei uma linda moça – aquela jovem que eu vira na delegacia – e nos falamos. Era filha de Nicácio e sentimos uma forte atração um pelo outro. Estávamos apaixonados e embora contra a vontade de Nicácio, acabamos nos casando e tomei todas as propriedades do meu sogro. Para isso, após algumas desavenças, havia matado o irmão de Nicácio – meu carcereiro – e com tantos infortúnios e contrariedades

Nicácio ficara louco. Assim, assumi toda aquela fortuna. Para atenuar meus crimes a única coisa que fazia era tratar bem daquela família. E meu sonho continuou Tia, até a data atual, recaindo sobre minha pessoa.

Acordei e senti alívio. Não sabia nada sobre o que continha de real aquele sonho. E quando vi meu sogro novamente, veio à minha mente aqueles personagens do sonho: ele era um homem cheio de maldade, forte, e me induzia a muitas maldades. Agora ali à minha frente, com aquele ar compungido...

Comecei a pensar no que o sonho me mostrara e passei a entender melhor o que acontecera. Certamente se tudo aquilo era verdade, se no passado havíamos cometido tantos crimes, era natural que pela Lei de Causa e Efeito, aquelas nossas vítimas houvessem voltado e fizessem suas cobranças. Essa idéia foi fazendo uma modificação em mim. Deixei de ser aquele homem revoltado, triste, e passei a me relacionar melhor com os outros. Já sorria, era receptivo a confidências e fazia amigos. Enfim, um raio de sol iluminou aquele mundo, em que eu estava perdido na minha dor.

Tia Neiva, o homem não pode se queixar de Deus. onde quer que ele vá, ali encontrará honestidade e tudo quanto precisa para as suas afirmações.

Não senti mais saudades. Em cada Presidiário eu via um Senhor de Engenho, tal foi minha afirmação.

Um dia senti forte dor de cabeça e fui levado para um pequeno ambulatório. A dor era intensa e me desinteressei de tudo. A medicação que me deram para aplacar a dor fez com que eu caísse em profundo sono e então comecei a sonhar...

Oh, meu Deus! Vi alguns homens que me pareceram Sacerdotes, vestindo trajes brancos, operando minha cabeça. Realmente depois que acordei, a dor tinha passado e nunca mais voltou.

Certa vez estava eu no grande pátio do Presídio, quando notei um jovem com mais ou menos 30 anos de idade. Ele havia matado seu próprio pai e diante disso senti como todo o mundo sente, repulsa pelo rapaz. Mas alguma coisa dentro de mim venceu aquele julgamento e me acerquei dele perguntando:

– Como você está?

– Como poderia estar? – Ele começou a chorar e entre soluços continuou: Você sabe que eu sou um assassino? Matei meu próprio pai...

Respondi com firmeza, que eu não acreditava e que seu caso deveria ser mais ou menos parecido com o meu. Ele não quis saber como fora o meu caso e continuou sua narração:

– Ele vivia bêbado e batia muito em minha mãe. Um dia no auge da violência, estava a ponto de mata-la quando interferi. Ele se voltou contra mim dizendo que me odiava, e da mesma forma que matara meu pai, ia me matar. Eu me surpreendi, pois sempre o considerara como pai. Pensei que era fruto de seu estado de embriaguez e enquanto ele, trôpego, tentava me alcançar, perguntei a minha mãe se era verdade. Ela confirmou. Havia dito a ele há trinta dias, pensando que ele a abandonaria... Naquele instante de desespero, passou em minha mente toda a minha triste infância, toda nossa miséria. Minha mãe, de cabeça baixa deixara-se cair em um canto. Foi quando com todo o ímpeto de um ódio profundo aquele homem se lançou sobre mim. Sem pensar, num acesso de violência, defendi-me e lhe apliquei um golpe que foi fatal.

Abaixando a cabeça ele deu um soluço desesperador.

– Apesar de tudo (disse cabisbaixo), eu não tinha coragem de mata-lo... Porém aquilo aconteceu e sei que ninguém vai acreditar em mim.

Fiquei pensando que as coisas aconteceram com ele como haviam acontecido comigo. Senti um desânimo, mas me compadeci daquele companheiro de infortúnio e lhe disse algumas palavras de consolo. Tornamo-nos amigos pela dor. E assim, como ele muitos se chegaram a mim, sempre carregados de ódio, de revolta, mas sempre recebiam minhas palavras para aplacar o desespero que sentiam.

Nossa vida ali não tinha muitas novidades, a não ser as malvadezas de umas pessoas com outras. As suas dores, as suas paixões sempre me encontravam disposto a dar um pouco de conforto àquelas pessoas, graças a Deus!

Certa noite tive um sonho com uma casa azul, uma casa muito azul, cuja vida de seu dono era um mistério. Era riquíssimo, e só recebia visitas que aparentavam alto nível social, dizendo-se estrangeiros de diversas partes do mundo. Um verdadeiro enigma.

Meu sonho continuou e me senti penetrando naquela imensa e misteriosa casa, com a sensação de que era guiado por alguém que me falava:

– Procure agir depressa, enquanto você dispõe de tempo. Viu como é perigosa uma cabeça cheia de sonhos? Lembra-se quando este homem o convidou para trabalhar com ele?

– Sim (pensei), poderia estar bem melhor.

– Como ninguém fugirá às surpresas da noite, com as mãos desocupadas, ajude ao próximo enquanto permanecem ao seu lado. Atento às oportunidades, dentro de suas possibilidades.

– Eu ajudar esse homem? Quem sou eu e como?

Ao acordar, lembrei-me de que não soubera que espécie de trabalho ele iria me dar. Ainda deitado lembrava com toda clareza daquele sonho. “Procure agir depressa, enquanto você dispõe de tempo...” Oh, meu Deus. Sonhos, somente sonhos...

Aquela voz voltou em outro sonho: – E também só damos lições da vida, enquanto o livro das provas repousa em nossas mãos. Aprender é fácil, é uma bênção. O que não é fácil é saber emitir o ensinamento como uma bênção. Acerte as contas com seus vizinhos, enquanto a hora lhe é favorável. Amanhã, em todos os quadros podem surgir transformações. A mente do homem é imprevisível. Dê suas lições sensatamente, reconforte os desesperados... Sonhos, tudo sonhos, pensava eu sem sair da cama.

O Delegado sempre vinha conversar comigo. Nós nos afinávamos bem e eu tinha muito respeito por ele. Com carinho, ele me contava muitas coisas, boas e ruins. Um dia, ele me disse:

– O homem da casa azul foi detido. Ele era um contrabandista e continuaria com seus crimes, se não tivesse matado seu cúmplice.

– Meu Deus! – Gritei, assustando o delegado.

Então comecei a contar-lhe desde o princípio, sobre os sonhos, sem saber qual seria sua reação. E qual não foi meu espanto, quando ele me disse todo esperançoso que eu era um grande Médiun, e me convidou para participar de uma Sessão Espírita.

– Sim! (pensei) Uma saída...

No dia combinado, como ele havia determinado fomos ao Centro Espírita. Era um grande terreiro, e no salão a Mãe de Santo veio ao nosso encontro, dirigindo-se ao Delegado. Ficaram um pouco distantes de mim conversando baixinho. Por fim, me chamaram e me conduziram até um homem que estava sentado em um toquinho. Estava incorporado, pelo que pude ver, e tão logo me sentei à sua frente, ouvi ele me falar. Sim, foi com muita surpresa que ouvi aquela voz, a mesma voz que falava em meus sonhos, me dizendo:

– Nada tens a fazer aqui. Fique naquele canto e espere até que o Delegado vá embora.

– Sim! Respondi depressa no meu espanto.

O Delegado me perguntou se estava tudo bem e respondi que sim. Iria ficar apenas vendo como funcionavam os trabalhos. E assim fiz. Como era a primeira vez que estava num lugar daqueles, muito apreciava, achando tudo

bonito e complexo o que via. O Delegado foi falar com aquela Entidade que havia falado comigo e vi que ficava muito emocionado ao ouvir o que aquele homem incorporado dizia. Naquele momento não podia ouvir nada. Só muito mais tarde, depois de passados muitos anos é que ele me revelou que aquela voz lhe dissera que eu era filho espiritual dele, e que teria como missão me ajudar na dolorosa faixa cármica que eu estava atravessando, porém, sem que eu soubesse a verdade. Por isso se explicava a grande afinidade que sentíamos, desde o primeiro instante que nos encontramos em tão triste momento.

Quando voltamos, o Delegado demonstrando grande emoção e já confiando em mim, não me acompanhou até a portaria do Presídio. Para minha surpresa havia sido mudada a guarda da noite e os que ali estavam não me reconheceram, e acharam que eu estava mentindo quando lhes disse que havia saído com ordem do Delegado, em companhia dele. Nada adiantou. Maltrataram-me e me colocaram numa cela solitária, incomunicável.

Tinha esperanças de que quando chegasse o pessoal de dia o caso fosse esclarecido. Mas, então vi que aquele Carcereiro minha vítima do passado, não apagara o ódio por mim. Ele nada disse sobre minha situação e assim passei vinte e quatro horas naquela solitária, incomunicável, sem ter quem me ajudasse. O que valeu foi o Delegado ter ido à minha procura e descobrir toda a trama. Ele ficou furioso, pois sentiu que aqueles guardas, apesar de me reconhecerem tinham um inexplicável ódio por mim. Tinham prazer em me aplicar castigos e sofrimentos. Repreendeu severamente aqueles homens e me mandou para a enfermaria, a fim de me tratar de alguns ferimentos.

Cheguei ao ambulatório e me deitei para descansar um pouco, já tendo sido atendido pelo enfermeiro. Estava cansado e não sentia ódio pelos meus algozes, e sim, descrença. Uma profunda descrença de tudo, abalando até a confiança que sentia em mim mesmo. E foi nesse estado de espírito que me desprendi de meu corpo, para receber mais alguns importantes ensinamentos.

A partir desse dia, tudo mudou para mim. Passaram a me respeitar mais e olhava aqueles meus carcereiros – homens, pobres homens que só tinham ódio e maldade em seus corações – com compaixão.

Certo dia estava sentado, envolvido por meus pensamentos, contemplando minha situação – matara um homem e pagava por dois crimes – quando senti uma aproximação. Pelos arrepios de meu plexo senti que não era de boa natureza. E realmente, aproximou-se o irmão de minha vítima, meu carcereiro, que me disse baixinho:

– Você sabe que hoje completam 15 anos do seu bárbaro crime?

Minha cabeça rodou e tive pela primeira vez a sensação de que era realmente um assassino. Tremi diante daquela acusação e pedi forças a Deus para que perdesse o medo e pudesse enfrentar aquele meu cobrador. E fui ouvido,

pois falei com firmeza àquele homem que tantas torturas me fizera sofrer:

– Como se atreve a me dizer estas coisas, se você sabe tão bem quanto eu, toda a verdade? – Falei e senti como se o espírito de José estivesse falando por mim – Como pode ser tão cruel? Tão vingativo? Quando sabe a verdade sobre mim? Sua sobrinha deve ter contado a você que nunca a vira e você, com suas próprias mãos vingou-a do homem que a desonrara. E eu paguei pela responsabilidade de mais um crime, para que você ficasse em liberdade, já que eu não poderia devolver a vida de seu irmão. Não tenho ódio em meu coração, e só acho que deveria ser inocentado do crime de ter seduzido aquela pequena jovem. Meu Deus! Fui difamado sem sequer tê-la conhecido... A minha esposa não acreditou em mim e sumiu carregando minha filhinha Nice, com apenas três anos de idade. Até hoje não sei nada delas e você vem me dizer que estou a quinze anos neste cárcere...? Sim, depois que meu sogro morreu não tive mais qualquer notícia delas... Há quanto tempo? Nem sei mais. Você me inutilizou, me torturou. Pago pelo seu crime e tenho que ouvir suas calúnias? Tenho um rim deslocado, que me maltrata pelas pancadas desferidas por seus punhos covardes. Mas agora basta! Até hoje, foram os seus dias. De agora em diante, serão os meus dias.

Avancei sobre ele que, apavorado por ver minha reação, segurou o apito e tentava sacar a arma, quando o agarrei e quebrei seu braço, derrubando-o com um golpe que o fez gemer de dor.

Foi um grande tumulto e outros presos acorreram, vindo a guarda em pé de guerra, com medo que se alastrasse uma rebelião no Presídio. Subi para um degrau e ali do alto comecei a falar. E parece que chegara a minha hora, pois Deus mais cedo ou mais tarde toma o partido da inocência oprimida, e todos pararam para me ouvir. Eu falei para o meu carcereiro, que gemendo estava ali parado, amparado por outros sentinelas, e disse como se estivesse manifestado pelo Espírito da Verdade:

– Sofri, sofri suas injúrias realmente, nestes quinze anos de tolerância e de dor. Há quinze anos você me massacra nesta cela e esqueceu de que o reconheci desde o primeiro momento em que o vi. Porém, não queria que sofresse e para tentar compensar a morte de seu irmão em minhas mãos, assumi sua culpa. Você também sabia que eu nem sequer conhecia sua sobrinha. Enquanto eu me defendia do ataque de seu irmão naquele domingo fatídico, você matou meu vizinho José, o verdadeiro sedutor de sua sobrinha. E eu estou pagando pelos dois assassinatos e pela sedução da jovem. Tenho sofrido muito, mas não o denunciei até este momento. Nunca quis lhe fazer qualquer mal, embora você deva ter consciência do seu procedimento e do seu irmão naquela triste tarde na minha casa...

Ele não esboçava qualquer reação enquanto eu falava. De cabeça baixa, ele estava sob o jugo da verdade. Todos ouviam atentamente as minhas palavras quando fui interrompido pela chegada do Delegado que foi pedindo calma e me disse:

– Tenha calma João, que sei tudo a seu respeito.

E voltando-se para o meu carcereiro, que não conseguia manter-se firme, falou com aspereza:

– Quem deveria estar nesta cela era você. E ainda tem a coragem de zombar deste homem... Sim, somos todos filhos de Deus e não serei eu quem irá condenar sua conduta. Sei que cobra incessantemente perdido no ódio, esse pobre homem que em vidas passadas foi seu algoz. Porém, tudo tem o seu preço e o seu fim. A vida não é simplesmente uma cobrança. Somos filhos de Deus, somos irmãos e a finalidade da cobrança é a escalada para um mundo superior, é para nos unirmos em uma única família universal, sem peso na consciência. Quando você tiver a felicidade de conhecer os santos desígnios de Deus, aprenderá a ter amor ao próximo como Jesus Cristo nos ensinou no Santo Evangelho. Fique sabendo que na cobrança sem amor, as dores são repartidas. Todos somos imperfeitos. Como pode um homem se atrever a cobrar com torturas, seu irmão, por um crime do qual não foi ele o único culpado? Sempre soube da sua vida, mas não quis interferir para ver até onde você ia na sua inconsciência. Sempre fui de opinião que você não merecia estar aqui. Deus, o grande Deus, nos admite nesses Presídios para que o homem pare e pense no que ele passa aqui. E é o que muitos fazem lá fora aos inocentes. Pessoas que pisam em seus próprios cadáveres...

Quando percebi Tia, todos do Presídio estavam reunidos ouvindo as palavras do Delegado. Comecei a falar:

– Não quero afligir meus irmãos com detalhes de minhas torturas, e sim, lhes dizer que tudo tem o seu santo dia. Nem um só filho de Deus está perdido ou esquecido, e só assim podemos compreender Sua bondade infinita. Sim, cada um de vocês um dia compreenderá. Chorei muito em minha cela. Chorei, desesperado pensando estar esquecido até mesmo por Deus. Quantas noites me acordava sob efeito de terrível pesadelo e ao abrir os olhos me deparava com você – e apontei para o carcereiro – à beira da minha cama, com atitude de quem ia me matar. E eu? Eu nunca pedi que não o fizesse. Isso e muitas outras torturas que não direi agora, pois são por demais tristes para serem cometidas por um ser humano. São muitos os homens que se utilizam da calúnia para esconder seus crimes. Fingem e mentem tanto que chegam ao ponto de acreditar no que criaram suas próprias mentes sujas.

Fui interrompido pelo apito que nos chamava para a refeição, e aquilo quebrou nossa concentração. Todos se movimentaram e os guardas foram levando o meu carcereiro para o ambulatório.

Sentei-me ali mesmo e novamente só, senti uma sensação de alívio, como se um peso tivesse sido tirado do fundo de minha alma e chorei. Chorei copiosamente.

O Delegado mandou me chamar e quando cheguei ele me recebeu com muita alegria, me abraçando e dizendo:

– João! Cumpristes dignamente a tua pena e a tua missão. Parabéns. Agora és um homem livre.

A notícia me deixou meio tonto, e muitos presidiários e guardas vieram para se despedir de mim. Em meio a tantos abraços só sentia aquele atordoamento, e assim, sem saber exatamente os meus sentimentos, saí daquela Penitenciária onde passara aqueles quinze anos, que me pareciam uma eternidade.

O Delegado foi comigo até a rua e me abraçou comovido, desejando-me boa sorte. Quando ele me deixou, fui até um banco que havia próximo ao portão e me sentei, tentando por minha cabeça em ordem.

– Para onde irei? (pensava). Como poderei viver, trabalhar, se poucos são os que confiam num ex-presidiário? Onde posso encontrar minha Nice, minha filhinha querida? Será que ela sabe da minha existência? Agora com dezoito anos, será que ainda lembra de mim? Irá acreditar em mim?

Era uma avalanche de pensamentos que me deixava fora da realidade. Comecei sem sentir, a falar em voz alta:

– Oh, meu Deus. Sei que fui assassino pela honra do meu lar, porém, jamais desrespeitei alguém, principalmente uma mocinha.

Nem senti quando o Delegado que se chamava Wagner, se sentou ao meu lado. Só ouvi sua voz amiga que rompeu minha sintonia dizendo:

– Calma João. Calma e esperança. Deus saberá te recompensar. Com certeza está reservando um grande bem para ti.

– É Doutor, mas que será de mim agora? Sem lar, sem família, sem ninguém...

– De onde tu vieste, filho?

– É uma longa história doutor, e pode acreditar no que vou lhe contar. Eu nasci e vivi na roça, numa família unida, cuja vida era o celeiro e a lavoura. Trabalhávamos muito, mas tudo era feito na maior harmonia, e todos ali nas redondezas eram amigos. Vivíamos na mais linda harmonia. Sim, haviam muitas festas, mutirões, e formávamos um belo grupo. Certo dia fomos para uma grande quermesse, numa festa realizada em homenagem à santa padroeira do lugar. Esses acontecimentos eram sempre marcados pela alegria e todos compareciam. Fomos para aproveitar a festa e levei minha noiva Dorinha, um amor de mocinha,

filha de um vizinho nosso. Logo que chegamos já fomos comprando bilhetes da rifa, cujo prêmio maior era um lindo cavalo, e depois fomos vendo as atrações da Quermesse. Acercou-se de nós uma cigana que era membro de um grupo que há alguns dias havia acampado por ali. Pediu minha mão para ler, mas eu não queria perder tempo com essas coisas que achava tolices. Disse-lhe que não tinha dinheiro, mas ela pegou minha mão e disse apenas:

– Vais viajar para muito longe e jamais voltarás...

Dorinha ficou triste e começou a chorar. Aborrecido, falei com ela que a cigana tinha dito aquilo só porque eu não deixara ela ler minha sorte. Ficara com raiva e tratou de criar um problema. Na verdade, só Deus sabe de nossa vida e aquela cigana não sabia nada sobre o futuro dos outros.

Fomos interrompidos pelo resultado da rifa. Em meio aos gritos e risadas, foram nos avisar de que o meu número havia sido sorteado e que eu devia ir buscar o belo animal. Entre palmas, saí dali montado no lindo cavalo manga larga, levando Dorinha na garupa. Já estávamos esquecidos dos maus presságios da cigana...

Demos uma volta e apeei para melhor examinar o cavalo que havia ganho. Com surpresa, senti-me angustiado quando olhei seus cascos e verifiquei sinais de uma doença – frieira maldita – que começavam a aparecer. Estávamos acostumados com animais, pois tínhamos grandes tropas, criações e gado de várias raças, e sabia muito da vida da maioria deles. E sabia que aquele animal não tinha cura, e meu cavalo teria que ser sacrificado. Sem saber o que fazer guardei segredo, para ver como resolveria a situação sem que os outros soubessem.

Nem mesmo a Dorinha contei, mas ela notou que algo me perturbava. Disse-lhe que estava aborrecido com a cigana que a fizera chorar, e não contei o motivo de minha mágoa.

Chegamos em casa e meu pai e meus irmãos estavam me esperando, fazendo enorme algazarra pelo meu prêmio. Um irmão disse que era preciso examinar o cavalo, pois poderia ter alguma doença e iria contaminar os outros. Respondi-lhe que já vira o animal todo e ele estava muito bem. Tínhamos sempre sido leais uns com os outros. A mentira, a inveja; nenhum desses sentimentos negativos achava guarida naqueles puros corações.

Por isso já alta noite, não conseguia conciliar o sono, com a consciência doendo por ter mentido. Levantei-me e fui até as cocheiras, para ver novamente meu cavalo. Certifiquei-me de que estava mesmo condenado, pois seus sintomas haviam agravado. Então, tomei uma rápida decisão: coloquei-lhe a sela.

E deixamos aquela região no silêncio da noite. Ninguém nos viu sair. Cansado pelo movimento da festa, todos dormiam pesadamente e não encontrei

uma pessoa sequer no meu caminho.

Doutor lembro-me como se fosse hoje, daquela caminhada para o desconhecido. Cavalguei sem parar até que a fome me fez apear à frente de um restaurante da estrada, onde comi bastante, pois não sabia onde e quando iria comer novamente. Voltei à cavalgada e algo estranho aconteceu comigo, pois cai em profundo sono. Quando acordei, estava próximo a uma cidade sertaneja, inteiramente desconhecida para mim. Fiquei atônito.

Avistei um grande circo e fui entrando no acampamento puxando meu cavalo pelas rédeas. Algumas pessoas saíram das barracas e foram ao meu encontro.

– De onde vem? – perguntou alguém.

Contei-lhes de onde, mas não lhes disse que não sabia onde estava. Não sabia se podia confiar neles.

– Você quer vender seu cavalo? – Perguntou um homem, aproximando-se e começando a examinar o animal.

Fiquei com medo que descobrisse a doença do cavalo e me afastei dali. Mas, com grande espanto, quando olhamos os cascos do animal, verifiquei que não havia o menor sinal da doença fatídica. Não podia explicar o que havia acontecido, mas era apenas mais um dos fatos inexplicáveis que estavam me acontecendo.

– Não, ele é a única coisa que tenho e pretendo voltar o mais depressa possível para minha cidade – respondi.

– Se quiser voltar para sua região moço, vai ter que vender o cavalo (disse o homem). Você está muito longe de casa e este animal não ia agüentar uma viagem longa dessas...

– Longe? (mais um mistério para mim...) O senhor conhece minha região?

– Sim, de ouvir dizer. Fica a mais de oitocentos quilômetros daqui. Na verdade só conhecemos até perto do Convento.

– Convento? – Minha cabeça estava girando. O Convento fica muito longe de minha casa. Como pudera chegar tão longe, sem ter a menor noção do tempo e do espaço?

– É moço, se quiser ficar estamos precisando de alguém como você para trabalhar. Aceita?

Com a mente envolvida por tão denso mistério, decidi aceitar a oferta e comecei a trabalhar com aquela gente. Havia muito o que fazer, mas a idéia de voltar para casa estava fixa em minha cabeça, principalmente agora que meu cavalo estava em perfeitas condições. O que estariam pensando meus pais? E Dorinha? Afinal, o que aconteceu comigo? Estava sempre perdido no ciclo vicioso dos meus pensamentos.

Mas o tempo foi passando e me acostumei com aquela vida. Conheci uma moça muito agradável e nos apaixonamos. Casamos e tivemos um período muito feliz. Meus sogros eram como meus pais, e nos sentimos realizados, quando nasceu minha querida Nice. O trabalho não me dava muito tempo para sair, mas já havíamos combinado de ir até minha cidade e nos confraternizarmos com minha família, tão logo Nice estivesse um pouco mais crescida.

Passei a sonhar com essa viagem, embora não soubesse por qualquer meio o que se passara por lá em minha casa, desde que a deixara. Eram imagens do passado e ia relegando minhas lembranças a um cantinho de minha mente, agora toda voltada para o meu lar e minha querida família.

Por fim, decidimos que chegara a hora. E fizemos um almoço especial para o qual convidamos meu vizinho José. Estávamos festejando, também, cinco anos de minha chegada ali.

Porém, o destino foi mais forte que os meus planos. Estávamos almoçando quando a porta se abriu repentinamente e dois homens enfurecidos invadiram nossa casa e passaram a nos agredir. Procurei me defender, defender minha família, e a raiva me deixou cego. Também reagi com fúria e quando dei conta de mim, um dos atacantes jazia morto e o outro havia fugido. José também havia recebido um golpe fatal.

Esperei que minha família me defendesse, mas, vítima de um ciúme profundo, minha esposa acreditou que tudo havia sido motivado por ter eu seduzido a filha de um dos atacantes, exatamente aquele a quem eu havia tirado a vida... O resto o senhor sabe, doutor.

O Delegado ficou de pé e se voltando para um muro que estava próximo gritou:

- Venha Nice, venha abraçar o seu pai, pois parece que ele já vai embora outra vez...

Saindo de trás do muro, uma linda jovem se precipitou correndo e me abraçou. Eu, tonto, não sabia exatamente o que estava acontecendo. A jovem chorava e me abraçando disse:

- Oh, meu paizinho querido! Não irás mais sozinho. Para onde fores eu irei junto...

Minha emoção foi tão grande ao saber que aquela jovem era minha querida Nice, que senti minhas pernas fraquejarem. Oh, meu bom Deus! Não há como descrever minha felicidade naquele reencontro.

Sentamos novamente naquele banco e ela me envolvia o pescoço num abraço. E foi contando muitas coisas novas para mim.

– Estou noiva do filho do Delegado. Já marcamos nosso casamento para breve e logo iremos visitar meus avós, que estão à tua espera, ansiosos para te ver.

Olhei aquele rostinho lindo, os olhos brilhantes e, quase num murmúrio perguntei:

– Sua mãe, onde está?

Ela baixou a cabeça e demorou um pouco a responder:

– Morreu... Morreu de parto. Esperava um filho. Certamente um filho que não era teu...

– Oh, meu Deus. – Gritei, sentindo uma dor em meu peito.

Virei-me para o Delegado, sentindo meus olhos turvos pelas lágrimas.

– Que infelicidade, meu Deus. O senhor sabia de tudo durante todo esse tempo e não me disse nada... Por quê?

– Sim! Meu bom amigo. Não lhe disse nada, para não aumentar seu sofrimento. Quando tive certeza da sua inocência, fui procurar sua família e lhes contei tudo. Naquele dia em que o levei àquele Terreiro, a Entidade de minha confiança me recomendou que eu nada lhe contasse. Até mesmo me revelou que você é meu filho espiritual, o que me deu alegria e angústia ao mesmo tempo, pois não poderia revelar esse fato a ninguém, enquanto você estivesse no Presídio. Seria melhor para todos. E assim fiz...

Então, um carro parou perto de nós e dele desceu um jovem. Era o filho do Delegado, o noivo de minha filha. Simpático, apertou-me a mão abraçando-me e dizendo que tinha um grande prazer em me conhecer, e que estava muito feliz com minha libertação.

Fui para a casa de Wagner e me trataram com muito amor, para que me recuperasse bem, e estava ansioso para voltar à casa de meus pais. Wagner conseguira o endereço e escrevera para eles relatando o meu drama. Estavam também ansiosos para me ver.

Em poucas semanas, Nice se casou e nos preparamos para a viagem. Foi com grande alegria que chegamos àquele lugar onde eu passara meu primeiro período da vida.

Meus pais, já bem idosos, felizes e emocionados, me receberam com muito amor. Apenas meu pai me repreendeu pelo que eu havia feito: – Veja meu filho, o que acontece aos grandes Médiuns Sensitivos que fogem à sua missão...

– É, meu pai... Eu tive que ir em busca do meu carma, de meus cobradores...

Minha volta foi muito festejada. Meus pais e irmãos resolveram fazer uma reunião para me homenagear. Os amigos da família, muitos dos quais nem haviam me conhecido pessoalmente, compareceram e pude reviver aquela mesma alegria e confraternização que existia quando eu era jovem. E me reencontrei com Dorinha. Embora magoada pelo que eu lhe fizera, guardava o mesmo amor e parece que sabia que eu um dia voltaria. O tempo deixara suas marcas, mas aquele olhar meigo, ainda era o mesmo que me emocionara naquele passado tão distante... Apesar do que eu havia feito, ela não me repreendeu, não me falou dos pesadelos que tivera. Apenas me olhou e naquele momento, senti que também eu nunca pudera amar ninguém mais do que a ela.

Num curto espaço de tempo, casei-me com Dorinha. Então vivi um período de felicidade, sentindo um bem estar tão grande que por vezes sentia medo de que tudo se acabasse. Tivemos três filhos e o mais velho chamou-se Wagner, em homenagem ao meu querido amigo Delegado, o meu pai espiritual que tanto me ajudara, que se aposentara e fora viver com o jovem casal, Nice e seu filho, já formado em advocacia.

Nice também teve um filho e junto a minha família, com meus filhos e meu neto, achava-me recompensado de todos os meus sofrimentos. Meu bom Deus me havia dado em dobro por tudo que eu passara...

E assim transcorreu aquela nova etapa de minha vida, até que chegou o momento de partir, o grande dia, o dia do meu desencarne. Havia chegado ao fim de minha missão, de minha história, era o momento de partir para Deus.

Tive uma febre muito alta e fui perdendo a noção das coisas. Meu corpo ainda respirava fracamente e ouvia distante, vozes, gritos e soluços. Aos poucos tudo foi desaparecendo e segui meu destino.

Não sei bem o que aconteceu, mas me lembro que despertei em um local desconhecido, com a sensação de estar só. Não via ninguém e quando falei, somente um eco muito forte respondeu. Parecia ouvir chamados e sermões, mas me sentia em completa solidão.

Após um período que não sei determinar quanto tempo durou naquele

local, ouvi uma voz que dizia:

– Passageiros que partem para a Terra: Concentrem-se para descer.

Preparei-me para obedecer, quando uma voz me falou e jamais me esquecerei o que disse:

– João Armando da Silva. Não precisa se preocupar. Fique onde está. Logo uma equipe de médicos estará aqui e em breve você será conduzido ao verdadeiro mundo dos Espíritos. Não voltará a Terra, porque você tem Bônus e não irá ficar vagueando.

Senti-me emocionado, mas uma ligeira dor cortou-me o coração – a saudade dos que deixara na Terra. Lembrei-me das palavras de Jesus: “Deixem os mortos enterrarem os seus mortos...”.

De repente, chegou aos meus ouvidos o rumor de uma queda d’água. Sem saber como, eu estava me aproximando do som e pouco depois, surgiu diante de meus olhos uma cachoeira, num espetáculo deslumbrante de selvageria e desordem, uma branca espuma dançando entre os penhascos. Era um cenário maravilhoso.

Havia um caminho por onde fui andando, acompanhando o leito do rio, e fui penetrando na floresta, enquanto um vento estremecia as copas das árvores e as folhagens balançavam, como que descobrindo a brisa da manhã.

Fora a cachoeira, tudo era silêncio e harmonia ao meu redor, e eu respirava aquela brisa que corria em todo o meu ser. Sentia-me embevecido por tudo aquilo. Até hoje, não encontro palavras ou analogia para descrever a felicidade e a harmonia que sentia ali.

Aqui e ali aparecia a Terra manchada pela luz do sol e, ao mesmo tempo parecia ir se distanciando.

A harmonia resulta do acordo perfeito entre nossa mente e o nosso sol interior. A minha freqüência assídua às Sessões Espíritas ajudou-me muito, pois o esclarecimento me orientava por onde eu devia andar, por impulsos vindos do Perispírito, através dos Plexos correspondentes. Como sabem, somos ligados ao corpo pelo cordão fluídico, e este só se desliga com a morte. Logo após a morte, nos sentimos leves como uma pena. Por isso entendi o que se passara comigo. Tive a certeza de estar ali para sempre. Não tinha dúvidas, tinha feito o meu desencarne e por isso me sentia tão leve.

Sim, porque o Plexo Físico ou Centro Nervoso é o Plexo das aspirações das grandezas da Terra. Ele pesa e nos desarmoniza.

Eu estava agora, naquela situação magnífica que acontece ao homem,

quando ele se desloca da escravidão do seu corpo material. Sim, a vida é formada pelos movimentos alternativos de suas forças, e esta constante viração constitui a grandiosa obra da transformação universal.

Naquele bailado de luzes e na ternura daquela brisa, pedi a Deus que me despertasse do torpor que sentia. Sem noção do tempo ou de espaço, ouvi uma voz que despertou em mim, dizendo:

– João, estás chegando... Recebestes o aroma das Cachoeiras e das matas frondosas. Enchestes o teu novo Plexo de Prana do teu Espírito Evoluído. Receberás de Deus o que fizestes por merecer.

Uma súbita transformação e me vi em um grande salão, onde as pessoas subiam e desciam, parecendo todos terem vindo da Terra. Ali, um grupo de senhores estava à minha espera. Era uma família formada. Juntei-me a eles e entramos numa linda Amacê, rumando para nosso destino, uma cidade colonizada para a qual não encontro palavras capazes de descrever tão bela era ela. Para ali só vão aqueles que não têm mais qualquer reajuste a ser feito na Terra.

Comecei a recordar daquela grosseria do Presídio, de tudo pelo que havia passado. Porém, imediatamente tive consciência de que atravessara sem revolta, toda aquela missão que Deus me havia confiado. Aquele meu cobrador, que não soubera aproveitar a oportunidade oferecida pelo Divino e Amado Mestre, iria ainda penar por muito tempo, até que brotasse em seu coração a divina semente do Amor, que lhe daria libertação. Já havia pago pelos meus crimes e nada mais me restava a fazer na Terra, a não ser trabalhar na Lei do Auxílio.

Adeus, meus irmãos. Encontro-me na Mansão dos Nicipe.

Com carinho,
A Mãe em Cristo.
Vale do Amanhecer, 18 de dezembro de 1981.

Tia Neiva.

3ª Aula de Iniciação
A VOLTA DOS CIGANOS
(E o efeito das Reencarnações)

Surgiam os primeiros raios de sol, prometendo assim uma primavera festiva naquele pequeno povoado, província do Conde Rafael, jovem viúvo e herdeiro que gozava de todos os requintes da corte russa. Tudo prometia àquele belo dia de sol, todos queriam ser acariciados por ele. Foi então que despertou-me também aquela alegria. Oh meu Deus! Começo a lembrar-me como se fosse hoje; lembro-me, lembro-me sim!

Estava ali naquela pequena praça uma linda cigana, que cantava dançando em sua graça ricamente vestida. Que quadro original pensei. Chegando-me mais para perto, pude melhor observar. Alguém então conhecendo foi me explicando: é um magnífico casal de zingaros, aquele menino é também um pequeno zingaro, filho deles – percebi logo, e não sei porque cada vez mais chegava-me para perto daquele suntuoso quadro. E ali embevecida não reparei que já estava bem tarde para melhor atender as exigências de meu patrão, o Conde Rafael, pois eu era governanta do Castelo.

Senti que estava atrasada e segui para casa sem perca de tempo. Já estava eu nos meus afazeres domésticos, quando entra desesperado meu adorado patrão, trazendo em seu semblante um quadro de dor. Fui-lhe ao encontro... – que te passas meu filho? (disse eu com a familiaridade que tínhamos) diga, diga o que te passas meu bom menino! Oh minha boa Antera... (continuou ele) sempre foste compreensiva e sincera, diga-me o que devo fazer agora após minha triste atitude...

- Meu filho, que fizeste?

- Sim, foi horrível! Encontrei-me com uma bela cigana e a induzi a seguir-me.

- Oh meu Deus, como pude ser tão cruel, arranquei-a de Augusto, seu esposo e mandei que a trouxessem para aqui com o seu pequeno rebento. Oh minha querida Antera, se pudesse remediar o mal que cometi. Sim, sim, deve haver uma força especial para fazer-me cometer tão ignóbil ato, diga, diga alguma coisa, minha bondosa Antera.

Fiquei parada ali sem nada o que dizer, enquanto pensava mil coisas. Ora veja só, como pode meu Deus! Aquela linda cigana viver agora entre nós, e qual seria o fim de tudo aquilo? Vamos, vamos aonde está essa cigana, disse-lhe por fim.

É verdade, estava ali a cigana e seu filhinho de uns três anos mais ou menos.

- Seja bem vinda a esta casa, linda cigana (disse eu) – Sou a Governanta deste Castelo, para servir-lhe no que desejar.

- Oh (disse ela com graça), como sois boa, senhora... porém, sou uma pobre cigana que pretende servir e não ser servida.

- Verdade? Serviremos mutuamente (disse para arrematar).

Foi então que a criança começou a chorar. – Deve estar com fome (retruquei), e sai para preparar qualquer coisa para ele. Chama-se Yatan (disse a mãe), e desde já entrego-lhe boa senhora, eduque-o nos seus costumes.

Misericórdia, quase gritei de medo, pois as características do pequeno cigano, nada ofereciam de bom.

Passaram-se dias após a chegada desta cigana no Castelo. Foram celebradas as bodas do Conde Rafael e a linda Andaluza, era seu verdadeiro nome.

Tudo já voltava ao seu ritmo normal. A bondade e humildade daquela cigana deslumbrava a todos que a conheciam. Parecia verdadeiramente feliz o lindo casal.

Certa vez voltando de um dos meus giros costumeiros com o pequeno Yatan, deparei-me com Andaluza em frente ao quadro da minha falecida patroa. A princípio, pensei que ela estivesse admirando aquele quadro de tão rico valor, porém com o tempo, observei que chorava. A sala era ampla e de onde estávamos podíamos ali permanecer sem sermos vistos.

O menino olhou para mim e disse: - Antera não faça ruído que assuste minha mamãe, ela lastima-se do lobo que comeu o meu papai... Ah! Sabe, Antera, quando eu crescer e for um homem, matarei todos os lobos até encontrar meu papai. Andaluza virou-se para nós com os olhos rasos d'água e um ligeiro sorriso de amargor. Era verdadeiramente linda, seus cabelos em mechas douradas destacavam em seu rosto oval um par de olhos verdes, caprichosamente rasgados; seus lábios entreabertos exibiam um verdadeiro colar de pérolas de mais rico valor.

Sim, ela havia escutado todo aquele diálogo de seu filho comigo, pois veio ao encontro e pegou-o no colo dizendo: - Pobre filhinho...

- Venha minha querida, venha, quero que saiba tudo que aconteceu comigo e os meus. E arrastando-me para um pequeno sofá perto da lareira, deixou cair seu esbelto corpo e com a linda cabeça dourada no meu colo cerrou os

olhos e começou a contar: - Querida Antera... Era uma vez uma infeliz tribo de ciganos, que tinha como Rei um jovem zíngaro por nome Augusto (disse ela fazendo uma pausa e continuando com os olhos semicerrados, como se estivesse sentindo aquela presença do Conde Rafael, que havia entrado e ali tomando o seu lugar em uma cadeira à nossa frente, não contando com o menino presente e bem consciente, esquecíamos dele).

- Sim minha filha, continue... Sei que nos faz bem este terrível segredo de tua formação. Desabafas, e me guias melhor, disse eu, continue minha bela.

- Sim... Augusto chamava-se ele, o nosso Rei! Lembro-me então, tinha eu quatorze anos quando uma velha Profetisa disse à minha mãe que eu haveria de me casar com um Rei de nossa tribo, porque do contrário não seria feliz. Guardei comigo aquela doce revelação. Certo dia quis o destino envolver-me em suas galhofas.

Quando morreu o nosso velho Rei, deixando dois filhos gêmeos na disputa de seu trono, eram Braz e Augusto, um dos dois teria que ser o nosso Rei e um dos dois havia de desposar-me. Houve então a grande disputa, Braz ganhara com todas as pompas; que feliz seria quando esposa de Braz. Oh! Meu Deus, em meu pequeno coração já palpitava o amor de Braz.

No entanto todos ali temiam que Augusto não aceitasse sua derrota, porém eu em minha criancice, não pensava senão no meu amor ao Braz, até que o mau dia chegou. Era bem tarde da noite... Começavam os primeiros sinais do outono, quando uma forte discussão se ouviu lá fora.

Saí de minha barraca a ver o que se passava. Lá estavam Braz e Augusto. Augusto partiria com alguns ciganos ambulantes e deixava Braz com o seu povo. Assim pensei: está tudo resolvido! E qual não foi o meu desgosto ao despertar-me no outro dia a ver-me nas garras de Augusto. Sim, Augusto havia me roubado altas horas da noite sem que eu houvesse despertado. Destino. Oh! Cruel destino... Continuava a bela cigana.

E sem que eu me refizesse daquele susto, foram celebradas as bodas nupciais minhas e de Augusto, tudo estava terminado para mim. Até que certo dia Augusto decidiu chegar até aqui. Era mesmo impossível aquele homem. E por isto de nada valeram os nossos conselhos e nem tão pouco as profecias dos Sábios Profetas. E, portanto tivemos que fazer este triste trajeto em respeito ao nosso caprichoso Rei.

Ah, foi horrível... quando já estávamos no meio do caminho começava a nevar. De um dia para outro estávamos no mais terrível oceano de gelo. Como fazer? Os nossos aquecedores ficaram imprestáveis e a caça muito perigosa. Prefiro não descrever os dias de tortura que passamos aprisionados em nossas barracas. Augusto escondia o alimento e nos dava ração.

Bastante tempo demorou aquela tortura. Foi até que uma noite fomos surpreendidos por uma forte tormenta. Não tivemos tempo para pensar; o vento soprava arrancando as barracas dos lugares num desastre de dor. Oh! Santo Deus! Sem que pudesse nos refazer ou procurar atender aos feridos, famintos animais investiram contra nós. Foi uma verdadeira luta da vida contra a morte...

Oh! Virgem Santa! Detrás de uma barrica que havia rolado, fui testemunha ocular daquele triste cenário. Sim, triste, muito triste. As feras lançando-se contra aqueles desafortunados ciganos, não nos dando tempo para qualquer defesa sequer.

Eram lobos, lobos! Eu os vi! E após todo aquele terror que eu havia registrado. Oh! Meu Deus! Até agora parece-me ouvir os uivos daqueles animais que fugiram levando suas vítimas na imensidão daquela trágica noite. É verdade, estava eu ali, não havia sonhado.

Corri os olhos ao redor, vi que tudo havia sido destruído e que apenas restavam eu e Augusto. Tudo, tudo acabado. Dizia a cigana, como se estivesse vivendo outra vez aquele drama tão triste e até então desconhecido para mim e ao Conde Rafael, e sem que pudéssemos impedi-la, continuou:

- Ah, foi horrível!... E muito rápido, sentia agora uma forte dor na cabeça, quando um grito rouco de alguém que me chamava: Andaluza, Andaluza... em seguida quis responder, mas a voz não me saía, estava petrificada; o único sinal de vida era aquela terrível dor de cabeça e ali talvez tenha adormecido. Acordei com os gritos de Augusto novamente, já não me chamava, mais parecia um louco; corri para perto dele quando tropecei em alguma coisa, abaixei-me para ver, oh! Meu Deus, eram os restos de Calaça, minha querida protetora. Quantas vezes as chibatadas que Augusto me lançava ela as enfrentava por amor a mim... Estava eu ali, com o meu triste destino, tudo, tudo infelizmente era verdadeiro!

Não sei por quanto tempo passamos abraçados eu e Augusto, com medo de olharmos ao redor. Após algum tempo ele balbuciou: Luza, querida, que nos resta fazer?

Esperarmos a nossa vez! Respondi pressentindo novas desgraças.

Passamos desgraçadamente dois dias, dentro do carroção que havia ficado de pé. Augusto desesperado pagava um preço exorbitante de sua perversidade. Nada nos restava senão esperar a triste morte. Odiava Augusto com toda a força do meu coração.

Já não podia suportar aquela terrível espera, resolvi então matar Augusto e a mim, depois de livre o meu Espírito, correr, correr até encontrar a minha querida Calaça. Sim, apalpei o punhal que trazia no seio, Augusto dormia com pesadelos, gemendo e virando-se de vez em quando de um lado para o outro.

Será agora, pensei... Empunhando com toda força o meu pequeno punhal. Augusto estava agora calmo, sua camisa desabotoada exibia no seu peito forte o medalhão; emblema da saudosa tribo dos Katshimoshy; comecei a fitá-lo, como se os meus olhos estivessem pregados sobre aquela jóia tradicional dos Katshimoshy, o que estava acontecendo e o que aconteceria quando soubessem do triste final de Augusto e o seu povo? – Meu Deus, não ficara ninguém que possa contar esta triste história, porque eu matarei Augusto, matar-me-ei logo depois e correrei em busca de minha querida Calaça...

Augusto parecia que desafiava-me respirando profundamente. Levantei o braço decidida a sangra-lo quando ouvi uma voz familiar: - Luza, minha filha, pelo amor de Deus, como o desespero a fez cruel!... Não tens respeito às relíquias dos profetas Katshimoshy? Não temes os seus encantos? Olha minha filha, bem perto daqui habitam pequenos seres selvagens, que bem poderão ser dominados. Tu és loira e bonita, e eu te preparei com os encantos dos Katshimoshy, Augusto não precisa, pois já os tem (olhei em seu peito reluzia o encantado emblema). Disse afinal: Oh, quem dera não estar delirando!... Calaça continuou: Não estás delirando, aqui estou em Espírito e Verdade. Não crês nas manifestações dos Espíritos? Nas revelações dos Profetas? Pois bem, eu te darei uma prova. Desapareceu após dizer isto. E eu como se estivesse sonhando, despertei.

Porém, sem o mínimo desejo de matar aquele que seria em breve o pai de meu filho.

Debrucei sobre o seu peito e chorei por longo tempo.

Augusto sem nada desconfiar acordou e começou a acariciar-me. Comecei a perceber, então eram os fenômenos de Calaça, que haviam me transformado daquela maneira. Augusto me apertava contra o peito cada vez mais e eu pela primeira vez admiti sem nenhuma recusa íntima.

Calaça sempre boa a mostrar-nos bons caminhos, apesar de desencarnada, estava ali, ajudando-nos a enfrentar tão terrível destino. Grande culpa a de Augusto.

Depois deste meu encontro com Calaça, senti uma grande vontade de viver.

Certo dia, Augusto decidiu sair por aqueles arredores, deixando-me só na barraca. Ocupei-me dos meus poucos afazeres, quando gritos estranhos me sobressaltaram, e vi pequenos homens selvagens que se arremessavam contra a porta de minha infeliz “casa”, senti neste instante uma força suprema percorrer todo o meu corpo, como se nada temesse daqueles pequenos seres, abri a porta e na soleira esperei, desafiando aquela pequena tribo.

Na proporção que eles vinham chegando eu pensei mil coisas, pensava em Calaça, pensava também que já era a minha feliz hora; feliz sim, porque eu a

esperava como libertação do meu Espírito. Olhei ao longe e vi Augusto que talvez atraído pelos gritos vinha correndo em nossa direção. Mas, os pequenos homens estancaram à minha frente e um deles ordenou que me pegassem e puxaram-me à frente do pequeno grupo.

Não reagi, nem tampouco manifestou-me desejos de levar algum objeto de minha barraca, ao contrário, desejava esquecer tudo, esquecer o meu passado, mesmo que o meu infeliz destino naquele instante estivesse a gargalhar de mim.

Os pequenos homens continuavam com os seus gritos, porém, não me assustavam, não me davam o menor medo sequer e eu olhava Augusto que corria. A sensação de que ele não nos alcançava dava-me mais paz. Os homens caminhavam quase correndo. Quando já havíamos percorrido um enorme trecho fomos tomados por uma terrível tormenta; o vento nos fazia medo. Desabamentos, vales, tudo queria impedir o nosso caminho, porém os pequenos homens faziam-me ver que eram peritos naquelas zonas tempestuosas. Fui então cansando-me da viagem; a minha cabeça rodava, parei e logo em seguida senti que alguém me carregava. Quando acordei estava recostada numa pequena cama que mal me cabia e muitas mulheres ao meu redor, umas pegavam nos meus cabelos, outras mediam suas mãos com as minhas. Pensei então: devem estar achando-me muito grande; observei que elas ou eles só eram amáveis comigo quando eu sorria.

Ofereciam-me peixe, pois era sua comida mais fácil. Era também visitada por todos da aldeia, sim, era um povoado com hábitos selvagens.

Oito dias mais ou menos se passaram, quando na entrada da aldeia os pequenos guerreiros anunciavam a chegada de um estrangeiro. Fiquei lívida, só podia ser Augusto, corri para lá e acenei que aquele estrangeiro era meu marido, os homenzinhos deixaram então que entrasse. Foi fácil para Augusto sintonizar-se com aqueles homens. Augusto contou toda nossa história mentindo a seu regalo; mostrou a toda tribo o emblema dos Reis Katshimoshy, e eles também nos apresentaram seus costumes. E seu povo, dizendo-nos serem caçadores, Lapões era o nome de sua tribo. Vivemos ali por dois longos anos mais ou menos. Eles nos adoravam, inclusive o meu filho Yatan que veio a nascer naquela longínqua tribo. Oh! Meu Deus. O fenômeno de Calaça, o grande fenômeno, fez-me feliz depois de tantas desgraças. Partimos dali, eu, Augusto e meu filho.

Lindas peles trocamos nos mercados por agasalhos e moedas. Sofremos muito no longo e penoso tráfego até aqui. Uma noite antes de entrarmos nesta província, fui surpreendida novamente por Calaça, sonhei que ela me dizia: - Luza, chegarás amanhã na província de um Conde viúvo que te desposará com as leis da Côrte, amanhã aos primeiros raios do sol anunciarão a primavera para o começo de tua liberdade. Cante exibindo a tua graça. Adeus, minha Luza querida. Mesmo em sonho quis puxar a sua saia para impedir que fosse; qual nada, desapareceu diante dos meus olhos. Chorei descompassadamente e logo que o dia amanheceu contei a Augusto o meu triste sonho, sim, e qual não foi a minha surpresa, Augusto sorriu dizendo: - Veja só, se isto fosse verdadeiro eu não sei

como agradeceria àquela víbora daquela Calaça, a livrar-me de você, seria um prêmio e eu não o mereço, por Deus. Oh, gritei, chega! Calaça não é víbora, minha querida Calaça, vítima de tua ignorante teimosia. Augusto dava gargalhadas que me davam medo. Foi então que nos demos conta da profecia de Calaça.

E depois de contar toda sua história, a bela cigana deu um salto espreguiçando seu esbelto corpo, balançou sua linda cabeça loira e disse: É tudo o que fui e que sou.

Rafael levantou-se e segurando-a pela cintura, beijou-lhe a testa. Depois chamou um criado ordenando-lhe que trouxesse o Brasão e chegando eu o vi colocar aos pés de sua esposa cigana e qual não foi a nossa surpresa; a cigana segurou aquele rico estojo e depois com os olhos rasos d'água devolveu ao Conde, seu esposo, dizendo que a uma cigana não eram permitidos luxos daquela natureza. Se ela aceitasse estava violando as tradições daquela nobreza. Colhete-me do lodo, amo-te em agradecimento, deste-me a paz e por isto não pretendo enlodar o que de puro encontro nesta nobreza, viverei como uma cigana, respeitando as normas dos Katshimoshy, do contrário Calaça não me trará as bênçãos de Deus, e disse mais: Calaça sabe tudo...

Rafael sorriu, gostando da humildade da cigana, porém eu observei muito o menino com os olhos no estojo, que bem se podia ler seus pensamentos.

Depois destes esclarecimentos parecíamos viver melhor, mesmo notando a aproximação dos ciganos nas imediações do Castelo, lembro-me também de haver tirado o menino muitas vezes do quarto, onde era guardado o Brasão.

Andaluza já estava calma e até parecia feliz. Se tudo ocorresse normalmente, dentro de três meses daria a luz a uma criança. Rafael muito feliz esperava a chegada do filho que seria seu primogênito. Porém o nosso infeliz destino já estava ligado à inditosa cigana. O tempo corria e o menino cada vez mais ficava pior, mal educado e por muitas vezes desaparecia sem que ninguém desse notícias, depois chegava contando coisas que não acreditávamos.

Certa manhã passamos um grande susto, foi encontrado um cigano no pátio do Castelo, um jovem cigano agonizante, os criados correram de um lado para outro procurando socorre-lo, quando um grito agudo nos fez virar, era Andaluza que nos dava prova de seu imortal apego aos seus antecedentes.

É verdade, a bela cigana curvou-se com carinho e procurava reanimar aquele corpo quase sem vida, enquanto, ao mesmo tempo, dizia: Oh, meu pobre irmão Nardo, Nardo, como chegastes até aqui? O que foi feito do nosso querido povo? Ao balbuciar o pobre rapaz disse: Venho falar contigo, venho de Braz... Braz o nosso Rei, pede para você dar uma chegadinha até lá, porque maus agouros pairam sobre tua cabeça, não tarde Luza. A cigana meio confusa pediu que os criados saíssem dali e quando fui retirar-me ela me deteve dizendo que eu era a sua segunda pessoa. Cuidamos do cigano fazendo com que ele logo se

restabelecesse. E foi com grande surpresa e desespero que os vi contratando o momento daquela trágica fuga.

Oh! Meu Deus! Como sofri quando a cigana com os seus olhos tristes me disse: Antera querida, tenho que partir para ouvir os conselhos dos Profetas e suas santas ordens, serei amaldiçoada se não for eu mesma ao grande batismo, vede querida, não tenho a proteção dos Katshimoshy. E mostrando o grande escudo no peito do jovem cigano, repetia: Eu não tenho como não terei também a proteção de Calaça e do meu Rei.

Não, não! Tive forças para lhe dizer: Minha senhora querida, esta jóia é a superstição dos zíngaros, já não lhe fica bem usa-la; por conseguinte sei que és bastante prudente para não fazer semelhante viagem, deixando o seu apaixonado esposo; que tanto sacrificou à sociedade de seu condado. E em que posição a senhora me deixará com meu pobre patrão. Antera, disse-me ela, jamais praticarei atos que possam vir a desabonar este condado, como também não deixarei em hipótese alguma de atender ao chamado de meu Rei. Se Rafael me ama compreenderá a minha tradicional alma cigana e tu Antera, (completou) darás as desculpas que te convier.

E com a rapidez de um sonho, dirigiu-se para a estrebaria com o jovem cigano e em seguida partiram dali.

Fiquei ali parada, não sei por quanto tempo pensando como ia se portar o meu pobre patrão. Sim, foi tudo muito rápido. E qual não foi minha surpresa, pois logo que me refiz, fui dar a triste notícia ao Conde, meu patrão, e ele com um sorriso triste me disse:

- Querida Antera, esta tua notícia não me surpreende, estamos em um mundo de provações para uma evolução, devemos dar graças a Deus por Ele nos corrigir sempre que erramos, e eu sinto que fui corrigido, não respeitando as normas dos ciganos, a fiz minha esposa, e sei que naturalmente lhe foi doloroso desrespeitar as leis de sua crença cigana, pois afinal de contas foram celebradas suas bodas com Augusto, entre os encantos de suas Pitonisas e de fanáticos rituais. No entanto a pobrezinha não se rebelou e, muito ao contrário, vem nos cativando com sua Humildade e Amor.

E fazendo mais esta observação, o Conde Rafael continuou: Vede Antera! Nem mesmo o Brasão ela desejou toca-lo. Senti um calafrio percorrendo meu corpo, o Brasão.

Onde estará? Eu não o tenho visto no respectivo lugar... meu Deus! O Conde notando minha palidez disse:

Antera, o que tens? Escondes de mim alguma coisa a mais?

Não, lhe disse. É que estou cansada, devo descansar um pouco, se me

permite.

Vai minha boa Antera, seria egoísmo meu segura-la agora. E dizendo mais, arrematou: Além do mais e como já disse, não mereço ser consolado se estou a pagar um delito que provoquei, talvez sem raciocinar.

Passaram-se mais ou menos quinze dias que a cigana havia partido. Tudo era tristeza, repartia bem o meu tempo disponível procurando distrair meu pobre patrão, que sem reclamar sofria sua grande dor. Todas as tentativas que fazíamos nas pegadas dos ciganos foram totalmente perdidas; ninguém dava notícias, ninguém sabia seu paradeiro. Cada dia mais tristes ficávamos, já sem esperanças.

Da sacada do Castelo onde estávamos, avistei o pequeno Yatan, que montado a galope de um feroso cavalo vinha em nossa direção. O Conde Rafael levantou-se e juntos precipitamos, prevendo a grande desgraça que os nossos olhos presenciaram: após segundos, sem nos dar tempo de nada, o cavalo perdera o equilíbrio jogando o pequeno ao solo. Desacordado, com uma fratura na cabeça, perdendo uma quantidade incalculável de sangue.

Peguei sem perca de tempo o pequeno nos braços e pedi que providenciassem um médico. Fazia compaixão o estado de abatimento do Conde, não se retirava da cabeceira do pequeno enfermo.

Após mais ou menos três dias, o menino começou a falar chamando pela sua mãe, às vezes com palavras desconexas, nos preocupava cada vez mais com o seu estado de saúde. E por mais que procurássemos agrada-lo, mais parecia odiar-nos.

Já bem tarde da noite deixei o quarto do enfermo para descansar, e passando no quarto da minha fugitiva patroa, escutei um gemido e qual não foi o meu pavor; fiquei petrificada alguns segundos e como cada vez mais iam aumentando, voltei correndo para junto do meu patrão, explicando o que ouvira. Alarmado com isso, disse não ter coragem de ir até lá sozinho. Mandou chamar Kazú, uma jovem servidora, dizendo que permanecesse no quarto junto ao pequeno enfermo, sem descuidar um só minuto sua vigilância.

Kazú era uma criatura temperamental que vivia a salientar-se por todos os cantos do Castelo, muito preguiçosa, porém, apesar de suas características indesejadas, não havíamos identificado o roubo.

Saindo para vermos os gemidos, qual não foi o nosso espanto. Encontramos a cigana em estado cataléptico de um lado e uma linda criança recém-nascida do outro. Não tivemos tempo a perder e esquecendo de tudo providenciamos médico e em seguida uma ama para a pequena prematura.

O dia havia amanhecido quando deixei o meu patrão recebendo algumas

explicações da cigana, que com palavras firmes vivia o seu enredo.

- Querido Rafael, somos descendentes dos nômades, e sob o poder do Espírito Imortal dos Katshimoshy, juramos nas fogueiras colocar as nossas oferendas, por conseguinte, qualquer que tenha coincidentemente incorporado neste Ritual Cabalístico. Este juramento é considerado o elo de uma Corrente Salvadora, Poderosa e Imortal. Compreenda Rafael, eu sou um elo desta Corrente, jamais te farei infeliz; amo-te e não desejo viver longe deste Castelo, cumpri a minha penosa missão. Perdoa-me, por piedade. A minha pobre mãezinha desejava me ver.

Por quê não me pediu para que eu a levasse? Disse o Conde.

Ah! Continuou a cigana. Para não te deixar em dificuldades. O povo de Braz estava prestes a vir arrancar-me daqui. Não sabeis a intriga que fez Augusto, procurando com isto desculpar-se da grande desgraça da sua culpa, foi por isto que tive de correr para impedir outra armadilha do infeliz Augusto.

- Ah! Se soubesses como te amo e como me foi doloroso este meu comportamento. Encontrei a minha pobre mãe muito mal. Etelvina, a Profetisa oficial da tribo, profetizou os mais terríveis acontecimentos e tudo sobre mim.

Disse que tu meu querido Rafael, com toda tua indulgência para comigo, chegará o dia de acusar-me da mais vil calúnia e como ladra. Atirar-me-ia nas ruas exigindo que eu volte à tribo onde eu morrerei de saudades tuas. E logo após tudo isto, desatou em soluços de quem realmente está amargurada por uma louca e desabalada desilusão.

Oh! Minha querida, como pude duvidar de ti? Como se atreve esta Profetisa e que mal a fiz para ver-me tão vil, tão avarento a ponto de caluniar-te como ladra do teu próprio tesouro? Sim minha querida, és minha verdadeira herdeira de tudo quanto possuo. (Depois sorrindo para a recém-nascida) Agora será repartido com minha segunda sócia, não é mesmo querida? Não pense mais nessas tolices!

Oh! Disse a cigana, se me fosse possível esquecer que nada sinto, que os nossos Espíritos Imortais comprometeram-se no passado e, um grande débito eu terei que pagar-te antes de fugir daqui novamente, para novos mundos.

- Feito, e eu cobrar-te-ei em dobro, como tu, sinto que me deves um profundo amor e exijo ser pago! Quanto a tua partida, aconselho levar-me contigo pelas tuas concepções ou formações religiosas. Vejo que tens mais facilidades com estes transportes. Sempre gracejando, o Conde arrematou: Nunca vi tanta coragem, quando estiveres melhor, desejo que me ensines esta doce filosofia.

- Se Olga, minha usurária irmã souber de tais profecias, irá imediatamente aos pés daquela cigana profetisa.

- Oh! (gritou a cigana, chegando a assustar o Conde) Olga? Olga? Etelvina falou-me de Olga.

Sim! (respondeu ainda o Conde) Olga, minha irmã! Pois minha mãe encontrou-a à beira de um lago, era filha de um zelador da pequena mansão cujos donos morreram, uma fatalidade do seu destino, foi quando meu irmãozinho Hidelbrando foi salvo por ela naquele lago. Minha mãe a fez nossa irmã. Olga que sempre fora insatisfeita, apaixonou-se por mim a ponto de julgarmos que a morte da mamãe foi provocada por este grande desgosto. Olga fez todos sofrerem quando comprometi-me com Matusca, que morreu há dois anos, deixando-me viúvo e nem sequer um filho para que eu tivesse recordação do nosso casamento.

Dizem as pessoas supersticiosas que Olga se influenciava com feiticeiros e pitonisas para destruir a mim e Matusca. Não acredito que os feiticeiros tivessem tanta influência nos destinos ou desígnios de Deus. Vê, minha querida, se assim eu acreditasse em tamanho desafio, mandaria juntar todos os feiticeiros e pitonisas em uma tenda, fazendo o mais poderoso mecanismo e depois ordenaria aos mesmos fazer com que o coração da minha linda esposa cigana fosse puro de qualquer superstição. A respeito principalmente do Espírito Imortal. Disse ela: Vejo meu marido, que te falta compreensão dos fatos que vêm ocorrendo dia a dia, porém já me pedistes aulas de filosofia, não tardarei em dar o diploma ao meu Conde marido. Espero que não seja diploma de feiticeiro. Sim, também tenho tarimba (acrescentou, rindo os dois).

Vendo a compreensão daqueles dois, dei graças a Deus e fui dormir um pouco.

Apesar de preocupada com o pequeno Yatan, ao passar dos dias tudo percorreu na graça de Deus, até que chegou o dia da festa de São Petersburgo.

Começaram os grandes preparativos, o Imperador mandou que abrisse os portões para os estrangeiros e nômades, enfim, só se ouvia o tinir de guizos e passos de animais, nas ruas fogueiras enormes, danças e algazarras.

Para mim e meu patrão Rafael não havia alegria, ao contrário, nos sentíamos em perigo porque os ciganos com seus enormes cavalos enfeitados de fita pareciam desafiar até mesmo a própria natureza. E para o nosso maior receio, os ciganos que mais realçavam eram da tribo de Andaluza, pois em seus cavalos fogosos, mais pareciam príncipes encantados das antigas lendas.

Foi até que o nosso mau presságio confirmou-se.

Estávamos tomando chá, mais ou menos às duas horas da tarde, quando Kazû veio anunciar a chegada de duas formosas ciganas, que depois vim a saber serem Etelvina e Zaida. Etelvina a Profetisa da Tribo dos Katshimoshy, verdadeiramente simpática.

Andaluza mandou que entrassem e sem nenhum embaraço, apresentou-nos o Conde Rafael e eu. Fizemos tudo para nos tornarmos os melhores hospitaleiros. Zaida sempre abraçada a Andaluza, disse que naquela noite iria cantar para o Imperador no pátio do Grande Palácio e assim dizendo, saiu cantando e dançando com todos os encantos dos seus dezoito anos. Andaluza que não resistiu a tentação daquela dança, acompanhou-a e no amplo salão formaram a mais linda dupla.

Rafael ficou tão emocionado que franqueou o Castelo não só àquelas ciganas, como também a outros que estivessem com elas.

Tudo correu bem, até que à noite voltassem da grande festa. Só eu havia ficado tomando conta das crianças, pois entretida com a pequena herdeira não reparei que o pequeno Yatan havia desaparecido.

Chamamos a criadagem e um jovem por nome Tucem nos disse que havia visto o pequeno Yatan, em companhia de Kazú, que seduzida por um jovem zingaro, haviam dito que só voltariam no outro dia, pois pretendiam passar a noite com o seu amor cigano.

O Conde Rafael, que estava ainda cheio de euforia da magnífica noitada com as ciganas na casa do Imperador, pouca importância deu ao desaparecimento do menino. E logo depois reunindo no salão as convidadas, pediu-me que fosse até o cofre e trouxesse o Brasão, pois desejava mostrar às ciganas a rica jóia que sua querida esposa havia rejeitado.

Oh! Meu Deus! Que horror, lembro-me como se fosse hoje, quando abri o cofre o maldito Brasão não estava.

Foi um verdadeiro alarme, os criados garantiram não ter entrado ninguém no Castelo, e todos insinuavam ser Kazú, pois a viram fugir com embrulhos grandes nos braços.

O Conde Rafael terrivelmente agitado gritava, dando ordens que trouxessem Kazú de qualquer forma ao Castelo.

A pobre Andaluza abatida, pobrezinha, levantava-se algumas vezes e falava ao seu esposo palavras de conformação. Os Cavaleiros vinham e voltavam sem qualquer notícia da servidora Kazú.

Com muito carinho, Andaluza conseguiu que o seu esposo se recolhesse aos seus aposentos. O dia já amanhecia, as três ciganas pareciam mais tristes, como se previssem a total desgraça profetizada para nós.

Etelvina, vê onde se encontra esta rica jóia, disse Zaida. Etelvina sacudiu todo seu corpo, proferiu coisas desconexas para mim, depois, depois

como se passasse por um processo habitual, começou a dizer:

- Luza querida, as forças estão afastando-se de ti. Yatan, o teu filho, neste instante coloca sobre Augusto esta jóia que é o Brasão, instrumento de terríveis desgraças.

- Meu filho! Meu filhinho, de apenas cinco anos de idade?...

- Sim, continuou a Profetisa. Ele, Augusto, vem sempre ensinando o filho para este nefasto roubo. A cigana continuava suas tristes revelações enquanto nós outras gemíamos de dor. Depois com o dedo indicador apontando para mim, disse: Querida Antera, eu sou Calaça, sou o Espírito que perdeu o seu corpo pelos lobos famintos. Amo-te Antera, por ver-te tão dedicada à minha desventurada Luza, não me temas, porque dentro de pouco estarás comigo. A desventura paira sobre este Castelo, a Justiça e o Poder de Deus terá muito em breve sua força para a evolução e melhor libertar o Espírito de Luza. Luza, antiga Czarina, terá que carregar a Cruz Simbólica do Cristo, para safar-se do egoísmo, poder este do sanguinário Império Romano... Adeus... Não me queiram mal... Voltarei muito em breve. Depois como se estivesse cumprindo uma séria missão tomou então sua posição antiga.

Corri para a copa e trouxe alguma coisa quente, que não me lembro mais. Os criados haviam espalhado por toda parte a notícia do desaparecimento do Brasão.

A Condessa Olga logo que soube de tal notícia veio correndo ao Castelo. A sua visita indesejada nos fazia mal, principalmente no estado de angústia que nos encontrávamos. As duas ciganas solidárias a Andaluza, não quiseram mais saber das festas e nem tampouco afastaram-se do Castelo.

A Condessa Olga, depois dos cumprimentos habituais, chamou Rafael para um canto da sala e começou a falar:

- Oh meu querido mano... Lastimo ver-te em tão incorrigível situação, de se casar com uma nômade está certo... Enfim, é o teu impensado amor. Mas, ter em casa toda tribo... Ah!... Jamais aceitaria, isto é indigno de ti... Este povo está te hipnotizando, não é possível! E assim dizia enxugando as lágrimas, como se realmente estivesse desesperada, e eu que bem conhecia a Condessa arremessei-me para ela e disse:

- Cara Condessa, não admito por hipótese nenhuma que a senhora saia do seu Castelo para vir aqui nos perturbar, o Brasão não te pertence mais e nem tampouco ao Conde Rafael. Ele casou-se com Andaluza e neste Castelo quem manda é ela, o Brasão pertence a ela por tradição e para que ele nunca fosse parar nas tuas mãos imundas, criminosas, eu roubei e mandei levar para a Tribo dos Katshimoshy. (E como se eu conhecesse os processos de Etelvina, continuava) Criminosa, mataste a duas santas criaturas. Mataste com aquela erva daninha a

pobre e indefesa Matusca, e com a mesma assassinaste também a Baronesa Yuca Santa, que te deu o Condado e te livrou da fome e da desgraça e, por último com medo do teu cúmplice mandaste surrar e expulsar da cidade, porém Deus não esconde por muito tempo as nossas perversidades. Sei onde, todo aleijado, resiste ainda o infeliz Yochim, arrependido dos seus crimes trabalha hoje pela sobrevivência. No entanto a senhora armou-se de suas forças satânicas, e veio para destruir a nossa Cigana Condessa. Não! Esta a senhora não destruirá!

Aquela criança que ali está é a herdeira do Conde Rafael, tua vítima. Aquela criança é a luz que ilumina este Castelo. Somos todos felizes, não precisamos da senhora e tampouco dos seus conselhos. E assim completei e quando dei conta de tudo, vi que todos estavam tão surpresos que não tinham pernas para saírem dos seus lugares.

- Antera, disse o Conde Rafael, Antera, como se atreve a tanto; testemunhas o que acabas de dizer?...

- Sim, meu patrão, perdoe-me... Não lhe disse há mais tempo pois quando fiquei sabendo, esta infeliz já havia matado minhas patroinhas queridas.

- Meu Deus! Não sabes que o Brazão pertence à Andaluza, como se explica terrível injustiça? Kazú está amarrada na praça de diversões para ser executada à noite, para pagar o crime que não cometeu.

Andaluza resmungou em pranto: Meu Deus, a maldição dos Espíritos ronda este Castelo!

- Etelvina, Etelvina, que farei para reparar tudo isto? Enlouquecerei se não tiveres piedade de mim... Não minha querida Andaluza, nada tens a temer... Disse o Conde procurando acalmar sua esposa. Rafael! Se souberes a verdade de tudo isto, odiar-me-ia, é tudo tão monstruoso.

- Como?... (gritou por fim Rafael sem entender) Como?... Por todos os diabos, estarás aliada com Antera, tramando infelicidades... Esqueces que tu e Antera são as únicas criaturas que amo! Oh! Minha Andaluza querida, vamos juntos perdoar o nefando erro de Antera, pelo amor do Grande Deus se isente deste roubo, não é digno de uma Condessa (até esse momento o Conde Rafael nada sabia sobre a atitude de Yatan).

Andaluza foi ao encontro de Antera e disse em soluços:

- Oh minha boa Antera, por piedade tenhas pena de mim, porque condenastes a ti mesma?

Fiz pelo meu patrãozinho, sei que se saíres deste Castelo ele morrerá e também eu. Odeio a Condessa Olga! Tudo era tão confuso que ninguém entendia nada a não ser eu e Etelvina com a sua Clarividência.

A Condessa Olga espraguejando deixou o Castelo.

Os ciganos também se foram. Agora restava-nos os três oprimidos pelo terrível acontecimento; o menino não apareceu. Agora tudo era tristeza, Kazú fora queimada como ladra, comecei então a sentir certas anormalidades, pensei queixar-me para ser vista por um médico, mas qual nada, os meus sintomas anormais tomavam-me com mais freqüência, a ponto de eu não mais poder falar. Uma espessa nebulosa tomava totalmente minha visão e em continuidade percebi uma sensação de leveza, ouvia como um sussurro palavras desconexas, como sendo: Oh! Pobre Antera, está morta! Ouvi também a voz querida do meu patrão: Morreu, minha Antera, a querida criatura que tanto me compreendia.

Até que fui levada dali pelas forças magnéticas do astral. Após submetida aos processos espirituais que não sei por quanto tempo, voltei a minha visual atual; sentia agora uma louca e inexplicável saudade da vida cotidiana da Terra.

Germano, o meu luminoso Mentor, explicava minha futura missão na Terra, porém o meu Espírito incompreendido e culpado não quis esperar pela benevolência das Leis, e com a facilidade do meu livre arbítrio, desprezei as cadeias benditas e voltei ao atraso nos carreiros terrenos.

Era uma bela madrugada quando o meu Mentor trouxe-me novamente à Terra. Antera! Disse-me: Voltarás aos labores terrenos, terás oportunidade novamente junto aos seus familiares. Cuidado com o teu Padrão Vibratório e com os teus julgamentos.

O sol começava a aparecer aos primeiros raios, quando avistei os portões do Castelo. E com tristeza foi que descobri a fraqueza de meu Espírito, reparei que não estava preparada, pois voltavam todos os instintos de vingar-me da Condessa Olga. E por mais que eu lutasse contra os maus impulsos, nada conseguia senão aumentá-los.

Germano, o meu bom guia, deixou-me à mercê de minha consciência. Estava ali o suntuoso Castelo do meu querido patrão. Tive então a mais triste surpresa: O Conde havia morrido, a cigana sua esposa estava desaparecida, e agora a Condessa Olga era a dona de tudo. Sim, até que Hildebrando chegasse de outros países, onde vivia levando sua vida boêmia, pois sendo o único irmão do Conde Rafael, seria ele o dono de tudo.

Estava eu agora naquele casarão sem nada o que fazer, apenas me acrisolando na aura da Condessa Olga... Quando já estava me preparando para deixar o Castelo, senti que as coisas estavam mudando de sintonia, voltei então e comecei a sentir a presença da cigana e me desesperei, comecei a invocar o meu Mentor, mas ele não aparecia.

Compreendi que o meu ódio pela Condessa Olga só fizera me embrutecer. Foi então que eu vi Andaluza caminhando sem destino. Chamei-a e

ela ouviu, e que satisfação! Andaluza disse tristonha:

Querida Antera, não sabes a desgraça que nos causou o infeliz Brasão, tu minha boa Antera, morreu deixando-me no mais terrível desespero, sabias que Yatan meu filho havia roubado-o. Morreu a infeliz Kazú e ele, Yatan, desapareceu. Foi então que desesperada corri para o meu bando a ver o que me dizia os Profetas de Braz, então Rafael sabendo disso saiu desesperado com os seus guardas e lá me encontraram. Mas, eu não quis mais voltar, a vergonha era demais; na verdade eu queria viver ao lado do meu esposo, mas, era mãe de um ladrão que podia ser sacrificado na fogueira. Oh Antera, foi horrível! Rafael saiu desesperado dali, sem me dar tempo de explicar. Depois ficamos sabendo que ele morrera, mas não foi encontrado o corpo dele.

- E tu? Perguntei. Ela baixou os olhos e depois continuou: Fiquei vivendo com os meus, temendo sempre Augusto, não dançava e não cantava. Certo dia estava à margem do rio onde Rafael foi visto pela última vez, quando um braço forte me puxou, me dando uma forte pancada na cabeça e trouxeram-me até aqui, onde estou prisioneira. Disse-me a Condessa Olga que o meu povo me considera morta segundo as minhas vestes encontradas... tudo foi tão bem feito!

- E as tuas Profetisas, por que não contam?

- Sim! Elas já disseram que eu vivo, mas não sabem onde. E eu estou ali, naquele armário.

- Oh! Gritei, compreendo, o teu corpo dorme, meu Deus! O que poderei fazer por ti? Minha querida Luza. Enquanto me lamentava ouvi uma forte pancada, era Gregória, a Governanta, que esmurrava o armário para acordar Luza a cigana, que também em um segundo desapareceu.

E quando a porta abriu-se, foi terrível, aquele corpo esbelto agora era o símbolo da dor, pálida e amedrontada.

E no auge do meu desespero, veio então Germano, que logo foi me explicar: Antera, se desejas fazer alguma coisa pela tua cigana, afasta-te dela. Estes ciganos estão em prova para a nova evolução. Vieram do Império dos Césares de Roma. E depois acrescentou: Também tu e todos os descendentes deste Castelo... Porque fugistes dos ensinamentos? Porque não te interessavas em aprender as Leis? Nada nos foi possível fazer pela sua teimosia. Agora estás destinada a passar o que der e vier; é verdade que terias de voltar e cumprir o teu carma, porém nunca assim.

Salve Deus! Que esses ensinamentos sejam promissores!
Com carinho,
A Mãe em Cristo.

Tia Neiva.

1ª Aula de Elevação de Espadas
**O AMANHECER DAS PRINCESAS
NA CACHOEIRA DO JAGUAR**

Capítulo I

Salve Deus!

Meu filho Jaguar:

De todos os males, o mais triste que deixamos em nossas passagens é a cicatriz de nosso mau comportamento. Quando estamos na Terra vivemos seguros no orgulho, principalmente no egoísmo.

Muitas vezes sentimos necessidade de chorar, de sorrir, de amar; ou melhor, pensamos em ser amados, mas nunca desejamos amar incondicionalmente para melhor atrairmos ao nosso favor... Não! Pelo contrário, exigimos de alguém o que nos convém, sem querermos oferecer nada em troca.

Salve Deus meu filho! Vamos sentir a vida das Princesas e melhorar o nosso comportamento a respeito do Amor.

Sim, as crioulas Princesas em 1700 no Brasil Colônia, anunciavam o seu tempo de evolução nas senzalas, a dor no destino cármico de um povo em desenvolvimento.

Então, tudo começou a vibrar quando os dois Grandes Missionários, Pai Zé Pedro e Pai João, resolveram agir no campo vibracional de nossa missão, com este imenso Amor ouvindo e sentindo o céu, nos poderes de Vô Agripino, que emitia aos mesmos toda a Luz do Santo Evangelho.

Aos 14 anos Pai Zé Pedro e Pai João, que regulavam em idade, vieram no mais triste quadro em um navio negreiro para o Brasil. Eram duas personalidades com idéias transcendentais traçadas do céu...

Então estes dois Espíritos levaram em frente a sua obra; se prepararam nos Planos Espirituais e vieram para a Terra cumprir a sua missão, que seria em nossa última orientação a nova estrada do Jaguar na Linha do Amanhecer.

Vendidos por navios negreiros no Brasil, por Deus se encontraram pela força do seu compromisso no sul da Bahia, onde a forte e verdadeira mensagem os impulsionava. Então, juntos desenvolveram as suas Faculdades Mediúnicas. O Senhor de Pai Zé Pedro era um homem muito bondoso, que ouvia o Grande Africano e amava as suas palavras, chegando a se converter e comprou também

Pai João, deixando-os fazer na senzala o que lhes aprouvesse.

E tudo começou assim:

- Eram seis fazendas reunidas, onde Jurema e Juremá as gêmeas, eram muito queridas por toda aquela redondeza. Sua graça e beleza demonstravam “Herança Transcendental” de Altezas. “SIM, O HOMEM NÃO SE PERDE, SE REENCONTRA”.

Então, a grandeza dos Missionários se fazia projetar por toda aquela região. Toda redondeza se juntava ali em busca da caridade. Ninguém entendia porque naquela Era tão crua de senhores tão arrogantes, pudessem eles admitir tanta liberdade.

Pai João pregava a Doutrina do Amor, aliviando o chicote dos senhores. Pai Zé Pedro tocava os tambores para alertar o seu povo em outras fazendas vizinhas de Iracema, Jandaia, Janara e Iramar, contando também com Janaína, pequena Sinhazinha que muito amava os Nagôs, segundo se falava naquela Era. Eram jovens com apenas 18 anos, que sofriam as incompreensões de suas Sinhazinhas, as perseguições e seduções dos seus sinhozinhos. Era uma desdita naquele tempo o que sofriam essas Escravas Missionárias, porém, na senzala de Pai Zé Pedro tudo ia muito bem, vinha gente de longe e as curas se realizavam com tanto Amor, a ponto de se propagar o Africanismo com a sua presença.

Era o dia de Jurema e Juremá, a Lua surgia no céu prateada, os tambores ressoavam. Jurema em pé na soleira da sua Senzala vibrava cheia de Amor, esperando Juremá e sua mãe. De repente um crioulo que também fazia parte do Corpo Mediúnico, disse tremendo de dor: - Oh Jurema tua mãe não irá conosco. Amamentou a filha da Sinhazinha com febre e a febre passou para a nenezinha.

- Cadê mamãe? – Tua mãe Jurema, está no tronco. – Oh! Coitadinha. Oh! Meu Deus! Gritou Jurema e segurando no portal da Senzala sentiu o seu Espírito se transportar seguindo até as ruínas de Pompéia. Jurema em sua visão se sentiu uma rica Princesa entre sedas e jóias. A sua irmã e também todos aqueles crioulos da Senzala, a negra que hoje era sua mãe, ridicularizavam uma jovem escrava, hoje a Sinhazinha da Senzala. Jurema compadecida da jovem que até então era uma visão, se esqueceu da tragédia que na realidade estava acontecendo. Não! Ela não via a sua mãe no tronco que era a realidade. Via somente a jovem escrava arrastada e ridicularizada, onde todos vaiavam chegando mesmo a machuca-la, e em meio desta alucinação começou a gritar: - Juremá, volte minha mãe! Saiu então decidida para o Congá. Chegando contou tudo o que se passava a Pai João e ele lhe explicou:

- Filha não chore, não se desesperes! Eu, você, sua mãe e todos os seus irmãos vivíamos na mais rica vida em Pompéia. Eu era Procurador, Zé Pedro era Imperador e todo esse povão estava lá. Só Deus sabe minha Jurema os desatinos,

as tragédias que provocamos naquele Império. Fizemos a mais terrível escravidão. Hoje filha querida, Deus nos deu esta oportunidade de pagar todo este mal. Esta pequena Sinhazinha é o Espírito da jovem escrava de Pompéia.

- Então Pai João, como tudo terminou? Pai João colocando a mão em sua cabeça disse:

- Dorme filha, dorme Jurema. Deitada com a cabeça no colo de Pai João, adormeceu dizendo baixinho: - Oh meu Fidalgo Centurião, como pode me abandonar neste caminho tão espinhoso! Onde vives que eu não posso te alcançar? Sim meu Fidalgo, continue acariciando os meus cabelos que ficaram tão longos... Nisto um grito e ela se levantou decidida - Não voltarei para minha Senzala, vou-me embora daqui! Com muito custo Jurema conseguiu se acalmar. Os tambores recomeçaram, mas Jurema pensativa não saiu do seu lugar. Pai Zé Pedro iniciou os Trabalhos e veio se sentar perto dela e de Pai João. Jurema segurou em suas pernas, depois apoiou novamente sua cabeça na perna de Pai João que ali não sentia com coragem de se levantar.

- Jurema minha filha (disse Pai Zé Pedro) - Choras pela tua mãe? - Não Pai, choro porque vi e perdi o meu amor AGRIPA, o meu amor. Eu o vi acariciar meus cabelos e passando a mão na cabeça meio sem graça disse: - Oh! Paizinho Nagô, é tudo tão diferente... - Sim filha, se acalme! Eu vou lhe mostrar onde e como se encontraram. - Não Pai, não quero! Se ele for aquele crioulo feio do Japuacy, não quero! - Ele não está aqui como vocês estão, todos nós estamos, e ele não pode, não admito que seja feio como nós. Os dois deram uma risada. Meio preocupado disse então Pai João:

- Veja no que dá a Clarividência de uma pobre jovem. Ela voltou a dormir. Pai Zé Pedro e Pai João vibravam preocupados. O que fazer? Leva-la para a Cachoeira do Jaguar? Deus Todo Poderoso, só Ele poderá traçar este destino... E ali ficaram esperando a jovem despertar, para decidir o seu destino que tanto se agravara.

Sim meu filho Jaguar, na próxima semana Jurema já estará despertada, então saberemos do destino feliz desta tribo e com cuidado, vamos nos encontrar como personagens desta história, que até então é um pequeno roteiro.

A Mãe em Cristo,

Tia Neiva.

Vale do Amanhecer, 08 de dezembro de 1979.

O AMANHECER DAS PRINCESAS NA CACHOEIRA DO JAGUAR

Capítulo II

Salve Deus!

Meu filho Jaguar:

Deus de fato, toma cedo ou tarde o partido dos que se dizem inocentes. Porque o Cristianismo surgiu por canais piedosos numa Era difícil. A Alma e o Perispírito são sempre os mesmos e por esta força, se opera pelo compromisso ao Etéreo e se desenvolvem na vontade de Deus.

Sim, Jurema dormia. Os escravos não sabiam sair da Senzala e o dia começava a raiar. Pai Zé Pedro pediu a Pai João que a deixasse sob seus cuidados, que ele determinaria outros para zelar da pequena Jurema. Pai João era escravo recente naquela Senzala.

O Feitor chegando inesperadamente à soleira gritou e todos tomaram um rumo, exceto Pai Zé Pedro que era protegido do Sinhozinho. – Quem é essa crioula Zé Pedro? – É Jurema, que desde ontem não quer se levantar. Está sofrendo pela mãe que está no tronco. – O quê? (exclamou o Feitor) – Quem já viu uma crioula com um mimo destes? Mimo é para Sinhazinha. Vou levanta-la agora mesmo com este chicote. E marchando para a cama de Jurema, fez menção de levantar o chicote quando se ouviu o grito de Pai Zé Pedro:

- Se arremessar eu o matos! E o seu grito foi tão grande que se fez ouvir em toda redondeza, enfurecendo ainda mais o Feitor que arremessava o chicote de qualquer jeito, blasfemando horrores e ameaçando contar ao Sinhozinho de Jurema.

- Não! (gritou Pai Zé Pedro) – Não fará! Os Ferreiras são muito malvados, não fará! Ouviram a risada sarcástica do Feitor. Então não se sabe como, centenas de negros apareceram intimidando o Feitor apenas com suas presenças; Nagôs que já tinham ganho sua alforria pela velhice e pela doença. O Feitor que agia escondido do Sinhozinho saiu dali calado e foi avisar sobre Jurema. Foi um reboliço. O Senhor de Pai Zé Pedro mandou chamá-lo e pediu notícias do que estava acontecendo. Pai Zé Pedro disse que havia sido por malcriação da pequena crioula.

- O que devemos fazer? Enquanto falava, o Senhor de Jurema já estava na Senzala e como um raio já tinha Jurema desmaiada em seus braços, espraguejando de raiva. – Tanto a mãe como as filhas são feras, são

irresponsáveis, são negras malvadas, imundas! Estes Nagôs... não tenho palavras para suas blasfêmias.

De repente ouviu-se um estampido na serra e todos correram para olhar ou chegar mais perto, quando todos gritavam: - Afastem-se, afastem-se! Juntem as armas, atirem! Não deixem que eles desçam até aqui!

Sim. Todos corriam abandonando a fazenda, menos Pai Zé Pedro e Pai João que correram para proteger os seus Senhores da Casa Grande.

Era horrível. Trapos de negros revoltados pela escravidão. Arrebentavam tudo por onde passavam, matavam as crianças, levavam o que podiam; inclusive animais, etc. Em meio daquele pânico os negros chegaram e Pai Zé Pedro na soleira, gritou em voz alta:

- Parem, parem!

Um silêncio muito grande se fez ouvir. Os negros estacaram e ficaram como que petrificados.

- Sigam seus destinos, levem algumas leitoas e vão-se embora.

- Tem alguém no tronco? (perguntaram) – Não, aqui não encontrarão nem tronco. O meu Senhor é o meu filho (continuou Pai Zé Pedro). Nisto Pai João saiu de trás de uma árvore muito grande que tinha na frente da Casa Grande, e um crioulo em cima de um cavalo deu um tiro ferindo seu ombro. Jurema já havia se libertado do seu Senhor, pois o mesmo ao ver os negros jogou-a no chão e saiu correndo. Jurema ao se libertar correu para socorrer Pai João.

- Queremos o Senhor branco! (gritavam os negros). Pai João com ternura disse: - Chega! Chega, Deus pode castigar! O ódio é amigo da fome. Voltem para seus donos, as onças vão lhes comer nestas matas! Deixem de ódio, vamos, desçam... eu não tenho medo de vocês! (dizia Pai João morrendo de dor).

- Sim, vamos descer, disse um velho africano e num pulo já estavam juntos de Pai Zé Pedro. Se sentaram no terreiro como se quisessem ouvir o que ele queria dizer. Pai Zé Pedro começou a falar e perguntar a razão de suas fugas, o porquê de estarem fugindo. Eles contaram então a sua história.

- Éramos trinta, entre homens, mulheres e crianças. O nosso Sinhozinho entregou-nos pro Feitor e todo dia morria nego de apanhar, então resolvemos sair matando até encontrarmos sossego.

- De onde vocês vêm? (perguntou Pai Zé Pedro) – Viemos da Fazenda Esperança, no Engenho Velho. – Como? O Engenho Velho fica muito longe daqui. Meu Deus! (exclamou Pai Zé Pedro). Os negros como se estivessem enfeitados disseram: - Vamos ficar aqui, se o senhor deixar. Obedeceremos e não

aborreceremos ninguém. – Oh! Meu Deus! (gemeu Pai Zé Pedro) Já temos muitos negros. Nisso de lá gritou uma crioula marcando seus trinta anos: Eu sei tecer e fia, desde que me dê algodão. Desceram mais ou menos umas oito crioulas, entre 18 e 35 anos e negros também nesta mesma idade.

- Chame o Senhor, se adiantou o tal Jerônimo, que parecia dominar a tropa.

Nisto, o Senhor sai na varanda e os negros se ajoelharam no chão pedindo perdão como crianças. Eram Almas em busca de Luz, mariposas encandeadas pela Luz. Desta vez foi diferente, os negros é quem decidiram a situação. Foram se acomodando na Senzala, deixando Pai Zé Pedro preocupado.

Foi fazer uma vidência daquele quadro e ali cochilou entrando em transe. Viu todo aquele grupo de velhos e tradicionais Centuriões da antiga e já distante Roma. Viu também Pai Seta Branca que lhe disse: - Calma, calma José Pedro. Estes Centuriões que hoje são negros estão sob sua tutela. Foram seus algozes e entre eles está também Messalina, Policena, Emeritiana hoje na figura de Zefa. Salve Deus, José Pedro! Amor, Tolerância e Humildade! E assim desapareceu. Pai Zé Pedro despertou com o barulho deles. Sim, e João? O que vai pensar? Como irá entender isso? Oh! Meu Deus! Como me libertarei? Nisso Jurema vem correndo ao seu encontro. – Pai Zé Pedro, Pai João! Eu vi um Índio muito lindo que me falou sobre esses negros! Eles são nossos e vieram para nos salvar do meu Sinhozinho. Pai João deu uma risada e disse: - Salve Deus! Eu não o vi, porém senti tudo que passou. Jurema! Tu és minha filha! Eu e a sua mãe somos dois amores. Os três se abraçaram quando se ouviu a voz do Sinhozinho dono da fazenda.

- Eu quero também me confraternizar neste abraço. Zé Pedro, você salvou as nossas vidas. E virando para Jurema disse: - Vou comprar a tua mãe e tua irmã, a Juremá. Os quatro pularam de alegria com as cabeças juntas e também em um só coração. Depois, como se despertassem daquela felicidade disseram: - Hoje faremos a maior festa no Congá. Suas atenções se voltaram para os velhos Jaguares, negros Centuriões que estavam batendo os pés e palmas cantando uma linguagem Nagô.

- Oh! Meu Deus! (disse Pai Zé Pedro a Pai João) – Emeritiana está ali e Antera também! O que será de nós João?

Respondeu-lhe então Pai João com calma, segurando no ombro ferido: - Onde está o Amor, onde está a compreensão!

Sim, à noite foi um grande preparativo para a festa no Congá. Os tambores começavam a tocar, os chegantes pareciam tão disciplinados como os outros. De repente, ouviu-se um grito. Era Iramar que acabava de chegar esbaforida. O Povo da Fazenda dos Ferreiras estava cercado a Fazenda e iam levar Jurema. Foi pânico. Ninguém se entendia, até que Pai Zé Pedro novamente

comandou todo o povo que lhe obedeceu. Salve Deus! Porém, todo o povo ficou em suspense... Foi horrível.

Na semana vindoura saberemos o resto. Salve Deus, meu filho Jaguar! Procure sempre se encontrar nesta história, nestes personagens. Que a compreensão esteja contigo para que a felicidade possa te alcançar. É o que te deseja a Mãe em Cristo

Tia Neiva

Vale do Amanhecer, 15 de dezembro de 1979.

O AMANHECER DAS PRINCESAS NA CACHOEIRA DO JAGUAR

Capítulo III

Salve Deus!

Meu filho Jaguar:

Não estamos preocupados com os velhos documentos das velhas escrituras, porém estamos sim, desejosos de saber onde os nossos antepassados encontraram tanta força e tanta coragem para chegar até aqui. Sim meus filhos, o Missionário tem, graças a Deus, a sua energia e toda a harmonia nos Três Reinos de sua Natureza. Muitas vezes contando, até pensamos ser irreal o que nos dizem sobre os escravos e seus Missionários.

Vejam filhos, estavam em festa, quando alguém anunciou que os Ferreiras já haviam cercado o Conga e queriam Jurema a todo custo. Pai Zé Pedro, mais evoluído do que Pai João, foi tentando segurar o povo dentro do Congá e qual não foi sua surpresa, os crioulos novatos já haviam saído de dentro de casa e como loucos açoitavam os Ferreiras, fazendo-se ouvir pragas, ameaças e gemidos! O Feitor que estava do lado dos Ferreiras, sentindo que estava perdendo gritou:

- Sou o Feitor desta Fazenda. Estes Nagôs imundos estão me assassinando. Socorro!

Só se ouvia o urro do Feitor, pois na escuridão daquela noite, fora atingido na coluna ficando inerte no chão, gritando como um louco. Pai Zé Pedro foi até o terreiro onde estava a briga e logo viu que o Feitor estava aleijado para sempre.

- Oh meu Deus! (gritou Pai Zé Pedro) Como poderemos assumir tal dívida com este pobre irmão? Nisto, alguém que ouvia gritou:

- Eu acho muito bom que ele nunca mais caminhe, para não chicotear os outros.

- Meu Deus, meu Deus! (dizia Pai Zé Pedro andando de um lado para outro) Oh meu Deus! Este pobre homem que não vai nunca mais andar... Caminhando, deparou com um outro triste quadro. Efigênia, uma jovem negra estava ali também com o crânio aberto de pancadas. Era filha de Júlia, uma paralítica. Zé Pedro não resistiu e foi buscar o seu Sinhozinho. Sim, nenhum dos Ferreira havia morrido e quis a vontade de Deus, nem mesmo ferido. Foi então que um dos quarenta que ainda não havia se manifestado, deu um urro e se manifestou dizendo: - Salve Deus!

O sol já começava a esquentar seus raios, então o Nagô Pai Jerônimo disse:

- Levanta acampamento, leva Jurema e Juremá. Escolhe o teu povo e segue rumo à Cachoeira do Jaguar, que desemboca nas águas grandes do mar. Nós, os Nagôs, ficamos. Vamos buscar a desditosa mãe destas gêmeas (disse apontando para Jurema e Juremá).

- Não! Eu não permitirei (gritou Pai Zé Pedro).

- Como? (disse Pai Jerônimo). Como se atreve a duvidar de teu irmão? Vão embora que eu a levo. Se demorem terão mais mortes. Vamos, vamos logo. E desincorporou. Salve Deus!

Pai Zé Pedro e Pai João não esperaram mais. Não se sabe como, juntaram suas coisas ajudados pelo Sinhozinho e partiram dali. Só no caminho notaram que não faltava ninguém e, inclusive o Feitor lá estava, numa cama de varas. O Sinhozinho e a Sinhazinha despediram-se com amor. Quando já iam longe ouviu-se um forte estampido. Era um tiro de cravinote.

Os negros do terreiro, que já estavam de volta e o Sinhozinho com sua família, com a ajuda dos escravos que ficaram, enterraram os mortos e seguiram para a cidade onde moravam seus pais. Enquanto as crioulas contavam 108, faltando Jerônimo que ninguém sabia do paradeiro. Já era noite quando chegaram à Cachoeira do Jaguar. A Lua Cheia clareava as matas e o mar, as palmeiras balançando suas folhas como uma prece. Pai Zé Pedro sentando em uma pedra descortinava todo o quadro por onde teria que passar com aquela gente.

Pai João chegou e os dois começaram a fazer os seus projetos.

- Sim, (diziam) tudo pela condenação da matéria. A Terra... a Terra,

(disse Pai João) tão lindo o mar, no entanto a Terra é o que nos pertence, por ser a parte sólida deste Planeta. Porém, o que me conforta é que as Forças Cósmicas continuam em atividade, porque neste Universo não há inércia, tudo se movimenta em nosso favor pela Bênção de Deus. A sua atividade é essencialmente produtora desta nossa matéria orgânica e inorgânica, logo nos dará forças, graças a Deus!

Pai Zé Pedro que só ouvia, disse sorrindo:

- Onde aprendeste tanto? Isto não são palavras de Nagô!

- Estou consolando a mim mesmo, Pedro.

- Porquê não pede ao Mestre Agripino? Ele é que me consola (Foi quando os dois começaram a receber energia).

- Sim Zé Pedro, a atividade do homem é essencialmente produtora e as forças essencialmente ativas. Como já disse, cria na matéria orgânica este arsenal de forças, portanto temos que organizar um ritual, uma jornada, vestimentas que mudem a sintonia dos crioulos.

- Sim Zé Pedro, vamos erguer esta arma para o Céu.

- Sim João, é realmente um arsenal. Oh meu Deus!

E olhando a paisagem do lugar disseram:

- Faremos uma jornada em frente à Cachoeira, enfeitaremos as crioulas e faremos lindas Princesas dos Castelos Encantados que já ouvi contar.

- E eu que pensei que você meu irmão, era um simples escravo!

- Sim (disse Pai João), tenho Agripino que vem nos meus sonhos e me conta tudo.

- Eu também tenho um Índio que me falava quando eu ia entrar no chicote do Feitor. Riram, riram muito, de repente lembram do Feitor.

- Meu Deus! O que vamos fazer com este pobre homem? De repente ouviram um grito. Era Jerônimo gritando, como se estivesse perseguido.

- Oh meu Deus! A nossa vida não tem fim. E os dois continuaram a sorrir.

- Sim, e o ritual? (perguntou um).

- Faremos! (disse o outro) Precisamos de energia para obter as Curas Desobsessivas. Salve Deus! Faremos tudo que Deus nos aprover.

Os gritos continuavam e todos já vinham ao encontro dos dois.

Salve Deus!~Meu filho Jaguar. Domingo vindouro lhe darei a continuação.

Com carinho,

A Mãe em Cristo,

Tia Neiva

O AMANHECER DAS PRINCESAS NA CACHOEIRA DO JAGUAR

Capítulo IV

Salve Deus!
Meu filho Jaguar!

O dever é a obrigação moral da criatura para consigo mesma em primeiro lugar, em segundo para com os outros. O dever é a lei da vida. Meu filho, a virtude é o mais alto grau onde o homem encontra sua liberdade espiritual. A virtude é a forma que sobrevive e explica a natureza do homem, porque tudo está contido em Deus! Sempre estamos a percorrer as ruínas de nossas vítimas, das suas vidas, sem preocupação exata de nossa missão. Hoje meu filho, estamos tentando acreditar no que nos dizem os nossos antepassados.

Sim meus filhos, todos já estavam no Congá da Cachoeira do Jaguar. Foi triste aquela noite. Jerônimo havia chegado aos gritos, trouxera a mãe das gêmeas que estava muito mal. Emoções, choros, tristeza e também risos. O fato é que não se sabe como dormiram. Tão logo o dia clareou, todos já estavam tirando palmas, fazendo lindas choupanas. No prazo de oito dias já existia um lindo povoado de palha e tudo na melhor sintonia possível. Foi então o dia do grande Conga. Todos estavam realmente desejosos. Sim, o menor dos Seres vibrava na presença daquele lindo altar formado de palmas. Pai Zé Pedro e Pai João estavam muito felizes aquela noite, pois haviam se encontrado com Henrique de Enoque e com ele se identificaram. Henrique era um dos Nagôs. Juntos entraram na choupana de Jurema que estava ao lado de sua mãe moribunda. Jurema ao sentir os três, ergueu a cabeça e disse como se estivesse dormindo:

- Salve Deus! Seja bem vindo nesta terra meu estimado Procurador! É

árdua esta missão que escolheste de Nagô. Assim assumistes a maior das missões. Oh! (gritou) Como me orgulho de ti filho! Me orgulho de ti, como em poucos tenho o mais puro exemplo...

Nisto abriu os olhos e meio decepcionada voltou para sua mãe e todos correram para ela.

- Oh filha! Não sabes o bem que nos fez.

Ela começou a chorar dizendo: - Sim, eu sei. Eu ouvi tudo que disse, apenas não pude me impedir de dizer (Zé Pedro olhou para João).

- Como? Segundo Vô Agripino ela passou por um processo de incorporação consciente. - E quem tomou o seu corpo?

- Os Anjos e Santos que prometeram nos proteger nesta jornada. Jurema será a Voz Direta do Céu (respondeu João).

- Sim, graças a Deus! Então, comentaram tudo o que havia se passado. Zé Pedro reconheceu Henrique o seu velho Procurador Romano. Sim, Zé Pedro como Imperador o havia mandado a Pompéia e agora o reconheceu, porém não estivera tão seguro até que Jurema fizesse aquela grande afirmação. Os dois voltaram a se encontrar e no mesmo primitivo lugar. Pai João filosofando disse:

- Todos somos livres neste mundão de meu Deus! Até mesmo para acreditar, desejar, escolher, fazer e obter; mas, todos somos também constrangidos a penetrar nos resultados de nossas próprias obras. Não existe direito sem obrigação e nem equilíbrio sem consciência.

- Neste caso a consciência de Jurema é equilíbrio?

- Graças a Deus, por isso me faz tanto bem, João.

- Sim João, e a mãe de Jurema irá morrer?

- Não Zé Pedro. A doença é apenas o conflito do seu estado externo, falta de energia física. Não precisamos nos preocupar. - Aceito sua afirmação João. Fico feliz e seguro de saber de seus sonhos com Vô Agripino. Seria tão bom se eu também pudesse sonhar com ele, porém devemos agradecer a Deus de termos você.

- Sim Zé Pedro, porém ele ralha muito comigo!

- Sim João, eu também tenho um Índio. Eu já lhe disse, não?

- É verdade Zé Pedro, é verdade. E sabes mais Zé Pedro? Fui informado que o Vô Agripino é Pai Espiritual deste Índio.

- João, espera, vamos devagar...

Nisto um grito de alegria mudou a sintonia dos dois.

Era o escandaloso do Tomáz que havia visto um pequeno barco trazendo a Sinhazinha Janaína.

- Vê (disse Zé Pedro) Jurema bem que disse ter visto uma linda loura e um crioulo também que traziam belas mantas para as crioulas.

- Sim, vamos Zé Pedro e cuidado! Você está fazendo muitas observações, isto é muito perigoso. Deixe que as coisas decorram sem muita precisão de sua cabeça.

Desceram todos e a chegada parecia que já estava sendo esperada. Tudo calmo, desembarcou realmente com muitas mantas e pequenos terços, chamando Jurema foi também lhe entregando a sua bagagem. Vendo Pai João e Pai Zé Pedro perguntou se poderia viver ali com eles.

- Como? (disse Pai João) Veio morar conosco?

- Sim (disse a Sinhazinha). – Meu Deus, quantas complicações! (pensou Pai João).

- Meu pai é dono de Engenho e tem grandes negócios na Europa. Minha mãe morreu e eu sonhei que nesta Cachoeira alguém me esperava. Viemos eu e Chiquito para nunca mais voltar. Libertei todos os negros que estavam no tronco e sei que eles também virão. Chiquito vai descer novamente, virar o barco e voltar a pé, depois de alardear o meu afogamento. Todos pensarão que morri.

Neste ínterim todas as jovens já estavam juntas dando risadas. A euforia era tão grande que não houve sessão no Congá. Tudo ia correndo mais ou menos, todos se conhecendo melhor. Então uma grande harmonia foi evoluindo aquela gente. Pai Zé Pedro cada dia se evoluía no aprendizado de Pai João. Em vez de sessão no Congá eles gostavam mais das histórias doutrinárias de Pai João. Naquela noite, estavam todos sentados diante de uma linda fogueira atizada por Pai Joaquim e Mãe Dita...

Em resumo, ali acontecia a Doutrina Secreta, Mãe das Religiões e das Filosofias, que se reveste de aparências diversas no correr das idades, porém sua base permanecendo imutável em toda parte. Sim, nascida simultaneamente na Índia e no Egito, passando daí para o Ocidente com a onda das imigrações. Assim é que por toda parte, através da sucessão dos tempos e dos rastros dos Povos, afirma-se a existência de um Ensino Secreto que se encontra idêntico no fundo de todas as grandes concepções religiosas ou filosóficas. Os Sábios, os Pensadores, os Profetas dos Templos e dos países mais diversos, nela acham a inspiração, a

energia que faz transformar e empreender as grandes coisas que aliviam as almas e equilibram a sociedade.

Todos se preocupavam com a fogueira, enquanto Pai João cochilando ouvia todas essas coisas, estas lições, estes ensinamentos. Mal sabia Pai João, ia gravando tudo isso no fundo de sua alma, junto com a paz, uma serenidade e uma força moral incomparável. Todos sorriam, sem se lembrar do Feitor que repousava inerte na última choupana. Como a união faz a força, se obtém geralmente resultados satisfatórios sobre os encarnados. Todos estavam descontraídos e desprevenidos, alheios aos seus pensamentos exceto Jurema, que não saía da cabeceira de sua mãe.

E no meio daquela noite surgiu um triste espetáculo: Jurema, com um pedaço de madeira na mão, gritava escandalizando todo mundo como se fosse o próprio Feitor!

- Negros desgraçados, preguiçosos! (e se atirando em cima de todos e de olhos fechados espraguejava contra Zé Pedro).

- Vem negro desgraçado, vem me matar!

Pai Zé Pedro vendo que ela poderia cair na fogueira, foi segurá-la. Qual nada! Jurema investiu contra ele e o agrediu. Pai João foi ao encontro e os dois se machucaram. Jurema estava sem a razão. Pai João levantou os braços e na Força do chamado Deus Africano, gemeu como um leão dizendo:

- Oh Obatalá! Oh Obatalá! Entrego neste instante mais esta ovelha para o teu redil!

Jurema soltou o porrete e saiu cambaleando num pranto doloroso. Pai Zé Pedro enxugando o sangue do rosto, acariciava-a enquanto ela lhe enchia de perguntas.

- Não tens raiva de mim? Não te zangastes?

- Não filha (disse por fim). Conheço o fenômeno e tu só me fazes bem. Jurema levantando os grandes olhos rasos d'água, emitiu a Zé Pedro toda a sua ternura. Zé Pedro sentiu todo amor de sua vida. Os dois percorreram o transcendente e como por ventura, Jurema viu o famoso Procurador que a cortejava e a quem tanto amava. Então ali permaneceram sem que ninguém os reparasse. Todos estavam empolgados no fenômeno. Pai João fez aquela Emissão ou Elevação com toda a força dos seus sentimentos. Sentindo as dores do fenômeno, voltou para o mesmo lugar, voltando também a ouvir Vô Agripino.

- Salve Deus! Viu João? Fizestes tudo tão perfeito, porque tens constantemente livre o teu Sol Interior. Te entregastes ao Cristianismo, esquecendo-te de ti mesmo. Sim, o ensino é como pétalas de rosa que caem em

nossas mentes, enquanto vai orvalhando os Três Reinos de nossa Natureza.

- É o Centro Coronário que me ensinaste uma vez?

- Sim! Este guarda as pérolas que levamos para a Vida Eterna. (E disse mais) – Não te assustes com Zé Pedro. Não te esqueças que ele tem apenas 40 anos aí na Terra.

Pai João meio confuso, viu que Zé Pedro ainda falava com Jurema. Então voltou a fazer outras perguntas ao seu Vô Agripino e este entre outros esclarecimentos disse:

- João, sabes quem tomou o aparelho de Jurema?

- Não meu Vô, quem?

- O Feitor!

- O Feitor? Como? Ele morreu?

- Não, o seu ódio é tão grande que ele se desprende do corpo e faz o que fez.

- Meu Deus!

- Sim! E não poderás dizer nada, guarde tudo para ti mesmo, porque esta gente não tem capacidade de assimilar tudo isto.

- Oh meu Obatalá! Tenho medo, e Zé Pedro?

- Sim, nem Zé Pedro. Ele será feliz, porque saberá respeitar o seu grande e imortal amor.

- E Japuacy?

- Japuacy? Veja João. (Pai João deu uma grande risada...).

Sim meu filho Jaguar, vou terminar a reforma da Sala de Costura com Rafael e Fabrício, e não tenho como escrever mais, porém na próxima semana darei a vocês mais uma parte.

Com carinho,

A Mãe em Cristo,

Tia Neiva.

O AMANHECER DAS PRINCESAS NA CACHOEIRA DO JAGUAR

Capítulo V

Salve Deus!
Meus filhos Jaguares!

Explica-se a diferença entre a velha estrada e o novo caminho.

A velha estrada é cheia de medo, de temor a Deus. A velha estrada foi palmilhada por milhares de pessoas, milhares de teorias sempre escritas e nunca praticadas. O novo caminho, entretanto foi traçado pelo suor, pela própria energia de quem o traçou e vive a emitir com tanto amor.

Vamos sentir o caminho do Amanhecer, sem superstições e sem as teorias dos pensadores, pela vivência na prática, na execução desta Doutrina e seus fenômenos sensoriais.

Vamos senti-lo no respeito à dor alheia, no carinho aos humildes, no afeto das ninfas, no progresso e na compreensão de nossa família.

Este é o caminho traçado para o homem na Doutrina do Amanhecer.

Quem diria que naquela Era distante os Enoques levassem tão alto esta filosofia, esta Corrente.

Sim, Pai João, o mais velho, era quem observava com mais precisão o desenrolar das vidas nos Carmas. Suas preocupações aumentavam enquanto Pai Zé Pedro filosofava de vez em quando.

Os dias passavam sem qualquer anormalidade, isto é, sempre acontecendo fenômenos que ali já eram corriqueiros. Porém, só Deus sabia como e onde chegariam. Havia dias alegres e outros menos alegres, porém sempre em harmonia.

Até que as forças foram se materializando e tudo começasse a ser mais verdadeiro, mais preciso.

Pai João se inebriava com todos aqueles fenômenos e estava sempre à espreita dos mínimos acontecimentos. Os momentos de descanso era cochilando embaixo de uma pequena árvore.

O pequeno arraial estava tranqüilo quando Pai João em um dos cochilos

viu um finíssimo fio magnético entrando numa das cabanas, ao mesmo tempo que ouviu o grito desesperado de alguém que fora atingido.

Era um fenômeno Mediúnico, puramente Espiritual. O grito era da jovem Iracema que rolava com uma dor na espinha, como se tivesse levado uma pancada.

Pai João então correu e fez uma “Elevação” tirando-lhe a dor.

Ele então começou a pensar que nada havia enxergado. Tinha certeza de ter visto aquele fio saindo da cabana do Feitor.

Chamou então Pai Zé Pedro e contou-lhe o que vira e os dois começaram a ter medo da situação.

Nisto Jurema, manifestada por um Caboclo começou a dizer:

- “Meus filhos! Tomem cuidado, este Feitor é um instrumento feliz de evolução. O pobre infeliz vive ainda pelas mãos caridosas de Sinhá Sabina. O fenômeno foi visto por vosmissê João, para que tome cuidado!”.

- Como? (perguntou Pai João).

- Ele vai entrando em transe (respondeu o Caboclo) e sua alma ruim, odiosa, pega a quem ele mais ama ou odeia.

- Salve Deus! (disseram todos de uma vez).

- E eu que pensava que somente os desencarnados atuavam...

- Sim! (continuou o Caboclo) Vocês estão em uma jornada para desenvolvimento, até que passe todo o Carma da escravidão.

- O homem será feliz quando tiver a libertação? (perguntou Pai Zé Pedro).

- Não! (continuou o Caboclo) O homem jamais se libertará.

E dizendo isso deixou Juremá e se foi.

Todos ficaram sem entender nada. Jurema porém entendeu e saiu correndo dali para a cabana do Feitor, decidida a falar com ele e dizendo que iria mata-lo, quando Pai João interferiu dizendo:

- Jurema, a concepção de morte resulta de um entendimento completamente errado da vida, porquê na verdade ela jamais existiu. O Espírito não morre e então o Feitor nos atentará mil vezes mais. Matando-o ele ficará mais

leve, mais sutil.

- Todos que se prendem pelo pensamento e se enchem de ódio, ao se verem desencarnados no astral inferior, é evidente que voltam, sendo mais comuns as suas furiosas crises.

- Vamos Jurema, vamos tentar doutriná-lo antes que morra e se torne invisível aos nossos olhos.

Chegaram na cabana do Feitor. Ele estava esticado numa cama de vara e capim. Sabina veio sorrindo ao encontro deles. O feitor começou a espraguejar e Pai João a lhe fazer Doutrina, porém com medo de Jurema que o observava seriamente com seus olhos verdes e amendoados.

Sem perceber, disse então Pai João: - Pobre Imperador! Viestes com tão nobre missão e, no entanto eis o que restou! Pensa Eufrásio, no que estou te dizendo. Vou levar Jurema e voltarei.

O dia já estava terminando quando Pai Zé Pedro e Pai João se encontraram de novo e se entenderam. Pai Zé Pedro deslumbrado ficava repetindo: - A irradiação dos encarnados se desprende do corpo e manifesta com a mesma leveza do Espírito dos mortos...

Nisto se ouviu um grito e em seguida gargalhadas; Pai Zacarias caíra na Cachoeira e estava todo molhado, porém nada havia lhe acontecido senão o susto. Coisas desta espécie aconteciam sempre.

Sim, mas essa alegria durou pouco. Chegou o Feitor da Fazenda onde Juremá vivia.

Ele chegou arrogante e já ia pegando Juremá quando Tomáz gritou: - Larga, porco imundo, aqui é diferente! - Nem tanto (gritou o Feitor) porque você vai morrer!

Dizendo assim esporeou o cavalo e marchou para Tomáz. Como um relâmpago passou por cima dele com o cavalo esmagando o seu estômago. Quando Pai Zé Pedro e Pai João chegaram era tarde demais. Tomáz já estava morto!

Todos gritaram fazendo um ambiente de terror naquele lugar.

O Feitor foi fugindo despercebido levando Juremá.

Aquela dor era grande demais e ninguém, e ninguém se lembrou do Feitor assassino e nem de Juremá.

A morte de Tomáz trouxe tanta tristeza que mudou a sintonia do lugar.

Os Nagôs não cantaram mais e nas fogueiras riam raras vezes. A harmonia porém continuava.

Começaram então os projetos para irem buscar Juremá. Tomáz fora quase criado por Pai Zé Pedro.

Dois Nagôs que muito amavam Pai Zé Pedro resolveram buscar Juremá. Calados, sem que ninguém soubesse, puseram uma “matula” na mochila e se foram sem que ninguém soubesse.

Jurema porém os viu na sua vidência.

Pai João por sua vez sentiu tudo que estava se passando.

Todos porém se fizeram de desentendidos e ninguém impediu os dois Nagôs.

Jurema não olhava para Pai João e nem Pai Zé Pedro, pois viviam ainda o espírito de vingança pelo seu querido Tomáz.

E realmente Joaquim e Cassiano chegaram com Juremá.

Novamente o rebuliço.

Juremá não falava, perdera a voz.

Todos queriam saber o que houvera, porém nada diziam e ninguém tinha coragem de perguntar. Permaneciam em volta da fogueira e só ouviam o murmúrio da Cachoeira. Ninguém tinha mesmo coragem de quebrar aquele silêncio.

De repente Jurema deu uma risada, Janaína foi para perto dela e as duas se abraçaram, Jurema, porém, mantendo uma atitude que não era dela, disse: - Salve Deus! (e chamando Joaquim e Cassiano disse): - Porquê fizeram isso? Mataram o Feitor e seu Sinhozinho! Isto não é de um filho de Deus e que está ‘a caminho! Terá que voltar ‘a Terra e receber o Feitor como teu filho. E tu Cassiano, terás o teu Sinhozinho também como filho!

A estas alturas Cassiano e Joaquim já sabiam o que Jurema queria dizer.

- Me perdoe, bom Espírito (disse Joaquim) porém aquele malvado matou nosso Tomáz em sua covardia!

Cassiano por sua vez perguntou ao Espírito incorporado em Jurema em Jurema se eles poderiam continuar vivendo ali.

- Sim! (disse o Espírito) Deus não tem pressa. Cada um daqui assumirá a sua sentença ou sua libertação.

Juremá enchia-se de cuidados por Jurema.

Tão logo terminou a incorporação cada um voltou ao seu estado d'alma. Uns foram dormir e outros ficaram ali na fogueira.

Nisso ouviram gritos alucinantes!

Meu Deus! Novamente o fio magnético. Novamente Iracema fora atingida pelo Feitor Eufrásio. Tudo se repetiu com as mesmas correrias, até que Pai João liquidou novamente o assunto com nova Elevação. Desta vez, porém, com muito trabalho.

Mais dias decorreram e se notou que Iracema ficava cada dia mais pálida, com ar doente. A partir daí tudo foi de mal a pior.

Certo dia fizeram uma vidência para saber o que deveriam fazer com a pobrezinha da Jurema. Dela participou Vovó Cambina, que viera da Bahia para tirar o quebranto dos filhos da Sinhá. E na sessão daquela noite decidiu seguir os seus irmãos naquela jornada.

Vovó Cambina da Bahia “rezou” Iracema e esta com seu “Passe Magnético” começou a melhorar. A partir daí, na proporção em que ia se fortalecendo, ia também adquirindo forças para repelir o magnético do Feitor.

A essas alturas, porém, as coisas já haviam tomado um rumo muito sério. Ninguém se lembrava mais de Tomáz. Toda a concentração agora era no Feitor Eufrásio. Urgia fazê-lo amigo antes que ele os atingisse. Isso porque Pai João explicara que se doutrinassem o Feitor, ele deixaria de atacar com seu magnético. A partir daí o Feitor começou a receber constantes visitas e foi melhorando tanto, que chegou a pedir perdão muitas vezes.

Eufrásio passou então a ser o confidente daquele povo!

Sim, Eufrásio fora um grande Senhor, até o dia que perdera a sua fortuna e sua família devido ao jogo. Com isso fora obrigado a aceitar o triste lugar de Feitor naquela Fazenda de tragédia. Mais uma vez a prova de que o homem se liberta por si mesmo...

Sim, enquanto Pai João e Pai Zé Pedro ensinavam a sua Doutrina de Amor, o Feitor ensinava, também, o que sabia dos mundos por onde andara.

Vovó Cambina da Bahia também o “rezava” todos os dias.

A vida do arraial, sem ter perdido sua harmonia, só agora, entretanto

voltava ao normal das toadas e das alegres fogueiras. Certo dia estavam todos assentados quando ouviram um barulho no mato, como seu fosse um estouro de boiada arrastando tudo... Eles então carregaram suas espingardas e se entrincheiraram...

Era uma vara de porcos selvagens que por ali passava, felizmente por fora do arraial. Assim mesmo os Nagôs mataram mais de 20 porcos, fazendo fatura de carne.

Pai Juvêncio e Zefa eram os únicos que tinham coragem de ir até um lugarejo por nome Abóbora.

Certa feita chegavam na entrada da cidadezinha, quando Pai Juvêncio viu uma mulher com uma menina meio desacordada nos braços. Ele chamou Zefa e cochichou no seu ouvido. Ela concordou com o que ele disse e ambos benzeram a menina, isto é, tiraram o Espírito que estava com ela. A menina ficou boa e Tânia, sua mãe, deu a eles algumas frutas que tinha, se desculpando por não ter mais nada.

Juvêncio e Zefa comeram as frutas, trataram dos assuntos que os havia trazido à cidade e voltaram para casa. Ao chegarem, nem bem haviam pisado na soleira da cabana, quando sentiram uma violenta dor de barriga. Suas barrigas começaram a doer, doer tanto a ponto de chamarem Vovó Cambina da Bahia para socorrer-los.

Seria veneno?

A desinteria piorava e os dois apresentavam os mesmos sintomas.

Pobrezinhos, dizia Pai João. – Resolveram tantas coisas para nós nessa viagem! Deve ser provação, deve ser Deus testando seus corações.

Logo mais à noite, todos estavam em torno da fogueira e pediam notícias. Súbito, Jurema que estava ao lado de Pai Zé Pedro, levantou-se bruscamente e apontando para os dois que estavam abaixadinhos junto à fogueira gemendo de dor, disse:

- Eles comeram prenda ganha pela sua caridade!

- Como? (disse Pai João) – Ah! Sim, Pena Branca não quer que a gente ganhe nada em troca do que faz! Sim, Vovó Agripino também já disse: - A gente só aprende com o espinho na carne, fincando!

- É Pai João, todos nós temos um espinho na carne!

- Oh! Meu Deus! (gritaram todos de uma vez) – Sim! Estamos conscientes!

Nessa altura, graças a Deus, Vovó Cambina já estava chegando com a cuia de chá. Eles após tomaram o chá, contaram o que havia acontecido na entrada de Abóbora.

Todos então abraçaram os dois pela sua ação e cantaram em coro – Juvêncio e Zefa comeram prenda da caridade que fizeram! – Sim, receberam pagamento e o Pena Branca não gosta de presentes ou de “cobre”!

Zefa e Juvêncio ainda tiveram uns três dias de dor na barriga.

Tudo foi alegre e passou.

Eufrásio, que agora era o Conselheiro do grupo, também achou a lição muito importante. Primeiro pelas frutas, uma vez que Pena Branca não aceita pagamento pelo seu trabalho mediúnico, e segundo pela denúncia de Jurema, que em sua Clarividência vira o que se passara.

O pobre casal fora lesado pelas suas mentes preguiçosas. E tudo está Espiritualmente pronto.

Pai Zé Pedro e Pai João se regozijavam da situação. Zé Pedro sempre perguntava: - O que será de nós, onde iremos? O que será de nós? Não seria melhor sairmos, em vez de esperar o Mundo aqui? Eu já não suporto mais! Oh! Meu Deus!

- Zé Pedro (dizia Pai João) Quando o celeiro está pronto o Mestre aparece! – São palavras de Vô Agripino!

Pai Zé Pedro, Pai Lourenço, Pai Francisco e muitos outros dos 70 membros daquele grupo estavam inquietos. Menos Pai João e Eufrásio o Feitor, que firmes em Vovô Agripino, permaneciam calmos.

Certa manhã Jurema avisou o Pai Zé Pedro que chegaria muita gente para se curar. Os Nagôs se reuniram e se prepararam para recebe-los. Já fazia dois anos que ali estavam.

- Lá vêm eles, lá vêm eles!

Lá embaixo avistava-se uma enorme fila de gente chegando.

Só se ouvia gente correr para receber os chegantes.

Zefa e Juvêncio reconheceram entre eles a mulher cuja menina haviam curado e gritaram: - Jurema, Pai João, Pai Zé Pedro! São gente que vêm em busca da caridade! (e perguntaram baixinho a Pai João): - Não tem perigo de nossa barriga doer?

- Não! (respondeu Pai João).

E o Povo foi chegando e fazendo e fazendo ambiente.

Que maravilha! Todos estavam felizes, a felicidade dos Missionários de Deus!

Tudo foi lindo com suas Curas Desobsessivas e seu Amor, a dedicação de toda aquela gente.

Meus filhos, eu gostaria de contar mais desta história, porém Manezinho, o 7º Raio de Yucatã não me deixa. Sabe porquê? Porque ele é também um personagem da Cachoeira do Jaguar.

E você também, meu filho, procure se encontrar nela.

Com carinho,
A Mãe em Cristo.

Tia Neiva.

Vale do Amanhecer-DF, 08 de março de 1980.

O AMANHECER DAS PRINCESAS NA CACHOEIRA DO JAGUAR

Capítulo VI

Salve Deus!
Meu filho Jaguar!

As trevas da noite nada significam para o Espírito, pois este vê através do seu resplendor.

Sim meu filho, declaro com toda confiança, que não está longe o dia em que a ciência irá se colocar diante desta realidade que é a reencarnação.

Ninguém poderá impedir o progresso. O mundo de hoje está brincando com fogo. O tempo no espaço não se registra. Não se sabe porém os caminhos físicos. No centro nervoso da Terra tudo é lento, tudo vibra para formar a harmonia no centro eterno do homem. Seus rápidos contatos do etéreo-magnético é o bem que lhes dá força. O homem mesmo na sua inconsciência, confirma o seu penhor no eterno e junto aos seus velhos sábios retorna ao seu Sol Interior.

Sim meu filho, breves dias irão chegar em que o Homem Espiritualizado será sentido pelo “PROFANO”, como uma música literária da mais alta sinfonia.

Sim meu filho, segundo as leis e forças que governam todas as coisas que Deus criou, o homem na totalidade, sempre procura empregar sua força mais para impedir o desenvolvimento da Terra. Vê-se assim, como a se punir pelas suas próprias leis. Leis, sempre para punir outros e não sabem se desviar e continuar a punir.

Sim meu filho, não é fácil abandonar a multidão, fixar-se em si para buscar a verdade. E quando conseguimos encontrá-la, é mais difícil ainda permanecer com ela. Permanecer com a Verdade quando a encontramos.

Sim meu filho, com este Espírito de lealdade vamos encontrar o nosso Povo na Cachoeira do Jaguar. Foi tudo muito bem aquele primeiro dia. Curas, muitas curas que se espalharam por toda parte. De longe se viam luzes naquela Cachoeira. Nossos Missionários estavam unidos pelos compromissos Cárnicos.

Pai João amanheceu doente. Seis horas da manhã e o céu não clareava, fazendo os pensamentos se encontrarem. Eufrásio entoava um “bendito” da Igreja Católica. Jurema juntou a roupa e desceu com uma enorme trouxa para a fonte, e com ela Janaína, Jandaia e Janara. Alguns Nagôs já voltavam das caçadas e outros seguiam para as roças. As Sinhás preparavam a feijoada e outras ainda reavivavam o fogo da célebre fogueira.

Pai João sentia a tristeza daquela gente e sua mente começou a voltar. Foi quando Pai Zé Pedro chegou fazendo algumas premonições. Sim! Pai Zé Pedro previa alguma dor devido também ao procedimento daquela gente.

Pai Zé Pedro estava triste porque Pai João já havia contado uma certa comunicação sua com Vô Agripino, que segundo os fenômenos habituais, a desarmonia que há horas estava se dando no grupo, era forçada pelas vibrações dos familiares de Janaína. Eles acabariam descobrindo o seu paradeiro. Evidente, seria uma guerra. Perder Janaína seria um terrível descontrole para Jurema. Seus pensamentos não chegaram a se concretizar.

Da entrada da aldeia três cavaleiros gritavam: - Negros! Queremos paz, porém, nos entreguem a Sinhazinha Janaína, porque o Senhor seu pai pede a cabeça de todos vocês que roubaram sua filha.

- Ela não se encontra aqui (disse decidida Jurema).

Janaína, que estava de cócoras, saiu correndo e entrou na cabana de Eufrásio, que tinha um Cravinote na sua cabeceira para se defender de bichos (onças, lobos, etc). Vendo Janaína tremendo de medo, segurou o Cravinote e ficou ali ‘a espreita do que desse e viesse.

Ah! Foi horrível! Os homens desceram dos cavalos e foram direto ‘a cabana de Eufrásio. Este, fazendo um esforço acima de suas condições físicas, vendo o homem quase pegando Janaína, segurou a arma e atirou. Dois ficaram caídos e o outro foi embora pela mata adentro.

Pai João mandou que desarreassem os cavalos e os juntasse à tropa.

Todos correram para a cabana de Eufrásio que só sabia dizer: - Oh! Pai João, pelo amor de Deus, jamais pude pensar em tão desesperado gesto. Sim, Pai Zé Pedro! (Eufrásio continuava a falar) Eu não podia deixar que eles pusessem a mão nesta criaturinha...

Nisto um urro. Reviraram o homem que estava de bruços com a boca no chão, ele ainda estava vivo, porém, o outro estava morto. Foi horrível. Ninguém sabia como proceder. Mas, a verdade não se pode esconder: Estava um homem morto, e o outro ninguém sabia o seu estado de saúde. Somente quando o dia clareou é que foram dar conta da tragédia.

Eufrásio já estava só novamente.

Um grande grito se fez ouvir, era Eufrásio; estava sentado na cama.

- Sim! Pai João, Deus se compadeceu de mim, estou sentado. Oh! Pai Zé Pedro. Todos viraram-se para Eufrásio, ficando a dor da tragédia mais amena.

Maria Conga não parava, enquanto todos sofriam em seu pranto emocional, ela junto à Vovó Sabina e também alguns Nagôs, já haviam cuidado do morto e do ferido, e até já sabiam que o morto se chamava Crésio e o doente Amâncio e que inclusive, estavam por conta própria, ninguém os havia mandado ali. Eram os velhos reajustes da noite fatal na Senzala.

- Oh! Meu Deus! (gritavam todos) Eufrásio vai andar... entre lágrimas, gritos e emoções, Eufrásio dava alguns passos pelas mãos de muitas pessoas eufóricas que chamavam aquele fenômeno de milagre.

Pai Zé Pedro estava em conflito e foi atrás de Pai João.

- Como pode? Matou e ficou curado! Como pode? João, um fenômeno deste?

- Cala-te Zé Pedro! Deixe de fazer julgamento. Estes três homens não eram mandados do pai de Janaína, e sim estavam com má intenção na pobrezinha desta virgem. Olha Zé Pedro, já estamos aqui há mais de cinco anos! Não está lembrado que o Sinhozinho Eric vendeu tudo que tinha e foi embora pensando que sua filha havia morrido afogada? Houve até uma lenda que Janaína aparecia cantando por cima das águas nas noites de lua cheia? De um ano para

cá, porém, alguém começou a desconfiar que realmente ela estava aqui. Confiança Zé Pedro! Nas coisas de Deus! Estamos em maremoto, porém, para um nada. É confuso tudo isto, certo?

- Oh! João, graças a Deus! Não sabes o bem que me fizeste.

Pai João mandou um recado para o Sinhozinho de Pai Zé Pedro e este arrumou toda a situação ilegal, inclusive junto ao pequeno arraial de Abóboras.

Eufrásio realmente ficou bom. Então tudo virou. Eufrásio queria procurar a família, os seus e, tão impaciente estava que já se aborrecia por qualquer coisa e por fim se apaixonou pela meiga Iracema. Então, em tudo colocava a amargura. Não parecia mais aquele Eufrásio cheio de cuidados.

Certa noite, a lua estava cheia, ninguém se preocupava com a fogueira. Pai Zé Pedro e Pai João estavam fora, mais para longe da aldeia e começaram a fazer as reparações.

- Eufrásio (comentavam), como uma criatura podia modificar em tantos aspectos, em tão vil procedimento?

- É possível João, alguém regredir tão depressa?

- Sim Zé Pedro, naquela noite trágica, muita experiência Deus nos deu à luz do saber. E eis o que sei dos meus contatos com Vô Agripino: - Eufrásio foi somente um instrumento de nossa evolução – e disse mais: que eu nunca me iludisse com o seu comportamento e nem tampouco com a sua evolução.

Sim, tudo era compreensível, porque o homem não se evolui em tão pouco tempo.

- Oh! Meu Deus! Começo a compreender o que estamos passando.

Nisso chega Eufrásio.

- Pai João, vou-me embora, não estou suportando mais esta vida! Vou sair, vou procurar emprego onde chegar. Darei notícias e jamais irei me esquecer de todos aqui, e muito menos de vocês dois.

Olhando, Pai Zé Pedro, que espantado não dissera uma só palavra, perguntou: - Quando desejas partir?

- Agora (respondeu Eufrásio) e sem muitas despedidas. E foi embora, montado na mula do finado.

Pai João, Pai Zé Pedro e alguns Nagôs que já haviam se juntado ali, estavam perplexos. Ninguém, ninguém deu uma só palavra. Subiram até a aldeia

sem comentários e com toda mágoa no coração se sentaram junto à fogueira. Jurema virando-se para Zé Pedro, disse:

- Tenho pena de Vosmecês, e assim dizendo foi incorporando.

- Salve Deus! (era Vô Agripino) Meus filhos! Eufrásio foi embora, cumpriu seu tempo com vocês, não se preocupem que ele não irá muito longe. Fez grandes dívidas nestes arredores. Pagou sua dívida com Janaína e vai se encontrar com sua família aí nas Abóboras. E vocês, João e Zé Pedro, se preparem que virá uma ordem para vocês partirem daqui.

- Nas Abóboras? Sua família aí tão pertinho? (perguntou Pai João).

- Sim! Porém, ele saiu daqui sem saber (continuou Vô Agripino) Sim! Vocês vão partir daqui, partir para bem longe. Jurema, Janaína, Iracema, Jandaia, Juremã, Janara, Iramar, Jazaira e Jaiza precisam se casar. Esta aldeia já não tem mais energia para vocês.

- Sim! Energia Transcendental, Herança que se encaminha na Lei do Auxílio.

Pai Zé Pedro e alguns Nagôs estavam ainda decepcionados, mal ouviam o que o Vô dizia.

Terminou a sessão e todos tristes, foram dormir.

Sim, nesta época já viviam ali naquela Aldeia 108 personagens. Era uma família que com a saída de Eufrásio, ficou bem mais unida. Só Deus agora daria o destino daquela gente.

Em volta da fogueira todos “murchos”; o coração de Pai João doía... Reagindo, voltou-se para os demais dizendo:

- Meus filhos, o homem não vive com o coração dilacerado pela desilusão. Não fiquem assim compungidos pela falta de Eufrásio.

Alguns comentaram – Eufrásio era tão bom, nos dava tantos conselhos, nos orientava em tudo...

Pai João começou a pensar: Quando o homem se esquece das faltas do outro é porque está se evoluindo. Ali naquele caso, todos só lembravam de Eufrásio na sua boa fase. Sim, Iracema, a crioulinha mais indefesa, e a quem mais fez sofrer...

- Zé Pedro (disse Pai João) Estes são realmente os velhos Reis e Imperadores.

- Por quê João, afirmas com tanta euforia?

- Zé Pedro, o homem que viveu em encarnação superior, digo, de procedência refinada, não perde a confiança em si mesmo. Sempre estão a lhe passar o Espírito de Justiça e não se envolvem em mesquinhas. Somos 108, sabe?

- Sim, foram todos Reis e Rainhas, e todos viverão muito tempo conosco.

- Deveras (disse Pai Zé Pedro) – Eles só se lembram de Eufrásio, de Eufrásio em suas boas ações e de seu martírio na cama.

Continuavam perto da fogueira. Jurema fazia previsões. Chegando a vez de Iracema ela disse:

- Iracema, você voltará para ser a esposa de Petrúcio. Sim, seguirá para muito longe. Iracema e Iramar atravessarão o Espaço para receber a missão e depois voltarão esposas do mesmo Imperador.

- Eu? (espantou-se Iracema), esposa do Imperador?

- Sim! (continuou Jurema) Cujo Imperador será Eufrásio, que neste instante já se prepara para partir no rumo de sua missão.

Deveras, foi horrível aquela noite. Frustramento, sonhos pesados, porém ninguém ousava dizer nada, até que Pai João quebrou o silêncio.

- Sim! (disse Jurema) Uma morrerá e Iramar se casará por último e, depois todos nós partiremos de lá para outro lugar aqui perto...

A vida continuava. Logo se acostumaram com a saída de Eufrásio. Reinava agora um suspense. Sempre sustos, reparações Doutrinárias, uma harmonia quase que de medo. Certo dia Pai João se juntou na fogueira e começou a falar:

- Vejam meus filhos, como a lei segura o homem. Vê-se assim, como o homem pode ser punido pelas próprias leis que estabelece, sem se desviar deles. São as leis feitas pelos homens, que punem. Os Poderes Superiores podem proteger o homem das forças negativas que causam doença e sofrimento, porém, o pedido de proteção, segurança contida de paz, harmonia do nosso todo, isso é possível somente na Lei do Auxílio. Fazendo a caridade é que abatemos na Lei do nosso carma. O sofrimento de hoje é a luz do amanhã. Individualizamos a vida e, no entanto, somos guiados por Deus. Há muitos séculos o homem tentou criar e fez a força cega em si mesma, dirigida pelo Chefe das Almas...

Pai Zé Pedro ouvia atento as palavras de Pai João, e remoia em seu canto a falta, a transformação de Eufrásio.

- João, o quê é Deus? Não é dado ao homem conhecer Deus, que por si mesmo deve compreender? Sabemos que um homem está com Deus pelo seu procedimento. Por que regride o homem? Eufrásio estava em Deus, como pode cair tão de repente?

- Sim Zé Pedro, cuidado com a tua forma de pensar, vancê é um Nego Velho pro chicote e não para julgar com tanta convicção.

Os dois começaram a rir e João disse com Amor:

- Sim Zé Pedro, ouça bem o que diz Vô Agripino: Deus é absolutamente Fé, é absolutamente Razão. E ser a Razão é ser a ciência. Eufrásio não estava em Deus, Deus tentava penetrar apenas em seu coração, como tocou ao vosso naquela noite.

- Como? (pergunta Zé Pedro).

- Assumindo com Eufrásio os seus desatinos! Afirmou Pai João.

- Então tudo foi perdido? (indagou Zé Pedro).

- Não Zé Pedro, nada se perdeu, muito pelo contrário, Eufrásio saiu para cumprir seu destino. Deus não lhe daria o perdão de suas faltas por aquele curto tempo em que esteve paralítico aqui na cabana. Espancou muitos homens, foi o pivô da noite trágica. Quantas mortes em seu nome? Tudo o que aconteceu foi à bem do seu Espírito, não se esqueça do que disse o Caboclo Pena Branca: Breve, muito breve, iremos nos encontrar. Salve Deus!

- João, na verdade o homem não tem capacidade de julgar o outro.

Os dois começaram a sorrir, achando graça daquelas coisas que falaram e que tanto lhes fizera bem. Tudo vinha de Vô Agripino a Pai João.

Felizes, felizes estavam agora. Recordavam de sua vida passada, o porquê daquela escravidão.

A felicidade porém durou pouco. Como por encanto um temporal, como um furacão, ameaçava aquela aldeia – o mar crescia, as árvores chegavam suas copas no chão. Pai Zé Pedro e Pai João juntavam a todos e em súplicas olhavam o céu. As palavras de Vô Agripino, eram agora o leme daquele povo: “CORAGEM! FIRMEZA! A FÉ, O AMOR, SÓ EM DEUS!...”.

Quando a voz do Índio Estrangeiro, como uma melodia de paz se fez ouvir: É A HORA DE POMPÉIA! Foi a Voz Direta.

Todos ouviam e viam seus Olhos Verdes incomparáveis, iluminando naquela escuridão. Logo todos estavam juntos.

Oh! Meu Deus! Em que Plano? Em que Dimensão? Foram todos ou ficou alguém, alguns daqueles pobres Missionários?

Meu filho Jaguar: Nós veremos na próxima semana um outro capítulo, porque Rafael, Jorge, Vildinha, Soares e Izaura precisam de mim, e eu, sua Mãe em Cristo, vou atendê-los.

Sua Mãe em Cristo.

Tia Neiva.

Vale do Amanhecer-DF, 16 de maio de 1980.

O AMANHECER DAS PRINCESAS NA CACHOEIRA DO JAGUAR

Capítulo VII

Salve Deus!

Meu filho:

Vamos voltar à Cachoeira do Jaguar. Vamos mais uma vez sentir a realização daquele Povo, os nossos antepassados.

É filhos, quem diria que aquela filosofia de Pai João e Pai Zé Pedro partisse daqueles Nagôs? Sim filhos, é preciso que conheçam a vida fora da matéria, sabendo que vivemos na Terra a experiência de que somos testados pelos nossos amores, e pesados pelos nossos corações.

Vivemos neste Globo Terrestre onde analisamos a um ovo; a vida atmosférica que não nos dá a mínima condição de viver sem dispensar as normas reais da vida. E assim, como ocorre na Terra, muito mais é no espaço, onde o poder do Pensamento Criador é incomparavelmente maior.

Depois de atravessar uma pequena clareira, vamos encontrar os nossos queridos Pai Zé Pedro e Pai João no verdadeiro caminho que nos une à Eternidade.

Tudo era movimento, no dia que Pai João e Pai Zé Pedro foram chamados para o Sono Cultural.

Salve Deus!

Pai João e Pai Zé Pedro se preparavam para o anfiteatro. Suas cabeças não haviam despertado daquele triste crepúsculo na Terra, na Cachoeira do Jaguar. Sentados em frente de uma grande tela, que nos Planos Espirituais do Canal Vermelho é como um cinema; aparece tudo que queremos saber de nossa vida na Terra. Pai João e Pai Zé Pedro viam com paixão tudo que lhes era tão caro; aqui e ali os dois comentavam:

- Todos, todos estavam ali conosco.

- Sim! (dizia um ao outro) Viam tudo...

Nisso ouviu-se um soluço, era Efigênia que soluçava por não poder mais voltar a Terra, pois o seu crânio ainda merecia cuidado.

Nisto ouviram também alguém que chegava:

- Oh! Quantas saudades... falaram muito, tudo o que se passou, como se tivessem perdidos de vista. Depois Pai João perguntou:

- Por quê Efigênia não pode voltar a Terra?

- João (falava Vô Agripino): As forças biogênicas são transmutações das Forças Cósmicas. A função da matéria é organizada pelo sistema do Corpo Etérico. O corpo é sempre um e o mesmo tem sua origem na matéria orgânica, metamorfose da Matéria Cósmica. As funções são muitas e várias. Têm sua origem nos fenômenos vitais, que é criado pela matéria inorgânica que forma o corpo bruto, inerte, sem atividade própria. Efigênia naturalmente não está preparada para tanto. Ouviu-se um estrondo... O quadro se modificou.

Vô Agripino sorrindo disse: - Vou lhes dar uma rica surpresa.

- Ah! Lá estão todos que irão voltar...

- Onde estamos? (perguntou Pai Zé Pedro).

- Na Mansão dos Jaguares – E quem você está procurando Zé Pedro?

- Eufrásio!

- Ah! Sim, (disse Pai João) Eufrásio ainda não chegou.

Perguntaram quanto tempo já se encontravam ali. Cinco anos e no entanto estavam todos ali. Sim, pensava Pai Zé Pedro: No Universo não há inércia. O movimento é incessante. A atividade é essencialmente produtora e as forças não param. Se ficarmos parados ela se vai e ficamos sós. Sim, repetia ele, o homem é portanto o Microcosmo, matéria e força, corpo e funções; o corpo físico não gera a vida ou a força promotora dos movimentos, mas absorve-os. O organismo é um reservatório universal, é assim o instrumento da vida, aparelho que varia do infinito, aos pesados contatos da Terra que alimentam as células vegetais...

Sim, a experiência foi muito brusca, muito fatal. Pai João e Pai Zé Pedro não sabiam, nem mais nem menos o que estavam fazendo. Levados pelos arrolhos dos tumultos, arrastavam em suas mentes aquele crepúsculo final. Sim. Perguntavam-se sempre: Porquê uma dor tão grande? Verdade! Lembravam-se na Cachoeira... Os dois presos, soterrados da cintura para baixo, sem poder socorrer os demais, até que outra avalanche os levasse para o fim.

Sim, pensavam, ficamos presos por castigo de Deus? Perguntavam sempre. Ficamos presos por reparação... castigo?... Eram as dúvidas e os conflitos daqueles dois. Porque suas cabeças não sabiam analisar, os dois presos para assistir toda a catástrofe. Sua revolta já estava levando-os a descambar para “Ponta Negra”.

Verdade, amamos na Terra e no entanto sofremos tanto! – Cadê o Vô Agripino? – Ficou com as crioulas e os Nagôs? – Porquê saímos de perto deles?

Porque nossas mentes têm que se encontrar por si mesmas e não vê Zé Pedro, aquele bendito arrolho nos jogou para aqui sem que nós sentíssemos?

Nisto ouviram um grito que penetrava diretamente em seus ouvidos: - Tibério, eu sou e serei o teu Cônsul fiel, tenho prisioneiros: Marcus Cláudio e Vinícius os teus traidores. Os dois homens soterrados naquele imenso pântano. Saíam chispas de fogo pelos olhos. Pai João e Pai Zé Pedro se olhavam sem nada poder dizer. Porém, o homem continuava sua obra. – Marcus Vinícius, o traidor!

- Sim, diziam os nossos queridos, não temos dúvidas, o quadro era idêntico, somente o ódio daquela gente era o oposto da Cachoeira do Jaguar.

Quando se deram conta de si, estavam na Indumentária de Tibério (Pai João) e Marcus Vinícius (Pai Zé Pedro). Os Espíritos do triste comício agora gritavam com mais intensidade, foi na deposição de Gália, lembrou-se Pai João.

- Oh! Meu Deus, porque estamos aqui?

- É a misericórdia de Deus. Sim, não acreditamos nem mesmo em Vô Agripino, e olhando para suas novas vestimentas, Pai Zé Pedro gritou: Fugamos daqui antes de sermos vistos nestas Indumentárias! Vamos daqui! Nisto ouviu-se

um assovio e um grupo de Cavaleiros surgiu, se espalhando por todo aquele pântano, ficando somente um Luminoso, que se aproximou dos nossos queridos e num tom de crítica prestou homenagem aos dois, que ainda vestiam as Indumentárias. Pai João e Pai Zé Pedro sentindo a maior humilhação disseram:

- Viemos recentemente da Terra.

- Estou vendo, porém nem tão recente. Sei que sofreram muito nesta jornada a ponto de perderem a sua Individualidade. Esqueceram-se do Amor de Deus, cumpriram com Amor e Dignidade a Missão na Terra; no entanto aqui, depois de cinco anos, estão para cair apenas por não terem encontrado a razão do seu crepúsculo. Egoísmo, o egoísmo poderá arrastar tão grandes e nobres Missionários?

- Porque estamos assim? (perguntou Pai João) Vestidos assim?

- A falta de segurança e de Amor a Deus.

- Nos culpamos por ter ficado presos, vendo toda a tragédia sem poder nos movimentar, vendo todos perecerem. Tememos que fosse uma reparação e no entanto não sabemos onde ficou o erro.

- Pelo que sei Vovô Agripino os orientava dando-lhes lindas lições.

Nisto gritou Zé Pedro: João, João Nagô! Tire depressa de sua mente esta roupagem. Os dois começaram a rir e abraçados, tudo se modificou. Agora olhavam para o Vale Negro. Lá embaixo tudo já estava diferente, os Centuriões já os haviam levado em suas Redes Magnéticas.

- Oh! Meu Deus! Como nos martirizamos. – Sim Zé Pedro, talvez queríamos ser recebidos com festa.

Pai Zé Pedro e Pai João sentaram-se na primeira Pracinha e tristes começaram suas queixas: - O que será de nós? Temos que receber uma Missão e ficar juntos outra vez.

Sim meus filhos, agora eles se recordavam mesmo de tudo...

Quando estavam falando chegaram as sete Crioulas e tudo foi festa. Jurema já parecia uma Princesa.

- Onde andavam meus queridos irmãos? Sabemos que estavam juntos, dizia com graça, daqui onde estamos avistamos tudo, até mesmo “Ponta Negra” e o “Vale Negro”.

Quando Jurema terminou, Pai Zé Pedro disse baixinho: - Te viram na

encarnação do Imperador Tibério César.

- E você Marcus Vinícius.

- Sim (disse Jurema) Salve Deus! É natural que façamos estas reparações. É difícil entender, estivemos ali e tudo foi como se Deus nos quisesse testar.

- Sim, já entendemos tudo, Tibério enterrava os seus prisioneiros até a cintura e deixava que os bichos os comessem ainda vivos, no entanto não nos deixou vivos por muito tempo.

Nisto uma pequena luz aparecia ao longe.

- Olha! Disse Jurema. Olha Zé Pedro! Jerônimo soube que os senhores estão aqui e vem lhes ver.

Pai João e Pai Zé Pedro se olharam, sim, como Jerônimo?...

- Oh! Zé Pedro e João! Disse Jerônimo todo feliz. Vim buscar os senhores para a nova Mansão dos Jaguares.

- Jerônimo, meu Jerônimo, como pode tanta compreensão?

- Sim, disse Jerônimo, tenho a cabeça e o coração bem menores que o dos senhores, por conseguinte, a missão foi menor também.

- É verdade, tudo vem de um Plano de Deus. Sim! Remataram...

Ouviu-se um estrondo, eles já estavam perto da Mansão dos Jaguares. Jerônimo mostrava tudo por onde passavam. Sim, Jerônimo já estava ali há sete anos e sempre foi um Espírito conformado. Por último, vendo a admiração de Pai João e Pai Zé Pedro, disse: - Sabe meus queridos Mestres, tenho tudo que me ensinaram na minha cabeça, só Deus poderá lhes pagar.

- A nossa Doutrina não chegou para nós: Vê que já estávamos descambando para "Ponta Negra".

Nisto ouviram vozes: Eram Antera, Zefa, Livia, Emerenciana, Maria Conga, Sabina e Cambina, e junto os Nagôs, só faltava Eufrásio. Foram abraços e comentários como se estivessem chegando de uma grande viagem.

Pai João se ligou a Antera e quando viram já estavam com uma nova roupagem.

- Por Deus não te reconheceria, se tu também não estivesse junto com os outros.

Todos entraram e os dois foram para uma Pracinha recordar as suas façanhas na Terra. Foi um tempo bonito, todos se conheceram em casais, saíam e com saudades esperavam o Amor de Deus.

Já era hora da prece... “do Canto Universal”. Saíram dali e foram ao “Campo de Morsas” vibrar para os que ainda estavam na Terra.

- Como? Perguntou Pai João.

- Sim, no “Campo de Morsas” vibram os que ainda têm os seus familiares na Terra.

- Tens alguém, Zé Pedro?

Este surpreso respondeu – Tenho... tenho o meu Sinhozinho e minha Sinhazinha.

- E eu (disse Janaína), vou devolver-lhes as rezas que fizeram pensando que eu estivesse morta.

- Onde estão os teus familiares Janaína? Perguntou Jerônimo.

- Na Europa, respondeu.

- Se é na Europa, é logo ali...

Todos sorriram, vendo a verdadeira família.

Nisto o jovem Tomáz, que se vestia como um belo Fidalgo Grego, foi se juntar a Janaína.

- Tomáz! Gritou Pai João meio ressabiado. Tomáz, meu querido Tomáz! Como sofremos por tua partida.

- Sim, pelo que sei, e partiremos em breve.

- Oh! Meu Deus! Disse Jurema que estava ao lado de Japuacy, também na roupagem de cidadão romano.

Verdade, até parece conto de fadas; todos com seus amores chegaram ao grande e luminoso “Campo de Morsas”. Todos estavam em suas afirmações sentindo aquela força em perfume que exala dos Mundos Espirituais de Deus. As energias iam e vinham como laços de fitas. Pai João e Pai Zé Pedro sorriam e choravam, vendo aquela maravilha que jamais pensaram existir. Risos e luzes. De repente começou o sermão. A Voz Direta que também era maravilhoso.

- Salve Deus! Quem está falando? Quem fala em nós como se nos conhecesse?

- São as Vozes dos Ministros que nos preparam para voltar a Terra.

- Como poderemos partir com todos os nossos amores?

- Sim meu filho, como será a despedida dos nossos queridos? Veremos no próximo capítulo.

Com carinho.

A Mãe em Cristo...

Tia Neiva

Obs: Sempre solicitada em muitas sintonias, a Clarividente não prosseguiu com a história. Salve Deus!

2ª Aula de Elevação de Espadas **TIÃOZINHO E JUSTININHA**

Salve Deus!

Meu filho Jaguar:

Em uma bela Fazenda situada no município de Ponta Porá, Estado do Mato Grosso, tendo como proprietário o Sr. Germano Perez, com sua esposa Dona Guiomar Perez e seus três filhos...

Sua filha mais velha, bela mocinha nos seus 14 anos de idade, cabelos compridos e louros, olhos negros “rasgados”; a bela jovem chamava-se Justininha Perez.

Ali vivia em completa harmonia esta honesta família. O Sr. Germano tinha grandes negócios de animais em criação de variável qualidade. Apesar de sua nacionalidade paraguaia, já sentia-se naturalizado brasileiro.

Em 1915, eu, Sebastião Quirino de Vasconcelos nos meus 18 anos de idade, filho de dois velhos fazendeiros de Mato Grosso, Joaquim de Vasconcelos e minha mãe, Dona Persínia Quirino de Vasconcelos. Meus pais muito me amavam, por ser eu firme administrador dos nossos bens...

Certo dia então, meu pai chamou-me e deu-me uma quantia em dinheiro dizendo:

- Meu filho, já tens um pouco de estudo e melhor seria para nós se não precisasse sair daqui. Porém, podias ir até Ponta Porá comprar uma partida de gado e soltar nestas invernadas. Esta é a melhor maneira de empregar o teu dinheiro. Dizem que na Fazenda Perez, tem um gado sadio e por bom preço. Sim meu filho, em breve casará e deves desde já cuidar do teu futuro. Vá meu filho, aproveita estas invernadas.

Três dias depois destes conselhos, equipei uma tropa de bons animais, com 5 vaqueiros armados com seus Bacamartes(1) de chumbo grosso. Sim, era muito perigosa aquela região, infestada de onças traíçoeras... Levei também dois Comandantes, peritos em guiar boiadas e um crioulinho por nome Zeferino, de minha inteira confiança, pois o mesmo fora criado junto comigo fazendo nos considerar irmãos. Porém, eu era bem claro e ele pretinho como piche. Levamos cargueiros com apetrechos de cozinha. Com a bênção dos meus pais, as recomendações de minha boa mãe, partimos com destino a Ponta Porá.

Gastamos longos 20 dias. Ficamos conhecendo uma porção de

lugarejos, onde parávamos para descansar os animais...

Muitas moças namorei na minha bela idade.

Então chegamos na bem formada Fazenda de criações. Ao chegarmos fomos recebidos por um senhor gordo, de aspecto bonachão. Veio ao nosso encontro dizendo ser o Sr. Germano. Mandou-nos entrar e deu ordens para nos servir o jantar. Depois fomos nos sentar na ampla sala de visitas, quando entrou uma mocinha com belas tranças, em sua graça angelical. O senhor Germano disse:

- Justininha, minha filha! Venha até aqui conhecer estes cidadãos. E, apresentando sua filha, nos disse em seguida: - Esta é a minha filha mais velha; ela, coitadinha, é muito acanhada e não gosta de festas, não sai de casa a não ser na casa de sua tia, muito sistemática esta menina. Todos pegaram sua mão em cumprimento. Porém, ao chegar diante de mim, olhamo-nos como se já tivéssemos nos visto em outras eras. Senti arrepios percorrerem todo meu corpo.

Depois de passar aquelas primeiras horas, o senhor Germano propôs com Dona Guiomar, que era também uma senhora muito alegre, dizendo:

- Vamos pegar os instrumentos e cantar até a hora de dormir. Todos apoiamos a boa idéia. Vieram alguns tocadores, chegaram também algumas mocinhas. Todos cantavam enquanto os donos da casa, muito alegres, serviam bebidas, doces, biscoitos...

Passado algum tempo, ouviu-se uma exclamação do velho fazendeiro ao deparar-se com sua filha Justininha ali sentada. Sim, pois não era seu costume permanecer em reuniões daquela espécie. O senhor Germano muito satisfeito com a transformação de sua filha, disse:

- Justininha agora vai cantar uma canção oferecida aos viajantes! Ela, muito acanhada, chegou perto de um violonista e começou:

*Meu amor nunca chega
Eu me canso de espera
A garça branca me disse
Que ele não ia demorar*

*Papaizinho me consola
Garça branca vai buscar
Não é mentira do papai
Meu amor já vem pra cá*

Todos batemos palmas. Era uma criança aquela bela criaturinha. Depois pediram que eu cantasse. Eu que já me sentia todo apaixonado pela bela Justininha, segurei o violão e comecei:

*Morena minha morena
Morena dos sonhos meus
Lábios da cor de verbena(2)
Morena dos olhos meus*

*Deus por te fazer criança
Deu-te entre as flores mais belas
Dando tua alma de esperança
O teu olhar de estrelas*

*Quero dormir em teus braços
Aos gozos do coração
Minha alma assim não resiste
Com tanta ingratidão*

*No mar de tuas madeixas(3)
Quisera me naufragar
Teus olhos negros me matam
De singeleza sem par*

Ao terminar todos vieram cumprimentar-me e o senhor Germano disse:

- Jovem! Tens uma bela voz. Acredito mesmo que deixou muitos corações apaixonados...

Hora de dormir, todos foram se retirando e eu fiquei ali junto de uma fogueira ainda meio acesa. Cheguei a distrair-me pensando: É verdade. Sempre sonhei com uma criatura como esta. Sinto mesmo ter matado toda a saudade que vivia alimentando sem mesmo saber por quem. E, com toda aquela paixão, continuava com meus pensamentos quando senti a presença de alguém chegando às minhas costas. Virei-me e qual não foi a minha surpresa... Ali estava ela com sua saia bem comprida, seus cabelos soltos a uma echarpe(4).

Senti fraquejar as pernas. Se não estivesse sentado, por certo teria caído. Ela disse: - Meu paizito mandou-me vir ter contigo, porque disse que tu és jovem de bela família e sente-se triste aqui entre nós. Depois com uma “falinha” angelical continuou: Sabe senhor Sebastião, eu quero que o senhor cante novamente aquela canção, gostei tanto! E escondendo seu lindo rostinho perguntou: - Foi para mim que o senhor cantou? Se foi para mim, recite-a agora, sem música, quero ouvi-la novamente.

Eu que não tirava os olhos daquela pequena fada, disse: - Dona Justininha, a senhora quando cantou, disse que seu amor estava longe, porém já vinha para ti, é verdade que ele existe e que teu pai bem o conhece? Responda-me porque eu a amo e quero que seja minha esposa. Ela sorriu e respondeu:

- Não, não! Eu não tenho nenhum amor... Sinto uma grande saudade, que eu mesma não sei de quem, só sei que ele existe e um dia chegará e me levará para longe daqui. E, virando-se para mim, perguntou: - O senhor vem de longe, muito longe?

- Sim! (Respondi e perguntei) – E tu, tens coragem de casar-se comigo e juntos irmos embora?

- Sim, sim! (Respondeu ela) – Se és tu o meu amor, casar-me-ei e partirei; isto é, se papaizito e mamãezita consentirem. (e concluiu) – É verdade! Tu cantaste para mim. Porém não gostei, porque parecia que olhavas com ternura para Marinalva, aquela sirigaita(5) que eu não suporto... E tu também bateu palmas quando cantou a Maura. Sabe? Não gostei. Fiquei um pouco sem graça, quase com raiva e não quis mais cantar. Eu que já ia cantar uma canção tão linda para você. (e concluiu com firmeza) quando você quiser alguma coisa, peça para mim que eu mesma virei trazer-te. Pode dirigir-se a mim, ouviu? Não precisas pedir nada as outras moças. Eu mesma o atenderei.

E ao ouvi-la, pensei: Como é singular esta moça! Cada vez mais me sentia apaixonado por aquele anjo. Disse-lhe então: - Justininha, nada quero com estas moças. Estou apaixonado por você e quero casar contigo se teus pais consentirem. Amanhã irei embora, e marcaremos um dia para eu voltar e pedir-te em casamento...

Logo depois chegou o senhor Germano dizendo: - Meu rapaz, estás de parabéns, porque minha filha bem parecia um bichinho e, no entanto, pelo que vejo tornou-se sua amiga. Parabéns meu jovem, parabéns.

Sorri como resposta e fomos dormir.

No outro dia bem cedo, entramos em negócio do meditado gado, fiz o devido pagamento, juntei meus empregados e tudo ficou pronto para partir. Na hora da despedida, fui ter com os velhos. Senhor Germano contou-me então que tinha muitos anos ali e que sentia vontade de passear um pouco com a família. Foi então que ofereci nossa casa, ficando marcado assim: Logo que pudessem iriam passar uns dias conosco em nossa fazenda. Justininha veio ao curral despedir-se de mim. Disse-lhe que logo eles conheceriam também os meus pais. Ela saiu chorando e eu senti algo atravessar minha garganta a sufocar-me. Parti com meu povo, levando o gado que contava 500 cabeças. Passávamos por outros lugares, porém eu não tinha mais alegria. Meu coração ficara ao lado da pequena paraguaia. Os meus companheiros riam-se de mim dizendo: - A paraguaia parece que prendeu o coração do patrãozinho! Os outros sorrindo confirmavam: - É verdade, pelo que vemos vai ter festança em breve. E continuavam brincando comigo.

Na verdade eu já sentia ânsias de gritar aquele amor que me sufocava o peito. Notei então, que Zeferino estava como eu. Sentindo vontade de saber a

causa de sua tristeza, fui ter com ele e ficando nós dois a sós, perguntei-lhe o que estava acontecendo. Ele baixou a cabeça e disse quase a chorar: - Tiãozinho, é verdade, gostei daquela crioulinha por nome Tianinha, que foi criada com Dona Guiomar. Não sei Tião, mas se eu não me casar com ela, morro de paixão. E sei que ela também morre.

Eu que tudo escutava fiquei boquiaberto. Resolvi então contar a minha situação pela linda paraguaia, e animei-lhe dizendo que tudo faria para vê-lo feliz. Ele ficou tão alegre que agarrando-se ao Bacamarte, mirou ao alto disparando um tiro de salva ao nosso colóquio. Sob o impacto do estampido, tivemos tanto susto que quase caímos de costas. Depois sorrimos ao vê-lo alegre a dizer: - Vou me casar com Tianinha, vou me casar! Convido a todos para o meu casório...

Depois daquele descanso, seguimos novamente nossa viagem.

Assim, sofrendo e brincando chegamos em casa. Minha mãe e meu pai já estavam preocupados e saudosos. Fizeram grande festa à nossa chegada. Fui então ter com Martinha, minha antiga namorada a qual muito surpreso me deixou. Nos meus dois meses de viagem, ela ficara noiva de outro...

Nos dias mais calmos eu ia contando aos meus pais tudo o que se passara na viagem, em casa do senhor Germano e até mesmo como nos tratou o bom senhor. Cheguei a contar que Zeferino pretendia casar-se com a Tiana, contando mesmo todos os pormenores. Meus pais ficaram então simpatizando com a tal família, a ponto de desejar sua visita.

Passara-se um ano e eu já não tinha paz de espírito, senão pensar na minha bela paraguaia. Zeferino começava a perder as esperanças. Foi então que chamei meus pais e pedi que mandassem um portador com um convite ao senhor Germano para vir passar o Natal conosco. Logo o mesmo partiu e ficamos à espera. Passados alguns dias, chegou a notícia que chegava toda a família Perez.

Eu estava em um dos currais quando quase sem fala, chega Zeferino correndo e agarrado em meus braços gritava e pulava: - Chegaram! Chegaram! Ela já estava lá em casa. Saía também correndo. Ao longe já se viam os animais parados à porta. Foram dias de grandes festas, os velhos ficaram muito amigos e tudo era alegria. Alguns dias depois foi celebrado o casamento de Zeferino e Tiana. Um mês depois também o meu. Ela vestida de noiva parecia o símbolo da pureza, porém os seus ciúmes eram os mais engraçados possíveis, todos riam dela.

Fomos morar em um retiro perto da sede da fazenda. Lembro-me bem que já estávamos com dois meses de casados e em uma das vezes que fomos visitar os meus pais, lá encontramos umas moças, minhas primas que vieram de Parnaíba visitar-nos. Justininha, ao vê-las ficou com raiva, dando suas birrinhas. Tive então que retirar-me dando desculpas, que não podia ficar ali por motivo de visitar Zeferino. Quando já íamos saindo minhas primas vieram ao meu encontro

pedindo que não fosse. Porém, Justininha ergueu-se com um gestinho altaneiro e disse:

- Respeite, ouviram? Ele é meu esposo e quem manda sou eu. Por isso Sinhás Corujas, cheguem perto pra ver...

Depois, virando-se para mim falou: - E você, não gostou?

Fui até onde ela estava, peguei-a nos braços e dei-lhe um beijo, sorrindo daquela cena.

Sim, meus irmãos, quando amamos verdadeiramente, quando estamos com nossa alma gêmea, estamos com a mais doce das mulheres, e em geral aquelas são, aos nossos olhos as mais divinas e belas, originais! Por este amor perdamos tudo, em recompensa do que nos traz. Éramos eternos namorados, porém seus ciúmes continuavam. Eu bem compreendia, a ponto de achar graça nos seus tão infantis caprichos. Já estávamos com cinco meses de casados quando resolvemos passear na casa de minha tia, onde eu estudara.

Tudo combinado, partimos. Todos em casa gostaram da idéia.

Com todas as recomendações dos velhos seguimos em direção à cidade de Parnaíba. Ao avistar o grande rio senti medo; porém nada disse. Entramos naquela embarcação, em meio ao rio senti que não estávamos seguros e segurei em meus braços o meu amor...

Senti a morte; porém, o resto foi tão repentino que não posso bem descrever. Depois desta perturbação escutei o grito de Justininha que me dizia:

- Tiãozinho! Saia de perto dessa Coruja. E virando-se para uma moça que estava ali junto, continuou: - Saia de perto do meu esposo, Sinhá Coruja! Ele é meu esposo, viu?

Vimos então, que a moça olhava ao longe aquela fatal Chalana(7). Sim, a Chalana que acabava de afundar nas águas do Parnaíba. Depois escutamos gritos de desespero... Olhamo-nos e bem compreendemos que não éramos mais deste mundo exterior. Sim, ali esperamos algum chamado para outras moradias.

Depois de algum tempo assistimos quando chegaram os nossos restos mortais. Justininha tudo reparava e ria achando graça de tudo. Porém, se alguma moça dizia qualquer coisa a respeito do meu cadáver, ela brigava e dizia coisas que me faziam rir. Tudo ali era novidade e motivo de riso para nós. Começava a escurecer e então comecei a temer. Que devia fazer? Ela parecia um passarinho, continuava junto a mim. Era o que me preocupava, sua inocência e sua confiança em mim a tirava de qualquer pensamento mau. Chamei-a e disse:

- Justininha! Somos Espíritos e o Mundo dos Espíritos me parece ser

outro longe daqui. Vamos pedir a Deus para que nos mande um Guia seu, para bem nos guiar, pois não sabemos o caminho e temos que chegar até lá.

Ela começou a rezar a ladainha de Nossa Senhora. Eu sabia apenas a Ave Maria, que minha tia havia ensinado. Chegou então um Fidalgo(8) que disse chamar-se Netuno; porém, tivemos medo e não queríamos acompanhá-lo e então, começamos a sofrer de um lado para o outro. De quando em vez, nos apareciam aqueles Espíritos que mais pareciam bichos(9), vinham tentando nos agarrar, porém nós começávamos a chamar por Deus e na mesma hora eles se afastavam.

Já estávamos cansados de tanta perseguição, quando chegou novamente o Fidalgo e nos disse:

- Meus filhos! Sempre fui protetor de vocês e no entanto temem, pois se esqueceram de mim. Agora, escutem o que vou dizer-lhes... Nisso ia passando um casal de encarnados e ele então confirmou: - Sim! Vocês são Espíritos! Vou dar-lhes mais uma prova. Vá Tiãozinho, pegue Justininha e passem por eles, falou apontando o casal. Sim, lembro-me, passamos por eles, o casal apenas revelou sentir arrepios e continuaram caminhando. O período que passamos vagando começara a nos deixar em dúvidas quanto a termos ou não desencarnado.

Voltamos então ao nosso Instrutor e o mesmo disse:

- Agora vamos até onde está aquele pequeno grupo de senhores. Era um grupo de homens que conversavam animadamente sobre seus negócios materiais. Passaram-se alguns minutos (nós entre eles) e começaram a sentir-se mal. Um queixava-se de sua enxaqueca, outro dizia estar sentindo um grande peso nas costas... Enfim, se foram deixando-nos a sós. Eu então perguntei a causa daqueles transtornos naqueles senhores, que antes de nossa chegada pareciam nada sentir. Ele sorriu e nos disse:

- Quando vocês passaram pelo casal, tanto quanto em meio aos senhores, lhes foram fornecidos os necessários fluidos(10), força vital. E levando-nos a um certo lugar(11), continuou: Agora procurem ver o quadro dos seus feitos...

Foi então que tudo se clareou para nós. Não tivemos mais medo do nosso Protetor, e seguimos a um Plano de Readaptação(12).

Passamos então sob as exigências da Hierarquia Espiritual.

Hoje, após várias Missões, inclusive em nosso lar(12). Agora aqui estamos, integrados à Missão do Grande Seta Branca. Somos também Jaguares, junto a vocês, Mestre Sol e Mestre Lua, Doutrinador e Apará...

Salve Deus.

Com carinho,

A Mãe em Cristo Jesus.

Tia Neiva

NOTAS DO TEXTO

- (1) **Bacamarte** - Antiga espingarda de cano curto e largo;
- (2) **Verbena** - Espécie de flor vermelha;
- (3) **Madeira** - Porção de cabelo, mecha, trança;
- (4) **Echarpe** - Faixa de tecido que as mulheres usam como adorno;
- (5) **Sirigaita** - Mulher que sacoteia muito. Ladina. Tem resposta para tudo;
- (6) **Chalana** - Pequena embarcação de fundo chato, costados verticais, proa e popa finas e iguais, usada no tráfego de pequenos rios e igarapés;
- (7) **Fidalgo** - O Mentor Espiritual se apresentou ao casal com tipo de roupa (Indumentária) que lembrava Fidalgos na terra;
- (8) **Pareciam bichos** - Espíritos Sofredores adoecidos, deformados;
- (9) **Fluídos** - Fluído Magnético Animal, Força Vital, Ectoplasma;
- (10) **Um certo lugar** - Tiãozinho não citou o nome, mas, são vários “pontos” no espaço com esta função, no caso da “nossa região” atual, essa espécie de contato é realizada num local por nome “Pedra Branca”. Lá o Espírito recém desencarnado fica normalmente 07 (sete) dias, onde tem contato com imagens daquilo que fez e, sobretudo, do que deixou de fazer quando encarnado;
- (11) **Plano de Readaptação** - (Nosso Lar) Importante Casa Transitória do Mundo Espiritual, similar ao Canal Vermelho (Plano de Readaptação). Há inclusive uma obra literária muito conhecida, sob o mesmo nome, editada por Francisco Cândido Xavier, ditada pelo Espírito André Luiz;

(12) Tiãozinho e Justininha – Com o início da missão de Tia Neiva, Tiãozinho recebeu incumbências junto a ela, principalmente devido aos laços espirituais que os unem há séculos. Manifestava-se através da Clarividente de maneira alegre e simples, falando numa linguagem natural do interior de Mato Grosso, aparentemente simplório. Todos ficavam à vontade e ele alegremente ia proporcionando Mensagens, profundas lições de amor, batendo palmas, manipulando... Em Capela (*) seu nome é **STUART**, um Engenheiro Sideral. Tem o Comando de sua própria Nave (**) e é responsável pela “Torre de Desintegração”(***). A história registrada nesta pequena obra, narra sua última encarnação neste planeta, quando reencontrou-se com Justininha, sua Alma Gêmea, e pouco tempo depois do casamento, morreram afogados no naufrágio de uma balsa.

(*) Capela – Planeta Mãe, Origem;

() Nave** – Nave que vem de Capela (Amacês, Estufas, Chalanas);

(*) Torre de Desintegração** – Localizada “num ponto do espaço”, onde tanto os Espíritos (Capelinos) quanto suas naves, por ali passam, desintegram sua condição molecular natural, passando para “Matéria Etérica”, assim operando entre nós.

3ª Aula de Elevação de Espadas

ALMAS GÊMEAS

Salve Deus!

Meu filho Jaguar:

Através de suas Faixas Cárnicas na longa jornada evolutiva, em qualquer situação em que não estiverem juntos, haverá sempre uma imensa saudade que se reflete em cada um dos dois, tornando suas existências incompletas. Podem amar e ter tudo no Plano Material, mas fica uma sensação de insatisfação, de não estar completa a felicidade, que só se realiza quando as duas Almas Gêmeas se reencontram. E esse reencontro também só as realiza quando ambas estão livres de seus compromissos cárnicos, como veremos mais adiante na história que Tia Neiva nos contou.

Não temos como penetrar a Mente Divina e perscrutar os misteriosos desígnios do Criador, mas, o mecanismo das ALMAS GÊMEAS é poderoso incentivo ao retorno às origens, ao seio do que é completo, a garantia de que um dia os Espíritos voltarão à Divindade.

E é muito linda a jornada das Almas Gêmeas. Como progredem em missões separadas, na maioria dos casos uma se dedica ao auxílio da outra. Vivem no amor completo e incondicional. Quantas chegam ao último degrau de sua Evolução na Terra, mas, como sua outra metade ainda está a caminho, pedem a graça de poder voltar e ajudar suas Almas Gêmeas. E é um grande sacrifício este, pois este Planeta é excessivamente pesado em suas Faixas Vibratórias e um Espírito sofre muito em uma reencarnação dessas. Mas parte feliz, com esperança, com dedicação, porque é uma missão de amor.

Para se ter um exemplo do encontro das Almas Gêmeas e de seus compromissos, vamos ver a história de um velho Jaguar e Rosa Maria, que Tia Neiva nos contou em uma aula dominical.

Salve Deus!

ALMAS GÊMEAS

Salve Deus!

Certa vez fui abordada por um Espírito calmo, tranqüilo, muito bacana mesmo, desses que você pode ler em sua mente, ver em seu rosto toda a dignidade, as coisas boas que porta o homem sem frustração. Honesto, sem essa maneira de querer enganar alguém.

Tive a certeza de que era um daqueles Espíritos que, conforme a época que estou passando, Amanto, Umahã ou mesmo Pai Seta Branca, me enviam para transmitir uma história, uma mensagem.

Aquele Espírito foi chegando e começou a falar tranqüilamente sobre sua vida.

- Tia – falou – Eu sou aquele do sonho... Aquele sonho...

Lembrei-me de que já o encontrara antes e me contara muita coisa. Perguntei:

- Graças a Deus! Tem mais alguma coisa boa para dar continuidade?

- Sim Tia, tenho. Tenho o princípio da história da minha vida, que vou lhe contar. Eu era um homem perverso, um verdadeiro tirano. Sou um Jaguar! Vivi nas planícies e estive por todas as partes da Terra. Só aprendi tirania e violência. Não conhecia o Amor. Um dia reencarnei no Império como Senhor de Engenho.

Sorri lembrando-me de vocês meus filhos. Esses seus rostos, cada um revelando um Jaguar, Senhor de Escravos, Senhor de Engenho...

- Fui Senhor de Escravos – continuou – Mas era muito direito em meus negócios e procurava aplicar a justiça a meu modo. Fui muito querido pelo Imperador, chegando mesmo a merecer plena confiança dele. Constantemente estava no Palácio – E então citou diversos nomes de políticos, senadores, homens importantes naquela época, com os quais tinha estreitos laços de amizade.

- Eu era um homem tão temido que quando chegava em minha Fazenda Tia, uma das melhores da região, com uma bela mansão, os escravos ficavam temerosos de mim. Faziam tudo com medo de mim, da punição que era certa se não agissem conforme minha vontade. Minha família era a mais bonita que havia. Minha esposa era linda e meus dois filhos, um casal, eram verdadeiros Príncipes. Enfim Tia, parecia que eu não tinha mais nada para desejar na vida. Bastava que eu falasse uma coisa e todos corriam para me atender. Eu fui esse homem Tia

Neiva... Tinha tudo, mas a verdade é que não tinha Amor por nada.

- Esse é o grande mal – Comentei – Quando não temos Amor no coração filho, a vida se torna seca, difícil...

- É, Tia, eu era honesto com minha família, com minha mulher, com meus negócios. Mas, sentia no íntimo que alguma coisa me faltava. Um dia... – Ele parou de falar e em seu olhar havia um brilho diferente, quando continuou com meiguice:

- Tia, a senhora vive falando sobre as Almas Gêmeas. Pois um dia esbarrei com minha Alma Gêmea. Interessante Tia, que nunca notara a presença daquela escrava. Era uma jovem bem clara e naquele dia quando eu me dirigia ao portão da casa, ela vinha com uma cesta de verduras e não me viu. Deu um encontrão em mim e as verduras se espalharam pelo chão. Ela ficou em pânico... Abaixou-se para catar as verduras chorando e implorando que não a castigasse. Queria até mesmo beijar meus pés na sua aflição e humildade. Fiquei reparando nela e alguma coisa despertou no meu íntimo. Senti que ela era diferente. Senti meu coração se encher de alegria com a presença dela. Então, peguei sua mão e a ergui, eu mesmo me abaixando e catando as verduras para recolocá-las na cesta. Ela paralisada pelo medo, me olhava com os lindos olhos marejados de lágrimas. Balbuciava desculpas e pedia que eu não a castigasse. Acabei de encher a cesta e me levantei, encarando aquela linda moça. Trocamos um longo olhar e acho que consegui transmitir a ela o que eu sentia, de tal forma que ela pareceu se tranquilizar, acabando por dar um tímido sorriso. Eu é que me desculpei por minha falta de atenção, e fiquei parado vendo aquela figurinha tão querida, sumir entre as plantas do jardim levando sua cesta.

Desse momento em diante meus filhos, aquele Jaguar se transformou. Aquele encontro com sua Alma Gêmea – de que ambos não tinham consciência por estarem encarnados – despertou no coração dele o Amor. E o Amor transforma as pessoas. Enquanto caminhava para casa ia pensando no que havia ocorrido. Senti profundo desprezo pela fama que tinha ao lembrar a aflição de sua querida, o medo de ser castigada por algo tão banal. Aquela maneira humilde de pedir desculpas... Aquele olhar... Sim, decidi que dali para frente não mais seria aquele tirano.

Em casa, à noite, não conseguia dormir. Os dias se seguiram e ele ficou isolado sem falar com ninguém, mal comendo, com o pensamento naquela escrava adorada, cuja presença ele não havia percebido até aquele dia. Não entendia o que estava acontecendo... Como podia não ter notado aquela meiga presença? Ansiava por vê-la e ao mesmo tempo temia como pudesse reagir a um novo encontro.

Seu comportamento preocupava a todos. Sua mulher achava mesmo que ele estava enfeitiçado, tal era a mudança que se operava nele. E um dia receberam a visita do Imperador.

A azáfama da recepção quebrou a rotina da Fazenda e até o Jaguar, saiu um pouco de seus pensamentos para receber o ilustre amigo. E na hora de servir o chá, quem se apresentou com a bandeja foi a bela escrava. Quando ela se deparou com o Jaguar começou a tremer tomada de emoção e desequilibrou a bandeja que caiu, despejando tudo sobre a mesa. A Sinhazinha que havia com sua percepção sentido a reação dos dois ao se olharem, ficou furiosa e chamou o Feitor para que retirasse imediatamente aquela escrava dali e lhe aplicasse terrível castigo. O Imperador que era muito galante e percebera a escrava encantadora, pediu que nada fizessem com ela. Era um acidente e pronto. Já tinha passado, não devia a moça ser castigada. Também o velho Jaguar interferiu, dizendo ao Feitor que não era preciso levá-la.

Essa reação mais raiva provocou na Sinhazinha, tomada pelo ciúme, já deduzindo que aquela bela jovem tinha algo a ver com a modificação que se passara com o marido. Ordenou ao Feitor que a levasse.

Logo que o Feitor saiu com ela, empurrando-a com brutalidade, o Jaguar foi atrás e mandou que ele a soltasse e que ela fosse para junto das outras escravas na Senzala.

Era a época dos Nagôs que trabalhavam muito com Espíritos e faziam trabalhos que os outros diziam que eram feitiços. Por isso a Sinhazinha achou que finalmente descobrira a causa de tão brusca alteração no comportamento do marido: Ele fora enfeitiçado por aquela escrava. Começou a perseguir a moça e o Jaguar percebendo tudo, procurou solucionar a questão. Arrumou um amigo de confiança e pediu que ele fizesse uma compra forjada daquela escrava para que ela pudesse escapar da Sinhazinha.

E assim foi feito. Comprada a escrava, parecia que tudo voltaria ao normal na Fazenda. O próprio Jaguar insistira para que ela fosse vendida, dizendo que já não agüentava ver à sua frente aquela mulher que tanta vergonha os haviam feito passar diante do Imperador...

Mas o que não sabiam é que o Senhor da Fazenda arranajara um sítio solitário e escondido onde a bela escrava foi se ocultar. E uma vez ali instalada, longe das garras da Sinhazinha, aquelas duas Almas Gêmeas puderam construir um pequeno mundo. Passaram a se encontrar e sempre que possível, o Sinhozinho corria a ver a sua amada.

O Amor das Almas Gêmeas é uma coisa sublime, muito lindo, pois nunca pode se erguer sobre as ruínas dos outros. Para a plena realização torna-se necessário que ambos estejam livres de compromissos. Mas o Sinhozinho tinha a família e, então, era preciso que acontecesse um verdadeiro milagre – como eles mesmo diziam – para que ele pudesse se libertar. A esposa, os filhos ainda pequenos, representavam uma verdadeira barreira para a plena vida daquele Amor.

O respeito da moça – que se chamava Rosa Maria – pelas responsabilidades do Jaguar, mantinha a harmonia daquele romance sem criar sofrimentos.

O tempo passou. Os filhos do Sinhozinho já mais crescidos foram estudar em Portugal. E naquele mundo de encantamento das duas Almas Gêmeas, teve início o último reajuste pelo qual deveriam passar para se libertarem totalmente. Lembrem-se meus filhos, que só retornamos às origens quando nada mais nos resta a resgatar. Vejam o exemplo de Aragana, que viu aquele cobrador a urrar de ódio, e submeteu-se a um julgamento para libertá-lo, a fim de que pudesse tranqüilamente voltar à origem.

Havia uma conta do passado. E para resgatar essa dívida, Rosa Maria concebeu um filho que seria aquele Espírito reencarnado para se reajustar com ambos. Mas, o fato de ficar grávida envergonhou tanto Rosa Maria perante o Jaguar, que ela perdeu o encanto pela vida. Achava que aquilo era uma falta de respeito para com seu amado, gerando uma responsabilidade que ele não tinha condições de assumir.

É que encarnados não se lembravam dos compromissos assumidos no espaço. Aquilo tudo havia sido tramado com eles no espaço, sob os designios da Lei de Deus, que lhes fornecia aquela oportunidade de resgatarem sua última dívida. Porque as Almas Gêmeas só se realizam quando nada mais devem, quando não têm mais qualquer obsessão e quando já atravessaram suas faixas cármicas positivas e negativas e podem, assim, retornar juntas às origens. Porque é muito bonito meus filhos, ver o trabalho das Almas Gêmeas. Uma ajudando a outra a evoluir e a se libertar. Quantas já não precisavam mais retornar à Terra, mas como estão mais evoluídas que a sua Alma Gêmea, reencarnam e sofrem para ajudar aquela a subir o degrau. Sempre com dedicação, com Amor. Uma beleza...

Mas, sem consciência de suas tramas no espaço, Rosa Maria sofreu com a situação, até dar à luz uma bela criança. Um menino clarinho, louro, com lindos olhos azuis. O nascimento do menino modificou a sintonia do casal. Rosa Maria passou a viver mais feliz e ambos se dedicavam com grande Amor àquela criança. Aquele Amor ia resgatando a dívida com aquele Espírito.

O menino crescia e o Sinhozinho estava totalmente modificado. Pela realização de seu Amor, pela sintonia com Rosa Maria, pelo tesouro que o menino representava em suas vidas, ele se transformara em um homem bondoso e amável. Tão bom que todos que o conheceram antes se admiravam. Havia mandado embora de sua Fazenda o malvado Feitor, aquele homem feroz que castigava e surrava os escravos e, tudo era administrado com Amor.

Isso é que eu gosto de mostrar a vocês meus filhos. O Amor é uma força poderosa, bendita, que não deixa que se possa fazer mal aos outros ou ferir alguém. Quando se ama, mas se ama realmente, a gente ama todo mundo. É

filhos, o mundo inteiro a gente ama. Não sei quantos de vocês já puderam sentir isso, ter a oportunidade de viver um Amor assim, um Amor de respeito, um Amor que a gente respeita, que a gente sente realmente estar muito acima dessas baixezas... Duas pessoas que sentem um Amor verdadeiro, sabem se entender à distância, se falam no silêncio, se harmonizam a cada momento de suas vidas. Este é o Amor das Almas Gêmeas!

Muitos me falam que encontraram sua Alma Gêmea. Eu concordo, pois não quero causar tristeza. Mas, o Amor das Almas Gêmeas transforma as pessoas. Elas ficam boas, não pensam em fazer mal à sua família, não pensam em fazer mal aos outros, não desrespeitam a família. A primeira coisa que fazem é passar a amar também os outros, principalmente os filhos, mesmo que sejam fruto de ligações com outras pessoas.

Acho lindo o Amor das Almas Gêmeas no espaço. Têm a mesma paixão, a mesma vida como temos aqui. Muitas tiveram filhos na Terra e os buscam para, reunidos, viverem juntos em suas mansões do espaço. São tão felizes e se realizam tanto com seu Amor, que buscam levar a felicidade aos outros. Com essa intenção, protegidos pela vibração desse Amor tão puro, penetram naqueles pântanos sombrios, arrebatando das trevas muitos Espíritos que por ali se debatem.

Vejam o exemplo desse velho Jaguar: Era um tirano – e ele me mostrou muitas das barbaridades que havia cometido – e temido por todos. Um dia – um simples olhar modificou tudo. Pelo esclarecimento dos dois tudo se transformou, e ele se tornou tão bom que até mesmo no Palácio do Imperador se comentava o milagre de sua modificação.

A felicidade do encontro das Almas Gêmeas aqui na Terra, reside no fato de não terem compromisso com outras pessoas. Elas se encontram, se amam verdadeiramente, mas não podem desfazer os laços cármicos, seus laços transcendentais. Apenas porque se encontram, porque se amam, não podem abandonar seus lares.

E isso é o que havia acontecido com aqueles dois: tinham vindo apenas para resgatar aquela dívida, libertar aquele Espírito que estava encarnado como o filho dos dois.

Mas a Lei de Causa e Efeito sempre está em vigor. E um velho chamado Gregório, que muito havia sofrido naquela Fazenda a mando do Sinhozinho, soube da existência daquela criança e descobriu toda a situação. Impulsionado pelo desejo de vingança correu a contar tudo para a Sinhazinha. Não poupou detalhes malvados e aumentou muito as coisas, para fazer sofrer o mais que pudesse aquele que o tinham castigado um dia.

Atenção meus filhos! Temos visto muitos “Gregorinhos” e “Gregorinhas” por aí, sempre contando novidades – maior parte mentiras! Espalhando o ódio e a

desconfiança entre esposa e marido, desfazendo lares, gerando desequilíbrios. Isso é muito perigoso. Quantos ao chegarem no dia de prestar contas vão verificar que com suas línguas, cortaram o carma de outras pessoas e não poderão pôr a culpa em ninguém, senão em si próprios, no seu coração ainda em evolução...

A Sinhazinha, enlouquecida pelo ódio e pelo ciúme por tudo que ouvira de Gregório, tramou em segredo a destruição de Rosa Maria e do menino. Aproveitando-se do ódio que o malvado Feitor nutria por ter sido despedido pelo Sinhozinho, conseguiu induzi-lo a realizar seu plano. Um dia, quando o Sinhozinho teve que ir ao Palácio ver o Imperador, o Feitor raptou Rosa Maria e o filho, levou-os para um local ermo, e ali os executou ocultando os corpos. Ninguém vira essa ação criminosa, de modo que quando o Sinhozinho voltou e foi correndo ao seu ninho de Amor, não encontrou sua amada nem o filho, nem qualquer orientação sobre o destino daqueles dois seres tão queridos. Também pelas redondezas, ninguém sabia informar o que teria acontecido.

Desesperado, continuou buscando-os por muito tempo, sem descobrir o que houvera. Mesmo mergulhado na dor e na aflição, a bondade daquele Jaguar superou suas forças. Continuou a ser bom e caridoso e testado por Deus, que quis saber até onde ia sua paciência, superou todo o seu desespero e completou sua missão na Terra, com aquela força bendita que o Amor lhe dera.

Sua jornada ainda continuou muitos anos. Na solidão, chorava a ausência de sua amada. Muitas noites quando mergulhava em seus pensamentos, vinha-lhe a certeza de que sua esposa tinha muito o que ver com aquele desaparecimento misterioso. Também não sentia ódio ou desejo de vingança. Lembrava-se de que Rosa Maria sempre lhe dizia, que chegaria um dia em que morreriam e poderiam ficar juntos para sempre, no céu. Mas, se ele fizesse alguma maldade, não seria possível o encontro, pois Deus não permitiria que gente ruim entrasse no céu. Ele lembrava dos olhos de Rosa Maria. Quando falava essas coisas, ficava brilhando como estrelas, como se tivesse certeza do que falava, como se o amor deles só pudesse atingir toda a plenitude depois que tivessem deixado essa vida. E porque a amava, tinha confiança nela e achava que o único meio de tornar a encontrá-la, seria manter-se acima do mal. Mas a dor da ausência de Rosa Maria tornara-o triste, e a vida era quase mecânica. Seu coração sangrava de saudade. Tornou-se Espiritualista. Continuou acompanhando sua esposa sem demonstrar sua desconfiança, mas a vida já não tinha mais prazer. Só existia para ele a lembrança daquele Amor.

Muitas coisas enfrentou até o dia de sua morte. Contou diversas passagens, e me admirei com a fibra daquele Jaguar. Era uma época terrível aquela. Muitos Espíritos haviam encarnado na Terra na missão de Evangelizar. Alguns mesmo vinham preparados para domar como se fossem animais, aqueles Espíritos de Imperadores, Centuriões, vestindo roupagens de Pretos Velhos e Escravos. Aquele Jaguar havia sido diferente. Morreu purificado pelo Amor, por suas boas ações, e sua câmara mortuária foi perfumada pelos Pretos Velhos, a quem vivia pedindo perdão pelos males causados outrora.

Pouco antes de morrer, soube de toda a trama da esposa, o triste fim que tinham tido seus amados. Mandou chamar Gregório e fez com que ele visse o punhal que atravessou em seu coração. Mesmo assim, perdoou-lhe e ainda arranhou meios de ajudar ao velho que tanto mal lhe causara.

Há muitas passagens lindas nessa história. Houve até o caso de uma aparição de Jesus ao sofrido Jaguar. Um dia contarei!

Quando desencarnou, Rosa Maria veio recebê-lo. É muito grande a felicidade do reencontro de duas Almas Gêmeas, preparado pelos Mentores. Pensavam que havia chegado o momento de seguirem a linda caminhada para a origem. Mas, ainda não era a hora. Havia permanecido aquele Espírito cobrador, do filho deles, que o ciúme da Sinhazinha não deixara realizar a missão do reajuste.

Era preciso reparar o destino daquela criança, que por culpa deles havia nascido em tão tristes circunstâncias. Era responsabilidade do Jaguar, que devia ter tomado as providências para evitar aquela gestação que o respeito impunha, pois não haveria condições para criar um filho. Com isso, ele criara uma responsabilidade a mais e teria que voltar à Terra para cumprir sua última missão.

Após o feliz encontro, Rosa Maria ficou triste sabendo que ainda teriam que esperar a conclusão dessa missão para poderem ir para a origem. Preocupava-se com seu amado, incerta sobre as condições dele para enfrentar mais essa prova. Ele fora um tirano, mas o Amor mudara completamente seu Espírito por saber Amar. Mas fora a presença de Rosa Maria que o havia despertado para o Amor. Agora ela não viria à Terra, como agiria ele?

Tudo foi preparado no espaço e quando chegou o momento, o Jaguar despediu-se de Rosa Maria e, triste pela separação se encaminhou para o sono cultural.

Quando o Espírito vai reencarnar, meus filhos, é uma tristeza maior do que a morte aqui na Terra. Ele vai partir para uma missão da qual tem consciência, sabe da responsabilidade e, corajosamente se entrega ao sono cultural, que vai apagar de sua consciência toda a memória transcendental, preparando-o para ser colocado no feto e nascer na Terra.

E o velho Jaguar, o velho Senhor de escravos, parte em busca do seu filho, o lindo menino louro de olhos azuis.

Mas Deus não diz para você que será tudo “bonitinho” nem os Mentores resolvem que será tudo fácil. Não! Ele por exemplo, iria voltar à Terra e desposar uma mulher que seria aquele mesmo Espírito da Sinhazinha – mau a ponto de mandar matar uma criança – e em meio a muitas provações e dificuldades,

deveria salvar seu filho, Espírito que até aquele instante não perdoara a ele nem a Rosa Maria.

Na Terra o início foi relativamente fácil. Casou-se (com aquela que havia sido a Sinhazinha) e teve alguns filhos. Mas, esquecido dos planos do espaço pelo efeito do sono cultural, não entendia o vazio que sentia. Faltava alguma coisa que não identificava, para sua vida fazê-lo feliz, realizado. Perguntava a si mesmo porque aquela paixão pelas pessoas, pelas coisas, aquela insatisfação permanente. E o desespero começava a tomar conta de seus pensamentos, nas horas em que estava sozinho.

Foi quando nasceu um novo filho, um menino debilitado, com um aleijão na perna e que mais tarde quando começou a falar tinha dificuldades em se expressar, um pouco mais moreno do que os demais irmãos e, que o fez sentir algo estranho. Quando pegava o menino no colo, sentia um arrepio, uma sensação que não identificava, mas sabia ser de repulsão àquela criança. A mãe do menino também demonstrava total intolerância e até mesmo desprezo pelo pequenino. Vendo essa reação de ambos, o Jaguar superou tudo e passou a amar mais àquele filho do que aos demais. Também a criança ficou num grande agarramento com o pai.

Em seus sonhos o Jaguar se encontrava com uma moça muito bonita – Rosa Maria – que lhe falava na força do Amor, e pedia que ele sempre tivesse esperança em seu coração.

Sempre protegendo a criança do ódio da mãe e do desprezo dos irmãos, o Jaguar prosseguiu em sua missão. Ficou seriamente doente e o filho mais novo não se separava dele. Ficava ali atento ao que fosse preciso, dando-lhe água, remédio, preso pelos laços de uma profunda afeição.

Uma noite profundamente enfraquecido, estado em que se fica mais próximo da Espiritualidade, foi levado por aquela mulher de seus sonhos até uma casa onde havia uma criança. Esta estava muito mal, já para morrer. Os pais ali perto choravam a morte do filho, já não tendo mais nada a fazer. A criança com os olhos fechados parecia estar sofrendo muito. O Espírito do Jaguar ficou preso àquele quadro e se aproximou da criança que, abrindo os olhos percebeu a imagem do Jaguar e exclamou: “Papai!”.

Os pais se alvoroçaram, e o pai abraçou a criança certo de sua melhora, pois ouvira o chamado. Mas o Espírito do Jaguar percebeu emocionado quem era a criança, quando vira aqueles olhinhos azuis e sabia a quem ela chamara de pai. Sim, aquele era o seu filho, a quem buscava para resgatar suas dívidas do passado.

Mas, teve que retornar ao corpo e sua memória apagou-se quase totalmente. Ficou uma lembrança do menino, mas em sua fraqueza não sabia separar bem os fatos. Seu estado piorou e começou a delirar, falando de um

menino louro de olhos azuis que era seu filho, que ele tinha que encontrar. Suas palavras não eram entendidas pela mulher e pelos filhos, que achavam ser tudo fruto de sua delicada situação de saúde.

Finalmente o mal começou a ser debelado, e ele teve a fase de recuperação povoada pela lembrança daquela criança. Irritado por não ser entendido pelos outros, criara em sua cabeça a necessidade de encontrar aquele menino, que ele sabia existir em algum lugar.

Já recuperado começou a andar pela cidade. Assim fazia um exercício e atendia à sua ânsia de descobrir a criança.

Andava certa vez pela beira do cais, quando o choro de uma criança chegou até ele.

Curioso aproximou-se de uma pobre casa de onde parecia vir aquele choro convulso. Um vizinho estava por ali e ele perguntou o que fazia aquela criança chorar tanto.

- É uma triste história – disse o vizinho – O pai desse menino trabalhava naquele navio ali e saiu com a esposa para dar um passeio de barco. O barco virou e os dois morreram. Restou o filho que está ai com esses parentes, mas, desde então chora como se nada o pudesse fazer calar...

Bateu à porta do casebre e uma pobre mulher o atendeu. Pediu para conhecer o pequeno órfão e entrou. Pôde ver então aquele menino por quem tanto buscava, por quem seu coração ansiava loucamente, chorando. Aquela linda criança loura com os olhos azuis...

Emocionado, pediu àquela gente que o deixasse levar o menino para cuidar dele. Foi atendido prontamente, pois os parentes estavam loucos para se verem livres daquele choro angustiado, e seria menos uma boca para alimentar.

Chegou feliz à sua casa. No trajeto para lá a criança se calara e aconchegara-se a ele como se estivesse acostumada com o seu colo. Sentindo-o em seus braços, o velho Jaguar sentia que amava muito aquele pequeno Ser. Um amor muito maior do que o que nutria por qualquer de seus filhos, até pelo mais novo.

Começou uma nova fase de complicações. Os laços de amizade tão profundos entre o Jaguar e aquela criança abandonada haviam despertado a inveja e o ciúme da família. A hostilidade da esposa – que na outra encarnação mandara executar o menino – era para com os dois. O tempo foi passando, e cada vez mais estreita era a amizade entre o Jaguar e o menino.

Mas o grau de maldade da esposa era tanto, um Espírito que não se abria para o amor, e assim, não evoluía e esperava uma oportunidade para se

vingar daquela criança. E quando o esposo precisou ausentar-se um pouco mais demoradamente de casa, pegou o menino e o colocou para fora de casa. A pobre criança já com sete anos, não pode fazer nada senão afastar-se triste daquela casa, onde estava alguém que lhe era muito caro.

Retornando e não encontrando o menino, o Jaguar forçou a esposa a dizer o que havia feito. Ela confessou que havia mandado embora aquele estranho e não permitiria que voltasse.

Ele saiu em busca do menino e teve um palpite que poderia encontrá-lo onde o fora buscar – na beira do cais. Correu para lá e viu o garoto sentado, olhando o mar com o queixo apoiado na mão, como se aguardasse alguém.

Alegre pelo encontro chamou o menino. Este assustou-se com o chamado e levantou rápido de onde estava, virando-se para ver seu querido benfeitor. Mas, agitando os braços perdeu o equilíbrio e caiu do cais, naquele local cheio de pedras, madeirame e ferros batidos pelas ondas do mar.

Desesperado, o velho Jaguar correu e pulou na água. Diversas pessoas que estavam por ali tentaram ajudar, mas o destino havia marcado aquele desenlace. Morreram ali, pai e filho, tragados pelo mar.

Esse é o destino do homem meus filhos! Muitas vezes temos uma tristeza muito grande sem saber porquê. Muitas vezes o homem se casa e tem por obrigação honrar aquele casamento, os filhos que dele nascem, mas em seu íntimo não está feliz. Porém, existe uma responsabilidade maior: o destino cármico. Ninguém pode ser feliz, feliz mesmo, se não terminar a sua missão, se não libertar seus cobradores.

Imaginem que aquele filho mais novo, moreno, do casal, era o Espírito do velho Gregório, que apesar de seus defeitos físicos, amou muito aquele a quem tanto mal fizera e por ele foi amado. Foi aquela mulher que tanto mal fizera que o recebeu no ventre e, pela bênção de Deus o criou com cuidados, mas sem amor. Mas Gregório conseguiu resgatar suas faltas, pelo amor daquele a quem tanto fizera sofrer.

E no desenlace da história, quando o homem e o menino desencarnaram no mar, seus Espíritos se reencontraram com Rosa Maria e juntos, felizes, foram para sua origem.

E a Sinhazinha que voltara agora como uma simples dona de casa, não evoluiu, não aproveitou a chance que lhe foi dada, e nada fez de bom. Então, seu sofrimento será grande. Deverá voltar várias vezes, para subir seus degraus na Evolução.

Mesmo assim, ela foi objeto da ajuda dos Espíritos do Jaguar e de Rosa Maria, que entenderam que tudo que ela havia cometido servira como degrau para

a libertação deles, através da Evolução. Na realidade, fora a Sinhazinha que preparara a subida dessas Almas Gêmeas.

Por isso, jamais devemos nos queixar de Deus. Ele nos dá tudo, nos proporciona os meios para nossa libertação. O conhecimento, a consciência, é que nos impulsionam no caminho certo. Ele nos dá força antes de chegarmos aqui e, chegamos preparados para cumprir nossa missão. É errado só se desejar coisas boas e reclamá-las de Deus. Pelo sofrimento, conseguimos nossa libertação, nossa Evolução. Nem Deus, nem nossos Mentores, nos seguram para que possamos subir os degraus de nossa jornada. Temos que caminhar por nós mesmos, com nossas próprias pernas. Deus nos dá tudo...

Salve Deus!

Com carinho,

A Mãe em Cristo.

Tia Neiva.

4ª Aula de Elevação de Espadas

AS VIDAS DO LENHADOR

Salve Deus!

Meus filhos:

Este é um exemplo vivo do que tanto precisam e que me serviu – e vem servindo – a vida inteira. Condiçionados, nós nos esquecemos do nosso relacionamento eterno com Deus...

Sim, porque ao homem condiçionado muito pouco podemos fazer na Doutrina. É tão grande a sua indiferença às coisas deste Universo, que então todo o Sistema Espiritual, principalmente se ele desfrutar de saúde e cultura, vive e sofre para contestar o Espírito da Verdade. Ele enche seu ambiente com seus maus pensamentos, tornando mais triste este mundo.

Esta espécie de homem vamos encontrar no LENHADOR. Junto a ele encontraremos os que se julgam em liberdade. Veremos também, que os mesmos não passam de cativos da ignorância e da desventura: são os ENCOURAÇADOS dos poderes da Terra. E assim, vamos prosseguir nossa história.

O dia começava a raiar na Terra, quando me encontrei na Mansão dos Encouraçados. Vi gente que entrava e saía, como se fosse uma rodoviária. Nisso, passou alguém que me chamou a atenção: o LENHADOR – um homem de aspecto cansado. Ouvi quando Amanto disse bem alto:

- Este homem tem um lindo exemplo a contar. Sua história alcança muitos séculos.

Ouvindo como eu a narração de Amanto, ele se virou e batendo a mão em meu ombro foi me arrastando dali.

Meio surpresa o acompanhei, e ele começou sua narrativa:

Veja minha irmã, o perigo das manias entusiastas: elas são contagiosas e ninguém se inclina impunemente à beira do abismo da demência. Aqui está uma coisa horrível que vou contar.

Então, meio desconfigurado começou a levantar a pedra de seu sepulcro, dizendo:

Antes vamos agradecer a Deus, a força e a maneira como aceitamos os desígnios de nossa evolução na lei imutável do carma. Sim, a Lei de Deus nos

faculta que tenhamos cultura nos recursos de nossa inteligência, mas esperando, fica a nos proteger em nossas dificuldades, pelo atraso de saber e não fazer. Como é fácil de anotar na Individualidade, o que criamos na Terra pela ânsia de fazer sem saber. Às vezes, adiantamos tanto uma Doutrina e não sabemos expressar o nosso Amor.

Minha querida Tia Neiva, tudo começou assim: eu estava na Terra e em uma linda manhã de sol, saí para o campo para ali receber os seus raios, pois precisava me aquecer. Porém, a Natureza mais uma vez me pregou uma peça. O tempo mudou e em vez do sol veio um terrível temporal que me obrigou a sair correndo de volta para casa.

Oh, meu Deus! Como sofro ao lembrar, mesmo agora, depois de longos quatro séculos. As árvores dobravam suas copas até o chão. Mal cheguei ao portão, ouvi alguém que gemia pedindo para entrar. Era uma jovem que mal enxergando a luz com seus negros olhos, queria também atravessar o portão. Ouvi ao longe os gritos da Condessa, minha esposa, e num gesto de cuidados não deixei entrar aquela jovem, porque sabia que não seria compreendido por Nice, minha querida esposa. Também não disse a ela nada sobre a jovem.

O temporal prosseguiu como um furacão, causando destruições naquelas imediações.

No outro dia sucedeu o que sempre sucede aos covardes e egoístas: os criados aflitos contavam o desespero de um triste pai que encontrara morta a sua filha nas imediações do meu Castelo. A jovem havia morrido de frio e medo...

Era uma família de Fidalgos que morava ali perto da minha Província. É difícil descrever a dor que senti diante de um quadro tão culposo para mim. Não tinha coragem de contar a ninguém a minha imensa covardia.

Dois anos depois, Nice me deu uma linda filha, que ia crescendo e me fazia lembrar ainda mais aquele olhar suplicante da pequena Fidalga.

Tudo se passou, chegando eu a fazer um bom relacionamento com os Fidalgos. Por fim, Nice morreu quando ia dar à luz uma outra linda menina.

Passei meus dias sozinho naquele imenso Castelo, procurando me intelectualizar ao máximo, já que nada tinha para fazer. Os criados tinham uma espécie de compaixão por me verem tão só. Porém, um certo dia estava a me martirizar de dores, quando ouvi a porta do quarto ranger como se fosse abrir e, me apareceu a figurinha de Nice, que em um relance me disse:

- Venha... Venha... Chegou o seu tempo!

Assustado quis segurá-la, mas ela já desaparecia. Gritei por seu nome tão alto que os criados vieram ao meu encontro. Eu estava ardendo de febre. Vi os

criados a correrem, porém não sentia interesse em perguntar nada. Fui ficando leve e desaparecendo daquele local, sentindo que uma corrente muito forte tomava conta de mim. Sem visão, absolutamente sem nada e... sem esperanças.

Minha Tia Neiva, só Deus sabe as dificuldades que o sentido emocional provoca em nossa alma.

Sim, porque a matéria sem sintonia com a alma fica em desajuste, fica dispersa e passa a ser uma ENERGIA ESPARSA, sem contato do Etérico.

- Um homem, simples homem. É a hora de minha morte!...

Ouvia o movimento dos criados, do médico e, por fim, passei a sentir como se levitasse num crepúsculo, em um balé de luzes que acendiam e apagavam. Vi meu pai e minha mãe se despedindo de mim e já em minhas agonias pensava:

- Como? Se eles já morreram e eu estou também morrendo?

Oh, meus paizinhos queridos! Logo estaremos juntos! Nisso chegou minha Nice e me foi levando pela mão. Senti uma dor atroz no coração. Então ouvia a voz de Bruno, meu mordomo:

- Pobre Conde! Fez sua passagem. Como sofreu o meu querido patrão.

Ouvi também o choro dos criados.

Oh, fenômeno! Oh, meu Deus! Sentia que toda a matéria até então organizada, começava a representar uma modalidade de energia esparsa, que ia me definindo em outra situação, em outra condição de homem. Porém a mente era lúcida, cada vez mais lúcida. Minha cabeça rodava, rodava e, finalmente entrei num novo estágio: formou-se outra atmosfera. Um terrível zumbido, como se meus ouvidos fossem arrebentar e a transformação incompatível se fez em uma dor, também incomparável, porém muito rápida. Foi então que me senti do outro lado da vida.

- Dor? – Perguntei – Por quê dor? Se eu estava morto, se já havia feito a passagem...

Sim Tia Neiva, é o que me pareceu. Porém, o deslocamento do PLEXO FÍSICO, o impacto da energia compactada à corrente etero-magnética é uma dor física tão grande que não tem qualificativos. Inclusive, fica no nosso subconsciente a ponto de muitas vezes, por maior que seja o desespero, temos medo de morrer. É a razão deste tamanho medo da morte.

Dali parti para um novo e desconhecido mundo. Só – mais uma vez, só...

Ouvia agora vozes no meu novo mundo, como se fossem me instruir para mais outra experiência.

- Seja o que Deus quiser – pensava sempre comigo e assim fui me libertando dos meus defeitos.

No terceiro dia levantei a vista, e vi ao longe um lindo Castelo. Então parti para lá como se fosse a minha única salvação. E qual não foi minha dor!... Ao chegar ao portão ouvi os gritos de Nice dizendo:

- Venha! Venha meu amor! Venha me salvar...

Comecei a andar no interior do Castelo enquanto seus gritos iam se distanciando. Oh, meu Deus! Já estava cansado quando ouvi uma voz que me alertou:

- Conde Lepant! Estás a seguir tua própria consciência. Nice já passou por aqui faz dez anos.

- Oh! – Gritei – Onde estou?

- Estás sob o jugo de sua consciência, já disse.

- Consciência? Não me lembro de nada. Diga-me onde estou.

- Em Pedra Branca, no exílio dos mortos da Terra. Daqui partirás. Partirás para uma nova vida. Os teus pensamentos o levarão a mundos que a tua percepção ainda não atingiu. Procura estar atento ao Comando Universal, porque estás completando o teu Retiro e dentro de algumas horas partirás para a Terra.

- Como? Eu venho de lá e não deixei ninguém a me esperar...

- Sim. Deixastes os teus criados e terás portanto de voltar à Terra.

Não sei por quanto tempo ouvi a mesma voz. A cada hora me sentia mais lúcido. O fato é que não sei porque tinha saudades de uma certa harmonia que penetrava em meu nariz, em minha boca e nos meus poros.

Sim, não sei mais por quanto tempo. Lembro-me somente de ter ouvido, como se fosse uma melodia o Guia Universal dizer:

- Passageiros da Terra: fiquem alertas para voltar. Já completaram o seu Retiro.

Comecei a ter medo do que até então não tivera. Para onde iria? Enquanto pensava fui atraído por um impulso vindo a descortinar uma grande rodoviária, onde pessoas teleguiadas tomavam os seus rumos. Eu também segui o

meu sem qualquer percepção do meu destino. E qual não foi minha surpresa: Uma compreensão muito grande e, em fração de segundos estava em frente ao meu Castelo. Quem sabe o que estava acontecendo? Meu Deus! Entrei como se estivesse VIVO, porém sem sentir as anormalidades do corpo. Agora era tudo diferente. Leve... leve... como se estivesse em um corpo de pluma.

O Castelo cheio de parentes, meu procurador e demais pessoas. Como é horrível Tia Neiva, ver pessoas estranhas violarem os nossos objetos. É realmente terrível.

Tentei sentar-me à minha mesa. Porém um grupo que saiu do corredor tomou toda a mesa. Nisso o meu procurador começou a ler o testamento que eu havia deixado.

Deixara uma grande parte para Janete, a Governanta, e para Bruno, meu Mordomo, meus criados queridos.

Quando foi lido o nome de Janete, ouvi seu choro convulsivo e corri para atendê-la. Meu gesto a comoveu e eu – pobre de mim – debrucei sobre o seu corpo e ouvia o meu som a dizer o que bem precisava...

Nisto, ouvi a voz que dizia:

- Chega Lepant! Sua hora está chegada. Vamos. Temos muito o que fazer. Uma nova vida!

Era Germano, o meu Guia Espiritual.

Saí dali sem saber como terminara o meu inventário e também não me preocupei.

Uma linda Chalana me esperava e saí sem pensar em nada. Se alguém perguntou o meu nome? Não saberia dizer.

Nuvens espessas cobriam o aparelho. Então, um novo mundo se descortinou em mim: RESSURREIÇÃO. Ressurreição! Gritei diante daquele quadro que se apresentava em frente aos meus olhos.

Oh, Deus Todo Poderoso! Saí de um mundo e entrei em outro. De repente, comecei a raciocinar: Como seria minha vida? Nice, minha Nice, onde deverá estar neste momento neste Universo tão imenso? Comecei a ter medo. Medo do que eu não conhecia... Sim, não sei porque, mas aquela beleza me dava medo.

Oh, que saudades de minha Nice!

Por fim, o aparelho parou diante de um enorme hospital, onde havia um

leiteiro: CASA TRANSITÓRIA DE FABIANO.

Oh, meu Deus! Desembarquei sem ninguém mandar. Porém, no interior do hospital, encontrei um amigo: Lafaiete.

- Oh, Lepant. Como vai?

Porque estava ali, não sei.

- Você me dá notícias de Nice, minha esposa?

- Ela passou por aqui, há dez anos. Não tenho nenhum roteiro.

Nisto alguém chamou:

- Lepant! Venha para esta sala que a tua família espera.

Oh, meu Deus! Cheguei e encontrei uma enorme tela que me assustou. Sentamos – Eram muitos – e começou a grande prova para mim. Eu que até então pensava ter entrado no esquecimento... Germano puxou uma alavanca, e tudo começou: eram 10 horas da manhã na Mansão dos Lepant, quando um lindo casal deixava os portões do Castelo e as flores se misturavam com as cores do rosado vestido da Condesinha, minha Nice e seu irmão Roberto, um terrível jogador que acabara com a fortuna do Conde meu sogro. Em resumo: Nice por amor a seu irmão roubava dinheiro do meu cofre, ou melhor, do nosso cofre, e pagava as contas de seu irmão, inclusive com sorrisos e insinuações ao lado do terrível cobrador.

Comecei a me lembrar de sua rápida enfermidade, dos desencontros e de nossos reajustes. Comecei a ver seu romantismo, o mundo de onde eu viera.

Oh, meu Deus! – Pensava. Como? No entanto, eu deixara morrer a pobrezinha de frio e medo, para não melindrâ-la. Distraído em minha dor comecei a ouvir a voz do meu Mentor amigo:

- Chega por hoje. Veja como sofrem os que passam na Terra sem nada fazer. Nunca fostes saber o que acontecia em seus arredores. Bruno e Janete foram seus legítimos pais. Pediram a Deus esta oportunidade de serem seus criados, para resgatar uma velha dívida que contraíram outrora com você.

- Oh, meu Deus! Como fui tolo! – disse eu na força da expressão, lembrando do olhar carinhoso de Janete e de Bruno.

Após breve silêncio, Germano continuou:

- Salve Deus! Agora vamos ouvir o Rosário de Salmos, que é o Canto da Energia Imortal. Venha ver quem realmente se venera neste recanto de Amor e

Paz. Fizeste na Terra aquele rico Castelo, sem suor do teu rosto e sim pelo ouro pesado. Aqui é o Jardim que os anos e o tempo não destroem. Fecha os teus olhos e verifique que ainda está diante de ti mesmo, do teu jugo. Agora deixe teu fardo nas mãos de quem poderá sustentá-lo.

Nisso, uma jovem mulher apareceu, parecidíssima com minha Nice. Senti amá-la, porém algo me dizia – aquele Espírito tinha o todo de Nice – enquanto pensava sem rancor, fora traído pela minha pobre consciência.

- Deixa o teu fardo, Lepant! Já lhe disse...

Oh, meu Deus! Onde estaria eu àquelas horas? A minha pequena cabeça não saía do ciclo vicioso, sempre com os mesmos pensamentos – Nice me traíra – e eu? Estou na Terra, no espaço ou em que plano? Deveria estar...

De repente, um forte abalo me fez alertar. Senti medo da solidão e gritei:

- Oh, meu Deus!

Germano me perguntou com carinho:

- O que houve? Lepant, para estar perto de Deus só nos basta pensar nas boas obras. Os nossos pensamentos são as nossas asas.

- Por quê este estrondo?

- O silêncio é perigoso quando temos muitas falhas no subconsciente. Aqui também trabalhamos... O que você não soube fazer com sua riqueza na Terra.

- Sim – gritei – o trabalho. Não sei fazer nada!

- Saberás, quando tua alma também souber se entrelaçar a outras almas.

Nisso, um grito nos tirou do recinto onde estávamos: uma mulher pedia por socorro. Instintivamente corri para lá. Oh, meu Deus! Fui em socorro de alguém pela primeira vez em minha vida. – Lepant, somente naquela encarnação fostes tão indiferente. Começa em ti a grande luta. Seja verdadeiro contigo mesmo. A sinceridade, quando real, persiste e vence.

Todos estes movimentos vêm da natureza universal inferior. Dar expressão a um impulso ou movimento não é o suficiente para uma afirmação religiosa ou doutrinária no caminho da Evolução. Deixe que a iluminação te brilhe a alma. O intercâmbio vital não lhe serve mais. Procura! Não fiques a chorar pelo que não fizeste e sim procure entoar teu Canto Universal.

- Oh, meu Deus. Tudo é delicioso!...

Como pode, Tia! Aquele lindo Missionário e eu, um pobre Sofredor, tão bem coordenados. A cada dia eu mais me entregava ao trabalho, em missão junto àqueles chegantes, e minha mente ia se desenvolvendo.

Tia Neiva, esta história é realmente interessante, digna de ser ouvida. Sim, Tia. Ainda não terminei. A parte mais interessante vem agora.

Salve Deus! Desde que eu estivera ali, jamais sentira o que neste dia – ou tempo, como marcamos no espaço – sentira. Diferente de tudo o que até então sentira. Fiquei à espreita de meu querido Mentor Germano e fui prevenindo minha alma.

- Vamos partir – disse – Vamos, porque não tens mais com que pagar a tua estada.

Oh, meu Deus! Lembrei-me de que estava fraco e minha perturbação tinha razão de ser. Minha alma discorreu e balancei a cabeça. Pensei como devem sofrer aqueles que na Terra não têm dinheiro para se alimentar.

Oh! Fui prevenido por minha alma... Salve Deus!

- Sim – disse Germano – este é o Todo Poderoso...

Saímos dali caminhando, caminhando como se estivéssemos na Terra. Caminhamos, caminhamos até cruzarmos com um homem. Germano perguntou-lhe:

- Conheces bem estas imediações?

- Não, estou foragido – disse ele, apressando-se a distanciar-se de nós.

Então, Germano comentou que ele vivia há muito tempo naquelas redondezas. Senti um pouco de fraqueza e dor em meu coração. E aqueles pobrezinhos que viviam nas imediações de meu Castelo? Oh, meu Deus. Deixei que morressem de fome e, no entanto tudo me sobrava. Tentei, mais uma vez, afastar o meu remorso, a minha imensa covardia. Germano me advertiu:

- Prossegue. Vamos, prossegue. Não tentes cair no mesmo padrão vibratório. Aos poucos tu vais pagando o que deves.

Continuamos nossa busca até chegarmos em frente a um enorme Albergue. Lá, encontramos uma mulher, cujas jóias a ornavam da cabeça aos pés. Olhei o meu traje e Germano observava-me com um leve sorriso nos lábios. A que poderia atribuir o comportamento daquela senhora? Louca, simplesmente louca. Atônito, disse:

- Não trabalha. E como ela vive? Se não me tivessem tirado da Mansão de Fabiano, eu estaria sofrendo terrível perturbação por falta de BÔNUS para o meu alimento. E ela, como os ganha?

- Foi ela quem trouxe tudo da Terra.

- Como, Germano? Trouxe da Terra? Explica-me melhor.

- Sim, te direi.

Porém, antes que Germano dissesse alguma coisa, apareceram dezenas de escravas, tentando servi-la. Vinham muitas, porém ela gritou:

- Esperem. Um pouco de cada vez.

- Viu? Elas a obedecem...

Foi então que surgiu um casal muito lindo e começou a ser feita uma Doutrina. Não sei por quanto tempo demorou aquela solenidade. O fato é que todos ali tomaram um novo rumo sob as Bênçãos de Deus.

- Viste, Lepant? Não podemos julgar os outros pelas aparências.

Desta vez, mais do que nunca, os acontecimentos me deixaram confuso. Sentindo fome, muita fome, olhei para cima e vi algo que me deslumbrou: uma nave muito grande se deslocava no espaço. Para onde iria?

- Lepant, tenhas cuidado. Uma coisa de cada vez. Por quê não procuras saber o destino dos escravos?

- Oh, Jesus! Como sou distraído. Desculpa-me, irmão.

- Sim, Lepant. Enquanto estávamos em harmonia não pudemos expandir a nossa força. Ouça:

Lá no final do Albergue tocavam uma sineta.

- Vamos, para termos um bom lugar.

Sim, sempre pensando: Onde irei, o quê me espera?

A senhora das jóias não participava. Permaneceu em seu lugar. Linda mulher. Agora eu podia ver muito bem o que se passava. Ia perguntar, quando duas Chalanas se encontraram e um enorme estrondo nos tirou da sintonia, nos removendo para outro Plano.

Comecei a raciocinar bem melhor e a me preocupar com as coisas que vira e ouvira. Por exemplo: aquela mulher, a sua beleza, suas maneiras. Como a encontrara... tudo tão estranho.

- Para onde vamos? – Perguntei.
- Vamos voltar para o Albergue.
- Estamos em outra estrada?
- Sim, estamos.
- Por quê?
- Vamos para outro Albergue.

Desta vez, enquanto caminhávamos, pensava como era perfeito este Universo. Chegamos a um rico Albergue, onde uma grande família ria de seus desencontros na Terra. Sem ser notado fiquei ouvindo. Tive inveja de um certo comentário de uma linda jovem que estava ali e havia sido esposa de um cego, cujo destino o levava à mendicância. Logo entrou o ex-cego e ambos se beijaram abraçados. Meu Deus, tanta simplicidade.

Nisto, entrou a linda mulher das jóias, com muita familiaridade.

- Oh, querida Sabá! Entre e cante para nós.

A jovem cantou e dançou lindas canções. Senti como se todo o Universo a estivesse ouvindo. Depois, ela levou a mão ao peito e suspirou dizendo:

- Oh, meu Deus! Porquê me faltou Amor no momento mais precioso de toda a minha vida?

Dizendo estas palavras soluçou. Fiquei vibrando para saber mais alguma coisa sobre aquela linda mulher, mas, logo entrou um estranho nos botando para fora do Albergue.

Nisto, reconheci um Abade que passou e, num relance, compreendi que todos que ali estavam saíram à procura dele.

Então fiquei só com Germano e a linda mulher que estava sentada em uma pequena e triste pracinha. Cheguei-me para junto dela, sentei-me e comecei a perguntar sobre sua procedência. Ela começou a me contar sua história dizendo:

- Vivia numa pequena cidade no interior da Índia. Meu pai e minha mãe eram pescadores de pérolas, e formaram um grande patrimônio. Tão grande que

me fizeram Rainha. Tornei-me poderosa, mas cedo meus pais morreram. Então fiquei endurecida. Não amava ninguém, dificilmente sorria. Até que um dia encontrei o olhar do jovem Janara, filho de meu escravo. Ah, meu amigo, quanta paixão. Nunca me perdorei por ter desperdiçado a minha oportunidade. Lembrome agora com saudades. Tenho ânsias. Que horror! Foi triste, realmente. Só me resta contudo recuperar o tempo perdido nestas condições deprimentes. Encho-me de jóias preciosas e fico à mercê dos que me julgam.

Enquanto Sabá falava ocorreu-me um pensamento: tão linda que eu não posso acreditar em sua piedade; não acredito também que alguém possa desposá-la. Porém, como estávamos no mesmo nível de evolução, ela não sabia o que eu pensava e nem eu, tampouco, sabia o que ela pensava.

Ela sorriu mostrando a sua beleza, e eu ainda fiquei pensando mil coisas quando um forte estrondo nos fez tremer.

- Oh, meu Deus! – gritei – Não me acostumo. Não me acostumarei nunca com esses estrondos...

Ela deu uma gargalhada como se fosse um Canto e despedindo-se me disse:

- Hoje me libertarei daqui. Deus, o bom Deus te libertará também um dia.

Foi se levantando como um lindo pássaro naquele crepúsculo, que é como nos parecia aquele Plano de nossa evolução.

Só! Novamente só, continuei sentado naquela pracinha, não sei por quanto tempo. De vez em quando aparecia alguém que se sentava, contava suas dores, suas paixões e prosseguia. Porém eu era além de medroso, um grande preguiçoso. Foi preciso que um forte estrondo me atirasse em outro lugar – um bonito Albergue. Compreendi que os estrondos nos tiravam a sintonia e nos levavam a uma situação primária. Sim, primária...

Na minha força de expressão, o fato é que a nossa mente entra em choque e um processo de nosso próprio mecanismo expulsa as ficções, nos dando outras oportunidades de novos raciocínios. Sempre a mesma coisa: alguém se lastimando do que deixou de fazer.

Estava observando os movimentos de alguns Centuriões que se movimentavam na escuridão, e tive inveja. Perguntei:

- O que poderia fazer para ingressar nessa comitiva algum dia?

- Voltar à Terra – disse alguém.

- Voltar à Terra? – Admirei, sentindo nova esperança. Poderia tirar a imagem que tanto me torturava.

Não podia ficar ali parado. Resolvi caminhar, porém sempre com medo de me afastar muito. À medida que caminhava a iluminação ia se ofuscando, como se tivesse chegado à hora do crepúsculo. Comecei a ouvir sons – risadas, gente alegre que estava em missão. Não preciso explicar que me familiarizei com toda aquela gente. Não sei por quanto tempo vivi ali meio despercebido do resto do grupo.

Um certo senhor de voz calma, se levantando em um degrau mais alto daquele luxuoso pavilhão onde estávamos, disse em voz de quem vai discursar:

- Meus caros contemporâneos, chegou o nosso grande momento. Voltaremos para a Terra na grande missão que nos foi dada. Iremos remover séculos. Partiremos para uma nova conquista e mais uma vez, iremos libertar aqueles Espíritos e remover novamente neste primitivo roteiro – e apontando com uma espécie de lápis mostrava na grande tela a Terra em seus diversos ângulos. De repente, surgiu na tela uma embarcação sobre o oceano tempestuoso, parecendo uma pequena folha prestes a sucumbir nas águas.

Em seu discurso ele dizia o nome dos personagens que futuramente estariam em sua direção. Dizia, também, que iriam reencarnar em Portugal.

- Salve, salve Lamúrcio. Salve, salve Lamúrcio. – Aclamava o grupo.

Veio em minha mente a pergunta: de onde teria vindo esse grupo, estes personagens tão unidos? Eu sei que viera da França. Como se tivesse ouvido minha pergunta, o orador continuou seu discurso:

- Oh, meu Deus! Parece que foi hoje quando descemos as cordilheiras e chegamos às Planícies Macedônicas, descobrindo Esparta. Foi horrível! Fomos massacrados pelos Dórios. Oh, como foi dura aquela Península Peloponense. Os Gregos nutriam verdadeiro ódio provocado pelos Dórios, a ponto de impregnar aquele ódio em toda a Península, ou melhor, em toda aquela gente. Os Gregos e os Egípcios acreditavam na vida além física, os segredos da morte; nas revelações sucessivas e nas comunicações com os Mundos. Esse ensino provocava uma grande evolução da alma, provocava impressões tão profundas infundindo uma paz, uma serenidade e uma força moral incomparável. Em resumo, a DOUTRINA SECRETA, Mãe das Religiões, na maneira de cada Tribo, foi infundida a ponto de nunca morrer.

- Porquê nunca morreu? – Perguntou alguém.

- É impossível que morra a Doutrina Mãe, como a chamamos na Terra. Ela é uma revelação, é algo biológico do predestinado, de sua missão, que age segundo sabemos pela indução recíproca; altamente moderada sobre o centro

principal do seu eixo. Quando as células inferiores entram em excitação por excesso de estimulações na linha do interoceptível, que ameaçando o sensitivo do homem, se esgota pela seqüência moderadora ou regência moderada, impondo o freio e o controle dinâmico-sensorial, exigindo sua ação. São as células coronárias que decidem os três reinos. São estas células que governam o cérebro, ou pineal, ou células inferiores. Entram em período de estafa ou decomposição do sistema dualista nervoso, ou de outra parte do núcleo vegetativo, os quais dão origem às fibras. Não há como superar funcionalmente os dois setores nervosos, porque ambos são vinculados ao cérebro, sujeitos às suas flutuações. São rigidamente controlados pelo sistema da flutuante alma, que estabelece um equilíbrio cerebral, pela indução recíproca dos três reinos de sua natureza. Esta atividade desordenada na concepção do sistema nervoso, é desvantajosa ao homem na Terra. Meus irmãos que pensam voltar à Terra. O homem físico sofre seriamente pela sua falta de Amor. As suas propriedades são imensas, porém sempre de acordo com o seu padrão vibratório.

- Oh, meu Deus! – Pensei – Quanta coisa além do infinito. Meu Deus, sou um estrangeiro que jamais voltará à sua pátria, ao seu primeiro estágio.

- Desculpe, Lepant – Disse alguém – O teu suspiro vem de longe. Pensa e tenha esperanças. Não ouves uma só palavra, não vês bem o meu rosto, a minha face. Passou a hora dos sonhos. Este é um mundo em que não se oculta nada. Ainda és um hóspede silencioso.

- Passaram as horas do sonho – Oh! – Gritei, como se fosse um gemido – Estou preso pelas garras do meu Castelo, sinto-me amarrado a seus portões. Não vejo à minha frente a luz da manhã. Não posso expulsar de meus pensamentos meu horrendo crime – ele vem a vaguear à vontade.

- Venha, meu hóspede silencioso – disse a voz – Eu me chamo Lamúrcio e já estou com a missão em Deus de voltar à Terra. Olhe, Lepant, a alma do mundo é uma força que tende sempre ao equilíbrio. É preciso que a vontade triunfe sobre ela ou ela triunfa sobre a vontade. Toda vida incompleta é atormentadora. É preciso conhecer nesta visão, o homem acordado deste plano asfixiado pelas emanações da Terra. Saia deste falso sonambulismo que o seu inconseqüente estado de espírito provocou. O seu único reflexo vivo é a ciência do mundo invisível, e continua a ser um dos mais importantes ensinamentos reservados.

Sim, porém, a ciência invisível entre os homens, e as almas desencarnadas pelas propriedades desses fluídos, pela ação que a vontade exerce sobre eles, onde explicamos os fenômenos da sugestão da transmissão de pensamentos, segundo o passado e o passado no futuro. É preciso saber que a vontade do homem modifica também o seu comportamento, a sua razão nos seus amores, nos seus impulsos e nos seus desejos. Aqui tens uma natureza e na Terra tivestes outra, bem mais ardente, a que te fez chorar hoje e poderá te fazer rir amanhã. A própria natureza do homem ensina por indução que existe ordem. O Ser é substância e vida. A vida se manifesta pelo movimento e o movimento se

perpetua pelo equilíbrio. Assim, o equilíbrio é pois a Lei Imortal. A consciência é o sentimento e a justiça. Chega, Lepant. Já te condenastes e não fizestes nada.

- Salve Deus! – Gritei – Quero fazer alguma coisa. Eu quero fazer alguma coisa.

- Sim – Disse o nosso Comandante – Breve teremos uma oportunidade para reencarnarmos.

- Eu quero essa oportunidade – gritei eufórico.

- Sim – Disse alguém – Espero que Deus te conceda essa oportunidade.

Como sempre um grande estrondo nos tirou da sintonia e, de repente, estávamos em outro local. Lembrei-me de Germano – Nossos pensamentos são como as nossas asas – E ali estava ele parecendo estar à minha espera e me falou:

- Como? Então já pensas em partir para a Terra?

- Sim, penso. E mais: Vou com um grupo que, segundo me informaram, parte para uma grande conquista.

- É um compromisso muito grande. Recebeste alguma coisa?

- Não. Estou com muita fome. Onde vamos?

- Para o Albergue de Nana. Lá você não sentirá mais fome.

- Por quê?

- Porque lá existe trabalho.

- Sim, porém na Terra eu comia e não trabalhava.

- Lepant! Esta missão é perigosa. Hoje a sua mente está muito pesada. Porém tão logo se acerte, tudo estará bem. Vais ter prazer em viver aqui, fazendo a caridade. Saibas que as imperfeições da vida não se corrigem através da meditação, porque a alma não entra em atividade normal, aqui neste Terceiro Plano onde nos encontramos. Salve Deus! Vamos continuar nossa jornada.

De repente chegamos a um lindo Albergue. Bateram palmas com nossa chegada. Foi emocionante. Muitas pessoas comentavam assuntos diversos e eu sem sentir comecei a participar, como se estivesse há muito tempo naquele ambiente. As horas alegres e as horas tristes terminavam de uma maneira que me deixava realizado.

Voltei para o Albergue de Matozinho, onde já estava bem familiarizado. Estava sentado em uma pracinha, quando ouvi terrível algazarra e em seguida um

estrondo. Só restou Germano que veio falar comigo.

- Oh, Lepant! Vim despedir-me de ti.

- Para onde vais? – Perguntei.

- Vou para a Terra.

- Para a Terra? Como? – Perguntei – Como?

- Desde que a Terra libertou o Homem Pássaro, nunca mais evoluiu. O Homem Pássaro veio logo depois dos Equitumãs. Eles vieram na força da era. Dizem que se transportavam de um lado para outro e foram esses homens que se afastaram de Deus, deixando a vibração da Terra na pior sintonia. Ah! Se não fossem aqueles homens a Terra estaria melhor...

- Não estou entendendo muito bem esta sua narração. Por acaso não estás com algum cobrador a te vibrar? Sim, se vais para a Terra...

- Não, Lepant, não. Vou para a Terra, já te disse. Porém, as vibrações não estão me atingindo. Estou falando dos Homens Pássaros porque eu fui um deles – e tu também. Porquê fostes tão egoísta quando estivestes por lá?

- Eu? Não me lembro de nada, de nada mesmo.

- Vamos para a Terra. Aproveita, pois os tempos vão chegar em que as oportunidades irão ficar muito escassas.

- Não tenho coragem, enquanto não me esquecer da jovem Inara.

- Só esquecemos quando pagamos nossos débitos.

- Oh, meu Deus. Sou realmente um preguiçoso. Fico de um lado para outro sem me preocupar. Depois como irei escapar? – Pensei.

Com esses pensamentos, nos despedimos.

Era 30 de outubro e eu me levantei com mil pensamentos, quando ouvi os aplausos de todo o povo reunido, alegre, sem saber o que me vinha na alma.

Meio atônita, meio desequilibrada, me mantive sem demonstrar o que sabia do futuro daquela gente.

Salve Deus!
Com carinho,
A Mãe em Cristo.

Tia Neiva.